



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**FRANCISCO ROBERTO BRITO CUNHA**

**“O ‘ABC’ DA VIDA”: NARRATIVAS DO PROCESSO DE FORMAÇÃO E  
INDIVIDUAÇÃO NO CENTRO ESPÍRITA BENEFICENTE UNIÃO  
DO VEGETAL – NÚCLEO SANTA FÉ DO CARIRI**

**FORTALEZA**

**2022**

FRANCISCO ROBERTO BRITO CUNHA

“O ‘ABC’ DA VIDA”: NARRATIVAS DO PROCESSO DE FORMAÇÃO E  
INDIVIDUAÇÃO NO CENTRO ESPÍRITA BENEFICENTE UNIÃO  
DO VEGETAL – NÚCLEO SANTA FÉ DO CARIRI

Tese apresentada ao curso de doutorado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Educação.

Área de concentração: Educação Brasileira.

Linha de pesquisa: Movimentos sociais, educação popular e escola.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ercília Maria Braga de Olinda.

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo autor

---

C1“ Cunha, Francisco Roberto Brito.  
“O ‘ABC’ da vida”: narrativas do processo de formação e individuação no Centro Espírita Beneficente União do Vegetal – Núcleo Santa Fé do Cariri / Francisco Roberto Brito Cunha – 2022.  
309 f.: il. color.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2022.  
Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ercília Maria Braga de Olinda.

1. Narrativas. 2. Processo de individuação. 3. Formação humana. 4. Centro Espírita Beneficente União do Vegetal. 5. Núcleo Santa Fé do Cariri. I. Título.

---

CDD 370

FRANCISCO ROBERTO BRITO CUNHA

“O ‘ABC’ DA VIDA”: NARRATIVAS DO PROCESSO DE FORMAÇÃO E  
INDIVIDUAÇÃO NO CENTRO ESPÍRITA BENEFICENTE UNIÃO  
DO VEGETAL – NÚCLEO SANTA FÉ DO CARIRI

Tese apresentada ao curso de doutorado em  
Educação da Faculdade de Educação da  
Universidade Federal do Ceará, como parte  
dos requisitos para a obtenção do título de  
Doutor em Educação.

Área de concentração: Educação Brasileira.

Linha de pesquisa: Movimentos sociais,  
educação popular e escola.

Aprovada em: 9 de dezembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Ercília Maria Braga de Olinda (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana Maria Simião da Silva  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Pedro Rogério  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raimunda Eliana Cordeiro Barroso  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alessandra Oliveira Araújo  
Universidade de Fortaleza (Unifor)

Dedico esta tese às pessoas a quem esta pesquisa possa auxiliar de alguma maneira, à minha família e ao Mestre Gabriel.

## AGRADECIMENTOS

Ao Mestre Gabriel, por me inspirar.

À minha família, Rosane, Roberta e Sarah, pelo amor e incentivo de sempre.

À Gilvanete, nossa colaboradora, por cuidar da casa e das crianças.

À Universidade Regional do Cariri, por investir na minha formação.

À minha orientadora, Ercília, pela leveza com que conduziu todo o processo.

Ao grupo de pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativa (DIAFHNA), esperança de humanidade na Academia.

À Adriana e à Gercilene, pelo incentivo e pelo apoio neste doutorado.

Aos professores e funcionários da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, por suas valorosas contribuições.

A todos os sujeitos da pesquisa, que, com alegria e prontidão, responderam às entrevistas e produziram suas narrativas.

À União do Vegetal – Ciência, que acompanhou, aprovou e autorizou o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao amigo-irmão André Dantas, referência nacional em Psicologia Analítica, que fez a revisão das nossas análises *junguianas*.

Ao amigo David Melo Van Den Brule, que se preocupou e me auxiliou nesta tese com a revisão da seção sobre a história do Núcleo Santa Fé do Cariri.

Ao amigo Mestre Jairo por sua valorosa contribuição, ao solucionar minhas dúvidas, sobre a história de vida do Mestre Gabriel, principalmente no período em que ele esteve em Salvador-BA.

Ao Mestre Emerson Monteiro e à Conselheira Ana Cléa, que dirimiram dúvidas quanto a alguns fatos sobre história do Núcleo Santa Fé do Cariri.

Ao amigo Hélio Filho, monitor do Departamento de Memória e Comunicação do Núcleo Santa Fé do Cariri, pelo suporte e apoio com as fotografias.

Aos membros da banca, pela atenção e carinho com que vêm me acompanhando.

“Um caminho desconhecido que pode gerar temor, mas que se revela enriquecedor quando os tesouros escondidos no inconsciente reluzem na consciência e ensinam novas e originais formas de pensar, sentir, agir e intuir.” (ROBERTO BRITO, 2021).

## RESUMO

A presente tese tem como tema o processo de formação humana e de individuação no Centro Espírita Beneficente União do Vegetal – Núcleo Santa Fé do Cariri. O objetivo geral foi: compreender o processo de formação no Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, através de narrativas autobiográficas, buscando elucidar como acontece o processo educativo, numa perspectiva mais ampla da formação humana dentro dessa instituição religiosa. A pesquisa se justifica pela carência de investigações que façam uma articulação entre o presente objeto de estudo e o campo educativo. As análises teóricas e metodológicas foram ancoradas em: Bruner (1991, 2001, 2008, 2014), Delory-Momberger (2008), Josso (2010), Jung (2012a, 2012b) e Ricoeur (1994). A investigação foi qualitativa, combinando as seguintes abordagens: Pesquisa (Auto)Biográfica em Educação e História Oral, de acordo com Meihy (2010), e o Discurso do Sujeito Coletivo, conforme F. Lefèvre e A. Lefèvre (2005). A História Oral permitiu reconstituir a história do Núcleo Santa Fé do Cariri a partir de uma entrevista temática centrada nas memórias dos sócios-fundadores sobre o processo de fundação e consolidação do Núcleo e a partir da utilização de fotografias históricas cedidas pelos próprios participantes, num procedimento intitulado de fotonarrativa (OLINDA, 2009). O Discurso do Sujeito Coletivo possibilitou uma melhor produção e organização das narrativas de 17 sujeitos acerca do processo de formação, pois estas foram agrupadas e somadas por “temas” (ideias centrais) semelhantes, possibilitando um enriquecimento na compreensão de cada tema desenvolvido. A partir das seguintes ideias centrais contidas nas narrativas: “Se conhecer” (Autoconhecimento); “Aprender a conviver” (Relação com o outro); “Escola de vida” (Praticar o que aprendeu); e “O reconhecimento do Poder Superior (Deus) e a conseqüente mudança de vida”, buscou-se fazer uma análise e correlação com as seguintes e respectivas funções psíquicas: “Pensamento”, “Sentimento”, “Sensação” e “Intuição”, presentes nos tipos psicológicos da Psicologia Analítica do Jung (2012b), à luz do “Processo de individuação”, e também com as quatro instâncias do processo de formação, segundo Josso (2010), a saber: “Autoformação”, “Heteroformação”, “Saberes, Técnicas, Culturas, Artes, Tecnologias” e “Ecoformação”. Constatou-se que a forma inteligente com que essa “escola” cresce e se desenvolve, com constância pelo Brasil e pelo mundo, parece estar associada à sabedoria e sensibilidade de seu fundador, o Mestre Gabriel, que traz a possibilidade do desenvolvimento integrado de aspectos da nossa personalidade, os quais ficaram subdesenvolvidos neste modelo capitalista de sociedade. A busca natural de equilíbrio e compensação da psique, própria do “processo de individuação”, encontra solo fértil no

Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, cuja matéria-prima parece permitir a formação e florescimento de um psiquismo saudável. Derivando para o sistema educativo, pode-se afirmar que as escolas precisam entender e incorporar a importância do reconhecimento e do diálogo entre as diferenças em busca do desenvolvimento do estudante. Uma instituição que se proponha, de fato, a formar o ser humano não pode deixar de lado os aspectos psicológicos próprios do seu período sócio-histórico nem as potencialidades latentes a serem desenvolvidas no estudante. Assim, uma escola que se proponha a formar o ser humano não pode negligenciar as potencialidades latentes (sentimento e intuição) a serem desenvolvidas nem deixar de lado os aspectos psicológicos do seu próprio tempo (pensamento e sensação), e sim promover o desenvolvimento integral das funções psíquicas do estudante.

**Palavras-chave:** narrativas; processo de individuação; formação humana; Centro Espírita Beneficente União do Vegetal; Núcleo Santa Fé do Cariri.

## ABSTRACT

This thesis has as its theme the process of human formation and individuation at the Beneficent Spiritist Center União do Vegetal - Santa Fé do Cariri Center. The general objective was to understand the formation process at the Beneficent Spiritist Center União do Vegetal, through autobiographical narratives, seeking to elucidate how the educational process happens, in a broader perspective of human formation within this religious institution. The lack of investigations that articulates the present study object with the educational field justifies this research. The theoretical and methodological analyses were based on Jung (2012a, 2012b), Josso (2010), Bruner (1991, 2001, 2008, 2014), Delory-Momberger (2008) and Ricoeur (1994). The research was qualitative, combining the following approaches: (Auto)Biographical Research in Education and Oral History, according to Meihy (2005, 2010), and the Discourse of the Collective Subject, according to F. Lefèvre and A. Lefèvre (2005). The Oral History made it possible to reconstruct the history of the Santa Fé do Cariri Nucleus from a thematic interview focused on the memories of the founding partners about the founding and consolidation process of the Nucleus and from the use of historical photographs provided by the participants themselves, in a procedure called photonarrative (OLINDA, 2009). The Discourse of the Collective Subject allowed a better production and organization of the narratives of 17 subjects about the formation process, since they were grouped and summed to similar "themes" (central ideas), allowing an enrichment in the understanding of each theme developed. From the following central ideas contained in the narratives: "Knowing yourself" (Self-knowledge); "Learning to live together" (Relationship with the other); "School of life" (Practicing what you learned); and "The recognition of the Higher Power (God) and the consequent change of life", one sought to make an analysis and a correlation with the following and respective psychic functions: "Thinking", "Feeling", "Sensation" and "Intuition", present in the psychological types of Jung's Analytical Psychology (2012b), in the light of the "individuation process", and also with the four instances of the formation process, according to Josso (2010), namely: "Self-training", "Hetero-training", "Knowledges, techniques, cultures, arts, technologies" and "Eco-training". It was noted that the intelligent way in which this "school" grows and develops, consistently throughout Brazil and the world, seems to be associated with the wisdom and sensibility of its founder, Master Gabriel (Mestre Gabriel), who brings the possibility of integrated development of aspects from our personality, which were underdeveloped in this capitalist model of society. The natural search for balance and compensation of the psyche, proper of

the "individuation process", finds fertile soil in the Beneficent Spiritist Center União do Vegetal, whose raw material seems to allow the formation and flourishing of a healthy psyche. Moving to the educational system, one can state that schools need to understand and incorporate the importance of the recognition and the dialogue between differences in search of the student's development. An institution that intends, in fact, to form the human being cannot leave aside the psychological aspects of its own socio-historical period, nor the latent potentialities to be developed in the student. Thus, a school that proposes to form the human being cannot neglect the latent potentialities (feeling and intuition) to be developed, nor leave aside the psychological aspects of its own time (thought and sensation), but rather promote the integral development of student's psychic functions.

**Keywords:** narratives; individuation process; human formation; Beneficent Spiritist Center União do Vegetal; Santa Fé do Cariri Center.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– CRB.....	23
Figura 2	– Métodos e técnicas utilizados na pesquisa.....	31
Figura 3	– Mestre Gabriel .....	51
Figura 4	– Ritual do CEBUDV .....	78
Figura 5	– Juazeiro do Norte .....	88
Figura 6	– Mestre Florêncio .....	89
Figura 7	– Mestre Nonato.....	90
Figura 8	– Mestre Tiago Araripe (em pé) e mestre Florêncio (sentado).....	92
Figura 9	– Mestre Monteiro e Mestre Emerson .....	93
Figura 10	– Isabelisa e Mestre Alemberg .....	95
Figura 11	– Desenho da casa da Isabelisa e Mestre Emerson (à época).....	96
Figura 12	– Casa do Mestre Emerson (hoje).....	97
Figura 13	– Fonte do Caiano .....	98
Figura 14	– Domingo após a sessão .....	100
Figura 15	– Mestre Manu.....	102
Figura 16	– Alemberg de Souza Lima e Rosiane Limaverde .....	104
Figura 17	– Raimunda Galdino e Raimundo Nonato.....	105
Figura 18	– Emerson Monteiro, Rodrigo Barbosa, Carmem Débora e Gerardo Júnior ....	107
Figura 19	– Sessão na casa dos Irmãos Rodrigo Barbosa e Débora.....	108
Figura 20	– Regina Lopes e Gerardo Júnior.....	112
Figura 21	– Entrega da “chave” do terreno .....	114
Figura 22	– Sítio União em 1997.....	115
Figura 23	– Primeira sessão no sítio União I.....	116
Figura 24	– Primeira sessão no sítio União II .....	117
Figura 25	– Ilustração da casa que servia de templo .....	117
Figura 26	– Casa que servia de templo .....	118
Figura 27	– Projeto Novo Mundo .....	118
Figura 28	– Mestre Monteiro e Mestre Manu plantando as primeiras mudas de mariri .....	119
Figura 29	– Batizado de Janaína .....	120
Figura 30	– “Primeiro irmãos” .....	126
Figura 31	– Mestre Luiz Carlos .....	129
Figura 32	– Mestre Luiz Carlos (o primeiro da esquerda para a direita).....	130

Figura 33	–	Conselheiros Eneida, Hermes, Rodrigo e Gerardo Júnior (à época).....	133
Figura 34	–	Casamento de Wellington e Waléria celebrado pelo Mestre Manu .....	133
Figura 35	–	Conselheiras I.....	135
Figura 36	–	Conselheiras II.....	136
Figura 37	–	Casamento da Conselheira Luciana e Conselheiro Múcio .....	140
Figura 38	–	Casinha de taipa .....	141
Figura 39	–	Instalação do NSFC.....	142
Figura 40	–	Ilustração da primeira diretoria .....	142
Figura 41	–	Núcleo Santa Fé do Cariri.....	143
Figura 42	–	Mestre Gerardo Júnior.....	145
Figura 43	–	Ilustração do primeiro preparo do Vegetal no NSFC.....	149
Figura 44	–	Preparo do Vegetal .....	150
Figura 45	–	Mestre Braga e Mestre Hélio Santos.....	152
Figura 46	–	Novo templo do NSFC.....	156
Figura 47	–	Mestre Emerson Monteiro .....	157
Figura 48	–	Mestre Manoel Barros.....	160
Figura 49	–	Mestre Edmar Dino .....	162
Figura 50	–	Mestre Raimundo Nonato da Silva ( <i>in memoriam</i> ).....	168
Figura 51	–	Núcleo Mestre Raimundo Nonato da Silva.....	169

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AC	Acre
AM	Amazonas
BA	Bahia
CE	Ceará
CEBUDV	Centro Espírita Beneficente União do Vegetal
Conace	Conselho da Administração Central
Conad	Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas
Conage	Conselho de Administração Geral
Confen	Conselho Federal de Entorpecentes
CRB	Círculo Reflexivo Biográfico
CRG	Conselho da Recordação Geral
Demec	Departamento Médico-Científico
Dimed	Divisão Nacional de Vigilância Sanitária de Medicamentos
DIAFHNA	Dialogicidade, Formação Humana e Narrativa
DMC	Departamento de Memória e Comunicação
DMT	Dimetiltripatamina
DSC	Discurso do Sujeito Coletivo
EAC	Estado Ampliado de Consciência
EC	Expressão-chave
EPM	Escola Paulista de Medicina
IAD	Instrumento de Análise de Discurso
IC	Ideia central
Inpa	Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MAO	Monoaminoxidase
MMRNS	Núcleo Mestre Raimundo Nonato da Silva
NMR	Novos Movimentos Religiosos
NSFC	Núcleo Santa Fé do Cariri
RO	Rondônia
PA	Pará
Prof.	Professor

São Paulo	SP
UDV	União do Vegetal
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Ufam	Universidade Federal do Amazonas
UFC	Universidade Federal do Ceará
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
Unifor	Universidade de Fortaleza
Urcac	Universidade Regional do Cariri

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	19
1.1	O encontro com a temática e seus objetivos.....	21
1.2	O lócus da pesquisa .....	27
<b>2</b>	<b>HISTÓRIAS, DISCURSOS E AUTOBIOGRAFIA NO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO: ARTICULAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS...</b>	31
2.1	História Oral na construção da história do NSFC .....	33
2.2	DSC – Em busca de um “Eu” ampliado para a compreensão das narrativas do processo de formação no CEBUDV-NSFC .....	39
2.3	Abordagem (Auto)Biográfica – Método de pesquisa e teoria de formação humana .....	41
2.3.1	<i>Antecedentes históricos</i> .....	41
2.3.2	<i>O “singular plural” – Um conceito-chave para fundamentar a nova abordagem de pesquisa e formação</i> .....	44
2.3.3	<i>O lugar de sujeito no processo de formação</i> .....	45
2.3.4	<i>O tempo nas narrativas de formação</i> .....	48
<b>3</b>	<b>CARÁTER HISTÓRICO, DOUTRINÁRIO, ORGANIZACIONAL E RITUALÍSTICO DO CENTRO ESPÍRITA BENFICENTE UNIÃO DO VEGETAL</b> .....	50
3.1	Mestre Gabriel.....	50
3.2	Breve história do CEBUDV .....	59
3.2.1	<i>Contexto histórico</i> .....	60
3.2.2	<i>Processo de regulamentação, institucionalização e expansão</i> .....	62
3.2.3	<i>Pesquisas científicas sobre os efeitos do uso ritualístico-religioso do chá</i> .....	65
3.3	Doutrina e organização .....	70
3.3.1	<i>Doutrina</i> .....	70
3.3.2	<i>Organização</i> .....	73
3.4	O ritual .....	77
3.4.1	<i>O chá</i> .....	81
<b>4</b>	<b>HISTÓRIA DA INSTALAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO NÚCLEO SANTA FÉ DO CARIRI (NSFC)</b> .....	83
4.1	Um “ponto de luz” na Chapada do Araripe – Narrativas do processo de instalação e consolidação do NSFC-CEBUDV .....	85

4.1.1	<i>A terra</i> .....	85
4.1.2	<i>A semente</i> .....	91
4.1.3	<i>As raízes</i> .....	101
4.1.4	<i>O caule</i> .....	107
4.1.5	<i>A copa</i> .....	112
4.1.6	<i>A seca</i> .....	121
4.1.7	<i>A água</i> .....	125
4.1.8	<i>Florescendo</i> .....	128
4.1.9	<i>As flores (as conselheiras)</i> .....	135
4.1.10	<i>O fruto</i> .....	138
4.1.11	<i>Mestre Gerardo Júnior (15/11/2000 a 06/01/2003, 06/01/2003 a 06/01/2006 e 06/01/2006 a 15/11/2006)</i> .....	144
4.1.12	<i>Mestre José Hélio Ferreira dos Santos (15/11/2006 a 06/01/2009 e 06/01/2009 a 06/01/2012)</i> .....	152
4.1.13	<i>Mestre José Emerson Monteiro Lacerda (06/01/2012 a 06/01/2015)</i> .....	157
4.1.14	<i>Mestre Manoel Teixeira Barros Filho (06/01/2015 a 06/01/2018)</i> .....	160
4.1.15	<i>Mestre Edmar Dino da Silva (06/01/2018 a 06/01/2021)</i> .....	162
5	<b>NARRATIVAS DO PROCESSO DE FORMAÇÃO NO CENTRO ESPÍRITA BENEFICENTE UNIÃO DO VEGETAL - NÚCLEO SANTA FÉ DO CARIRI</b> .....	170
5.1	<b>Como é essa escola?</b> .....	172
5.1.1	<i>DSC A: “Uma escola de ‘se conhecer’”</i> .....	172
5.1.2	<i>DSC B: “Escola de aprender a conviver com as pessoas”</i> .....	175
5.1.3	<i>DSC C: “Uma escola de ‘bem viver’”</i> .....	179
5.1.4	<i>DSC D: “Essa escola nos conecta com a espiritualidade, com Deus, com Jesus, com a Virgem Maria”</i> .....	181
5.1.5	<i>DSC A+B+C+D: “Sim. É o ABC (D)a vida!”</i> .....	182
5.2	<b>O que é que se aprende nessa escola?</b> .....	184
5.2.1	<i>DSC A+B: “Da gente se conhecendo é que a gente consegue se entender realmente; se amar e amar ao próximo”</i> .....	184
5.2.2	<i>DSC A+C: “Uma lição de vida onde a gente, colocando em prática, a gente vê o resultado”</i> .....	187
5.2.3	<i>DSC B+C: “Aprende a conviver que é básico e a reagir ao externo de forma tranquila”</i> .....	188

5.2.4	<i>DSC B+D: “Humildade; saber que a gente tem o tamanho da gente”</i> .....	188
5.2.5	<i>DSC A+B+C: “A gente aprende a se conhecer. A gente aprende a conhecer os outros. Aprende com os erros da gente e com os erros dos outros. Querendo, a gente aprende e pode colocar em prática”</i> .....	188
5.3	<b>Como é a formação nessa escola?</b> .....	190
5.3.1	<i>DSC A+C: “Uma pessoa pode ter boa memória, bom conhecimento intelectual, mas, se ela não tiver uma boa formação moral, uma atenção realmente com a ética, aquelas informações não passam de informações mesmo; não passam de teoria; agora, se a pessoa absorve e coloca em prática, aí a pessoa tá sendo realmente inteligente”</i> .....	190
5.3.2	<i>DSC B+C: “A gente chega através de uma pessoa que convida a gente e nessa sequência vem participar da sessão, aí começa a aprender os ensinamentos”</i> .....	194
5.3.3	<i>DSC C: “É dar responsabilidade, ter iniciativa, organização, e zelar por esse patrimônio, que é nosso”</i> .....	194
5.3.4	<i>DSC D: “Através dos graus hierárquicos: alguns veem mirações; alguns veem coisa espirituais; já tem outros que são espíritos, assim, que já têm uma capacidade de perceber mais e já vai entendendo, prestando atenção. A formação ela passa, assim, por uma graduação”</i> .....	196
5.3.5	<i>DSC A+B+C: “Quando a gente vê, pela convivência, que a pessoa fala e faz o que ela tá falando, ela é uma formação verdadeira”</i> .....	199
5.3.6	<i>DSC A+B+C+D: “Você vai vendo que aquilo tá servindo pra você, que você tá se sentindo uma pessoa melhor, tá tendo uma oportunidade de crescimento, tá tendo uma convivência melhor com as pessoas. Isso vai mostrando, assim, naturalmente o caminho. Quando o Mestre Gabriel criou, ele teve uma inspiração divina. Ele criou também esses graus de formação”</i> ...	201
5.4	<b>O que o(a) senhor(a) vem aprendendo nessa escola?</b> .....	207
5.4.1	<i>DSC A: “Eu venho aprendendo a me conhecer”</i> .....	207
5.4.2	<i>DSC B: “Paciência, tranquilidade, conformação e venho aprendendo a fazer amizade”</i> .....	208
5.4.3	<i>DSC C: “Saber reagir dentro de cada situação que se apresenta de forma prática”</i> .....	208
5.4.4	<i>DSC A+C: “Aprendendo a ter uma consciência mais clara, a gente planta hoje pra colher. A gente aprende a viver”</i> .....	208

5.4.5	<i>“DSC B+C: A lei do bom viver, a transformar isso na prática. E outra coisa: a gente precisa dos outros. Não tem como você seguir só”</i> .....	209
5.4.6	<i>DSC A+B+C: “Ter mais compreensão. Ser uma pessoa mais cumpridora da palavra, dos compromissos. Examinar antes da gente fazer algo ou da gente falar algo é muito importante, a gente aprende lá”</i> .....	211
5.4.7	<i>DSC A+C+D: “Buscar o seu centro, buscar a sua essência. Entender o DNA dessa criação de Deus pra poder chegar até Ele. Na hora que a gente se coloca na mesma direção de Deus, a gente tem a mesma força Dele”</i> .....	212
5.4.8	<i>DSC A+B+C+D: “A tratar o meu irmão melhor. Ter paciência com eles. Venho aprendendo a me conhecer melhor. Temos que procurar sempre tá praticando o que é certo e tentar entender a criação de Deus”</i> .....	213
5.5	<b>Como foi (e está sendo) o seu processo de transformação nessa escola? .....</b>	217
5.5.1	<i>DSC A+B+C: “Procurando ver como é que tão meus pensamentos, sentimentos, e o que eu posso fazer”</i> .....	217
5.5.2	<i>DSC D+C: “Se a gente conseguir, no dia que a gente precisar se despedir desse local, se a gente se despedir bem, é porque a gente já caminhou bastante”</i> .....	222
5.5.3	<i>DSC A+D+C: “Foi eu me reconhecer que eu não tinha mais jeito e que eu só tinha uma chance. Era me entregar mesmo ao Mestre, confiar e fazer o que tinha de fazer, e venho fazendo até hoje”</i> .....	222
5.5.4	<i>DSC A+B+C+D: “Então eu procuro dentro de mim isso que eu chamo de vibrar para o bem. É amar; ter a verdade do amor como prática de vida. É uma grande estrada. Aí o Mestre vai conduzindo o barco e a gente vai auxiliando no que é possível”</i> .....	223
6	<b>“O ‘ABC’ DA VIDA”: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE FORMAÇÃO NO CEBUDV-NSFC SOB A ÓPTICA DA PSICOLOGIA JUNGUIANA</b> .....	233
6.1	<b>A formação no CEBUDV-NSFC à luz do “processo de individuação” na perspectiva dos “tipos psicológicos” da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung</b> .....	234
6.1.1	<i>Os tipos psicológicos: as funções psíquicas e as ICs síntese A, B, C e D</i> .....	252
6.1.2	<i>O processo de individuação e o desenvolvimento das funções psicológicas</i> .....	263
6.2	<b>O processo de formação no CEBUDV-NSFC e sua contribuição para a formação humana</b> .....	274

6.2.1	<i>A Psicologia Analítica de C. G. Jung</i> .....	274
7	<b>CONCLUSÃO</b> .....	285
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	289
	<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA DE HISTÓRIA ORAL.....</b>	297
	<b>APÊNDICE B – FOTONARRATIVA.....</b>	298
	<b>APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) I.....</b>	300
	<b>APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) II .....</b>	301
	<b>APÊNDICE E – LISTA DOS AUTORES DA HISTÓRIA DO NÚCLEO SANTA FÉ DO CARIRI.....</b>	302
	<b>ANEXO A – DECLARAÇÕES DE REVISÃO DO VERNÁCULO E DE NORMALIZAÇÃO.....</b>	308
	<b>ANEXO B – PARECER DA COMISSÃO CIENTÍFICA DO UDV – CIÊNCIA.....</b>	309

## 1 INTRODUÇÃO

A tese em tela veio à luz no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC), na linha de Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola, mais especificamente no eixo Educação Ambiental, Juventude, Arte e Espiritualidade. Teve como objeto de estudo o processo de individuação e formação de mestres e conselheiro(a)s<sup>1</sup> do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (CEBUDV) no Núcleo Santa Fé do Cariri (NSFC). Para tanto, realizamos uma investigação qualitativa, amparada nos aportes teóricos e metodológicos das seguintes abordagens: Pesquisa (Auto)Biográfica em Educação, História Oral e Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Para o aprofundamento das análises das narrativas, foram centrais as seguintes categorias: “individuação”, da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung; “narrativas”, conforme as elaborações de Paul Ricoeur, Delory-Momberger e Bruner; e “experiências de vida e formação”, segundo os postulados de Josso.

O CEBUDV é uma instituição religiosa, genuinamente brasileira, surgida na década de 1960, que tem como objetivo: “[...] trabalhar pela evolução do ser humano no sentido do seu desenvolvimento espiritual” (CEBUDV, 1989a, s.p.), resgatando princípios, valores morais e éticos que contribuem para a formação humana, objetivando fomentar o desenvolvimento da espiritualidade e uma cultura de paz para o mundo.

Este tema, portanto, está em consonância ao concerne à base legal a inspirar este projeto, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394/1996, que preconiza que a educação “[...] abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 2013, p. 9). Em consonância com a lei sobredita, o atual Plano Nacional de Educação (2014-2024) apresenta como diretriz, no seu inciso V, a “[...] formação para o trabalho e para a cidadania, com ênfase nos valores morais e éticos em que se fundamenta a sociedade” (BRASIL, 2014, p. 1, grifo nosso). Na mesma direção, Matos e Nonato Júnior (2010, p. 32) afirmam:

Longe de considerarmos o espaço escolar como único responsável pela formação humana, compreendemos o trabalho de formação em valores como uma das alternativas que vislumbram a formação integral dos educandos, levando-os à

---

<sup>1</sup> Mestres e conselheiros correspondem a alguns dos graus hierárquicos ocupados pelos seus sócios, a depender do grau de memória (evolução espiritual) de cada um. Explicaremos em detalhes na seção destinada aos aspectos históricos, doutrinários e estruturais do CEBUDV.

reflexão sobre valores hegemônicos na sociedade na qual estão inseridos, contribuindo para a formação do sujeito ético e reflexivo.

Assim, a educação, quando compreendida em sua acepção mais ampla, deve levar em consideração as múltiplas dimensões que constituem o sujeito, para que possa realizar o ato educativo com mais consciência. Numa perspectiva holística, preconizada por Yus (2002), o propósito da educação é alimentar o crescimento do potencial intelectual, emocional, social, físico, artístico e espiritual de toda pessoa. Dessa forma, há que se levar em conta o pluralismo pelo qual é formado, conforme assevera Olinda (2004, p. 120):

O questionamento sobre o ser do homem é necessariamente pluriversal. Ao interrogar-se sobre si mesmo, o homem abre um questionamento em relação a todas as suas dimensões — pensar, sentir e agir. Essa pergunta fundamental leva a várias direções: ética, lógica, metafísica, corpórea, social, política, natural, estética, cultural e religiosa.

Torna-se, portanto, pertinente o estudo deste tema, também porque, na revisão de literatura, observamos que há uma carência de investigações que façam uma articulação entre o presente objeto de estudo e o campo educativo, o que provavelmente se justifica pelo fato de ser um fenômeno relativamente recente, tendo em vista o fato de que a instituição focada tem aproximadamente 60 anos. No entanto, existem algumas pesquisas que tratam especificamente do CEBUDV, a saber: Andrade (1988, 1995, 2004, 2008), Andrade (1995), Bernardino-Costa (2011), Brissac (1999), Carvalho (2005), Fabiano (2012), Fernandes (2011), Henman (1986) e Ricciardi (2008b). Existem outras que se concentram mais nos aspectos biomédicos, antropológicos e psicossociais, como: Barbosa (2001, 2006), Barbosa e Dalgarrondo (2003), Barbosa, Souza e Baraldi Neto (2015), Fernandes (2011), Greganich (2010), Labate (2004) e Melo (2010a, 2010b, 2011, 2013). Entretanto, reafirmamos: não foi encontrada nenhuma investigação que fizesse uma articulação direta do CEBUDV com o campo educativo e o da formação humana. Após a realização do “estado da arte”<sup>2</sup>, relativo ao objeto de estudo em questão, constatamos que as pesquisas ora mencionadas, de um modo geral, salvo algumas exceções, apresentam disputas ideológicas, no campo científico, entre alguns pesquisadores ligados às religiões que fazem uso ritualístico do chá *Ayahuasca*<sup>3</sup>. Estas religiões tiveram seus direitos assegurados quando assinaram um documento sobre o uso responsável da *Ayahuasca*, são elas: “Santo Daime”, fundado por Mestre Irineu em 1930; “Barquinha”, fundada por

<sup>2</sup> Entendemos que o reconhecimento do “estado da arte” é fundamental, pois nenhuma pesquisa “nasce do zero”; ela deve dar continuidade a outras já existentes. E mais: é preciso ter cuidado para que a investigação não seja uma repetição e possa, assim, abordar novos aspectos, fazendo o conhecimento científico avançar, assegurando a originalidade da tese.

<sup>3</sup> *Ayahuasca* é o nome científico do chá utilizado nos rituais do CEBUDV. Nesta instituição o chá é denominado de *Hoasca*.

Mestre Daniel em 1945; e “União do Vegetal”, fundada por Mestre Gabriel em 1961. Entretanto, tais disputas não expressam os próprios ensinamentos de fraternidade e respeito que são inerentes aos princípios dessas três religiões, dificultando o entendimento para o campo científico e para a sociedade daquilo de que tratam essas instituições.

Sendo assim, nosso **objetivo geral** foi compreender o percurso formativo de mestres e conselheiro(a)s do CEBUDV, através de narrativas (Auto)Biográficas, buscando elucidar como acontece o processo de individuação na supracitada instituição religiosa. A busca de compreensão do processo de formação humana, com destaque para o processo de individuação, desenvolvido no CEBUDV, não se esgota em sua descrição.

Faz-se necessária a busca de uma hermenêutica complexa que envolva diferentes aspectos do ser individual e da coletividade. Fizemos uma interface entre formação humana e espiritualidade, vendo-as como caminhos a serem interpretados e trilhados, havendo exigência de reflexividade crítica. Assim, concordamos com Olinda (2009, p. 18), quando afirma:

A pergunta sobre a dimensão formadora e espiritualizante das práticas espíritas, como de qualquer outra prática, é pertinente, pois não basta pertencer a uma denominação religiosa para ter a garantia de conquista da espiritualidade, exatamente porque ela implica em processo, em conquista, não sendo algo dado, pronto para ser apropriado, sem esforço pessoal.

A relevância desta pesquisa esteve no fato de que, ao conhecermos a instituição em tela, pudemos ir compreendendo como os processos formativos, advindos do campo religioso, podem, inclusive, ser ampliados e servir de inspiração para a educação formal e para outras instituições educativas que tenham o compromisso com o desenvolvimento humano. Ao verificarmos como o CEBUDV-NSFC trabalha o processo de formação humana, constatamos a importância do autoconhecimento e do desenvolvimento da personalidade, ao longo de um processo de individuação, na formação de estudantes e professores (mestres).

### **1.1 O encontro com a temática e seus objetivos<sup>4</sup>**

O interesse por este tema é oriundo da minha formação de base e experiência profissional em Psicologia, estudando o processo de desenvolvimento humano. No meu

---

<sup>4</sup> Neste item, usarei a 1ª pessoa do singular, uma vez que se trata de uma trajetória individual minha.

trabalho monográfico, na graduação, estudei como a drogadição<sup>5</sup> dificulta o desenvolvimento do indivíduo. No período de 2004 a 2008, atuei em algumas cidades do interior do Estado do Ceará através de programas sociais do Governo Federal, tendo a necessidade de apresentar inicialmente a Psicologia numa perspectiva educativa, como uma ferramenta de promoção da saúde. Mais adiante, no mestrado em Educação em Saúde da Universidade de Fortaleza (Unifor), devido às necessidades da vida profissional supracitada, estudei uma tipologia de personalidade denominada Eneagrama<sup>6</sup>, que promove o autoconhecimento sobre o desenvolvimento humano através de um modelo educativo e não clínico. Esse tema esteve e está bastante presente em toda a minha prática docente e agora como professor de Psicologia da Educação da Universidade Regional do Cariri (Urca).

Agora, no doutorado, meu desejo foi continuar na mesma linha de estudos, propondo-me a investigar o desenvolvimento humano a partir de um psicoativo que, segundo a literatura especializada, é benéfico para a saúde. Além de promover um autoconhecimento, num contexto de uso ritual religioso, portanto, educativo, numa acepção mais ampla, que contribui para a formação humana dos seus adeptos. Ressalto que sou sócio do CEBUDV desde 2008 e frequento o mesmo núcleo onde a pesquisa foi realizada. Ser de “dentro” da comunidade pesquisada traz riscos e benefícios que foram considerados com o necessário rigor acadêmico.

Nesse sentido, pensando como Santos (2010, p. 72), em que “[...] o mundo, que hoje é natural ou social amanhã será ambos, visto como um texto, como um jogo, como palco ou ainda como uma autobiografia”, partilho, assim, a seguir, um trecho do meu relato produzido no Círculo Reflexivo Biográfico<sup>7</sup> (CRB) – na modalidade da experiência religiosa –, realizado no grupo de pesquisa Dialogicidade e Formação Humana (DIAFHNA) da UFC durante o último semestre de 2017, no qual narro minha (auto)biografia temática: o encontro com a União do Vegetal.

---

<sup>5</sup> “Drogadição” significa adição a drogas, conforme o *Dicionário Aurélio século XXI*. Sua etimologia tem a seguinte explicação: “Adicto, do latim *addictus*, é um adjetivo, que significa: Afeiçoado, dedicado, apegado. Adjunto, adstrito, dependente.

<sup>6</sup> Tipologia de personalidade milenar que mapeia nove tipos básicos de personalidade e suas inter-relações e que possibilita apresentar diversos conceitos e chaves psicológicas de autoconhecimento numa estética educativa.

<sup>7</sup> Olinda (2010, p. 48), criadora do CRB, assevera que as fontes teóricas e metodológicas para a sistematização deste dispositivo de pesquisa e de formação são: “[...] Christine Delory-Momberger (2006), quando propõe os ateliês biográficos; Marie-Christine Josso (2004), com as dinâmicas grupais de trabalho com as experiências de vida em formação; Paulo Freire (1989), com a práxis dos Círculos de Cultura e a teoria da Narratividade exposta em *Tempo e Narrativa* por Paul Ricoeur (1994), base para a compreensão do potencial das narrativas na formação”.

Figura 1 – CRB



Fonte: Acervo da pesquisa (2021).

### ***Meu encontro com a União***

Em busca de respostas para questões emocionais, familiares e existenciais, fiz alguns estudos e tive algumas vivências, mas de certa forma afastadas da dimensão plenamente espiritual, até que eu tive uma experiência com uma substância psicoativa sintética, o LSD. Através da expansão de consciência conseguida com essa experiência, percebi que havia uma dimensão maior que a consciência ordinária. [...] Dessa forma, começou a pulsar em mim a necessidade de reviver essa experiência de uma forma mais segura. Li o livro *Guiado pela Lua*, de Edward MacRae, que narra a experiência desse antropólogo no Santo Daime. A partir do convite de um amigo, passei a frequentar o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal. A experiência com o chá denominado *Hoasca* me proporcionou o tipo de expansão que procurava. [...] Esta é uma religião bem interessante, que me proporcionou fazer uma descoberta fundamental: reconhecer que existe o mundo espiritual. Pela minha formação pessoal, antes eu teorizava e racionalizava tudo; após a UDV, isso foi se desconstruindo, pois [...] me possibilitou acessar meus sentimentos. Portanto, a cada sessão, tenho a possibilidade de expandir a minha consciência, sair de uma esfera predominantemente racional para me conectar aos sentimentos, *me* observar, *me* perceber, sentir e, assim, ver melhor como estou caminhando na vida, como é minha relação com minha mãe, com meus irmãos, com minha esposa e filhas, e aí paulatinamente eu venho tentando me melhorar. O Mestre Gabriel ensina que a evolução não é de uma forma imediata. Carregamos a ‘bagagem’ de uma vida e, somente com tempo e esforço, conseguimos nos transformar. O Mestre Gabriel é um guia, um norte, que ‘Deus’ mandou para nos orientar. São os guias espirituais que sempre existiram na humanidade, basta reconhecermos, confiarmos e quisermos seguir. Então, o sentimento que tenho é de gratidão,

inclusive por poder estar aqui partilhando com vocês neste momento, pois a riqueza que é compartilhar a vida é algo difícil de mensurar e descrever, *nos* restando apenas sentir. Assim, poder falar de *si* mesmo e contar nossa história é libertador e transformador. A força transformadora que senti e sinto na União do Vegetal é algo valioso em minha vida, e esta religião, com todos os desafios, todo preconceito e estranhamento da sociedade e familiares, em virtude de fazer uso de um psicoativo considerado por muitos como um alucinógeno, vem se confirmando como inofensivo para a saúde, além de vir equilibrando inúmeras famílias através da consciência de seu caráter sagrado. Então, beber o chá e conhecer a União do Vegetal, para mim, foi um momento de redescoberta do mundo, do plano espiritual e do sagrado. Acreditava que tudo era muito material e que a ciência da Psicologia dava as respostas para quase todas as questões. No entanto, ao beber o chá, *me* dei conta do plano espiritual que existe, e é real, e que a Psicologia ainda não pode dar conta. Desta feita, toda essa experiência religiosa na União me possibilitou reconhecer algo maior que a mim mesmo e, a partir daí, ver coisas belíssimas, coisas que são indescritíveis com palavras. Um processo muito bonito de expansão da consciência, clareza e, ao mesmo tempo, limpeza dos sentimentos, ao colocar para fora raivas, mágoas e ressentimentos. É como um espelho colocado na sua frente e não se tem muito como fugir ou negar o que se está vendo ali: é você como você mesmo, sem máscaras. Finalmente, e graças a Deus, aos poucos, venho conseguindo reorganizar dentro de mim meus pensamentos, sentimentos, as minhas vivências e, através de uma limpeza contínua no coração, estou conseguindo construir hoje a família que eu sonhava. Assim, estou tentando construir um lar com mais paz, tranquilidade, harmonia e paciência. Um lar de união que, graças ao Mestre Gabriel, vem se consolidando. Dessa maneira, para mim, o chá e os ensinamentos da UDV são instrumentos que clareiam a nossa consciência para lembrarmos os ensinamentos de Jesus e colocá-los em prática<sup>8</sup>.

A minha intenção ao trazer esta narrativa é ser fiel às abordagens escolhidas, que não excluem a subjetividade e a historicidade. Em vez de buscar uma pretensa neutralidade científica, que já sabemos ser ilusória, intencionei ter clareza de minhas implicações com o objeto de estudo para que eu não perdesse a criticidade e a capacidade de tomar o necessário distanciamento, exigido em qualquer trabalho acadêmico. Por isso, é importante situar o meu “lugar de fala” em uma pesquisa com a Abordagem (Auto)Biográfica. O grupo de pesquisa do

---

<sup>8</sup> Relato (auto)biográfico.

qual faço parte na Faculdade de Educação da UFC, o DIAFHNA, ofereceu um suporte científico adequado para tal empreitada.

Na minha prática docente como educador da URCA, foi possível perceber uma lacuna no currículo do curso de Pedagogia quanto à formação humana no sentido amplo do que seria formar um “ser humano”, em que são levados em consideração os aspectos morais, intelectuais, emocionais, práticos, sociais, físicos, técnicos, artísticos e, mais especificamente, aqueles que dizem respeito ao desenvolvimento da espiritualidade, objeto desta tese. Tal dimensão precisa ser trabalhada, pois este é um aspecto central para o desenvolvimento e equilíbrio humano, como assevera Jung (2012a), principalmente naqueles futuros pedagogos, que irão trabalhar com a formação de crianças. Há de se considerar também o potencial da região do Cariri no que diz respeito à pluralidade religiosa, estendendo-se para além do fenômeno do Padre Cícero e das romarias, favorecendo uma abertura para o fomento do diálogo inter-religioso nas escolas e universidades da região.

Em função dos argumentos até aqui apresentados, em que o tema supracitado apresenta algumas lacunas, constatadas a partir de uma vasta revisão de literatura, justifica partirmos das seguintes **perguntas norteadoras**: como se desenvolvem os aspectos ritualísticos, doutrinários, estruturais, comunitários e históricos no CEBUDV e mais especificamente no NSFC? Como acontece o processo de formação humana na instituição pesquisada e em que medida esse processo se aproxima da noção de individuação elaborada por Jung?

As análises das narrativas das experiências religiosas vividas em comunidade mostraram-se fecundas para elucidar os processos educativos, numa perspectiva mais ampla da formação humana, apontando em que medida as “aprendizagens experienciais”, segundo Josso (2010), vividas no CEBUDV-NSFC corroboram ou não o “processo de individuação” descrito por Jung (2002).

As aprendizagens experienciais acontecem justamente quando o entrevistado se coloca no lugar de sujeito pensante, ao narrar sobre os acontecimentos que transformam uma simples vivência em uma experiência de vida, sendo possível, em algumas situações, alterar o sentido da existência. Para Josso (2010, p. 48), “[...] vivemos uma infinidade de transações, de vivências; essas vivências atingem o *status* de experiências a partir do momento que fazemos um certo trabalho reflexivo sobre o que se passou e sobre o que foi observado e sentido”.

O “processo de individuação”, por sua vez, é uma categoria central na Psicologia Analítica, criada pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung, e diz respeito a uma busca de autoconhecimento que pode favorecer a transformação de “si mesmo”, fazendo o sujeito

tornar-se aquilo que é. Sem essa “aprendizagem experiencial”, não há consciência do processo de individuação. No “processo de individuação”, há integração dos aspectos inconscientes na consciência.

Poderíamos dizer que o mundo todo, com seu tumulto e miséria, está num processo de individuação. Mas as pessoas não se dão conta disso, e esta é a única diferença. Se soubessem disso, não estariam em guerra uns com os outros, pois quem tem a guerra dentro de si não tem tempo nem prazer de lutar com os outros. A individuação não é uma coisa rara ou luxo de poucos; mas aqueles que sabem que estão nesse processo devem ser considerados felizes. Eles ganham alguma coisa, caso sejam conscientes o bastante. [...] A individuação é a vida comum e aquilo de que temos consciência. (JUNG, 2002, p. 48).

As questões acima apresentadas versam e interligam os dois níveis de estudo trabalhados nesta tese: a história do NSFC e o processo de formação de mestres e conselheiro(a)s do CEBUDV-NSFC. Nosso referencial teórico-metodológico nos possibilitou realizar a pesquisa nas seguintes fases:

- a) Estado da arte – Coleta, organização e análise das fontes bibliográficas e documentais sobre as origens, desenvolvimento e características do CEBUDV através de uma revisão de literatura;
- b) Reconstrução histórica do NSFC – Com o método da História Oral, segundo Meihy (2010), fizemos a produção e análise das narrativas dos fundadores e de dirigentes atuais e, num segundo momento, os sócios, através do método da pesquisa-ação-formação existencial com base em Josso (2010) e Pineau (2006), puderam produzir textos (auto)biográficos contando a história do NSFC, apropriando-se, assim, da sua própria história.
- c) Tessitura das narrativas da experiência religiosa – Para a produção e organização das narrativas do processo de formação de mestres e conselheiro(a)s do CEBUDV, utilizamos o método do DSC (LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A., 2005). Para as análises dessas narrativas, tivemos aportes teóricos variados: Bruner (1991), Delory-Momberger (2006, 2008, 2012), Jung (2012a, 2012b), Josso (1998, 2004) e Olinda (2018).

Nessas três fases, procuramos estabelecer uma relação intersubjetiva pautada na compreensão do potencial heurístico e formador da narrativa. Vimos, com Olinda (2010, p. 115), que a Abordagem (Auto)Biográfica:

[...] apresenta-se como um processo de conhecimento de si mesmo, das relações interpessoais e das aprendizagens construídas ao longo da vida, pois o sujeito produz um conhecimento de si, dos outros e da vida como um todo, concedendo a ele a oportunidade de ser ator e autor de sua própria história.

No intuito de responder às questões norteadoras e o objetivo geral, anteriormente citado, apresentamos os seguintes **objetivos específicos**: conhecer os elementos históricos, doutrinários e estruturais do CEBUDV; reconstruir pelos procedimentos da História Oral a origem, o desenvolvimento e a consolidação do NSFC na cidade do Crato, Ceará (CE); e apontar pistas para o aprimoramento do processo formativo no lócus da pesquisa.

## 1.2 O lócus da pesquisa

O CEBUDV se apresenta como uma religião cristã e reencarnacionista (CEBUDV, 2008) e tem como objetivo trabalhar pela evolução espiritual do ser humano (CEBUDV, 1989b). Lá, bebem, de livre e espontânea vontade, um chá comprovadamente<sup>9</sup> inofensivo à saúde. Esse chá é denominado cientificamente de *Ayahuasca*, sendo na UDV conhecido como “*Hoasca*” ou “Vegetal”, o qual proporciona uma “concentração mental” dos usuários no seu uso ritual (BERNARDINO-COSTA, 2011).

A respeito dos efeitos produzidos pela ingestão do chá *Ayahuasca*, diversos estudos científicos atuais, nas áreas de Neuropsicologia, Farmacologia e Ciências Jurídicas, como os apresentados na coletânea: *Hoasca: ciência, sociedade e meio ambiente*” (BERNARDINO-COSTA, 2011), sugerem uma alteração da nomenclatura psiquiátrica atual existente – que o descrevem, nosologicamente, nos seus manuais, como um alucinógeno – para um psicoativo. Aquele se caracteriza por produzir alguns efeitos colaterais, enquanto o chá gera uma “experiência numinosa”<sup>10</sup>, de modo que o adepto fica consciente durante toda a experiência.

Hoje está presente em todos os estados brasileiros e em mais dez países: Estados Unidos, Canadá, Peru, Suíça, Espanha, Portugal, Itália, Austrália, Reino Unido e Holanda, nos quais pessoas de 60 nacionalidades comungam o chá *Hoasca* (CEBUDV, 2018).

O processo de instalação do CEBUDV no Cariri cearense aconteceu em 1984, quando, no mês de setembro, Emerson Monteiro (hoje mestre), cariense de Lavras da Mangabeira-CE, mas que cedo veio residir no Crato-CE, foi a Brasília portando uma carta de apresentação do seu amigo e conterrâneo Tiago Araripe, endereçada ao Mestre Raimundo

<sup>9</sup> Ver os seguintes trabalhos: Bernardino-Costa (2011); Callaway *et al.* (1994, 1996, 2011); Doering-Silveira *et al.* (2005); Grob *et al.* (1996, 2004); Miranda (1995); Rios *et al.* (2005); e Silveira *et al.* (2005).

<sup>10</sup> A palavra “numinoso” deriva do latim “*numem*”, sendo atribuída a algo sagrado. Para Jung (1978), trata-se de uma experiência com um elemento visível ou invisível que gera uma transformação especial na consciência.

Monteiro de Sousa, o Mestre Geral Representante do CEBUDV. Naquela época, Emerson permaneceu 45 dias na capital federal, quando bebeu o Vegetal pela primeira vez.

No ano seguinte, M. Monteiro autorizou o início de uma distribuição no Cariri e autorizou que se realizassem sessões sempre que viesse algum mestre em visita ao Cariri; assim, foi realizada a primeira sessão de adventícios<sup>11</sup>.

Em 21 de outubro de 2000, na Reunião do Quadro de Mestres na Sede Geral, em Brasília, foi autorizada a criação do Pré-Núcleo Santa Fé do Cariri. O Mestre Geral Representante José Luiz de Oliveira designa o (à época) Mestre Gerardo Júnior Cavalcante Lopes para Mestre Representante. Em 15 de novembro de 2000, a semente plantada por Emerson Monteiro frutificou com a criação do Pré-Núcleo Santa Fé do Cariri.

Agora apresentaremos os capítulos desta tese, lembrando ao leitor que a pesquisa que toma a narrativa dos sujeitos como matéria-prima principal exige do pesquisador e do futuro leitor o conhecimento do universo que envolve a produção de tais narrativas. Conforme Olinda (2016, p. 31):

A pesquisa (auto)biográfica, ao centrar-se nas narrativas do sujeito em formação, instaura um novo paradigma nas ciências do humano: o paradigma do singular-plural, superador do esquema estático sujeito-objeto, herdado da tradição positivista. Ao narrar suas experiências, o sujeito compreende como se tornou o que é, problematizando seu estar no mundo e projetando novas realizações. A narrativa de si permite uma apropriação do tempo de sua existência. Reiventando-se pela narrativa, que é um ato interpretativo e criador –*autopoiesis*–, o sujeito vai se dando conta de como construiu ideias, crenças e valores sobre diferentes esferas e dimensões de sua vida. Assim, ele pode avaliar como a religião e suas experiências religiosas se refletem em seu ser no mundo e em seu fazer cotidiano.

A presente tese está dividida nas seguintes seções. Na seção 1, denominada de “Introdução”, foi apresentado um panorama dos diversos elementos constitutivos da tese, desde o encontro com o tema, que nos levou a uma problematização, até as suas respectivas questões norteadoras, a serem respondidas a partir dos objetivos elencados e extraídos do nosso lócus de pesquisa.

Na seção 2, intitulada “Histórias, discursos e autobiografia no processo de individuação: articulações teórico-metodológicas”, apresentamos como fizemos a produção das narrativas dos sujeitos investigados a partir do nosso referencial teórico-metodológico, embasados na Abordagem (Auto)Biográfica em Educação, na História Oral e no DSC.

Da Abordagem (Auto)Biográfica foram fundamentais seus principais conceitos, que nos auxiliaram a compreender como acontece o processo de formação no CEBUDV a partir das categorias empíricas surgidas nas narrativas dos sujeitos, portanto essas

---

<sup>11</sup> Sessão para receber novatos que ainda não beberam o chá no CEBUDV.

“categorias” não foram determinadas previamente. Nesta abordagem, a formação é vista como um processo amplo e multifatorial, que acontece nos diversos âmbitos da vida, mas que ganha sentido quando o sujeito tem a chance de narrá-la, tornando-a um processo reflexivo e consciente.

A História Oral, com base em Meihy (2010), permitiu-nos reconstituir a história do NSFC a partir de uma entrevista temática centrada nas memórias do processo de fundação e consolidação do núcleo supracitado, bem como da utilização de fotografias históricas cedidas pelos próprios participantes, num procedimento intitulado de fotonarrativa (OLINDA, 2009).

O DSC nos possibilitou uma melhor produção, organização e análise das narrativas, pois estas foram agrupadas e somadas por “temas” (ideias centrais) semelhantes, proporcionando-nos um enriquecimento na compreensão de cada tema desenvolvido acerca do processo de formação de mestres e conselheiro(a)s do CEBUDV.

Na seção 3, trabalhamos os *aspectos históricos, doutrinários e ritualísticos* do CEBUDV a partir da história do seu fundador, José Gabriel da Costa, que se encontra indissociavelmente ligada a esta, pois este veio à terra com a missão de (re)criá-la.

Na seção 4, apresentamos também a chegada do CEBUDV ao Cariri cearense com a *história do NSFC* através das memórias dos seus sócios-fundadores, mestres e conselheiras sobre sua história pessoal com o núcleo, suas lembranças da fundação e consolidação do NSFC, suas dificuldades enfrentadas, seus sentimentos e seu próprio processo de desenvolvimento na instituição. Os sócios, através do método da pesquisa-ação-formação existencial, com base em Josso (2010) e Pineau (2005), puderam também produzir textos (auto)biográficos contando a história do NSFC, apropriando-se, assim, de sua própria história.

Na seção 5, apresentamos *as narrativas do processo de formação no CEBUDV-NSFC*. Organizamos as narrativas de 17 sujeitos com o auxílio do DSC (LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A., 2005). Apresentamos os DSC(s) na íntegra para que possamos valorizar as narrativas, como apregoa o próprio método. A ideia é seguir o método (auto)biográfico, que nos convida a suspendermos nossos “*a priori*”, nossas teorizações científicas, para conhecermos primeiramente o nosso objeto de estudo. As narrativas foram etiquetadas com as letras “A”, “B”, “C” e “D” para posterior análise, na seção seguinte.

Na seção 6, intitulada “O ABC da vida: uma análise do processo de formação no CEBUDV-NSFC sob a ótica da Psicologia *Junguina*”, buscamos, a partir das seguintes ideias centrais, contidas nas narrativas: ICs A: “Se conhecer” (Autoconhecimento); ICs B: “Aprender a conviver” (Relação com o outro); ICs C: “Escola de Vida” (Praticar o que aprendeu); e ICs D: “O reconhecimento do Poder Superior (Deus) e a consequente mudança

de vida”, fazer uma análise e correlação com as seguintes e respectivas instâncias do processo de formação, segundo Josso (2010), a saber: “Autoformação”, “Heteroformação”, “Saberes, técnicas, culturas, artes, tecnologias” e “Ecoformação”, e também com as funções psíquicas: “Pensamento”, “Sentimento”, “Sensação” e “Intuição”, presentes nos tipos psicológicos da Psicologia Analítica de Jung (2012b), à luz da necessidade do autoconhecimento na modernidade, do “Processo de individuação” e da sua aplicação na educação.

Na seção 7, em nossa conclusão, vimos nas narrativas que o CEBUDV-NSFC corresponde a uma “escola” que apresenta uma possibilidade de desenvolvimento de alguns aspectos, que, como veremos ao longo das análises, ficaram subdesenvolvidos em nosso modelo capitalista de sociedade. Nessa perspectiva, a busca natural de equilíbrio e compensação do psiquismo encontra solo fértil no CEBUDV, cuja matéria-prima possibilita o florescimento de um psiquismo saudável.

## 2 HISTÓRIAS, DISCURSOS E AUTOBIOGRAFIA NO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO: ARTICULAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

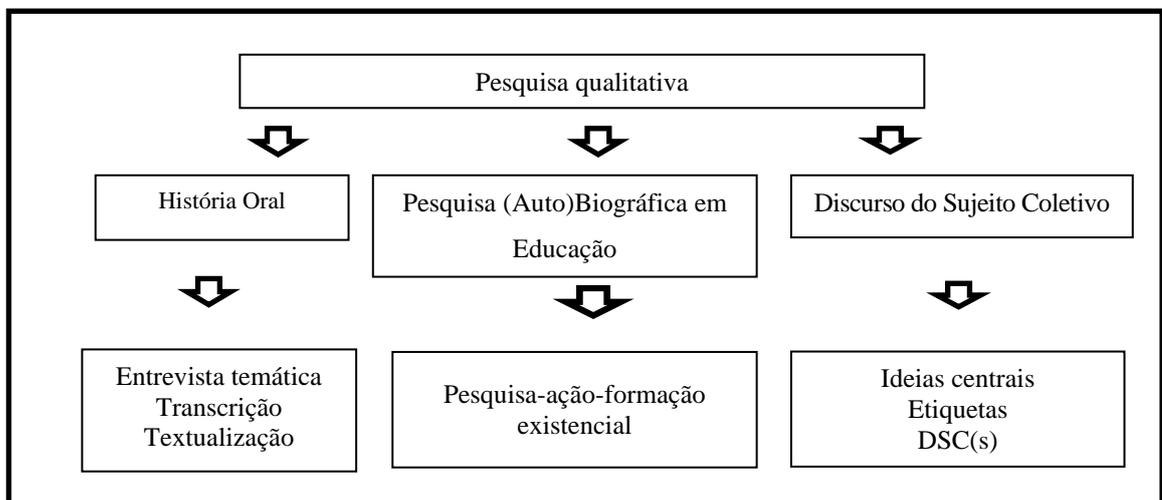
Na presente seção, propomo-nos a apresentar o nosso caminho teórico-metodológico pensado previamente como forma de elucidar as nossas questões norteadoras. A partir dos referenciais adquiridos, ao longo do tempo, em nossa caminhada como pesquisadores, entendemos que estes se tornam adequados para respondermos aos nossos objetivos. A seguir, apresentaremos nossas considerações sobre o porquê da pertinência dessas escolhas. Vale ressaltar que o material colhido e produzido em campo nos surpreendeu, assim estivemos abertos para redirecionarmos nossas categorias teóricas, construídas previamente, por aquelas categorias empíricas, que emergiram no campo.

Na primeira subseção, situamos a pertinência desta pesquisa numa abordagem qualitativa por priorizar a qualidade e a “intensidade” das narrativas como critério de cientificidade, em detrimento, por exemplo, de extensos dados quantitativos, “frequência”, para a aferição da “verdade” científica, como é feito nas pesquisas quantitativas.

Na segunda subseção, apresentamos os conceitos científicos que fundamentam nossas concepções teórico-metodológicas escolhidas, a saber: a conjunção da Abordagem (Auto)Biográfica tanto com a História Oral, segundo Meihy (2010), quanto com o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) com base em F. Lefèvre e A. Lefèvre (2005).

Na terceira subseção, apresentaremos o passo a passo da aplicação dos métodos supracitados. Para uma melhor visualização do que foi exposto acima, vejamos um esquema das teorias e métodos utilizados.

Figura 2 – Métodos e técnicas utilizados na pesquisa



Fonte: Elaborada pelo autor (2021).

A metodologia utilizada está inserida numa abordagem qualitativa, na medida em que buscará a compreensão dos processos formativos de mestres e conselheiras inseridos em um universo religioso eivado de simbologias, crenças, doutrinas e ritualísticas. Segundo Minayo (1994, p. 21-22):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Esta pesquisa, por ser (auto)biográfica, prioriza a descrição e interpretação do fenômeno da “formação humana” que se apresentou nas narrativas dos sujeitos. A natureza desta pesquisa pode ser classificada como aplicada, pois, além da utilização de fontes bibliográficas e documentais, fomos a campo realizar as entrevistas, bem como a produção da história do Núcleo Santa Fé do Cariri (NSFC) pela própria comunidade. Na fase exploratória, inspirados numa perspectiva fenomenológica, propomo-nos a “suspender” nossas crenças e concepções científicas que temos *a priori* para conhecer a experiência e, a partir dela, buscar os referenciais teóricos que nos auxiliem a compreender o fenômeno, haja vista que:

A ciência social será sempre uma ciência subjetiva e não objetiva como as ciências naturais; tem de compreender os fenômenos sociais a partir das atitudes mentais e do sentido que os agentes conferem às suas ações, para o que é necessário utilizar métodos de investigação e mesmo critérios epistemológicos diferentes dos correntes em ciências naturais, métodos qualitativos em vez de quantitativos, com vista à obtenção de um conhecimento intersubjetivo, descritivo e compreensivo, em vez de um conhecimento objetivo, explicativo e nomotético. (SANTOS, 2010, p. 38-39).

Os instrumentos metodológicos e técnicos utilizados foram: diário de campo, observação, análise documental e entrevistas semiestruturadas. Em agosto de 2019, iniciamos as entrevistas dos 17 sujeitos, nove homens e oito mulheres, com uma média de idade de 56 anos: a maioria composta por empresários e comerciantes e a outra parte composta por servidores públicos, profissionais liberais e dona de casa. A grande maioria era natural das cidades que compõem a macrorregião do Cariri cearense e uma pequena minoria oriunda de Fortaleza e Limoeiro do Norte, no Ceará (CE), e Coari, Amazonas (AM). Egressos da religião católica temos dez pessoas, três que não tinham nenhuma religião anteriormente, duas egressas do kardecismo, uma egressa da gnose e uma egressa do próprio Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (CEBUDV). Finalizamos a pesquisa de campo em março de

2020<sup>12</sup>, quando chegou a “saturação dos dados”, momento em que as respostas começaram a mostrar-se repetitivas (MEIHY, 2010). Os critérios de escolha foram:

1. Mestres representantes<sup>13</sup> e suas respectivas companheiras;
2. Sócios-fundadores<sup>14</sup> que chegaram ao grau de conselheiro(a) e/ou mestre;

E os critérios de exclusão foram, para os que se enquadraram nos critérios acima, não estarem mais associados ao CEBUDV atualmente, com exceção de um sujeito pertencente ao item 1, que não está mais associado, mas foi entrevistado por conta da relevância histórica das suas narrativas.

A entrevista (Apêndice A), composta de dez perguntas, destina-se a alcançar dois objetivos específicos. As cinco primeiras perguntas versam sobre a história do NSFC do CEBUDV, em que utilizamos a História Oral segundo Meihy (2010), e as cinco derradeiras tratam do processo de formação de mestres e conselheiro(a)s dessa instituição. Para a coleta e organização dessas narrativas, utilizamos o DSC de acordo com F. Lefèvre e A. Lefèvre (2005). Nas análises, pautamo-nos substancialmente na análise da categoria dos “tipos psicológicos” e do “processo de individuação”, conforme a Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung (2012a, 2012b); e, nos referenciais teóricos da Abordagem (Auto)Biográfica em Educação, com base principalmente em Josso (2010).

## 2.1 História Oral na construção da história do NSFC

Num primeiro momento, na reconstrução da história institucional do NSFC, através do método da História Oral, utilizamos entrevistas temáticas (Apêndice A). Existem três principais formas de se trabalhar com História Oral: “História Oral de Vida”, “História Oral Temática” e “Tradição Oral” (MEIHY, 2010). No presente trabalho, em consonância com os objetivos da nossa pesquisa, a “História Oral Temática” apresentou-se como a mais adequada, uma vez que objetiva extrair do contexto geral da trajetória de vida um tema específico que se quer estudar; no nosso caso, o recorte pertinente à história do NSFC do CEBUDV.

---

<sup>12</sup> Vale ressaltar que o início do distanciamento social no Ceará, por conta da pandemia da Covid-19, aconteceu em meados de março de 2020, entretanto, no início do mês, realizei a derradeira entrevista e logo comuniquei a minha orientadora sobre a saturação dos dados. A pandemia não atrapalhou, assim, nossa “coleta dos dados”.

<sup>13</sup> Sócio que ocupa o lugar de representante do Mestre Gabriel. Autoridade máxima dentro do CEBUDV no núcleo a que pertence, ocupando esse lugar por um período, atualmente, de um triênio.

<sup>14</sup> Sócios que estavam presentes na fundação do núcleo.

No caso da História Oral Temática, contudo, a essência de um foco central que justifica o ato da entrevista em uma tese recorta e conduz a possíveis maiores objetividades.

Por lógico, reconhece-se que a objetividade absoluta não existe, mas há recursos capazes de limitar devaneios e variações. Uma das práticas decisivas na diferenciação entre História Oral de Vida e História Oral Temática é a existência de um questionário. Dizendo de outra forma, em História Oral de Vida, na medida do possível, deve-se trabalhar com o que se convencionou chamar de ‘entrevistas livres’; em História Oral Temática, o que deve presidir são os questionários, que precisam estabelecer critérios de abordagem de temas. As perguntas e respostas, pois, são partes do andamento investigativo proposto. (MEIHY, 2010, p. 35).

A História Oral, segundo Meihy (2010), pode ser compreendida como uma técnica, como um método, como uma metodologia ou como um saber oral, desde que justificada sua escolha. Optamos nesta tese por utilizá-la como um método de pesquisa, pois: “Como método, a história oral se ergue segundo alternativas que privilegiam as entrevistas como atenção essencial dos estudos. Trata-se de centralizar os testemunhos como ponto fundamental, privilegiado, básico, das análises” (MEIHY, 2010, p. 72).

Com um bom acervo de fonte oral e documentos disponíveis no Departamento de Memória e Comunicação (DMC) do CEBUDV-NSFC, nosso intuito foi complementar as informações que estavam faltando para a elaboração da história do NSFC através de entrevistas com os sócios-fundadores. Meihy (2010, p. 13) elucida o sentido ampliado de documento oral:

Fonte oral é mais do que história oral. Fonte oral é o registro de qualquer recurso que guarda vestígios de manifestações da oralidade humana. Entrevistas esporádicas feitas sem propósito explícito, gravações de música, absolutamente tudo que é gravado e preservado se constitui em documento oral. Entrevista, porém, é história oral em sentido restrito.

Sendo assim, a utilização das entrevistas dentro de um trabalho científico que utiliza o método de História Oral deve seguir alguns procedimentos que a qualifiquem como tal, senão vejamos:

História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais e tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. (MEIHY, 2010, p. 15).

Para a produção/tessitura das narrativas, a técnica mais comum são as entrevistas num processo dialogado de construção da sua história. Sua execução passa por algumas fases, como: pré-entrevista, entrevista e pós-entrevista, conforme detalhado a seguir.

Na pré-entrevista, fizemos um contato inicial, pois se fez necessário um conhecimento prévio dos sujeitos a serem entrevistados para facilitar a elaboração, aprofundamento e condução das perguntas da entrevista. Realizou-se também a escolha do local. Segundo Meihy (2010, p. 56): “A fim de produzir as melhores condições para as entrevistas, o local escolhido é fundamental. Deve-se, sempre que possível, deixar o colaborador decidir sobre onde gostaria de gravar a entrevista”.

O entrevistador, no caso de história oral temática, deve ser preparado antes com instruções sobre o assunto abordado. Quanto mais informações se têm previamente, mais interessantes e profundas podem ser suas questões. Conhecer as versões opostas, os detalhes menos revelados e até imaginar situações que mereçam ser questionadas é parte da preparação de roteiros investigativos. A escolha dos colaboradores nesse ramo de história oral é fundamental, pois o caráter testemunhal exige a qualificação de quem se entrevista. (MEIHY, 2010, p. 39).

Nesse encontro inicial, apresentamos os objetivos da pesquisa e o procedimento para a sua realização. Meihy (2010, p. 127) orienta que: “Situações como: direito de uso; condições jurídicas de audiência; soluções para o eventual estabelecimento do texto escrito e local do arquivamento devem ser acordadas na proposta”. Explicitam-se no “termo de consentimento livre e esclarecido”, a ser assinado por ambas as partes, os princípios éticos adotados.

Neste contexto, compromisso com a honestidade significa, para mim, respeito por aqueles com quem trabalhamos, bem como o respeito intelectual pelo material que conseguimos: compromisso com a verdade, uma busca utópica e vontade de saber ‘como as coisas realmente são’, equilibrados por uma atitude aberta às muitas variáveis de ‘como as coisas podem ser’. (PORTELLI, 1997, p. 15).

Explica-se sobre a importância para a própria pessoa do ato de narrar e de como acontecerá o calendário de encontros para as entrevistas e devolutiva do material transcrito para a verificação e confirmação ou não por parte do entrevistado. Isso porque, consoante Portelli (1997), fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. Para Meihy (2010, p. 119; 124):

É no olhar plural, nas vozes dissonantes, que se justifica a realização de projetos que incluam entrevistas. [...] Com isso, admite-se a grande contribuição da história oral: não há mentiras em narrativas. Pelo contrário, as versões dos fatos, legítimas ou não, são o que mais interessa. Ou – pergunta-se – a vida social é feita só de verdades e fatos objetivos, comprováveis?

No segundo momento, na realização da entrevista propriamente dita, buscamos o estabelecimento de um *rapport* com o entrevistado para facilitar a condução da entrevista e

propiciar a expressão de memórias, sentimentos, tensões e perspectivas futuras, pois, para Portelli (1997, p. 22): “A arte essencial do historiador oral é arte de ouvir”.

O colaborador, ao narrar o mais livremente possível o que lhe é instintivo ou sensível com as variações comuns a quem conta, diz respeito aos ajustes do indivíduo na sociedade. Exatamente reside aí a essência da história oral. É também o produto dessa interação que caracteriza a sensibilidade do encontro entre as partes, a colaboração. A apreensão dessas circunstâncias é sutil e por isso a situação de gravação em história oral deve ser direta, olho no olho, respeitosa e confiante. (MEIHY, 2010, p. 123).

A História Oral se ocupa, através das entrevistas, do resgate de memórias das experiências de vida através das narrativas. Entendemos aqui a narrativa em sua acepção mais ampla, que engloba os não ditos, atos falhos, chistes, esquecimentos, gestos, expressões faciais, entre outros.

Em termos sociomoraes, a história oral tem vocação a valorizar o indivíduo em detrimento do exclusivismo da estrutura social. A origem dessa preocupação também é antiga e remonta noção de cuidado despertada em Heidegger em relação *‘a ser no mundo’*. Essa noção leva a considerar o que Platão definiu como ‘em si’ e que modernamente Foucault redefiniu em sua ‘hermenêutica do presente’ como *‘a arte de se autogovernar’*, e assim o conhecimento e controle da narrativa sobre si mesmo teriam um papel fundamental. (MEIHY, 2010, p. 37, grifos do autor).

As perguntas elaboradas dizem respeito não apenas a aspectos estruturais e administrativos, mas envolveu significados e sentidos estabelecidos nas relações entre os adeptos, com destaques para os momentos marcantes (linha do tempo), que ficaram gravados na memória e nos corpos dos narradores.

Na pós-entrevista, fizemos a organização do material coletado seguindo dois passos, que se complementam: transcrição e textualização, segundo Meihy (2010). Na **transcrição**, realizamos a passagem do registro oral gravado para o escrito. Fizemos uma reorganização das falas segundo alguns critérios: de acordo com o tema e/ou seguindo uma cronologia, efetivamos uma adaptação às normas gramaticais e retiramos as repetições desnecessárias. “É impossível do etéreo, do verbo, se passar à materialização da escrita com fidelidade absoluta como se uma coisa fosse outra. Admitir isso, aliás, seria uma temeridade, visto que sons, entonações, cacoetes, modulações não se registram sem alterações” (MEIHY, 2010, p. 135).

Na **textualização**, buscamos a feitura de um texto coeso, com começo, meio e fim, no qual as perguntas do entrevistador são suprimidas ou conectadas ao discurso dos entrevistados. Para Meihy (2010, p. 142; 155-156, grifo do autor):

Nessa fase foram eliminadas as perguntas, tirados os erros gramaticais e reparadas as palavras sem peso semântico. Os sons e ruídos também foram eliminados em favor de um texto mais claro e liso. [...]. A textualização deve ser uma narrativa clara onde foram suprimidas as perguntas do entrevistador; o texto deve ser ‘limpo’, ‘enxuto’ e ‘coerente’ (o que não quer dizer que as *ideias* apresentadas pelo entrevistado sejam coerentes); sua leitura deve ser fácil, ou compreensível, o que não ocorre com a transcrição literal, apresentada por alguns historiadores como ‘fiel’ ao depoimento, porém difícil de ser analisada como documento histórico.

Abandonamos, assim, a ilusão de que é possível fazer uma transcrição que seja igual ao que foi dito, pois as pausas, os silêncios, os sentimentos e as entonações não podem ser traduzidos, senão pelo filtro da subjetividade do pesquisador.

O trabalho foi fechado quando o entrevistado, após as alterações que propusemos, confirmou, ou não, a versão final do texto e se reconheceu naquela produção.

É relevante lembrar que estabelecido o texto de cada entrevista, depois de exaustivamente trabalhado em todas as suas etapas [...], a entrevista deve voltar ao narrador/entrevistado para que ele se reconheça nela, faça durante o ato de conferência a validação que lhe garanta reconhecimento de si mesmo. (MEIHY, 2010, p. 137).

Tratou-se, portanto, de um produto que foi coconstruído. “Em história oral, o reconhecimento do texto procedido pela conferência e pela autorização determina se o colaborador se identificou ou não com o resultado. É essa a grande prova de qualidade do texto final” (MEIHY, 2010, p. 139).

Após as análises de todos os elementos que emergiram nas entrevistas e nos documentos escritos, foram elaborados materiais científicos. O destino final de toda a pesquisa é a sociedade: desde a devolução para o grupo pesquisado até o público leigo que possa aproveitar o conhecimento produzido. (MEIHY, 2010, p. 163).

O método em História Oral, como uma metodologia qualitativa científica, completa, assim, o seu ciclo de pesquisa, e possibilita, através das falas dos sujeitos que viveram uma realidade no passado, rerepresentá-la, com o olhar do tempo presente, para aqueles que poderão construir um novo futuro.

Utilizamos também fotografias históricas do NSFC, cedidas pelos próprios sujeitos, como suporte físico da memória, permitindo um tipo de entrevista denominada por Olinda (2009) de fotonarrativas (ver apêndice B).

O uso da fotografia na Pesquisa (Auto)Biográfica vem sendo utilizado nas pesquisas educacionais como fontes de pesquisa de caráter documental, pois se ocupa das histórias pessoais e coletivas, que facilitam o acesso à memória dos sujeitos investigados, iluminando, através da imagem mental, o caminho de reconstrução das suas narrativas e da sua identidade. O acervo fotográfico presente no DMC do NSFC possibilitou que os sujeitos

entrevistados no presente pudessem acessar o passado por meio da apresentação de diversas fotografias que puseram em movimento as imagens do seu pensamento, da sua memória (ABRAHÃO, 2014).

As fotografias, portanto, são “chaves” que possibilitam o acesso a algumas “portas” que contêm lembranças da história, mas não a história em si, pois estas se apresentam através de narrativas e interpretações pessoais a partir de uma imagem. A imagem serve, pois, como um fio condutor para o desenrolar de uma história que aconteceu no passado, mas que sustenta o que somos no presente (DELORY-MOMBERGER, 2006).

Delory-Momberger (2006) apresenta um método para a utilização de fotografias em Pesquisa (Auto)Biográfica que ela denominou de fotobiografia. Para a autora, a fotografia já é um tipo de linguagem em si mesma, em que as palavras seriam a “luz e os sais de prata” ou também os *pixels* que compõem a imagem da foto. Assim, a utilização de fotografias potencializa a narrativa dos entrevistados assim como possibilita ao leitor do trabalho científico outro elemento de reflexão e exame ao associar a palavra com a imagem. Para a autora, a memória se torna, assim, uma fonte de conhecimento, proporcionando a transformação de si mesmo e da sociedade (DELORY-MOMBERGER, 2006).

A fotografia, na obra de Delory-Momberger (2012), torna-se um vestígio biográfico, um espaço autobiográfico, elemento que complementa as pesquisas (auto)biográficas ao apresentar a dimensão do espaço, na medida em que estas pesquisas já trabalham bastante a dimensão do tempo (passado, presente e futuro) em suas narrativas. Conforme a autora, alguns pesquisadores deste campo têm o espaço como um aspecto secundário, como se fosse apenas o cenário, entretanto ela relembra que vivemos no, do e com o espaço e nele vivenciamos nossas experiências, que são únicas, mesmo sendo o mesmo espaço, pois depende da perspectiva de quem vivencia.

A fotografia apresenta, além do espaço concreto, o espaço das relações sociais e da cultura do local. O espaço proporciona o desenvolvimento das nossas ações, pensamentos e sentimentos, inclusive o sentimento de pertencimento, que é fruto das nossas reflexões e ações para a sua construção. O método da fotobiografia possibilita uma prática reflexiva e afetiva sobre esses espaços, que, ao mesmo tempo que foram construídos por nós, nos construíram também como pessoas. Há uma relação dinâmica entre a construção de si e a construção do espaço, (re)apresentado pela fotografia (DELORY-MOMBERGER, 2012).

Para Benjamin (1994), o passado deixou nos textos imagens que precisam ser reveladas no agora, pois o indivíduo moderno se encontra fora do seu centro, sentindo-se,

cada vez menos, em casa, pois não se reconhece mais na sua própria história. A fotografia se apresenta, portanto, como uma técnica para centrar a sua identidade.

## **2.2 DSC – Em busca de um “Eu” ampliado para a compreensão das narrativas do processo de formação no CEBUDV-NSFC**

Num segundo momento, para a organização das narrativas sobre o processo de formação de mestres e conselheiro(a)s no CEBUDV, utilizamos o DSC, como já anunciado. Trata-se de um método que possibilita a coleta e a organização das narrativas, de modo que as respostas semelhantes possam ser agrupadas através das ideias centrais extraídas do próprio discurso, viabilizando a soma das narrativas com o mesmo sentido, permitindo uma visão mais ampla de como os sujeitos pensam sobre cada tema (ideia central).

Em decorrência de nosso tema e de seus objetivos, o DSC torna-se mais adequado, haja vista que as respostas obtidas em campo nos conduziram a trabalhar com temas de caráter coletivo, como, por exemplo, os valores morais. Bem mais do que um processo individual de transformação, como imaginado em nossas hipóteses, que prescindisse, por exemplo, das narrativas de forma individualizada, pelo contrário, a soma dos discursos nos permite uma visão ampliada dos aprendizados obtidos nessa instituição por diversos membros do NSFC, possibilitando-nos compreendê-la melhor.

Nessa perspectiva, ratifica-se também um ensinamento do próprio Mestre Gabriel, no qual este diz que deixou um pouco dos seus ensinamentos com cada um dos seus discípulos, e não todos os ensinamentos com apenas uma só pessoa, para que reunidos (aprendendo a se unir) pudessem expressar o seu pensamento. E é isso que esse método proporciona: a união dos discursos, reunindo os aprendizados dos sócios do NSFC e possibilitando uma melhor compreensão da doutrina do CEBUDV, como ensina o seu próprio fundador, através das experiências dos seus sócios.

O DSC trata-se de um método de coleta e organização dos dados<sup>15</sup>, apresentando-os sob a forma de discursos unificados a partir de ideias semelhantes. As ferramentas metodológicas utilizadas para tal montagem são: ideia central (IC) e expressão-chave (ECH). Para F. Lefèvre e A. Lefèvre (2005, p. 99), “[...] as ECH são pedaços, trechos ou transcrições

---

<sup>15</sup> Apesar de ser um método utilizado em pesquisas qualitativas, vale ressaltar que o autor considera as narrativas como “dados” – termo típico das pesquisas quantitativas –, no sentido de que estas, após o processo de elaboração do DSC, objetivam ter o mesmo valor científico que os dados extraídos de pesquisas quantitativas, representados geralmente em tabelas e gráficos, prescindindo, assim, inclusive, de uma análise exaustiva das narrativas, tal qual acontece nas pesquisas com dados quantitativos.

literais do discurso [...] que revelam a essência do depoimento”. A partir de trechos de respostas que atendem ao que foi perguntado (ECH), são extraídas as ideias centrais de cada resposta para que as que possuem o mesmo sentido, ideias centrais semelhantes, possam ser agrupadas e somadas às ECHs correspondentes para formar discursos coletivos.

Para a composição dos DSCs, seguimos seis passos:

**1º passo:** Organizamos o material de modo que os dados referentes à questão 1 sejam transcritos no “Instrumento de Análise de Discurso 1” (IAD 1) da questão 1; os da questão 2 no IAD 2 da questão 2, e assim sucessivamente. Esse instrumento consiste em um quadro disposto em duas colunas: na primeira, colocam-se as ECHs; na segunda, as ICs correspondentes.

**2º passo:** Reconhecemos e extraímos das ECHs (que foram sublinhadas) as suas ICs correspondentes. IC é a menor unidade que expressa o todo da resposta que serviu como uma espécie de rubrica para posterior agrupamento das ideias semelhantes. F. Lefèvre e A. Lefèvre (2005) conceituam a IC como um “nome” que expressou, da maneira mais sintética, precisa e fidedigna possível, o sentido de cada discurso contido na ECH.

**3º passo:** Depois de identificadas as ICs, escrevemos na coluna correspondente.

**4º passo:** Agrupamos as ICs que tinham o mesmo sentido, etiquetando-as com a mesma letra (A, B, C, D, e assim sucessivamente).

**5º passo:** Nomeamos cada grupo com uma “IC síntese”, que resumiu o sentido de cada ideia central semelhante e que serviu como o “título” para o DSC. Repetimos o mesmo procedimento com cada grupo.

**6º passo:** Construção do DSC. Este passo dividiu-se em dois momentos: 6.1: Construção do IAD 2 (Quadro com duas colunas, nas quais constam as ECHs com o mesmo sentido de um lado e o DSC do outro); e 6.2: Construção do DSC propriamente dito, em que procuramos sequenciar ou *discursivar* as ECHs num texto coerente com começo, meio e fim, como se fosse uma só pessoa narrando. Deve-se, portanto, acrescentar conectivos para tal intenção. Suprimimos as repetições e particularidades. A construção do DSC representou uma tentativa de reconstituir um discurso através de uma (primeira) pessoa coletiva, um “Eu ampliado”. Portanto, na produção do DSC a ideia não foi a produção de um novo discurso teórico a partir de um metadiscurso do pesquisador, mas sim a valorização da descrição do empírico, do fenômeno como tal.

Essa coletivização do pensamento pelo metadiscurso teórico também é uma solução supostamente segura, que encontra refúgio na crença religiosa, ou ritual, ou burocrática na teoria (= as famosas ‘revisões de literatura’), reforçada pela retórica

das citações, pela sedução da boa escritura, pelo apelo ao senso comum ou bom senso (= aquilo que todo mundo sabe...), etc. Nesse caso, a explicação ‘teórica’ do pensamento coletivo toma (inevitavelmente, por certo) o lugar da sua apresentação descritiva como fato empírico o que constitui, também, da mesma forma, uma violência simbólica. (LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A., 2005, p. 99).

O método prevê, dessa forma, que as respostas apresentadas pelo material coletado possam, por si só, dar conta de responder aos objetivos, prescindindo da análise exaustiva por parte do pesquisador.

Temos aí certamente o exemplo de uma deformação ou preconceito muito presente entre os cientistas sociais e ‘humanos’ de um modo geral: um confessado desprezo pelo ‘descritivo’, considerado menor, óbvio, pobre, em favor do interpretativo, que revelaria a riqueza do pesquisador, sua inteligência, sua erudição, etc. (LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A., 2005, p. 19).

O compromisso deste método é com a reconstrução das narrativas, valorizando sua origem, características e valor explicativo da realidade.

## **2.3 Abordagem (Auto)Biográfica – Método de pesquisa e teoria de formação humana**

### ***2.3.1 Antecedentes históricos***

Como referencial teórico para as análises e compreensão do processo de formação de mestres e conselheiro(a)s do NSFC, narrados por estes no processo de *biografização*<sup>16</sup> desenvolvido na entrevista temática (Apêndice A), utilizamos o referencial teórico da Pesquisa (Auto)Biográfica em Educação e da Psicologia Analítica. Nesta subseção, discorreremos sobre o primeiro referencial teórico acima mencionado.

A Pesquisa (Auto)Biográfica ancora-se em autores filiados ao movimento internacional das histórias de vida em formação, com ampla produção mundial e nacional, e referencia-se em autores de diferentes campos do conhecimento, como: Ricoeur (1994), da Filosofia; Josso (2010), da Educação; Delory-Momberger (2008), da Sociologia; e Bruner (1991, 2001, 2008, 2014), da Psicologia, que defendem um novo paradigma de pesquisa, centrado na experiência.

Delory-Momberger (2006, 2008) situa-se contra a polarização que coloca o biográfico como subjetivismo, por isso não dotado de cientificidade, ou como mero dado

---

<sup>16</sup> Categoria popularizada por Delory-Momberger (2006, 2008) para indicar um processo de “escrita de si”, que não apenas rememora o que foi vivido na óptica do narrador, numa espécie de individualização, mas também motiva a uma socialização, na medida em que busca uma transformação do que este quer “vir a ser” na relação com o outro.

complementar de uma pesquisa documental e histórica. Assim, ou ele é acusado de fornecer aspectos subjetivos em demasia, ou apenas serve para auxiliar a compreender um dado momento histórico e social. Dessa forma, argumenta que, em ambos os casos, desconsidera-se o potencial heurístico e formador do campo biográfico.

Delory-Momberger (2014) apresenta uma retrospectiva histórica do uso das *narrativas* no Ocidente, desde a Antiguidade até a pós-modernidade. Da Antiguidade ao fim do século XVIII, as narrativas se apresentaram nas mais diversas formas e práticas literárias ou cotidianas, como: a ficção e a história, o sagrado e o profano, o popular e o aristocrático, o lírico e o prosaico, o romance, a biografia, a correspondência, o ensaio filosófico, a crônica, os escritos autobiográficos (diários, memórias, confissões).

O homem fez uso da “escrita de si” quer em praça pública, ou exercendo a cidadania, reconhecendo sua interioridade diante de Deus, na construção do “privado”, no Renascimento, na corte, no Iluminismo e na sociedade burguesa. No início do século XIX, as ciências humanas buscaram apropriar-se desse fenômeno através da hermenêutica de Schleiermacher e a escola histórica alemã; do método histórico-biográfico de Wilhelm Dilthey; dos usos sociológicos da história de vida na Escola de Chicago; e também da pesquisa etnossociológica fundamentada na análise das narrativas, servindo de uma base tríplice para a construção de uma nova abordagem de pesquisa e formação na pós-modernidade – a Abordagem (Auto)Biográfica.

As histórias de vida através das narrativas, dessa forma, deixam de ser apenas metodologias de pesquisa, passando a representar uma abordagem teórico-científica de autoconhecimento, conhecimento, formação e aprendizagem.

A dupla função apresentada pela biografia educativa, enquanto meio de investigação e instrumento pedagógico de formação, estreitamente vinculada à produção de sentido que o ator atribui à sua formação, no decurso da vida, é quem vem justificar a sua utilização crescente no campo educacional da formação, notadamente, a formação de professores no Brasil. (JOSSE, 2010, p. 12-13).

Para Josso (2010), uma das pioneiras desse movimento, a pessoa que narra faz um balanço de seus processos de conhecimento, aprendizado e de formação realizados ao longo da vida e em contextos sócio-históricos determinados. Acerca dessa determinação, Delory-Momberger (2014) apresenta as diferenças entre o biografar-se numa sociedade estável, como na Antiguidade, e os desafios da biografia e da construção da identidade numa sociedade do conhecimento e da informação, frutos da modernidade e do capitalismo, o qual apregoa o autodesenvolvimento como uma ferramenta para tornar o sujeito apto ao mercado de trabalho, responsabilizando-o pelo seu sucesso ou fracasso. A autora alerta para

os perigos de biografar-se numa sociedade que busca o infundável aperfeiçoamento e que aperfeiçoa os processos de controle sobre as pessoas.

A ‘biografia’, assim, na contemporaneidade, não é mais, a partir de então, unicamente o feito de indivíduos que circunstâncias excepcionais ou talentos particulares situam acima do desígnio comum, subtraindo-os do percurso coletivo: ela se impõe a todos como uma obrigação de individualidade e singularidade. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 77).

É nesse contexto, atual e contraditório, que o campo biográfico ganha sentido. Quanto mais isolamento, mais o indivíduo busca narrar, o que é passível de se verificar nas exposições da vida pessoal em redes sociais virtuais e na popularidade dos livros de biografias de pessoas famosas. Tal busca ressalta a tentativa de amenizar, mesmo que psicologicamente, o isolamento, à medida que nos tornamos “íntimos” da vida pessoal do outro ao conhecer sua história.

Na encruzilhada entre a modernidade e a pós-modernidade, a autora se questiona: “Qual o sentido e as consequências de um trabalho biográfico de formação?”, na medida em que, na pós-modernidade, o “Eu” se encontra fraco, dividido e em busca de identidade e unidade. Mas ela se questiona: “Que unidade seria essa proporcionada pelas narrativas?”. Sua resposta não é uma visão teleológica na qual a História situa-se num eixo temporal linear de progresso, superação e realização dos momentos precedentes em busca da unidade, nem um retorno ao sujeito cartesiano seguro de si mesmo da modernidade. Delory-Momberger (2008) busca compreender a relação entre as narrativas e o momento histórico da sociedade à qual ela pertence, numa perspectiva crítica, pois estas só se tornam compreensíveis através dele.

A utilização das histórias de vida como uma prática de formação surge neste contexto histórico da pós-modernidade permeada pela relatividade diante de uma perda de referências tradicionais que gera incertezas familiares e profissionais, possibilitando ao próprio sujeito “tecer os fios” da sua história, dando-lhe sentido e possibilidade de ser autor consciente da sua própria história. O poder-saber é dado àquele que, formando sua história de vida, forma a si mesmo, possibilitando-lhe agir sobre si e sobre as estruturas sócio-históricas da qual agora sabe que faz parte.

A autora apresenta, desse modo, os campos da Biografia e da Educação como indissociáveis: “Biografia e educação remetem-se uma à outra, como as duas faces de uma mesma iniciativa: a qual faz do ator biográfico um permanente aprendiz e educador de si mesmo” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 140-141).

### 2.3.2 O “singular plural” – Um conceito-chave para fundamentar a nova abordagem de pesquisa e formação

A contribuição do sociólogo italiano Franco Ferrarotti (1988), ao discutir o estatuto epistemológico do biográfico, sobretudo com o conceito do “singular-plural”, foi fundamental para o desenvolvimento do paradigma da pesquisa e formação em foco. A subjetividade e a historicidade são inerentes aos processos de narração de si, sendo impossível dissociar as narrativas do sujeito do contexto sócio-histórico no qual está inserido.

O interesse se volta para o sujeito e sua individualidade, sua experiência e o seu processo de formação, objetivando relacionar o singular com o universal. A experiência ganha destaque nos processos formativos, em um movimento complexo, interpretativo e analítico, por realizar uma interpretação daquela interpretação. Para Josso (2010, p. 48), “O conceito de experiência formadora implica uma articulação conscientemente elaborada entre atividade, sensibilidade, afetividade e ideação”.

E o caminho proposto pela ‘Metodologia das Histórias de Vida em Formação’ é a narrativa, pois ela permite explicitar a singularidade, e com ela, vislumbrar o universal, perceber o caráter processual da formação e da vida, articulando espaços, tempos e as diferentes dimensões de nós mesmos em busca de uma sabedoria de vida, como propõe a autora. (JOSSO, 2010, p. 17).

Entretanto, os críticos, fundamentados num eixo epistemológico positivista, questionam-se: como pode a subjetividade inerente à biografia fundamentar um conhecimento do tipo científico? Ferrarotti (1988) recorre à teoria *sartreana* da práxis humana com o conceito do *universal singular*, em que o homem, em suas práticas individuais, opera uma síntese na qual singulariza o universal; ele se reapropria de maneira ativa e individualiza a história social coletiva.

A interpretação que o narrador dá aos fatos da sua vida, relacionando-a com uma visão sintética e totalizante da sua existência, torna-se o próprio objeto de análise do pesquisador, que deve afinar seus sentidos e capacidade. São suas representações sociais que transparecem no modo como ele reconstrói, ordena, associa e opõe os elementos da sua narrativa. O reconhecimento dessa dimensão sociossimbólica apreende a vivência social (todo) no ato singular da narrativa (parte), não levando a uma abstração e generalização dos resultados, mas à forma como cada narrador constrói sua singularidade universal. Nesse sentido, a narrativa produz palavras, e não fatos. Ricoeur (1994) analisa a narrativa como resultado de uma organização em enredo. Para ele, não há outra forma de acessarmos a

realidade social a não ser pelos “objetos simbólicos”. Não há outro acesso fora da linguagem. Assim, o texto não é considerado enquanto descreve fenômenos sociais; ele próprio é o fenômeno a ser interpretado.

Bruner (1991), em sua *Psicologia Cultural*, acredita na interdependência, interinfluência ou coconstrução entre o individual e o social (CORREIA, 2003). A linguagem, vista aqui como um conjunto de códigos do social, não seria um epifenômeno do pensamento, tido aqui como o individual. Sua força de ação e transformação no mundo torna a palavra e a narrativa um instrumento principal de mediação do sujeito com a cultura através do modo como este narra suas histórias e, assim, constrói sua identidade. A narrativa funciona como um elo entre o pensamento e a linguagem, e esse deveria ser o objeto de estudo da Psicologia. A Psicologia Cognitiva de Jerome Bruner (1991) surge como uma síntese entre as matrizes construtivistas de Jean Piaget (1990) e sócio-históricas de Vygotsky (1993) (CUNHA; BARROSO, OLINDA, 2018). Não se trata, portanto, de privilegiar um dos polos, mas da compreensão de que pensamento e linguagem não são instâncias separadas, não podendo precisar quem vem primeiro, mas que se desenvolvem dialeticamente, senão vejamos como isso se processa na subseção adiante.

### **2.3.3 O lugar de sujeito no processo de formação**

Delory-Momberger (2008) apresenta o conceito de “*biografização* (escrita de si) na educação”. O sujeito, ao narrar, constrói uma figura de si para o outro naquilo que ele foi, está sendo e projeta ser. A autora explica que: “Neste sentido, somos levados a definir o biográfico como uma categoria da experiência que permite ao indivíduo, nas condições de sua inscrição sócio-histórica, integrar, estruturar, interpretar as situações e os acontecimentos vividos” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 26). Portanto, outra característica fundamental desse tipo de pesquisa é a dialogicidade, fundamento de todo o processo de investigação, permitindo a participação ativa e uma fala autêntica daqueles que aceitaram o convite para fazer uma figura pública de si.

O desafio da autora em seu procedimento de pesquisa e formação, denominado de “*ateliê biográfico*”, é trabalhar a *biografização* como um mediador entre o indivíduo e a sociedade na busca do seu lugar no mundo.

Pareceu-nos que o trabalho amplamente implícito da biografização entra em jogo, precisamente o que está no centro do processo educativo, a saber, a conjunção, a negociação e a elaboração partilhada entre o que chamamos de projeto de si e os

projetos coletivos, veiculados pelas instituições socializadoras (a família, a escola, os pares, a profissão, a empresa, a mídia etc.) A educação, qualquer que seja sua natureza, é sempre a execução e o resultado do trabalho de reflexividade e de subjetivação que ela imprime no sujeito no qual atua. Este, por sua vez, apropria-se do projeto exterior da educação, reservando-lhe um lugar no seu próprio projeto de si. Mas, a exemplo do que acontece no trabalho biográfico, o processo de apropriação e, também, um processo de socialização, uma vez que consiste em partilhar, tornando seus, as condutas e os valores comuns, as representações e as concepções comuns, os saberes e o saber-fazer comuns, ou seja, consiste em o sujeito encontrar seu lugar no lugar comum do vínculo social. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 140-141).

Pela “mediação biográfica” e pela via da “reflexividade biográfica”, os participantes desenvolvem uma consciência sobre si e sobre sua formação religiosa. Nas palavras de Passeggi (2015, p. 79):

[...] o narrador se coloca num lugar de destaque, possibilitando que se torne ator, autor e agente. Dessa forma, o pesquisador deverá estar mais aberto ao diálogo, a fim de que, ao mesmo tempo que conduza, também possa proporcionar uma escuta atenta para que o outro possa desenvolver níveis de consciência sobre si que o (trans)formem.

Assim, a Abordagem (Auto)Biográfica pode ser aquela “arte poderosa” de que nos falava Pineau (2006). Na concepção de Olinda (2018, p. 39), isso só ocorre se mudarmos de perspectiva pesquisando “[...] ‘com as pessoas’ e não ‘sobre as pessoas’”.

Em sua tese de doutorado, *Chaminer vers soi* (Caminhar para si), Josso (2010) inicia suas reflexões no que ela chama de autoformação, articulando conhecimentos que se fundamentam em Piaget, Jung, Rogers, Paulo Freire, Edgar Morin, Gregory Bateson, além de princípios extraídos de práticas e filosofias orientais, como o *tai chi chuan* e o budismo. Apresenta-nos uma proposta da passagem da “formação do sujeito” para o “sujeito da formação” na medida em que este deve ser colocado no lugar de refletir e narrar sobre sua história de vida e de formação.

Para Josso (2010, p. 60), “[...] uma compreensão biográfica do processo educativo, integrando a globalidade do ser em todas as suas dimensões de ser-no-mundo como sujeito-ator de sua formação, de suas transformações e de seu vir-a-ser, é fundamental para a formação integral do sujeito”.

A originalidade da metodologia de pesquisa-formação em histórias de vida diz respeito, em primeiro lugar, a nossa constante preocupação com que os autores de narrativas consigam produzir conhecimentos que tenham sentido para eles e que eles próprios se inscrevam num projeto de conhecimento que os institua como sujeitos. (JOSSO, 2010, p. 33).

Para a operacionalização do seu método, Josso (2010) apresenta um passo a passo que pode servir de base, a ser adaptada, de acordo com a necessidade de outros pesquisadores.

De início, na primeira etapa, ou primeiro encontro, apresentam-se os fundamentos teóricos do método. Num segundo momento, apresenta-se a narrativa para o outro (gravando-a), que, na sequência, é transcrita. No terceiro momento, a narrativa transcrita é reapresentada entre os participantes para que se possa interpretar mutuamente.

A aprendizagem, nesse processo, segundo a autora, aconteceria em três fases: iniciação, integração e subordinação:

[...] três gêneros de aprendizagem e de conhecimentos: a) as aprendizagens e conhecimentos existenciais (Como é que eu me conheço como ser psicossomático?) b) as aprendizagens e conhecimentos instrumentais e pragmáticos (Como é que eu me conheço como ser capaz de interagir com as coisas, a natureza e os homens?) c) as aprendizagens e conhecimentos compreensivos e explicativos (Como é que eu me conheço como ser capaz de representações?). (JOSSO, 2010, p. 49).

A autora apresenta também em suas obras conceitos que podem servir de chave para a análise das narrativas, como: “recordações-referências”; “momentos ou acontecimentos charneiras”; e “experiências formadoras”.

Na análise, os conceitos de ‘experiência formadora’, ‘aprendizagem experiencial’ e ‘recordações referências’, desenvolvidos por Josso, foram fundamentais, uma vez que auxiliaram na compreensão e interpretação das narrativas e suas implicações no processo de ‘caminhar para si’. As narrativas de vida são instrumentos de captação de fontes de investigação e constituem um valioso instrumento para a compreensão e análise do desenvolvimento humano. (OLINDA, 2010, p. 115).

E continua a lista: “experiência existencial”; “aprendizagem pela experiência”; “experiência formadora”; “aprendizagens e conhecimentos existenciais”; “instrumentais”; “compreensivos e explicativos”, entre outros.

Parece-me útil fazer uma distinção entre *experiências existenciais* – que agitam as coerências de uma vida, e até mesmo os critérios dessas coerências –, e a *aprendizagem pela experiência*, que transforma complexos comportamentais, afetivos ou psíquicos sem pôr em questão valorizações que orientam os compromissos da vida. Assim, por definição, formação experiencial é ou então não é formação, mas a sua incidência nas transformações da nossa subjetividade e das nossas identidades podem ser mais ou menos significativa. (JOSSO, 2010, p. 48, grifos da autora).

A biografia apresenta ainda outra face do processo educativo para além da educação escolar tradicional. Assim, retira o sujeito de um lugar passivo de aprendizagem e o coloca num lugar de protagonista do seu próprio processo, não apenas nas instituições educativas, mas ao longo da vida. “A novidade dos estudos de Delory-Momberger consiste em considerar a articulação entre biografia e educação em todos os tempos da vida (lifelong learning), em todos os aspectos e em todos os espaços de aprendizagem (lifewide learning)”

(PASSEGGI, 2008, p. 16). É sobre essa relação entre tempo e narrativa que trataremos a seguir.

### 2.3.4 O tempo nas narrativas de formação

Ao relembrar o seu passado e atualizá-lo pelo processo narrativo, o sujeito amplia a percepção acerca de si mesmo, na medida em que situa no tempo e no espaço os momentos marcantes de sua existência. As perguntas realizadas na Abordagem (Auto)Biográfica de formação contêm uma tríplice temporalidade: passado, presente e futuro, contida implicitamente no seu enunciado.

Ricoeur (1994) nos apresenta o conceito de “tríplice *mimese*”, que pode servir como uma chave para o trabalho com as narrativas. Para Ricoeur (1994), a *mimese* não significa uma imitação ou representação fiel da realidade, pois, por se tratar de uma atividade humana, ao se narrar uma história, num determinado tempo da vida, há sempre presente uma subjetividade.

A tríplice *mimese* acontece na seguinte dinâmica: na *mimese* I, há uma pré-figuração: a experiência já aconteceu na realidade prática, sem nenhuma elaboração teórica. Assim, não existe uma figuração, pois a experiência ainda não foi narrada. Na *mimese* II, é feita uma configuração a partir da narrativa dos fatos acontecidos, atravessados pela visão de mundo do narrador, dando-lhe uma perspectiva própria. Na *mimese* III, o texto narrado chega aos ouvidos do leitor, que lhe confere um novo sentido, refigurando-o.

Ricoeur fala-nos de uma tríplice *mimese*: prefiguração (imitação, ou a representação da ação – ato evocativo da narração em si), configuração (processo de reflexão sobre si mesmo, possibilitada pela atualização da história ao ser recontada) e refiguração (a narrativa torna-se plena, ao ser restituída ao tempo do agir humano, pela recepção do ouvinte ou leitor). (OLINDA, 2009, p. 77).

Dessa forma, três representações são criativamente reelaboradas: “Seguimos, pois, o destino de um tempo prefigurado em um tempo refigurado, pela mediação de um tempo configurado” (RICOEUR, 1994, p. 87).

Para Ricoeur (1994, p. 117), esse caminho da *mimese* I à III é sem fim, circular: “O círculo hermenêutico entre a narrativa e o tempo não cessa assim de renascer do círculo que os estágios de *mimese* formam”. Sendo assim, é circular, mas de forma progressiva, no formato de uma espiral: “Se é verdade que é encadeando as três etapas da *mimese* que se institui a mediação entre tempo e narrativa, coloca-se uma questão prévia, a de saber se esse encadeamento marca verdadeiramente uma progressão” (RICOEUR, 1994, p. 111).

Assim, o autor defende a tese de que o caminho da *mimese* I à III é progressivo, pois, ao narrar suas experiências num certo tempo, o sujeito se transforma, bem como, ao renarrar a mesma experiência em outro tempo, ele já não é mais o mesmo. Ao articular tempos e espaços por onde transitamos e versões de “nós mesmos”, damos conta do caráter processual da vida e da formação, refletindo sobre o passado, o presente e o futuro a partir de como tudo isso foi sentido.

Ao narrar suas experiências de vida, o sujeito, com sua forma de perceber, sentir, refletir e agir em cada experiência, tece sua biografia: pontuando os “nós”, alinhando os “fios”, compondo sua história de vida, que não acontece dissociada de todo o contexto sócio-histórico no qual ele foi formado. Assim, ao propor uma “figura de si”, o sujeito o faz sustentado numa “trajetória” na qual conecta os diversos momentos da sua vida, dando-lhes um sentido.

Tanto na sua linguagem mais coloquial quanto nas criações mais elaboradas, os homens recorrem a palavras e imagens que transpõem para uma representação espacial o desenvolvimento temporal de sua existência: linha, fio, caminho, trajeto, estrada, percurso, círculo, carreira, ciclo da vida. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 35).

O estudo de como o homem organiza sua fala de um modo coerente, dentro de um espaço e tempo, através da narrativa sobre o mundo e sobre si mesmo, é o que a revolução cognitiva iniciada por Bruner (2014) propõe como novo objeto da ciência psicológica. Vale ressaltar que esse dispositivo não tem a pretensão de alcançar a totalidade da verdade dos sujeitos investigados, uma vez que:

[...] toda narrativa autobiográfica é parcial, pois a narradora escolhe o que narrar, dependendo do momento pelo qual passa e, inclusive, de interesses e de circunstâncias internas e externas ao ‘jogo narrativo’. Há uma profunda implicação no processo, mas não se pode deixar de considerar o aspecto ético, quando se trata do cruzamento de outras vidas que partilham com a narradora a aventura de existir. Narra-se o que se considera essencial na existência, dado um testemunho de si mesma, até o limite do respeito à vida do outro e, ainda, dentro das possibilidades do autoconhecimento. Há ‘saberes que não se sabe’, pois existem processos inconscientes que escapam, mas que podem ser identificados no processo narrativo. Além disto, não sabemos tudo de nós mesmos, pois ainda usamos muitas máscaras para nos proteger de algumas dores e fantasmas, sejam reais ou ilusórios. Sem dúvida há uma dimensão de empoderamento naquele que aceita o desafio de fazer uma figura pública de si. (OLINDA, 2018, p. 50).

### **3 CARÁTER HISTÓRICO, DOUTRINÁRIO, ORGANIZACIONAL E RITUALÍSTICO DO CENTRO ESPÍRITA BENFICENTE UNIÃO DO VEGETAL**

“Quando criei a União do Vegetal foi com esse pensamento de fazer uma paz no mundo.” (M. GABRIEL).

Nesta seção, fizemos uma breve exposição sobre os aspectos históricos da vida de José Gabriel da Costa e da sua obra no Centro Espírita Benficiente União do Vegetal (CEBUDV), dando ênfase aos seus aspectos doutrinários, organizacionais e ritualísticos para que sirva de referência à compreensão das narrativas dos dirigentes do CEBUDV do Núcleo Santa Fé do Cariri (NSFC), que serão apresentadas posteriormente.

Tais aspectos históricos já foram trabalhados em outras obras de forma mais ampla, como em Andrade (1988, 1995); Barros (2016); Bernardino-Costa (2011); Brissac (1999); Carvalho (2005); CEBUDV (1989a, 2008, 2011, 2017, 2018); Craveiro de Sá (2015); Fabiano (2012); Goulart (2005); L. Gentil e H. Gentil (2004); Labate (2005); Lima (2016); Mikosz (2014); Netto (2017); Ricciardi (2008a, 2008b). Não tivemos aqui a pretensão de esgotar o assunto; nossa tentativa, portanto, foi sintetizar os aspectos mais significativos de uma forma objetiva e detalhada, facilitando, assim, a compreensão das narrativas a serem apresentadas e interpretadas nas próximas seções. Lembramos o paradigma do singular-plural que chama a atenção para a realidade epistemológica de que a parte só adquire pleno sentido na sua relação com o todo.

É interessante observar a história de vida do Mestre Gabriel, pois toda a sua existência se apresenta como uma verdadeira jornada, na medida em que as situações lhe possibilitam manifestar seus talentos para a superação das adversidades do dia a dia, passando pela fundação e consolidação do CEBUDV.

#### **3.1 Mestre Gabriel**

José Gabriel da Costa nasceu em 10 de fevereiro de 1922, ao meio-dia, numa localidade chamada Coração de Maria, à época distrito de Feira de Santana, no estado da Bahia (BA), na fazenda Pedra Nova (CEBUDV, 1989b).

Figura 3 – Mestre Gabriel



Fonte: *Site do CEBUDV (1969)*<sup>17</sup>.

Era o oitavo de 14 irmãos<sup>18</sup>. Com poucos recursos materiais no interior do Nordeste brasileiro, cedo teve que auxiliar seu pai na roça. Alguns dos seus irmãos, quando vivos, foram entrevistados por sócios do CEBUDV e puderam trazer alguns episódios que denotam suas habilidades corporais, sensibilidade, inteligência e espiritualidade, permitindo-nos ter uma noção de como foi a sua infância e juventude.

Alfredo Gabriel relembra que, às vezes, ele sumia do roçado e, quando o pai ia mandar buscá-lo, ele estava sentado, escrevendo ou lendo jornais e o catecismo (CEBUDV, 1989b, 2017).

Algumas vezes, quando nós íamos trabalhar na roça, ele entrava no mato e demorava. Muitas vezes, meu pai mandava eu ir negaceando, para ver o que ele estava fazendo ali. Eu ia negaceando, até onde estava e via: ele, com um pedaço de lápis e um caderno, escrevendo ajoelhado no chão. Não sei o que ele escrevia, porque eu não sabia ler. Ele escrevia bastante. Inclusive, no tempo de escola que ele teve, nos cadernos que eu vi, havia coisas interessantes, coisas importantes – uns detalhes, uma letra bonita. Muitas pessoas ignoravam que ele, com tão pouca escola, escrevia com tanta perfeição. (CEBUDV, 1992, p. 8).

Seus irmãos notavam que ele era um menino especial. Alfredo relembra ainda que Mestre Gabriel aprendera as primeiras letras com parentes que sabiam ler e que uma vez chegou a ir a uma escola por apenas um mês, mas deixou de frequentá-la argumentando com seus pais que o professor não tinha mais o que ensinar para ele, pois aquele só sabia as quatro operações, e ele sabia mais do que isso (NETTO, 2017).

Ele foi uma pessoa diferente. Teve muito pouco tempo de escola. Teve dois professores, pessoas dali mesmo, da família, que sabiam ler e escrever. Na escola, foi pouco tempo. O professor reclamou dele, ele não gostou e então saiu da escola.

<sup>17</sup> Disponível em: <http://www.udv.org.br>. Acesso em: 18 abr. 2017.

<sup>18</sup> Seus 13 irmãos eram: João, Dionísio, Otacílio, Pedro, Romão, Maria, “Miúda”, José Gabriel, “Sinhá”, Alfredo, Antônio, Maximiano, Hipólito (CEBUDV, 2017).

Meu pai reclamou e perguntou por que ele tinha saído, que ele tinha que estudar. E ele disse que não ia mais com aquele professor, porque ele não tinha nada para ensinar para ele. Ele achava que sabia mais que aquele professor, embora não tivesse mais que 30 dias de aula. Então, meu pai reclamou: ‘Mas como fez isso, rapaz, se você não sabe nada?’. E ele: ‘Eu não vou lá com seu Manoel porque ele não sabe de nada. Sabe quatro operações e eu sei mais do que isso’. E não foi. (CEBUDV, 1992, p. 8).

Segundo Alfredo, José, ao se confessar com o padre de nome Orlando, fez algumas orações que este não conhecia, deixando-o impressionado, ao ponto de ir falar com sua mãe e dizer-lhe que havia ficado bobo.

Minha mãe era muito devota e zeladora da igreja, onde gente congregava e ia à missa. E ela tinha o capricho de levar os filhos para fazer a primeira; a segunda e terceira comunhões. E justamente, não sei se na segunda ou terceira comunhão, ele representou alguma coisa ao padre, que eu não sei o que possa ter sido, que o padre ficou abismado. Ele se confessou e na confissão contou ao padre um assunto religioso – não foi uma história qualquer, certamente – que o padre ficou espantado. Depois, o padre passou a dizer à minha mãe: ‘Dona Prima, aquele menino seu é qualquer coisa. A senhora cuide daquele menino, que ele é bem diferente. Ele me representou lá um ato que eu fiquei bobo. Não sei... Onde é que aquele menino esteve?’. E minha mãe: ‘Não, ele não sai de casa, trabalhando junto com os outros, indo à escola, escolinha fraca...’. E o padre: ‘É. Aquele menino tem qualquer coisa’. Chamava-se Padre Orlando, um italiano. (CEBUDV, 1992, p. 8-9).

Nas novenas era sempre chamado para cantar os benditos, típicos do catolicismo popular, pois, além de saber cantá-los, tinha uma bonita voz (BRISSAC, 1999).

Ele não era homem de só andar com nome de Deus na boca. Mas ele gostava de rezar. Nossa tia era uma rezadeira, tia Rosa, rezadeira de terço, naquelas casas. Então, o pessoal vinha chamá-la para rezar. E ele, por ter a voz bonita para cantar – e lá tinham aqueles ‘Benditos’ –, minha tia levava ele [*sic*]. E ele tinha aquele catecismo que os padres davam para a gente se preparar. Pois aquele catecismo ele sabia de cor. E sabia aquela ‘Ladainha’; ‘Salve-Rainha’. Ele rezava cantando. O pessoal vinha sempre chamar pras [*sic*] novenas de Santo Antônio e as do Mês de Maria, que eram dois meses de festa. Ele acompanhava tudo. Então, era uma pessoa devota. Lá em casa, tinha uma grande festa, que meu pai comemorava mesmo, era aquela chegada; era o seis de janeiro. Chamava-se marujada. Eles representavam aqueles tempos de Reis Magos. (CEBUDV, 1992, p. 9).

Outra característica apontada por Alfredo é que Mestre Gabriel, desde pequeno, tinha um senso de retidão, ao ponto de chamar a atenção de pessoas mais velhas que estivessem fazendo algo errado (NETTO, 2017).

Exato. Ele gostava de brincar, era divertido mesmo: gostava de montar em burro brabo, montar de costas, de frente, era uma farra. Mas era uma pessoa direita. Não gostava de nada torto. Se visse uma pessoa fazer uma coisa errada, mesmo sendo ele um garoto, ele reclamava. Mesmo sendo a pessoa mais velha, em idade de dar conselho para ele. Nunca gostou das coisas erradas. (CEBUDV, 1992, p. 8).

Também sabia fazer repentés. Sua família o tinha como um bom menino, que tinha um jeito alegre, e seus repentés não ofendiam as pessoas, o que o tornava querido pela comunidade.

Era uma pessoa muito boa, desde criança. Todo mundo gostava dele. Às vezes, o pessoal mais velho se reunia – e o novo também –, quando era dia de amarrar o fumo (meu pai tinha lavoura de fumo), e passava uma noite alegre, dando risada, daquele modo dele (fazer repente). Ele nunca fazia nada (nos seus repentés) para uma pessoa ter ódio dele. Porque há muita gente que faz poesia que uns gostam, mas que outros têm ódio. Com ele, não, tudo o que ele fala agradava a todo mundo. (CEBUDV, 1992, p. 8).

Esse talento pode ser ilustrado em sua infância quando respondeu com um versinho a seu pai que estava adoentado e irritado com a demora dos filhos em se levantar pela manhã e pegara uma tira de couro de vaca para açoitar os filhos.

Ele era bom para dormir. Tinha um sono pesado. Aliás, todos nós. Meu pai era um homem doente. Sofria de bronquite. Quando era naquelas ocasiões, aqueles quartos de lua, a bronquite atacava. E ele não dormia: ficava sentado, num banco, minha mãe colocava travesseiros na mesa e ele ficava ali. Não conseguia dormir. O dia amanheceu e José não acordou. Precisava trabalhar. Meu pai chamou, chamou e ele não acordava. Ele tinha matado uma novilha preta, tirado o couro e esticado. E estava ali junto dele. E meu pai chamou: ‘José, José’. E ele nada. Aí meu pai pegou o couro e deu uma lambada nele. Quando ele sentiu a pancada no lombo, pulou e já saiu pro [*sic*] lado de fora. Aí alguém gritou para ele: ‘Toma, vai dormir’. Ele respondeu em verso: ‘O couro da vaca preta é um couro excelente. Acorda quem tá dormindo e alegre quem tá doente!’. Mesmo apanhando, era bem-humorado. Não tenho lembranças dele reclamar da vida, dizer que as coisas estavam difíceis. E eu estive com ele até ele fazer 18 anos. (CEBUDV, 1992, p. 9).

Na adolescência, ele auxiliou uma mulher que estava tendo dificuldades no parto. A parteira estava preocupada com a vida da mãe e da criança; quando ela já não sabia o que fazer, ele entrou no quarto, pediu para todos se retirarem e rezou a oração “Salve-Rainha” até a parte que diz: “[...] bendito fruto do vosso ventre”. Quando saiu do quarto, chamou as parteiras para receberem a criança (BRISSAC, 1999).

Enquanto esteve trabalhando no comércio, consertou a balança do seu patrão, que disse ao seu pai: “Manoel, vou te dizer uma coisa, aquele teu menino é mal-empregado aqui, aquela cabeça naquele corpo” (NETTO, 2017, p. 412).

Naquele tempo, era um atraso. Então, quando surgia alguma inteligência, causava admiração. Naquele comércio que ele trabalhava, estragou uma balança, marca Filizola. Então, eles acharam que seria preciso levar num lugar mais adiantado como Feira de Santana para desmontar a balança e achar o defeito. Ele, por conta dele, pegou a chave de fenda, abriu a balança e desmontou. Quando o patrão chegou, reclamou: ‘Mas, rapaz, você desmontou a balança – e depois? Você vai conseguir montar?’. E ele: ‘Se eu desmontei, é porque eu vou montar. Estou sabendo o que estou fazendo’. E o patrão: ‘É. Vamos ver’. E ele acabou achando onde estava o defeito e consertando a balança. Foi uma admiração para aquele povo, que dizia:

‘Puxa vida! Esse rapaz nunca trabalhou em parte alguma, só aqui nesse comércio, e fez um serviço desse’ (CEBUDV, 1992, p. 8).

Na mesma localidade, ele passou toda a sua infância e uma parte da sua juventude, indo em seguida morar em Salvador (BA), em 1942, aos 20 anos.

Num dia qualquer de 1942, dois rapazes – um de 18, outro de 20 anos – percorriam a poeirenta estrada que liga o modesto município de Coração de Maria a Feira de Santana, no interior baiano. Um deles de terno de linho claro, ia montado num burro, o outro, atrás, ia pé. Frequentemente, revezavam-se. Viagem longa e penosa, por uma esburacada estrada de barro. (CEBUDV, 1992, p. 6).

Na capital, foi trabalhar no comércio com seu irmão Dionísio e também como condutor de bonde. Nesse período, segundo relatos do seu irmão Antônio Gabriel, que chegou a ser mestre na União do Vegetal, passou por várias religiões em Salvador, como kardecismo, candomblé e umbanda, procurando a “realidade” (BRISSAC, 1999; LIMA, 2016; NETTO, 2017). Nos terreiros, ele “incorporava”<sup>19</sup>: a “entidade” Sultão das Matas se apresentou pela primeira vez no terreiro de Joãozinho da Gomeia, ainda em Salvador, quando ele recebeu<sup>20</sup> deste o título de “Pai de Terreiro” (RICCIARDI, 2008b).

Enquanto esteve trabalhando no comércio, consertou a balança do seu patrão, que disse ao seu pai: “Manoel, vou te dizer uma coisa, aquele teu menino é mal-empregado aqui, aquela cabeça naquele corpo” (NETTO, 2017, p. 412).

Naquele tempo, era um atraso. Então, quando surgia alguma inteligência, causava admiração. Naquele comércio que ele trabalhava, estragou uma balança, marca Filizola. Então, eles acharam que seria preciso levar num lugar mais adiantado como Feira de Santana para desmontar a balança e achar o defeito. Ele, por conta dele, pegou a chave de fenda, abriu a balança e desmontou. Quando o patrão chegou, reclamou: ‘Mas, rapaz, você desmontou a balança – e depois? Você vai conseguir montar?’. E ele: ‘Se eu desmontei, é porque eu vou montar. Estou sabendo o que estou fazendo’. E o patrão: ‘É. Vamos ver’. E ele acabou achando onde estava o defeito e consertando a balança. Foi uma admiração para aquele povo, que dizia: ‘Puxa vida! Esse rapaz nunca trabalhou em parte alguma, só aqui nesse comércio, e fez um serviço desse’ (CEBUDV, 1992, p. 8).

Nesse período, também jogava capoeira na praia de Amaralina, onde ficou conhecido como “Zé Bahia”. Por sua extrema habilidade, recebeu esse distinto apelido, que leva o nome do estado mais tradicional em capoeira. Era também considerado um excelente repentista, conhecido como “Canção de Fogo”, por sua forma rápida e criativa de responder

<sup>19</sup> Mais à frente, ele revelou que não existe incorporação, pois um corpo não pode comportar dois espíritos, e o que ele fazia era atuar. Posteriormente ele revelou para a sua companheira, que tinha grande fé nesta entidade, já tendo sido beneficiada com algumas curas: “O Sultão das Matas sou eu”.

<sup>20</sup> Quando se diz que ele recebeu o título de “Pai de Terreiro” de Joãozinho da Gomeia, significa que ele não precisou passar pelos rituais necessários e tradicionais de iniciação do candomblé, pois aquele reconheceu neste seu desenvolvimento espiritual (RICCIARDI, 2008b).

aos repentes trazendo alegria para as pessoas, fazendo sucesso em outros estados da federação (BRISSAC, 1999).

Era uma pessoa muito letrada, muito ativa, repentista. Tudo o que perguntavam para ele, no repente, ele não pensava para responder. E às vezes a pessoa pensava de que ele ia responder de um jeito e ele respondia de outro. Mas o que ele respondia encaixava sempre com a pergunta, era sempre certo. Por isso chamavam ele de ‘Canção de Fogo’, pela facilidade de criar repentes. (CEBUDV, 1992, p. 8).

Ainda retornou, em 1943, a Coração de Maria, para visitar seus familiares antes de partir para Rondônia (RO) como “soldado da borracha” (seringueiro) do Exército brasileiro, atuando com as “nações aliadas” durante a 2ª Guerra Mundial contra o avanço nazifascista (CEBUDV, 2017; FABIANO, 2012; RICCIARDI, 2008b).

Tendo-se alistado no “Exército da Borracha”, por volta de 1944 foi em direção ao Norte no navio Pará, da frota do Lloyd Brasileiro. Passando por Belém, Pará (PA), e chegando a Manaus, Amazonas (AM), embarca no navio Rio Mar com destino a Porto Velho (RO), então capital do Território Federal do Guaporé, hoje estado de Rondônia (BRISSAC, 1999; CEBUDV, 2017). Sobre essa viagem, José Avelino Santana, hoje conhecido como Conselheiro Baiano, deu um depoimento:

[...] nós nos encontramos no navio em Fortaleza. Aquele cidadão que eu também não conhecia ele, mas era um amigo e um irmão. E lá nós nos encontramos e procurei conhecer quem era aquele rapaz que, no lugar que ele chegava, era uma reunião de gente. Aqueles arigós ali se reuniam para escutar a palavra daquele senhor. Parecia assim um pastor, uma pessoa que todo mundo gostava de escutar o que ele falava. Ele falava umas coisas que a gente não encontrava na boca de outro camarada. E, quando ele falava, todo mundo juntava para escutar a palavra dele, era um homem que quando falava fazia uma roda de pessoas querendo escutar porque via que dali saía uma realidade, se [sic] encontrava uma realidade. Aí eu pensei: “Quem é esse cara?”. Aí uma pessoa disse: ‘É o Gabriel. Vem lá de Feira de Santana, na Bahia’. E eu, baiano também, comecei a conversar com ele, dialogar e encontrei uma pessoa que falava umas palavras de Deus, falava umas coisas boas. Então, procurei escutar o que ele falava. (NETO, 2017, p. 421-422).

Nesse mesmo ano, depois de uma viagem de três meses, ele passou alguns dias em Porto Velho, de onde foi, entre 1944 e 1946, para os seringais Bom Futuro e Triunfo. Começou ainda como “brabo”<sup>21</sup> até chegar ao ponto de ser um “tuxaua”<sup>22</sup>, aos 22 anos (BRISSAC, 1999; LIMA, 2016; NETTO, 2017).

No ano seguinte da sua chegada ao Norte do país, começou a realizar atendimentos com jogos de búzios e a frequentar o terreiro de Santa Bárbara, da Mãe Maria Esperança, e também o de São Benedito, da Mãe Chica Macaxeira, no qual exerceu o lugar de

<sup>21</sup> Seringueiro novato que não sabe cortar a seringa e sobreviver na floresta.

<sup>22</sup> Do tupi: significa cacique. No contexto dos seringais, refere-se ao seringueiro mais produtivo, capaz de retirar uma maior quantidade de seringa num menor tempo.

Ogã e pai de terreiro. Neste terreiro e nos seringais, desde a década de 1950, Mestre Gabriel atuava como Sultão das Matas (BRISSAC, 1999; RICCIARDI, 2008b).

Trabalhou em diferentes seringais, praticamente como escravo, pois não tiveram o auxílio governamental prometido; pelo contrário, foram submetidos a condições extremas de trabalho, o que exigia inteligência para sobreviver e se adaptar num ambiente tão diverso da sua origem. Os ganhos obtidos se destinavam ao pagamento das dívidas contraídas com hospedagem e alimentação, até que fugiu do seringal rumo à capital, buscando melhores condições de vida, onde trabalhou como auxiliar de enfermagem, motorista de caminhão e oleiro.

Depois do período de dois anos no seringal, foi para Porto Velho, em 1946, onde trabalhou com fornecimento de lenha para a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Também tinha uma taberna de bebidas e depois trabalhou como servidor público, auxiliar de enfermagem no Hospital São José, onde conheceu sua companheira, Raimunda Ferreira, conhecida como Pequenina – que tinha ido acompanhar uma amiga ao hospital –, com quem se casou no dia 10 de maio de 1947, tendo juntos 11<sup>23</sup> filhos.

Por se posicionar politicamente diante de dois partidos, o do Aluísio e o do Rondon, que disputavam as eleições para deputado federal, perdeu seu emprego de enfermeiro do hospital, pois era favorável ao Marechal Rondon, e quem venceu foi o Aluísio (BRISSAC, 1999). Nesse momento, decidiu retornar para o seringal “Bom Destino”, mesmo a contragosto de sua esposa, devido às dificuldades do lugar, a quem convenceu revelando estar indo em busca de um tesouro (BRISSAC, 1999).

Eu disse: ‘Não. O que é isso? Eu não nasci no seringal, em mato. Não quero criar meus filhos sem saber ler e escrever’. Ele disse: ‘É porque eu vou atrás de um tesouro’. Mas eu era uma pessoa de cabeça cheia de muitas coisas e achei que era uma riqueza material que ele ia achar, e nós ia [sic] enricar, ter uma vida de rosa. Então, quando ele disse que ia, eu disse: ‘Então, vamos’. Então, eu digo que esse tesouro que ele encontrou junto comigo e os dois filhos, para mim, é um tesouro tão maravilhoso que dinheiro nenhum não paga essa felicidade. Se no começo gente não recebeu ainda o que merece, é melhor a gente receber na idade mais velha. Na mocidade, a gente sabe lutar. Então, este tesouro, que é a União do Vegetal, tem me amparado. Para mim, é uma felicidade estar aqui, pedindo a Deus e a ele, Mestre Gabriel, que me segure neste caminho’. (CEBUDV, 1995, p. 7).

Nessa vida árdua na floresta, Gabriel ainda chegou a sofrer um acidente durante uma pescaria, quando pisou numa arraia e levou uma ferroadada, chegando a ficar um ano e dez meses sem poder andar, o que tornou sua companheira responsável pelo sustento da casa

---

<sup>23</sup> Getúlio, Jair, Jandira, Carmiro, Benvino, Róseo (José Gabriel da Costa Filho), Carmiranda, Abomir, Salomão, Vicente e Maria das Graças.

(BRISSAC, 1999). Ao recuperar sua saúde e quitar suas dívidas, quando se recuperou, partiu para morar no seringal Orion, onde abriu um terreiro e ficou bastante conhecido na região, em vários seringais, por realizar curas espirituais e físicas, com a utilização do seu conhecimento da medicina da floresta, e também por indicar o local para os seringueiros acharem a caça (BRISSAC, 1999).

No período entre 1950 e 1958, ele realizou algumas idas e vindas entre a capital e os seringais, com seu objetivo de “encontrar o tesouro”, sem êxito, ao mesmo tempo que tinha que manter sua sobrevivência (CEBUDV, 2017).

Quando se mudaram para outro seringal, Pequeninina ficou sabendo da existência do chá *Ayahuasca*. Ela avisou o Mestre Gabriel, que foi atrás de quem o distribuía na região, mas essa pessoa negou-lhe o chá. Quando questionado do motivo, ele respondeu: “[...] aquele baiano sabe aonde as andorinhas dormem”, de modo que, caso Gabriel bebesse, “passaria” dele. Outro seringueiro, em outro momento, também lhe negou o chá pelo mesmo motivo (BRISSAC, 1999).

Na Floresta Amazônica, de 1959 a 1964, viveu com sua família nos seringais Guarapari e Sunta (localizado na Bolívia, na fronteira com o Brasil), às margens do rio Abunã. No seringal Guarapari, numa colocação de nome Capinzal, o seringueiro Chico Lourenço lhe deu o chá no dia 1º de abril de 1959 (BRISSAC, 1999; FABIANO, 2012).

Com Chico Lourenço, ele bebeu apenas três vezes o chá, já o corrigindo em algumas delas durante a “sessão”, frente a alguns comentários equivocados, como quando este afirmou ser “conhecedor dos fins dos encantos”<sup>24</sup>, e Mestre Gabriel o corrigiu, dizendo que “os encantos (da Natureza Divina) não têm fim”, ao que Chico Lourenço reconheceu seus erros na mesma hora (BRISSAC, 1999).

Depois, Mestre Gabriel teve de levar seu filho que estava doente para a Vila Plácido, no Acre, lá passando 40 dias. Quando retornou, trouxe cipó e folhas e disse à mulher que iria preparar o chá. Ela argumentou que, com Chico Lourenço, que já era experiente, eles haviam tido uma experiência difícil. Foi quando ele lhe respondeu: “Sou Mestre, Pequeninina, e vou preparar o Mariri” (BRISSAC, 1999).

Assim, após esse contato com o chá, já em 1961, no seringal Sunta, durante um preparo do chá *Hoasca*<sup>25</sup>, juntamente com sua família e poucos sócios na remota floresta, ele

<sup>24</sup> Encantos são mirações (imagens) especiais que são vistas sob o efeito do chá.

<sup>25</sup> Conhecido no meio científico e no período do império inca como “*Ayahuasca*”, que significa “vinho da alma” em quéchua, este chá é produzido a partir da união pela decocção de dois vegetais, o mariri (*Banisteriopsis caapi*), um cipó que é macerado em pedaços, e a chacrona (*Psychotria viridis*), uma árvore da qual são retiradas algumas folhas).

declarou (re)criada<sup>26</sup> a União do Vegetal, que ficou conhecida também como UDV, ou simplesmente “União”. Assim ele se tornou conhecido como Mestre Gabriel.

Em 1964, mudou-se para Porto Velho, onde deu seguimento ao seu trabalho. Distribuía o Vegetal em sua própria residência, na rua Abunã, número 1215. Lá montou uma Olaria, na qual vendia tijolos, como fonte de renda para garantir a subsistência da sua família. Assistiu ainda à criação do segundo núcleo, em Manaus, de onde previu que a União iria “circular o mundo”. Em aproximadamente dez anos (três anos e seis meses no seringal e seis anos e nove meses em Porto Velho), a UDV foi criada e difundida.

Uma coisa que é a grande mensagem de Mestre Gabriel, eu tenho impressão foi a vida dele como pessoa. A dedicação dele à União. Em todos os momentos da vida dele, estava inteiramente entregue à União do Vegetal, servir as pessoas, atender às pessoas. Todos os momentos da vida do Mestre Gabriel foram dedicados à União do Vegetal. Dedicados a nos ensinar o que foi preciso ensinar. Criar essa sociedade com o pensamento de fazer uma paz no mundo, essa fraternidade universal. Unir as famílias, unir as pessoas. Unir os desunidos mesmos. Essa que é uma das grandes mensagens de Mestre Gabriel. (M. Nonato). (CEBUDV, 1993, p. 13).

No fim do ano de 1970, no dia 5 de novembro, por conta de uma tuberculose, ele foi a Fortaleza em busca de recuperar sua saúde no Hospital de Messejana. No tempo em que lá esteve internado, durante quatro meses, chamou a atenção da equipe médica e dos pacientes por suas histórias, por acalmar os pacientes e resistir à sua própria dor. Foi apelidado de “São Gabriel” e eleito “representante” dos pacientes num conselho comunitário existente no hospital. O médico que o acompanhou, Elias Salomão, contou o seguinte:

Eu me lembro que tinha um conselho comunitário dentro do hospital. José Gabriel era um aconselhador, era uma pessoa mansa. Ele fazia umas reuniões, sentava no meio de uma roda e as pessoas ficavam conversando com ele, as pessoas ficavam fazendo perguntas a ele. Ele conseguia acalmar os pacientes e eu conseguia trabalhar com tranquilidade... Eu achava ele [*sic*] um bom psicólogo porque ele falava e as pessoas ficavam atentas. Eu achava que ele deveria ter um grau intelectual melhor que os circunstantes dele. (NETTO, 2017, p. 422).

Diagnosticado com um tumor cerebral quando estava em Manaus, possivelmente em virtude de uma queda levada ainda na juventude, diante de fortes dores, sem demonstrar sofrimento<sup>27</sup>, viajou para Brasília em 21 de setembro em busca de tratamento no Hospital de Base. Às 18 horas do dia 24 de setembro de 1971, desencarnou com apenas 49 anos, mas

<sup>26</sup> (Re)Criada, pois, com base no princípio da reencarnação, ela já teria existido, tendo sido criada por ele em outro momento da História.

<sup>27</sup> O tumor, ao ser diagnosticado por uma junta médica, apresentava dimensões incomuns, o que levaria uma pessoa ao estado de coma, segundo avaliação médica. Entretanto, ele se encontrava lúcido e conversando até seu derradeiro momento encarnado.

cumpriu sua missão espiritual ao (re)criar a UDV (CEBUDV, 1989b, 2015, 2017; LIMA, 2016).

### 3.2 Breve história do CEBUDV

O CEBUDV é uma religião cristã e reencarnacionista, sem fins lucrativos, fundada na década de 1960 por José Gabriel da Costa, na Floresta Amazônica, que tem como objetivo, de acordo com o artigo 1º do seu Estatuto: “[...] trabalhar pela evolução do ser humano no sentido do desenvolvimento de suas virtudes morais, intelectuais e espirituais, sem distinção de cor, ideologia política, credo religioso ou nacionalidade” para a construção da paz no mundo. O símbolo da União é: luz, paz e amor (CEBUDV, 1989b, 2008).

União do Vegetal é um caminho de transformação. Se nós queremos nos religar, viver em harmonia constante com a Força Superior, com Deus, com o Mestre, com o Amor, a Justiça, a Firmeza, temos que procurar a transformação das coisas que estão sujeitas a nos atrapalhar. Temos que ir nos libertando das dificuldades para conseguirmos uma vida melhor, em termos materiais e espirituais. (Mestre Monteiro). (CEBUDV, 1989b, p. 7).

Esse desenvolvimento é obtido através de um processo de ampliação da capacidade de “concentração mental” através do uso ritualístico-religioso do chá *Hoasca* (ou Vegetal), juntamente com a transmissão oral dos ensinamentos e da doutrina do Mestre Gabriel. O chá serve, assim, como um veículo “comprovadamente inofensivo à saúde que os sócios bebem de livre e espontânea vontade” e que leva a um autoconhecimento e a uma possibilidade de transformação positiva, equilibrada, gradual e constante com a busca de fidelidade aos ensinamentos do “Divino Mestre Jesus”, buscando o “amor ao próximo” e a “prática fiel do bem” (BERNARDINO-COSTA, 2011; CARVALHO, 2005; CEBUDV, 2017).

O que eu desejo para todos é que procurem ter, cada vez mais, responsabilidade com a União do Vegetal, com os ensinamentos da União, com a prática fiel que o Mestre Gabriel recomenda, para que a União do Vegetal possa continuar firme no seu lugar. Que a gente se coloque em sintonia com o Mestre para receber dele a orientação necessária. Cada um nas suas atribuições, recebendo do Mestre a sintonia verdadeira do grande equilíbrio universal na vida, e a prática fiel do bem, constante nos deveres, a gente pode dar um passo muito bonito para frente. Com amor verdadeiro, uns pelos outros. E estar constantemente ligado ao Mestre Gabriel, porque é a única solução para nós termos o equilíbrio. Eu desejo isso a todas as pessoas, independente dos cargos que estão ocupando, para a gente sentir a grandeza da fortaleza do Mestre Gabriel na nossa vida (Mestre Zé Luiz). (CEBUDV, 2019a, p. 9).

Tal desenvolvimento se reflete na participação ativa dos sócios nas atividades do centro, composto por diversos departamentos. Uma vez que se trata de uma sociedade organizada, sem intuito comercial ou fins lucrativos, todas as atividades desenvolvidas têm

caráter voluntário (grande parte em regime de mutirões), assim seus dirigentes não recebem nenhum tipo de remuneração e são eleitos para um mandato de três anos (CEBUDV, 2018).

### 3.2.1 Contexto histórico

No período da 2ª Guerra Mundial, milhares de brasileiros, a grande maioria das regiões do semiárido do Nordeste, foram recrutados pelo Exército brasileiro para ir à Amazônia, onde se tornariam “soldados da borracha” (seringueiros) na extração do látex da seringueira, matéria-prima para a confecção da “borracha”, na participação do Brasil junto às “nações aliadas” contra o avanço nazifascista. José Gabriel da Costa era um destes. Com 21 anos, alistou-se como soldado da borracha e partiu para Porto Velho, então capital do Território Federal do Guaporé, hoje estado de Rondônia, em busca de um “tesouro” (CARVALHO, 2005; CEBUDV, 2017; FABIANO, 2012).

Lá conheceu e casou-se com Raimunda Ferreira da Costa, a “Pequenina”. Na Floresta Amazônica, de 1959 a 1964, viveu com sua família nos seringais Guarapari (colocação Capinzal) e Sunta, localizados na fronteira do Acre (AC) com a Bolívia, onde teve o primeiro contato<sup>28</sup> com o chá *Hoasca* no dia 1º de abril de 1959, recebido das mãos de outro seringueiro, de nome Chico Lourenço. Nesse primeiro contato com o chá, já demonstrou ter domínio sobre seus efeitos, pois, após ter bebido apenas três vezes e passar cerca de 30 a 40 dias no Rio Branco (AC), por ter levado seu filho ao médico, voltou para casa com alguns pedaços do cipó mariri e folhas de chacrona, com os quais preparou o chá, chegando ao ponto de ele mesmo iniciar, de maneira informal, sua distribuição para familiares e amigos, que o reconheceram como mestre (ANDRADE, 1995; CEBUDV, 2017; NETTO, 2017).

Quando eu e o Mestre Gabriel fomos pela primeira vez para a floresta, encontramos com este grande tesouro que é a União do Vegetal. A gente morava numa cabana, arrodada de floresta. Bebia o chá e escutava só o canto dos passarinhos e o som dos outros animais (Mestre Pequenina). (CEBUDV, 1996, p. 3).

---

<sup>28</sup> O chá é bastante utilizado por indígenas, caboclos e seringueiros na Região Amazônica, com os fins mais diversos e de acordo com suas concepções e necessidades, que iam desde o uso recreativo, de entretenimento, sendo conhecido popularmente como “cinema de índio”, em função das imagens visualizadas sob o efeito do chá (mirações), passando pela necessidade dos índios de encontrar a caça, que era indicada através das visões de onde ela se encontrava na floresta, até o seu uso em rituais de cura ou de magia na “linha negra”. Os seringueiros, vindos de outras terras, utilizavam o chá para visitar seus familiares e sua terra natal, nas mirações, e, assim, diminuir a saudade (CRAVEIRO DE SÁ, 2015).

Em pouco mais de dois anos (abril de 1959 a julho de 1961), recorda sua missão de (re)criar<sup>29</sup> a União do Vegetal (CEBUDV, 1989b) e a faz juntamente com sua família e um grupo diminuto de pessoas, na remota floresta, à margem dos grandes centros da época, no seringal Sunta, do lado boliviano, na altura do estado do Acre, “coração” da Amazônia, em 22 de julho de 1961. A partir de então, a União do Vegetal passou a ser conhecida também como UDV, ou simplesmente “União” (CARVALHO, 2005; CEBUDV, 2017; GENTIL, L.; GENTIL, H., 2004; NETTO, 2017).

A União do Vegetal professa a crença de que, de tempos em tempos, de acordo com a necessidade, o Poder Superior (isto é, Deus) envia espíritos à Terra com a missão de orientar os homens e reconduzi-los ao caminho reto. A Bíblia nos dá notícias de vários desses personagens. Entre outros, Noé, Moisés, Salomão, Jó. No Oriente, Buda e Krishna são alguns exemplos. Jesus, dentro dos ensinamentos da União do Vegetal, é a própria Divindade. Todos vieram cumprir sua missão espiritual. (CEBUDV, 1989b, p. 35).

Desde esse tempo, alguns se tornariam seus discípulos, como sua companheira, Pequenina, e seu filho Jair, junto com um conjunto de (hoje) mestres que compõem o “Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel”, responsável pela fidelidade e preservação do corpo doutrinário. Mestre Gabriel reunia regularmente os primeiros seguidores e, durante dez anos (1961-1971), formou 23 mestres<sup>30</sup>, instaurando a tradição da transmissão oral de sua doutrina, dos ensinamentos e dos processos de fundação e consolidação da sua instituição com o uso ritualístico religioso do chá *Hoasca* (CEBUDV, 2017; NETTO, 2017).

Em 6 de janeiro de 1962, realizou uma sessão com 12 outros mestres que já faziam uso ritualístico do chá na Vila Plácido, estado do Acre, em que eles o reconheceram como mestre superior. No dia 1º de novembro, dentro de uma sessão, fez a Confirmação da União do Vegetal no Astral Superior, validando sua sacralidade. Em 31 de dezembro de 1964, mudou-se definitivamente para Porto Velho, território de Rondônia, onde deu seguimento ao seu trabalho na busca de organização, estruturação e crescimento dessa religião. Assistiu à

<sup>29</sup> Re(criar): a doutrina do CEBUDV ensina que esta é uma religião que já esteve presente em outros momentos da história da humanidade, desde os tempos idos do rei bíblico Salomão. Entretanto, das outras vezes, permaneceu neste plano apenas temporariamente, por diversos motivos. Desta vez, segundo Mestre Gabriel, “[...] está plantada definitivamente na face da Terra”.

<sup>30</sup> Manoel Severino Félix (M. Pernambuco), Raimundo Ribeiro das Chagas (M. Bacurau) e Raimunda Ferreira da Costa (M. Pequenina); Waldemar Santos (M. Santos), Modesto Alves de Souza (M. Modesto), Manoel Nogueira da Silva Manoel Nogueira), Hilton Pereira Pinho (M. Hilton), Florêncio Siqueira de Carvalho (M. Florêncio), Raimundo Carneiro Braga (M. Braga), Antônio Domingo Ramos (M. Ramos) e José Luiz de Oliveira (M. Zé Luiz). Raimundo Pereira da Paixão (M. Paixão), Raimundo Monteiro de Souza (M. Monteiro), Bartolomeu Pinheiro do Nascimento (M. Bartolomeu) e Napoleão Víctor de Oliveira (M. Napoleão); Francisco Adamir de Lima (M. Adamir), João Ferreira de Souza (M. Joanico), Messias Paula de Sá (M. Messias), Francisco Herculano de Oliveira (M. Herculano), Roberto Souto Maior (M. Roberto Souto), Francisco dos Anjos Feitosa (M. Sidon), Raimundo Nonato Marques (M. Nonato) e Cícero Alexandre Lopes (M. Cícero) (NETTO, 2018).

criação do segundo núcleo em Manaus, em 11 de setembro de 1971, onde previu que a União iria “circular o mundo”. No dia 24 de setembro de 1971, “desencarnou” (faleceu) em Brasília (BRISSAC, 1999, CARVALHO, 2005; CEBUDV, 2015, 2017; GOULART, 2005).

### 3.2.2 *Processo de regulamentação, institucionalização e expansão*

Esta religião apresenta um aspecto diferenciado de grande parte das religiões convencionais, a saber: o uso de um chá psicoativo como parte central de sua liturgia, o que gera incompreensão e resistência por parte da sociedade quanto ao seu uso, em parte justificadas por ser um:

Assunto de escassa bibliografia, diz respeito à vida de milhares de pessoas que, na prática sincera de suas religiões e culturas, ainda são tratadas como usuários de substâncias entorpecentes e drogas alucinógenas, e, nessa qualidade, têm sido vítimas históricas de preconceito e discriminação. (CEBUDV, 2018, p. 18).

A utilização desse chá entre os povos originários da bacia amazônica é uma prática antiga, que antecede a chegada dos europeus em nosso continente, em 1492. Enquanto utilizada apenas no âmbito de origem dessas plantas, na Floresta Amazônica era tida como uma prática nativa, inofensiva, de indígenas e caboclos da floresta que a denominavam como *yagee*, *caapi*, cipó (e outros).

Quando [...] na década de 1970, deu-se a expansão do uso ritualístico da Hoasca para além das fronteiras da Amazônia, com a formação de diversas comunidades urbanas usuárias do chá, tanto na UDV quanto em outras entidades de cunho religioso, começaram a surgir os primeiros questionamentos das autoridades públicas em relação ao uso do Vegetal em rituais religiosos. (CEBUDV, 2017, s.p.).

Desde diversas tribos indígenas da Amazônia até praticantes do neoxamanismo urbano fazem uso do chá (LABATE, 2005). Existem atualmente três religiões reconhecidas que fazem uso ritualístico do chá *Ayahuasca*, tendo assegurado seu direito à livre expressão religiosa, conforme preconizado no artigo 5º, inciso VI, da Constituição Federal de 1988. Essas religiões fazem uso da *Ayahuasca* por estarem de acordo com a norma do país, sendo elas: “Santo Daime”, fundada por Mestre Irineu na década de 1930; “Barquinha”, idealizada por Daniel Pereira de Matos em 1945; e “União do Vegetal”, criada por José Gabriel da Costa em 1961 (RICCIARDI, 2008). Apesar do uso comum do chá *Ayahuasca*, diferem entre si quanto ao ritual, ao funcionamento, à estrutura e à doutrina (ANDRADE, 1988).

Quando Mestre Gabriel e seus discípulos se mudaram para Porto Velho, em 1964, lutaram contra preconceitos da sociedade e perseguições por parte da polícia, em virtude do uso do chá *Hoasca*, devido à “[...] controvérsia em torno do chá – que, já então gerava ataques

equivocados – levou Mestre Gabriel a enfrentar dificuldades junto às autoridades. Em 1967 Mestre Gabriel chegou mesmo a ser preso, mas foi solto no dia seguinte, após ser interrogado” (CEBUDV, 1989b, 2018, s.p.).

Os discípulos se revoltaram e quiseram processar judicialmente o delegado que havia prendido o Mestre. Mestre Gabriel, em vez disso, resolveu criar uma associação para resguardar o direito ao uso do chá, chamada de Associação Beneficente União do Vegetal, tendo sido redigida uma defesa pública da União, publicada no jornal *Alto Madeira*, intitulada “Convicção do Mestre<sup>31</sup>”, que é lida até hoje nas sessões (MIKOSZ, 2014). Esse processo de institucionalização é compreendido na literatura científica da seguinte forma:

Tais movimentos sociais seriam o resultado dos conflitos gerados entre as multidões. Mas este resultado deveria ser equacionado pelos líderes, como focos dinamizadores de mudanças sociais. Os líderes não seriam as causas – estopins – dos movimentos, mas sim agentes apaziguadores. Suas tarefas seriam desmorrar o conflito, dissolver o movimento. Como? Transformando-o em instituições sociais por meio do equacionamento das demandas em questão. (GOHN, 1997, p. 29).

Na década de 1970, a Divisão de Segurança e Guarda do Território do Guaporé (atual estado de Rondônia) suspendeu as atividades da UDV. Com o passar do tempo, devido a essa reiterada perseguição policial, viu-se a necessidade de institucionalização, registrando o CEBUDV, que surgiu consistindo em uma diretoria eleita por votação direta em assembleia geral e que funciona seguindo o padrão das modernas instituições democráticas do país. Em 1982, decidiu-se pela transferência da sede do CEBUDV da cidade de Porto Velho para Brasília, objetivando uma melhor logística, organização e segurança da instituição (CEBUDV, 2017; MIKOSZ, 2014; NETTO, 2017).

Um movimento se institucionaliza quando alcança um alto grau de estabilidade interna, ganha posição reconhecida dentro de uma sociedade mais ampla, passa a ter algumas funções nela e estabelece algumas áreas de competência. A institucionalização impõe estabilidade emocional ao movimento e um de seus aspectos chaves [*sic*] é determinar procedimentos e condutas para o grupo. Os autores concluem que todos os movimentos podem vir a ter caráter institucionalizado. (GOHN, 1997, p. 44).

As incompreensões continuaram e, em 1985, o chá passou a ser considerado uma substância proscrita pelo Divisão Nacional de Vigilância Sanitária de Medicamentos (Dimed). Entretanto, após requerimento do CEBUDV, constatou-se que não havia comprovações legais e que tal medida feria princípios fundamentais, levando o órgão a rever sua decisão. Isso fez com que o Conselho Federal de Entorpecentes (Confen) montasse um grupo de trabalho para investigar o chá: “O Grupo de Trabalho do Confen desenvolveu um exame criterioso do

---

<sup>31</sup> “Convicção do Mestre” faz parte de um conjunto de documentos que são lidos nas sessões de escala.

assunto, visitou as seitas e constatou, ao contrário, que nelas, a obediência às leis é ressaltada, às vezes com regras e normas bastante rígidas” (CEBUDV, 1991a, p. 4).

Nesse sentido, visando à segurança institucional, um grupo de profissionais da saúde, sócios do CEBUDV, buscou informações científicas sobre o chá, no sentido de se resguardarem em face de novos desentendimentos. Surgiu, assim, o Centro de Estudos Médicos, atual Departamento Médico-Científico (Demec) da UDV, que, desde sua fundação, incentivou e intensificou os estudos científicos sobre o tema em colaboração com o centro até os dias atuais (CEBUDV, 2017).

Na sequência, com a mudança de diretores, o Confen impôs restrições que mais uma vez feriam o direito fundamental à liberdade de culto. O CEBUDV recorreu ao Ministério Público e, em face de comprovações científicas da inofensividade do chá, este conquistou a legalização do seu uso ritualístico-religioso em Resolução do Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (CONAD) número 5, do dia 4 de novembro de 2004 (CEBUDV, 2018).

A UDV caracteriza-se pelo seu alto nível de organização institucional e participação social nas inter-relações com o Estado e com os demais grupos *ayahuasqueiros*, como será demonstrado no processo de normatização da *Ayahuasca*, e pelo seu caráter expansionista. Sua capacidade de organização possibilitou e ainda possibilita uma constante interlocução com o Estado na busca por liberação e regulamentação, o que facilita sua expansão nacional e internacionalmente. Sendo assim, alcançou a autorização legal de fazer uso do chá em contexto ritual, uma vez que se trata de uma religião reconhecida legalmente (RICCIARDI, 2008b).

O CEBUDV assume, assim, um papel histórico de protagonismo na defesa do uso ritualístico-religioso do chá, prestando os esclarecimentos necessários, sempre demonstrando respeito às leis do país e se posicionando terminantemente contra sua comercialização ou qualquer fim lucrativo e seu uso associado com quaisquer outras substâncias que sejam nocivas à saúde. Em face de seu caráter beneficente, recebeu, em 22 de julho de 1999, o título de Utilidade Pública Federal, bem como vem recebendo constantemente homenagens em várias federações brasileiras. Nos seus 50 anos de existência, a União foi homenageada em Sessão Solene na Câmara dos Deputados em reconhecimento aos serviços prestados ao povo brasileiro (CEBUDV, 2018).

Atualmente se encontra com 215 núcleos e mais de 21.000 sócios dos mais diversos matizes socioeconômicos e culturais, além de 8.200 crianças e jovens que frequentam o núcleo, a maioria filhos dos associados. Está presente em todos os estados

brasileiros e em mais dez países,<sup>32</sup> contando com 4.500 dirigentes, que exercem sua função voluntariamente, cumprindo aos poucos o que previra Mestre Gabriel (CEBUDV, 2019b).

Ciente da diversidade de leis existente em outros países, o CEBUDV se coloca em diálogo com as autoridades de cada país para que seus cidadãos possam obter licença para exercer sua liberdade religiosa com segurança. “E ele sempre dizia que era muito difícil as autoridades fecharem as portas da União do Vegetal porque ele não estava fazendo nada de errado” (Mestre Braga)” (CEBUDV, 1991a, p. 1).

Mestre Gabriel é tido por seus seguidores como um homem fiel, com retidão moral, que cumpre os seus deveres, praticando aquilo que prega, como alguém que ensina a importância da transformação de si e da convivência em grupo (mutirões) em prol do crescimento da União, no sentido de trazer uma paz para o mundo.

### **3.2.3 Pesquisas científicas sobre os efeitos do uso ritualístico-religioso do chá**

Os estudos científicos realizados, como os de Bernardino-Costa (2011), Callaway *et al.* (1994, 1996, 2011), Doering-Silveira *et al.* (2005), Grob *et al.* (1996, 2004), Miranda (1995), Rios *et al.* (2005) e Silveira *et al.* (2005), a respeito dos efeitos bioquímicos, físicos e mentais produzidos pela ingestão do chá *Hoasca*, vêm suprimindo uma lacuna existente e cumprem um papel importante no processo de institucionalização, regulamentação e liberação de seu uso ritualístico-religioso no Brasil e no exterior, como foi explicitado anteriormente, pois serviram como subsídios para as conquistas no campo político e jurídico (CEBUDV, 2018).

Consciente da verdade contida nas palavras do Mestre da União – ‘O Vegetal é comprovadamente inofensivo à saúde’ – e observando a necessidade de assegurar aos seus filiados o direito de uso do Vegetal em seus rituais religiosos, a Direção do Centro instituiu, em 1986, o Departamento Médico-Científico - Demec, criado para atuar como um canal permanente de relacionamento da UDV com a comunidade acadêmica. (CEBUDV, 2017, s.p.).

O CEBUDV se mantém, assim, disposto a colaborar com pesquisas acadêmicas nacionais e internacionais que possam prestar quaisquer esclarecimentos para a sociedade sobre essa prática religiosa e seus benefícios (CEBUDV, 2017). Desde 2004, o CEBUDV possui uma comissão científica (UDV-Ciência) para acompanhar as pesquisas que tenham como tema o chá e essa sociedade (Ver Anexo B).

---

<sup>32</sup> Estados Unidos, Canadá, Peru, Suíça, Espanha, Portugal, Itália, Austrália, Reino Unido e Holanda.

O chá *Hoasca* é feito a partir do cozimento por decocção de duas plantas: o cipó mariri (*Banisteriopsis caapi*) e a folha do arbusto chacrona (*Psychotria viridis*). A partir da ação sinérgica dos princípios ativos presentes nesses vegetais, as betacarbolinas, que são inibidores da monoaminoxidase (MAO) encontrados no fígado e no intestino, possibilitam que a dimetiltripatamina (DMT) penetre na corrente sanguínea e alcance a glândula pineal, produzindo um efeito psicoativo (NETTO, 2017).

Ingerida isoladamente, por via oral, a DMT teria poucas chances de chegar ao cérebro, pois suas moléculas são rapidamente quebradas por uma enzima, a MAO (monoaminoxidases), presente em diversos tecidos humanos, especialmente o fígado. É aí que entram em ação as betacarbolinas do chá. Elas inibem a ação da MAO, ocupando-se das enzimas e permitindo que, por algumas horas, a DMT possa agir depois de chegar ao cérebro. Tecnicamente, portanto, não há como negar que esse chá é uma mistura inteligente. (CEBUDV, 1991b, p. 7).

Assim, proporciona-se um Estado Ampliado de Consciência (EAC).

[...] o jurista Domingos Bernardo Gialluisse da Silva de Sá, que presidiu o grupo de estudos nomeado pelo Confen, afirmou: ‘A busca de uma forma peculiar de percepção, empreendida pelos usuários do chá em seus diversos trabalhos, não parece alucinação’. Alguns estudiosos, como o antropólogo norte-americano Gordon Wasson, propõe que sejam feitas distinções entre ‘estados alterados de consciência’, atribuídos genericamente a alucinógenos, e ‘estados ampliados de consciência’, que seriam alcançados com a ingestão de algumas substâncias, em contextos específicos como os rituais em que é usada a huasca. (CEBUDV, 1991b, p. 6).

Os estudos científicos atuais, portanto, sugerem uma alteração da nomenclatura psiquiátrica atual existente, que descrevem o chá nosologicamente nos seus manuais como um alucinógeno, pois este se caracterizaria por: “perda da consciência”; “fazer mal à saúde”; “causar dependência”; “provocar crise de abstinência”, o que gera mal-entendidos e preconceitos. Isso porque o chá *Hoasca* não gera: “perda da consciência”, como quando se está embriagado ou sob o uso de drogas. Em vez disso, gera uma “expansão” de consciência, de modo que o adepto fica consciente durante toda a experiência. Ademais, “não faz mal à saúde”, “não causa dependência”, “nem provoca crise de abstinência” (BERNARDINO-COSTA, 2011).

Alucinação é produto de um estado psicopatológico, caracterizada pela psiquiatria como ‘percepção sem objeto’, explica o psicólogo Paulo Roberto Silva e Souza, padrinho de uma comunidade carioca que faz uso do chá. Ele diz que o que ocorre sob efeito do chá é que a ‘pessoa obtém revelações profundas sobre si mesma e está o tempo todo consciente. Não há delírios’. (CEBUDV, 1991b, p. 6-7)<sup>33</sup>.

<sup>33</sup> Trecho da reportagem publicada na revista *Globo Ciência* de novembro de 1991, escrita pelo jornalista Almir Nahas, filiado à UDV/SP, rerepresentada no jornal *Alto Falante*.

Logo, os estudiosos sugerem a nomenclatura de “enteógeno”. Analisando a raiz etimológica “enteo”, seria Deus, e “geno”, dentro (LABATE, 2005); seria, então, uma substância que possibilita o contato com o “Deus interior”, através da concentração mental, proporcionando o desenvolvimento da espiritualidade. Mais recentemente, o meio científico vem constatando o efeito “psicointegrador”, pois atua como uma rede de neurotransmissores, integrando diferentes centros de percepção. Desse modo, a nomenclatura mais aceita recentemente é a de “psicoativo” (CEBUDV, 2018; NETTO, 2017).

O Demec promoveu, em 1991, o I Congresso em Saúde sobre as pesquisas produzidas até então sobre o chá, numa perspectiva multidisciplinar. Como principal resultado desse evento, houve o encaminhamento do estudo científico de maior amplitude, realizado em 1993, que foi o projeto de pesquisa intitulado: “Farmacologia Humana da Hoasca”, o qual articulou nove instituições<sup>34</sup> do Brasil, Estados Unidos e Finlândia sob a coordenação do professor Charles Grob, da Universidade da Califórnia, financiado pela Botanical Dimensions, uma Organização não Governamental dos Estados Unidos. O projeto articulou mais de 30 pesquisadores, a fim de realizar exames e testes com um grupo de 15 usuários do chá que já faziam uso dele havia mais de dez anos, comparando-o com um grupo controle de 15 pessoas que nunca haviam feito uso de tal substância, no que diz respeito à saúde física e mental. A pesquisa considerou aspectos botânicos, fitoquímicos, toxicológicos, farmacocinéticos, neuroendócrinos, clínicos e psiquiátricos do uso do ritual do chá (CEBUDV, 2017, 2018).

Um mês após a sua realização, o I Congresso em Saúde fez um dos participantes do evento, “[...] o jurista Domingos Bernardo de Sá, membro do Conselho Federal de Entorpecentes (Confen), do Ministério da Justiça, [...] propor, em julho passado, à seleta plateia da Sociedade para o Progresso da Ciência, a liberação do uso ritualístico do chá Hoasca” (CEBUDV 1991b, p. 4)<sup>35</sup>.

Em 1993, foi realizado o II Congresso em Saúde da UDV, em Campinas, São Paulo (SP), com o tema: “Hoasca e o desenvolvimento integral do ser humano”, no qual foram apresentados os resultados preliminares à época da pesquisa supracitada. No ano seguinte, começaram a circular os primeiros artigos, ainda também com seus resultados

<sup>34</sup> Centros universitários e instituições de pesquisa participantes do Projeto Hoasca com o Centro de Estudos Médicos da UDV: Escola Paulista de Medicina (EPM) – Brasil; Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) – Brasil; Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – Brasil; Universidade Federal do Amazonas (Ufam) – Brasil; Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) – Manaus, Brasil; Universidade de Kuopio – Finlândia; Universidade da Califórnia, Los Angeles – Estados Unidos; Universidade de Miami – Estados Unidos; Universidade do Novo México – Estados Unidos.

<sup>35</sup> Trecho da reportagem publicada na revista *Globo Ciência* de novembro de 1991, escrita pelo jornalista Almir Nahas, filiado à UDV/SP, reapresentada no jornal *Alto Falante*.

preliminares, mas que atestaram a segurança no modo como era administrado o chá *Hoasca* no contexto do uso ritual do CEBUDV (CEBUDV, 2017).

Apenas em 1995, na I Conferência Internacional dos Estudos da Hoasca, apresentaram-se os resultados finais do Projeto Hoasca. Foi quando se apontaram diretrizes para novas pesquisas na UDV, levando sempre em consideração o “uso ritual” do chá (CEBUDV, 2017).

Os resultados desta pesquisa, quanto ao quadro de saúde geral, não demonstraram nenhuma afecção nos sistemas do organismo; quanto ao aspecto da saúde mental, apontaram a inexistência de distúrbios psiquiátricos no grupo do CEBUDV. Também foram realizados testes de personalidade, os quais constataram que o grupo de usuários da *Hoasca* apresenta traços mais “[...] firmes, reflexivos, leais, de temperamentos calmos, mais ordeiros, persistentes, emocionalmente maduros, despreocupados, otimistas, desinibidos, dispostos, alegres, determinados e confiantes em si mesmos, quando comparados ao grupo de controle” (CEBUDV, 2018, p. 36).

Na perspectiva neuropsicológica, o grupo do CEBUDV apresentou maior concentração e memória auditiva. Demonstrou também que o chá, quando utilizado dentro de um contexto ritualístico, como o preconizado pela UDV, apresenta um grande potencial na recuperação de pessoas em face do abandono de vícios em drogas lícitas e ilícitas. A pesquisa constatou ainda que o chá não causa dependência, crise de abstinência ou qualquer tipo de distúrbio mental (CEBUDV, 2018). Antes, pelo contrário, apontou que os usuários do chá *Hoasca* apresentam um maior nível de humor. Associando esse dado ao conhecimento bioquímico de que ocorre um aumento da produção de serotonina, há indicativos de que possa ser útil no tratamento da depressão (CEBUDV, 2017).

Outra pesquisa relevante no cenário internacional foi realizada com adolescentes que fazem uso do chá *Hoasca*, questão que causava preocupação por parte das autoridades. Constatou-se, mais uma vez, pelo psiquiatra da Universidade da Califórnia, doutor Charles Grob, em parceria com o doutor Dartiu Xavier da Silveira<sup>36</sup>, a inofensividade do chá (CEBUDV, 2018). Utilizando, mais uma vez, um grupo controle, os resultados apontaram para jovens “[...] saudáveis, meditativos, humanitários e ligados às suas famílias e pares religiosos, pouco diferindo dos não usuários observados, confirmado a inofensividade do chá” (CEBUDV, 2018, p. 36). Constataram-se também menores níveis de problemas de

---

<sup>36</sup> Professor do Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo e também coordenador do Centro de Tratamento de Dependência Química.

concentração, ansiedade, distúrbios dismórficos e metade do consumo de bebidas alcóolicas entre os jovens do CEBUDV.

Edward MacRae, membro do Conselho Estadual de Entorpecentes (Conen) de São Paulo e autor da tese *Controles Sociais do Uso da Ayahuasca no culto do Santo Daime*. ‘Quem pretende se filiar a essas seitas deve se adaptar a rígidos padrões morais, que qualquer jovem urbano chamaria de caretíssimos’, diz ele. ‘Sem essa adaptação, não se consegue ter uma experiência confortável com o daime. [...]’. (CEBUDV, 1991b, p. 7)<sup>37</sup>.

Há, portanto, um crescente interesse e aumento do número de pesquisas sobre as virtudes das propriedades terapêuticas do chá, desde o seu uso no combate à dependência química até os seus efeitos no combate à depressão. Entretanto, para os adeptos dessa religião, seus objetivos transcendem os benefícios específicos que possam surgir. O uso da *Hoasca* num contexto ritual transcende a capacidade atual da ciência de mensurar essa experiência de autoconhecimento e de desenvolvimento espiritual. Para Ricciardi (2008a, p. 8):

Este chá é considerado sagrado pelos seguidores da religião, pois possibilita o encontro com o divino. É também considerado como capaz de curar e de transmitir conhecimentos. Permite o acesso a uma dimensão espiritual onde se pode vislumbrar um estado de consciência diferente do cotidiano.

Buscamos, assim, nesta tese, uma outra via de compreensão desse fenômeno: as narrativas. Isso porque, apesar, da impossibilidade de as palavras expressarem o todo da experiência, elas trazem novos elementos que auxiliam a compreensão da sociedade e do campo da educação sobre como acontece o processo de formação de mestre(a)s e conselheiro(a)s no CEBUDV.

A opção por religiões não predominantes não é, necessariamente, experimentalismo de jovens ‘perdidos’ ou ‘aventureiros’, nem tal fenômeno deve causar perplexidade, visto que o pluralismo religioso é um direito conquistado pela humanidade e fator de enriquecimento mútuo [...]. O ‘pluralismo de princípio’, para além do ‘pluralismo de fato’, reconhece o valor da diversidade. Vivemos num momento de revalorização dos estudos dos fenômenos religiosos, da própria religião e da possibilidade de diálogo e/ou integração entre ciência e religião. Neste contexto, ressaltamos a relevância de se conhecer os processos formativos desenvolvidos por diferentes agrupamentos de caráter religioso. (OLINDA, 2009, p. 53-54).

Sabemos, portanto, que a conquista da espiritualidade requer um processo, e a consciência desse processo pode ser facilitada pela narrativa que se faz da sua própria história de formação. É o que veremos na seção 5 desta tese.

---

<sup>37</sup> Trecho da reportagem publicada na revista *Globo Ciência* de novembro de 1991, escrita pelo jornalista Almir Nahas, filiado à UDV/SP, reapresentada no jornal *Alto Falante*.

### 3.3 Doutrina e organização

#### 3.3.1 Doutrina

A doutrina da UDV é transmitida oralmente, durante todas as suas sessões, através dos ensinamentos, histórias, chamadas<sup>38</sup> e músicas. Diz-se na linguagem nativa que a transmissão se dá exclusivamente de “*bocaouvido*”, durante as sessões, em seu ritual, como forma de desenvolver a atenção, a concentração e a memória dos seus discípulos, tal qual se fazia no início do cristianismo. A doutrina não se encontra escrita em nenhum livro ou documentos. Sendo assim, os dirigentes transmitem os ensinamentos a partir da sua memória (CEBUDV, 1989b, 2017; NETTO, 2017). Ademais, “O livro (*Guia de Orientação Espiritual*) não revela a doutrina religiosa da UDV, cuja transmissão é oral e restrita às sessões em seu templo Espírita” (CEBUDV, 1995, p. 2).

A preservação se dá, portanto, através do “Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel”<sup>39</sup>, que se reúne periodicamente para evitar desvios (CEBUDV, 1989b). A transmissão da doutrina durante as sessões é feita pelo mestre e por quem for designado a representá-lo.

A União do Vegetal professa os fundamentos do Cristianismo, resgatando-os em sua pureza e integridade originais, livres das distorções que lhes imprimiu, ao longo dos séculos, a mão humana. Os Evangelhos bíblicos do Novo Testamento fornecem parte dessa orientação, que moldou e inspirou o comportamento dos cristãos nos três primeiros séculos da atual Era – fase que corresponde ao período pré-institucional da Igreja Romana. (CEBUDV, 1989b, p. 22-23).

Segundo o CEBUDV, a humanidade, em seu processo de evolução, vem sempre recebendo guias espirituais que possibilitem reavivar os ensinamentos do “Divino Mestre Jesus”, renovando-se de acordo com a necessidade do momento histórico. Datas históricas do processo de reconstrução da UDV por Mestre Gabriel apresentam correspondências e semelhanças com datas e temas do calendário cristão, mostrando a ligação do CEBUDV com os ensinamentos de Jesus.

---

<sup>38</sup> Espécie de cânticos em que são transmitidos ensinamentos.

<sup>39</sup> Após o desencarnamento do Mestre Gabriel, com o intuito de garantir a preservação da transmissão fiel dos ensinamentos, criou-se uma instância deliberativa responsável por sua preservação, denominada de Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel, composto por mestres que foram formados pelo próprio Mestre Gabriel e que ainda são sócios e pelos membros efetivos do Conselho da Recordação Geral (CRG) (CEBUDV, 2017).

Em sua missão, Mestre Gabriel enfatizou essa afinidade doutrinária e também optou pela simplicidade para difundir sua obra. A modalidade de transmissão da doutrina é oral por excelência – tal como entre os cristãos primitivos pré-conciliares e, posteriormente, os incas. (CEBUDV, 1989b, p. 36).

Exemplo disso são algumas sessões de escala anual, como: “6 de janeiro: Sessão de Reis”; “27 de março: Ressurreição do Mestre”; “23 de junho: São João”; “1º de novembro: A confirmação da União do Vegetal no astral superior”; “24 de dezembro: Natal”; e uma sessão extra: “27 de setembro: Cosme e Damião”. Entende-se, segundo Mestre José Luiz de Oliveira<sup>40</sup>, que “O Mestre Gabriel disse que não veio à Terra para tirar nem uma vírgula do que Jesus disse, mas sim para cumprir e ensinar a cumprir a sua doutrina e os seus ensinamentos”. Sua doutrina é fundamentada também no mandamento principal do cristianismo, pois “[...] o discípulo deve amar ao próximo como a si mesmo para ser merecedor do símbolo da União: Luz, Paz e Amor” (CEBUDV, 2017, s.p.).

Trata-se, portanto, de uma religião discreta, de modo que não incentiva seus membros a fazerem qualquer tipo de proselitismo. Entretanto, também não é secreta, tendo precisado, ao longo de sua história, prestar esclarecimentos à sociedade sobre o uso do Vegetal. Assim, em 1989, lança o primeiro livro, intitulado: *Hoasca – fundamentos e objetivos*, em que foram apresentados alguns fundamentos da sua doutrina. Configura-se, pois, uma religião de fundamentação cristão-reencarnacionista (CEBUDV, 2017). Cristã por crer em Jesus Cristo como filho de Deus:

A doutrina da União do Vegetal é cristã porque sustenta que Jesus Cristo, Filho de Deus, é a expressão da Divindade e Sua Palavra aponta para o caminho da Salvação para a humanidade. A União do Vegetal crê na virgem Maria, Nossa Senhora Imaculada, mãe de Jesus. (CEBUDV, 1989b, p. 26).

E reencarnacionista por acreditar na evolução espiritual, ao longo de sucessórias encarnações, na medida em que há um desenvolvimento gradual da consciência em direção ao amor, à prática fiel do Bem, até atingir a purificação e a conseqüente salvação (CEBUDV, 2017; RICCIARDI, 2008a):

A reencarnação está na base de toda a fundamentação doutrinária cultuada pela União do Vegetal. Daí sua denominação de Centro Espírita. Segundo sua doutrina, é pela sucessão de encarnações que o espírito evolui, até atingir o grau máximo de Purificação ou Cura (que equivale à Santidade ou Sanidade). (CEBUDV, 1989b, p. 25-26).

Trata-se de um princípio presente em diversas religiões do Oriente: “As reencarnações são regidas pela Lei do Merecimento, que se assemelha à Lei do Karma, de que

---

<sup>40</sup> Está na UDV desde 1965 e é membro do Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel.

falam os orientais, cuja lógica é a clássica teoria da causa e efeito” (CEBUDV, 1989b, p. 26), mas também nos cinco primeiros séculos do cristianismo (CEBUDV, 2017).

A partir daí, especialmente após os sete primeiros concílios (em Nicéia, em 325; em Constantinopla, em 381, em Éfeso, em 431; em Calcedônia, em 451; em Constantinopla, em 553 e 680), outros interesses, de natureza secular, passaram a dividir a orientação da cúpula dirigente dos cristãos. É também a partir do advento dos concílios que a via de transmissão da doutrina cristã deixa de ser oral por excelência e passa a ter como base a documentação eclesiástica – o chamado Magistério da Igreja. (CEBUDV, 1989b, p. 23).

Tem presente também em sua doutrina elementos oriundos de diversas tradições utilizadas, já que não existe preconceito por parte do Mestre Gabriel frente a outras tradições, as quais, pelo contrário, as vê como formas diferenciadas de alcançar a compreensão das pessoas na busca do Bem. Sendo assim, traz elementos das tradições religiosas africanas, indígenas e de outras seitas espíritas. Distingue-se, contudo, destas últimas por não realizar trabalhos com espíritos desencarnados, e sim com os espíritos encarnados (GENTIL, L.; GENTIL, H., 2004).

A União do Vegetal afirma que a Verdade é uma só – e um dia, pela evolução espiritual, toda a humanidade a Ela terá acesso. Nesse dia, conforme rezam as Escrituras, haverá um só Rebanho e um só Pastor. Até lá, no entanto, a pluralidade será a expressão dessa diversidade de compreensões. Nesses termos, a União do Vegetal sustenta que todas as religiões que pregam a existência de um Ser Superior (Deus) e orientam seus adeptos na prática do Bem cumprem uma mesma e necessária missão espiritual, atendendo aos diversos graus de compreensão da humanidade. (CEBUDV, 1989b, p. 22).

A discrição quanto à União e o respeito às diversas tradições religiosas são incentivados como forma de promover a compreensão e a tolerância em face das diversas formas de expressão do ser humano com o sagrado. Na transmissão da sua doutrina, os discípulos são convidados a uma reflexão crítica sobre os próprios ensinamentos, na medida em que o próprio Mestre Gabriel orienta: “Não acredite no que eu digo, examine, para ver que eu estou certo!”. Sendo assim, sua liturgia não é dogmática, ela é assimilada gradativamente, de acordo com o esforço de desenvolvimento de cada um, o que é chamado na linguagem nativa de “grau de memória” (CEBUDV, 2017).

As palavras, os sentimentos e a prática são constantemente reavaliados, através de um autoexame de consciência, no sentido da busca de superação das nossas limitações humanas, promovendo um fortalecimento das nossas virtudes através da prática cotidiana dos “ensinamentos divinos”, o que possibilita, segundo o CEBUDV (2017), a evolução do ser humano. Valores e princípios morais são transmitidos para que possam facilitar esse processo de evolução do ser humano. O espelho, para que possa servir de exemplo para os que vêm

chegando, é o comportamento prático desses ensinamentos, aplicado ao dia a dia por parte daqueles que compõem a direção do Núcleo, a saber: conselheiro(a)s e mestres.

Uma das marcas da sua doutrina é a simplicidade e a objetividade com que é transmitida. São ensinamentos profundos, com vários princípios, presentes em diversas tradições espirituais, que foram sintetizados e simplificados por Mestre Gabriel para facilitar o ensino das leis universais de “Deus”. Tal característica se torna um fator que possibilita a adesão de sócios das mais diversas classes sociais, formações e ofícios. É por onde também alguns dos seus discípulos reconhecem sua sabedoria (CEBUDV, 2017).

Assim, como não podemos nem devemos expor sua doutrina, o que pode ser *publicizado* é um conjunto de documentos que regem as normas administrativas, morais e de convívio, denominadas de “Leis do Centro”, que podem nos auxiliar a ter uma visão geral dessa instituição. Apresentaremos alguns pontos:

Reconhece na constituição da família uma sublime missão; Condena o uso de drogas, legais ou proscritas, e toda forma de vícios, incompatíveis com estados equilibrados de conduta pessoal; Aconselha aos sócios o cuidado com a sua palavra, fazendo de seu uso um meio sincero de mútua compreensão; Alerta para a necessidade de coerência entre propósitos e práticas como um fator fundamental para o verdadeiro progresso espiritual; Combate todas as formas de preconceito e discriminação, respeitando outras formas de conduta como reflexos de níveis diferenciados de evolução espiritual dos diversos agrupamentos humanos; Recomenda que cada indivíduo faça de suas atitudes recursos conscientes de promoção da paz e da fraternidade humana, em sintonia com o preceito sagrado do amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. (CEBUDV, 2017, s.p.).

Tais orientações, ao serem exercitadas paulatinamente na prática cotidiana, possibilitam tanto a constatação da veracidade desses ensinamentos, a partir da sensação de bem-estar proporcionada, quanto a transformação gradual dos seus discípulos (CEBUDV, 2017). A valorização do tripé “trabalho, família e religião” é incentivada como uma base para o desenvolvimento das virtudes morais, intelectuais e espirituais.

### **3.3.2 Organização**

A organização interna da estrutura institucional do CEBUDV foi analisada pelo cientista Charles Grob, da Universidade da Califórnia, em sua pesquisa intitulada “Farmacologia humana da Hoasca: chá usado em contexto ritual”, na qual pôde constatar que apresenta uma “hierarquia sólida e flexível” (GROB, 1996), na medida em que todos os seus sócios, independentemente das condições socioeconômicas, podem ascender em sua hierarquia, a depender do seu próprio desenvolvimento espiritual. Ademais, a direção é

composta através de eleições internas, que, a depender das atitudes, também podem ser barradas através das leis internas.

É uma das coisas mais importantes. Onde existe ordem, há progresso. E onde existe ordem, podemos confiar. Mesmo espiritualmente, precisamos de ordem. Para caminhar na vida espiritualmente, temos que começar da matéria, porque é da matéria que começamos a vida no espírito. Para isso, precisamos de ordem, de organização. Mostramos nosso grau espiritual na ordem na organização (Mestre Braga). (CEBUDV, 1991a, p. 11).

A organização, segundo o CEBUDV, é um dos preceitos fundamentais para o desenvolvimento espiritual. Sua marca registrada ao longo da sua história, como vimos anteriormente, foi sua capacidade frente às adversidades e, de acordo com a necessidade histórica, desenvolver-se em termos organizacionais, o que lhe asseguraria o direito ao uso ritualístico do Vegetal, bem como o seu crescimento e expansão para outros países. Como afirma Mestre Manoel Nogueira: “Vejo a União do Vegetal cumprindo as palavras do Mestre Gabriel, sua expansão e organização se firmando na terra, diante da humanidade” (CEBUDV, 1993, p. 8).

Uma das coisas referentes à expansão que ele recomendou foi que nós aprendêssemos a trabalhar com o Vegetal. Como ele ensinou: *sem mudar o caminho*, sem mudar a organização. E dizia para nós: ‘Tudo está criado: não é preciso criar nada. Precisa só se organizar’ (Mestre Braga). (CEBUDV, 1991a, p. 10, grifo do original).

Nesse sentido, “O pleno cumprimento da missão religiosa do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, antevista em nível planetário por Mestre Gabriel, impõe providências de organização e gerência que desafiam o talento e a dedicação de seus dirigentes” (CEBUDV, 2011, p. 2)<sup>41</sup>. Desta feita, existe uma organização interna na qual os núcleos do Brasil e do exterior se encontram interligados e buscam cumprir as orientações advindas da Sede Geral, em Brasília (CARVALHO, 2005).

A autoridade máxima do CEBUDV é o mestre geral representante, que sempre reside em Brasília, pois deve ser sócio na Sede Geral. Em conjunto com os seus mestres assistentes, dirige o Centro, sempre dialogando com o Conselho da Administração Central (Conace) e com o Conselho de Administração Geral (Conage)<sup>42</sup>.

Mestre geral representante é a autoridade máxima do CEBUDV, sendo eleito para um mandato de três anos. Ele conta com o Conace e com o Conage para auxiliá-lo no exercício de suas atribuições (CEBUDV, 2017). O mestre geral representante indica os

<sup>41</sup> *Alto Falante* de março e abril de 1994.

<sup>42</sup> O Conace é responsável pela organização administrativa; e o Conage é responsável pela dimensão espiritual.

mestres assistentes e centrais que o auxiliarão na direção do CEBUDV nas diversas regiões onde este se faz presente (CEBUDV, 2017).

A direção do CEBUDV é eleita, em sua grande maioria, pelo voto. Esses cargos são ocupados por um período de tempo já estipulado, de forma voluntária, com o intuito de servir e tratar dos aspectos espirituais e materiais (CEBUDV, 2017). As decisões administrativas quanto à atualização dos documentos estatutários e aprovação das diretrizes administrativas e do processo de expansão organizado do CEBUDV são tomadas pelo Conage, de forma colegiada, composto por ampla representação. É o órgão responsável pelo direcionamento da UDV (CEBUDV, 2017).

Quanto à organização interna, o CEBUDV possui um sistema de hierarquia, fundamentada na observação das leis da natureza, que facilita a transmissão dos seus ensinamentos e doutrina, pois, à medida que o associado se esforça para desenvolver seu “grau de memória”<sup>43</sup>, ele se torna apto para ascender verticalmente, conforme aumenta sua capacidade de absorção dos ensinamentos e de exercício do seu protagonismo até chegar a fazer parte da direção do núcleo. A passagem de um degrau a outro na escala hierárquica é feita a partir de convocação pelo mestre representante a partir de um comportamento alinhado com os ensinamentos recebidos (GENTIL, L.; GENTIL, H., 2004).

A instituição possui quatro instâncias: quadro de mestres; corpo do conselho; corpo instrutivo; e quadro de sócios. Este é composto por adventícios<sup>44</sup> que beberam o chá e decidiram de livre e espontânea vontade se associar através de um pedido formal ao mestre representante, que é a autoridade máxima no núcleo, e que passam a ter o direito de assistirem regularmente às sessões. O corpo instrutivo é composto por sócios que demonstram um maior grau de memória e passam a integrar o corpo dessa instituição, servindo, em alguns momentos, como braços e/ou pernas para a execução das atividades necessárias à manutenção e expansão da instituição.

---

<sup>43</sup> Grau de memória é a capacidade do discípulo de ouvir, compreender e memorizar o que é ensinado durante a sessão e demonstrar um comportamento alinhado com os princípios da instituição. Mestre Gabriel sempre procurou ter um cuidado com a memória dos seus discípulos, por isso reservou certos ensinamentos para serem aprendidos num tempo determinado pelo desenvolvimento de cada um (GENTIL, L.; GENTIL, H., 2004).

<sup>44</sup> Os adventícios são as pessoas que bebem o Vegetal pela primeira vez em sessão do CEBUDV. Cada novato geralmente é convidado por algum sócio para beber o Vegetal numa “sessão de adventício” feita com a finalidade de receberem os que estão nessa condição juntamente com quem lhes convidou. Dias antes da sessão, o adventício é convidado a conversar com o mestre representante para saber de suas motivações e da sua condição de saúde, numa espécie de anamnese, orientada pelo Demec, para saber se o adventício se encontra apto para beber o Vegetal, ao mesmo tempo que o mestre lhe dá orientações gerais de como proceder durante o ritual. O adventício, a critério do mestre representante, pode continuar assistindo às sessões até o momento em que, a depender do seu interesse, se for maior de 18 anos, pode lhe pedir para se associar.

O corpo do conselho são discípulos que já apresentam os conhecimentos introjetados em sua prática diária e, por isso, já estão em condição de aconselhar outros “irmãos”, bem como já demonstram ter responsabilidade com os trabalhos fundamentais do centro. Assim, passam a compor a “direção do centro”. Enfim, o quadro de mestres é responsável pela transmissão dos ensinamentos e da doutrina do CEBUDV, para tanto, seus membros precisam ter uma conduta moral exemplar (GENTIL, L.; GENTIL, H., 2004).

Os núcleos do CEBUDV se encontram agrupados por regiões<sup>45</sup>, em virtude da proximidade entre eles. Cada região possui um mestre central, que fica responsável pela organização e disciplina, mantendo-se em comunicação direta com os mestres representantes de cada núcleo. Os mestres centrais, por sua vez, reportam-se ao mestre geral representante. Os mestres centrais, assim como os mestres representantes, são eleitos, sem realização de campanha, por votação secreta ou aclamação para um mandato atualmente de três anos, podendo haver uma reeleição. Os mestres centrais são indicados, em concordância, com os representantes pelo mestre geral representante (GENTIL, L.; GENTIL, H., 2004).

Nas sessões, todos os sócios bebem o Vegetal e utilizam uniformes com distinções em seus bordados do bolso do lado esquerdo indicando o grau hierárquico a que pertencem. Os mestres possuem uma estrela bordada no lado direito (GENTIL, L.; GENTIL, H., 2004). Os homens e mulheres calçam sapatos e meias (o uso de meia é facultativo no caso das mulheres) brancas e camisa verde (ou azul, no caso de alguns mestres, a depender do lugar que ocupam) com as letras “UDV” bordadas no bolso (em cores que variam de acordo com o grau). Os homens vestem calças brancas e as mulheres vestem calças ou saias longas da cor amarela.

Em todas as sessões é lido um conjunto de leis que orientam a conduta do sócio no âmbito do CEBUDV e na sociedade. Tais orientações possibilitam o desenvolvimento espiritual a partir de normas e valores. O não cumprimento torna o discípulo passível de afastamento, independentemente do grau hierárquico, prevenindo inclusive o abuso de autoridade por parte do quadro de mestres. Não são, portanto, em sua maioria, vitalícios os cargos alcançados e dependem sobretudo da conduta moral dos seus ocupantes. Uma vez arrependidos e dispostos a seguir no caminho proposto pelo Mestre Gabriel, os discípulos podem recuperar seus cargos (CARVALHO, 2005; GENTIL, L.; GENTIL, H., 2004). Ademais, crianças e adolescentes podem assistir às sessões numa frequência menor, a depender da faixa etária, com a autorização dos pais ou responsáveis.

---

<sup>45</sup> Existem atualmente 19 regiões administrativas. O Brasil possui 17; nos Estados Unidos existe uma e na Europa uma (NETTO, 2018).

É interessante observar que a ascensão na hierarquia é feita através da autonomia que o Mestre Gabriel deu aos seus discípulos de serem copartícipes na construção do CEBUDV, desde a criação do “conjunto de documentos normativos que regem o Centro” até a criação de algumas “chamadas”. Mestre Gabriel poderia já trazer tudo pronto, em virtude do seu conhecimento demonstrado. Por que não o fez? Porque sua sabedoria “pedagógica” mostra que, sendo os discípulos coconstrutores, eles também devem se sentir corresponsáveis por essa obra (NETTO, 2017).

Fazem parte desse desenvolvimento também as atividades coletivas existentes nos departamentos, como: os mutirões de trabalho para a manutenção do núcleo; as atividades educacionais e recreativas feitas com crianças e jovens; e as ações de beneficência com a comunidade do entorno do núcleo (CEBUDV, 2017).

Os departamentos que compõem a organização do CEBUDV são os seguintes: Departamento Médico e Científico (DEMEC), Departamento de Memória e Comunicação (DMC), Departamento de Beneficência (DEBEN), Departamento Jurídico e Departamento de Plantio e Meio Ambiente (DPMA). Como apoio a estes departamentos existe ainda a Comissão Científica e a Coordenação de Tecnologia e Informação, e a Associação Novo Encanto, criada por sócios da UDV para a implementação de projetos ambientais; e a Associação José Gabriel Da Costa (AJGC), também criada por sócios da UDV com o objetivo de preservar a memória de José Gabriel da Costa. (NETTO, 2017, p. 29).

Assim, a Diretoria Geral, com o auxílio das diretorias locais, utilizando o sistema de departamentos<sup>46</sup>, cuida da administração institucional nos âmbitos nacional, internacional e local (CEBUDV, 2017).

### 3.4 O ritual

A ritualística da UDV se organiza dentro da simplicidade. As cerimônias religiosas em que se ingere o chá *Hoasca* são denominadas de sessões<sup>47</sup>, que acontecem no primeiro e terceiro sábado de cada mês, com início às 20:00h e término à 00:15h, dentro de um templo denominado “Salão do Vegetal”, onde os sócios fazem o uso ritualístico do chá *Hoasca* em comunhão com o sagrado, trabalhando a concentração mental, objetivando o

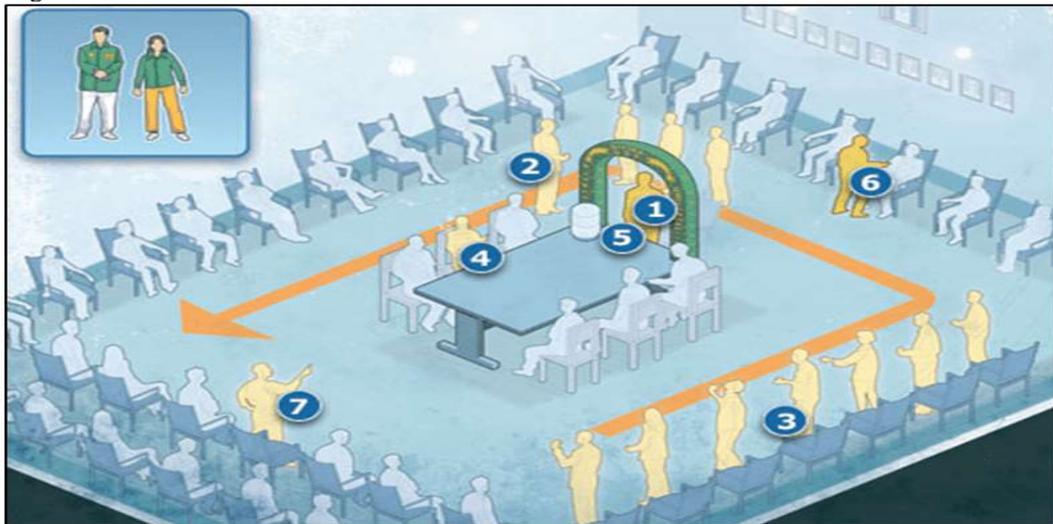
<sup>46</sup> Beneficente, Médico-Científico, Memória e Documentação, Jurídico, Cerimonial e Monitorias da Associação Novo Encanto.

<sup>47</sup> Existem alguns tipos de sessão: Sessão de Escala (aberta a todos os sócios; acontece quinzenalmente, aos sábados); Sessão de Escala Anual (acontece anualmente, em datas especiais previamente determinadas); Sessão Instrutiva (reservadas aos sócios do corpo instrutivo; acontece a cada dois meses, em média); Sessão da Direção (reservada aos membros desta); Sessão do Quadro de Mestres (reservada aos mestres); e Sessões Extras (a critério do mestre representante).

desenvolvimento das virtudes morais, intelectuais e espirituais. Sua liturgia religiosa inclui também a celebração de casamento, com efeito civil, e batizado (BARROS, 2016).

No centro do templo, ao fundo, existe uma mesa em cuja cabeceira senta-se o “mestre dirigente”, que fica, dessa forma, de frente para a porta de entrada. Na parede às suas costas, há uma foto do Mestre Gabriel dirigindo uma sessão; logo abaixo, senta-se o quadro de mestres, também de frente para a porta principal. O(A)s conselheiro(a)s ficam na primeira fileira, mais próximo(a)s ao mestre dirigente. Nas laterais da mesa, do lado direito e esquerdo, sentam-se pessoas de diferentes graus de sócios, a cada sessão, a convite do mestre assistente. Na cabeceira, onde fica o mestre dirigente, sobre a mesa existe um arco da cor verde, com estrelas amarelas e com a seguinte frase “ESTRELA DIVINA UNIVERSAL”, abaixo da qual estão grafadas as iniciais: “UDV”. Do seu lado direito, sobre a mesa, fica um filtro contendo o Vegetal (RICCIARDI, 2008a).

Figura 4 – Ritual do CEBUDV



Fonte: Nogueira (2017).

Antes de iniciar a sessão, toca-se o sino, avisando que todos devem se dirigir para o templo com seus uniformes e em silêncio para aguardar o início do ritual. Às 20:00h, o mestre representante pede para que os presentes fiquem de pé, quando dá início à distribuição do Vegetal, para o que se faz uma fila seguindo a ordem hierárquica: inicia com o “quadro de mestres” até chegar aos adventícios<sup>48</sup>, que ainda não se associaram<sup>49</sup>, e aos jovens, que só

<sup>48</sup> Como já exposto, pessoa que bebe o Vegetal pela primeira vez, indicado por um sócio, numa sessão do CEBUDV. Durante uma entrevista com o mestre representante, que antecede sua primeira sessão, o adventício é avisado acerca dos efeitos físicos e mentais que a *burracheira* pode proporcionar durante a sessão, bem como é indagado sobre os motivos pelos quais quer beber o chá, assim como o seu estado físico e mental também é avaliado.

podem se associar aos 18 anos. Na sequência, depois que todos recebem o copo com o Vegetal, o mestre dirigente<sup>50</sup> orienta a ordem de quem beberá o chá. Bebem primeiro os irmãos do corpo instrutivo, do qual fazem parte também o(a)s conselheiro(a)s e mestres, em seguida os que “ainda não beberam”, incluindo o “quadro de sócios”, os adventícios e os jovens.

Após serem ditas algumas palavras, bebe-se o chá. Os presentes sentam-se e inicia-se a leitura dos documentos, a qual geralmente é feita pelos sócios do corpo instrutivo. Após a leitura, é feita uma explanação por algum sócio do Corpo do Conselho ou do Corpo Instrutivo, comentando alguns aspectos dos documentos (RICCIARDI, 2008a). Na sequência, o mestre dirigente<sup>51</sup> abre a sessão fazendo as chamadas de abertura, dirige algumas palavras iniciais e abre para a realização de perguntas e chamadas, que podem ser feitas por qualquer um dos presentes, após um pedido de licença<sup>52</sup> (RICCIARDI, 2008a).

Durante o ritual, após beberem o chá, os participantes ficam sentados, em silêncio<sup>53</sup>, mas podem fazer perguntas, ou sair<sup>54</sup> do salão, mediante um pedido de licença ao mestre dirigente, após este abrir o ritual através da “leitura dos documentos”<sup>55</sup> e das “chamadas de abertura”<sup>56</sup>, que possibilitam a chegada da *burracheira*<sup>57</sup> aos presentes na sessão (BARROS, 2016).

Mestre Gabriel é quem trouxe e definiu o significado da palavra ‘burracheira’ como uma ‘força estranha’, porque é uma sensação nova, que a pessoa ainda não havia sentido, uma energia, a fluidez da espiritualidade. Disse ainda, a respeito desta categoria nativa: ‘Vai conhecer coisas estranhas, que ainda não conhece’. Nesse sentido, remete ao mundo espiritual, já que a *burracheira* conduz a pessoa a conhecer a espiritualidade e, em outros casos, a conhecer uma outra dimensão do mundo espiritual. (NETTO, 2017, p. 25).

<sup>49</sup> Antes de decidir por se associar ou não a este, é disponibilizado um bom tempo para que se certifique da sua decisão, pois os documentos afirmam que: “[...] a pessoa só pode beber o Vegetal apenas uma vez antes de se associar, ou a critério do mestre representante”. Este critério do representante tem prevalecido.

<sup>50</sup> Mestre ou quem for designado a representá-lo para dirigir à sessão naquele dia.

<sup>51</sup> O mestre dirigente é um sócio pertencente ao Quadro de Mestres, Corpo do Conselho ou Corpo Instrutivo convidado para dirigir a sessão.

<sup>52</sup> O pedido de licença é feito pelo interessado ao mestre dirigente.

<sup>53</sup> Deve-se fazer silêncio durante todo o ritual; quando não se estiver obviamente fazendo uma pergunta ou quando quiser falar algo que esteja sentindo, a fala é franca no Salão do Vegetal, mediante sempre um pedido de licença ao mestre dirigente.

<sup>54</sup> Para atender a uma necessidade fisiológica e depois voltar para o salão.

<sup>55</sup> Composto pelo “Regimento Interno”, “Boletins”, “Convicção do Mestre” e “Mistérios do Vegetal”.

<sup>56</sup> Sequência determinada de cinco chamadas que são feitas na íntegra praticamente em todas as sessões.

<sup>57</sup> Efeito produzido pela ingestão do chá *Hoasca* ou Vegetal, que é um sacramento produzido a partir do cozimento de dois vegetais: o mariri (*Banisteriopsis caapi*) e a chacrona (*Psychotria viridis*). Durante a *burracheira*, a chacrona, que representa o princípio feminino, possibilita “Luz” espiritual, e o mariri, princípio masculino, possibilita a “Força” espiritual. A experiência proporciona desde sensações físicas até a ampliação da consciência.

Essa “força estranha<sup>58</sup>” se traduz na presença da “força” e da “luz” contidas no Vegetal, que se apresentam na consciência de quem bebe o chá, ampliando a percepção dos sentimentos e da consciência do indivíduo (BRISSAC, 1999). A depender do metabolismo de cada pessoa, após 30 minutos começa-se a sentir os efeitos da *burracheira*, que duram em média de três a quatro horas e dependem das chamadas<sup>59</sup> realizadas, da oratória do mestre dirigente, da capacidade de concentração do participante, do seu merecimento, do grau<sup>60</sup> do Vegetal, dos seus mistérios<sup>61</sup>, etc. (LIMA, 2016).

Nas sessões, para que os discípulos possam se conduzir na *burracheira*, existe a doutrina repassada pelo mestre representante; os ensinamentos transmitidos pela direção – mestres e conselheiro(a)s – e as chamadas – espécie de cânticos que contêm os mesmos ensinamentos e doutrina – que possibilitam o equilíbrio e a paz interior (NETTO, 2017). O ritual passa, assim, a ser conduzido pelo processo de perguntas e respostas entre os discípulos e o mestre. Comumente são colocadas músicas relacionadas aos ensinamentos e doutrinas que estão sendo desenvolvidos na sessão, ou em oferecimento, por exemplo, a algum aniversariante (RICCIARDI, 2008a).

O ritual, da forma como foi estruturado quanto ao espaço e ao tempo, possibilita um ambiente seguro para uma experiência com tamanha intensidade. Ademais, existem pessoas mais experientes que ficam dispostas a acompanhar os novatos, caso haja alguma necessidade (NETTO, 2017).

Às 23:30h, o mestre dirigente faz uma chamada para finalizar os trabalhos. É dado o anúncio do dízimo, que é uma contribuição voluntária de uma quantia não estipulada. Dá-se um breve intervalo até as 23:55h; à meia-noite, faz-se uma chamada e abre-se um momento para os avisos administrativos até 00:15h, quando a sessão é fechada com outra chamada. Por volta de 01:00h, é servido um lanche, providenciado pelos sócios e preparado pela equipe da Orgã<sup>62</sup>. Às 2:00h, em média, as pessoas retornam para suas casas (RICCIARDI, 2008a).

---

<sup>58</sup> Assim denominada porque muitos não a conhecem ainda.

<sup>59</sup> As chamadas fazem referência, dentre outros elementos de diferentes tradições religiosas, a Jesus e a alguns santos católicos, como a Virgem da Conceição, São João Batista, Senhora Santana, São Cosmo e São Damião (BRISSAC, 1999).

<sup>60</sup> Cada Vegetal, de acordo com o merecimento dos participantes que o preparam, tem um grau diferente; objetiva-se a preparação de um Vegetal, denominado ponto grau, que se traduz em um Vegetal de excelente qualidade e que proporciona uma boa *burracheira*.

<sup>61</sup> Este chá é tido como misterioso, pois cada sessão é diferente da outra em relação aos efeitos que ele proporciona.

<sup>62</sup> Autoridade do centro responsável pela organização, limpeza e refeições realizadas no centro. Geralmente o cargo é ocupado por uma conselheira.

### 3.4.1 O chá

Segundo os sócios, o chá é um sacramento que facilita a concentração mental, possibilitando clareza na consciência e ampliação da percepção, permitindo sentir a existência de “Deus” (CEBUDV, 1989b, 2018). Quando indagado sobre o que é o chá, Mestre Gabriel assim esclareceu:

O que é isso? Mestre Gabriel disse: É um chá. E eu: ‘E para que serve esse chá?’. E ele: ‘É um remédio para o espírito. A pessoa que bebe esse chá fica mais perto de Deus e aprende a conhecer os mistérios da Natureza que até então nem ousava sonhar que existissem’ (Mestre José Luís). (CEBUDV, 1991a, p. 4).

Para os adeptos, o chá possibilita uma ligação com o plano espiritual, que permite enxergar o que de fato é a “Realidade”, em contraposição à nossa percepção ainda limitada, e iniciar, assim, um processo de transformação (CEBUDV, 1989b, 2018).

O efeito do chá pode ser comparado ao êxtase religioso, fartamente definido pela literatura sacra oriental e ocidental. Para chegar-se ao êxtase – um estado de lucidez contemplativa, que coloca a pessoa em contato direto com o plano espiritual –, ensinam a história dos santos, a Bíblia e a tradição oriental, percorriam-se difíceis e variados caminhos. (CEBUDV, 1989b, p. 30).

Esse processo tem início com um autoexame que o chá possibilita, através de uma ampliação da consciência, o que leva os adventícios e discípulos a enxergarem com mais clareza suas atitudes no dia a dia, à luz dos ensinamentos, chamadas e doutrinas da UDV (CEBUDV, 1989b, 2018).

O chá permite, dentro do uso ritualístico ministrado pela União do Vegetal, que o discípulo entre em contato com as vibrações do Plano Espiritual, com plena clareza de consciência – tudo, naturalmente, dentro dos limites da Lei do Merecimento. Há, inclusive, casos de pessoas que bebem o chá e sequer sentem os seus efeitos. (CEBUDV, 1989b, p. 34).

O chá não realiza, portanto, milagres por si só, mas depende do esforço empreendido por cada um em sua caminhada na busca por aperfeiçoamento. Ele lança luz em nossa dimensão inconsciente, cabendo, no exercício do livre-arbítrio que nos é dado, querer transformar ou não (CARVALHO, 2005).

Sobre o ritual em que o chá *Hoasca* é preparado, Netto (2017, p. 99) explica:

O ritual religioso em que é preparada a Hoasca é chamado de ‘preparo’. Geralmente, este ritual tem a duração de 2 a 3 dias, no qual é produzida uma quantidade de chá para abastecer aquela irmandade por um período. Dependendo do tamanho do núcleo e da necessidade são realizados cerca de 4 a 7 preparos por ano. No preparo toda a comunidade de um núcleo trabalha, tornando-se um momento de agregação, que os sócios consideram um momento festivo e de renovação.

Vale ressaltar que, junto a essa concentração mental, o chá possibilita uma limpeza orgânica, através de uma consciência ampliada que permite à pessoa perceber que alimentos e/ou drogas que ela esteja consumindo não são benéficos para a saúde, causando, assim, em algumas pessoas a necessidade de vomitar. Após esse momento, vêm uma sensação de bem-estar e a consciência de rever alguns hábitos alimentares e comportamentais nocivos à saúde (CEBUDV, 1989b, 2018).

Em seus rituais, a UDV distribui anualmente mais de 800.000 copos de chá, em sessões exclusivamente religiosas, com o conhecimento e anuência das autoridades competentes, administrativas e sanitárias, não havendo registro de qualquer incidente ou ocorrência desde o início dos seus trabalhos em 1961. Ao contrário, é raro encontrar entre os associados pessoas que façam uso de drogas lícitas (álcool e tabaco) ou ilícitas. A UDV ensina o respeito às leis do país e orienta seus associados a serem pacíficos e ordeiros, não tolerando práticas antissociais entre os seus membros. (CENUDV, 2018, p. 9).

Iremos agora apresentar a história de um núcleo do CEBUDV, o Núcleo Santa Fé do Cariri, o local onde aconteceu o processo de formação, a ser analisado posteriormente. É fundamental conhecermos o lócus da formação para compreendermos com mais clareza o sentido das narrativas produzidas.

#### 4 HISTÓRIA DA INSTALAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO NÚCLEO SANTA FÉ DO CARIRI (NSFC)

*Olhe, num ambiente como o Núcleo Santa Fé do Cariri, que é um pequeno grão dentro da União do Vegetal, a gente vê toda a União do Vegetal. Uma das coisas que me chamou bastante atenção foi como é que a União do Vegetal ela cresce. Com quanta segurança a União do Vegetal cresce. Então, é um modelo, aqui, pequeno, da grandeza da União do Vegetal. A gente vê um núcleo se preparando pra expandir, pra multiplicar, e é dessa forma que eu vejo toda a União do Vegetal. Não é preciso eu tá em Brasília pra vê como é que funciona esse crescimento, porque aqui a gente vê. Então, é um ponto que me chamou bastante a atenção. (C. MÚCIO, entrevista em 12/12/2019).*

A presente seção tem como objetivo reconstruir, a partir das narrativas de alguns dos sócios-fundadores<sup>63</sup> e dirigentes, a história do Núcleo Santa Fé do Cariri (NSFC), pertencente ao Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (CEBUDV).

Utilizando a entrevista temática, no quadro da História Oral (MEIHY, 2010), fizemos as seguintes indagações aos entrevistados: “1) Conte-nos sua história no NSFC”; “2) Quais acontecimentos ficaram gravados em sua memória sobre a fundação e consolidação do NSFC?”; “2.1) Quais os momentos marcantes da sua representação<sup>64</sup>? (Do ponto de vista material e espiritual)”; “3) Quais as dificuldades enfrentadas na fundação e consolidação do NSFC?”; 4) Quais são seus sentimentos pelo NSFC?”; “5) Como foi (e está sendo) a sua caminhada aqui no NSFC?” (Apêndice A).

Utilizamos também fotografias históricas do NSFC cedidas pelos próprios sujeitos como suporte físico da memória, permitindo um tipo de entrevista denominada por Olinda (2009) de fotonarrativa (Apêndice B).

A entrevista temática objetiva extrair do contexto geral da trajetória de vida de um sujeito um tema específico que se quer estudar. Sua execução passa por algumas fases, como: pré-entrevista, entrevista e pós-entrevista (transcrição e textualização). O método em História Oral, como metodologia qualitativa científica, possibilita, através das falas dos sujeitos que viveram uma realidade no passado, rerepresentá-la, com o olhar do tempo presente, para aqueles que poderão construir um novo futuro.

A busca de compreensão de um processo singular não se esgota em sua descrição isolada dos processos sociorreligiosos mais amplos. Assim, na perspectiva do paradigma do singular-plural (FERRAROTTI, 1988), buscamos articular as memórias e os acontecimentos da vida dos nossos narradores com a construção do Núcleo Santa Fé na

<sup>63</sup> Sócios que estavam presentes na fundação (instalação) de um núcleo do CEBUDV.

<sup>64</sup> Caso o entrevistado já tenha sido mestre representante.

cidade do Crato. Com Olinda (2009, p. 208), vemos que os sujeitos, independentemente de escolaridade, posições hierárquicas e *status* social, têm a capacidade de refletir sobre si, dando uma forma às suas experiências:

[...] Cada um tem sua experiência e carrega a capacidade de refletir sobre as mesmas [*sic*]. Numa abordagem compreensiva da experiência religiosa o que tem de ser destacado é a peculiaridade de cada sujeito com sua riqueza interior. A experiência religiosa com suas múltiplas linguagens precisa ser aprendida na complexidade de inúmeros fatores, relações e fronteiras trazidas pelo próprio sujeito que viveu essas experiências.

A abordagem de pesquisa foi qualitativa e eminentemente interpretativa, na medida em que busca a compreensão do processo formativo de mestres e conselheiro(a)s inserido em um universo religioso eivado de simbologias, crenças, doutrinas e ritualísticas. A fonte oral foi complementada pela análise de documentos arquivados no Departamento de Comunicação e Memória (DCM) do NSFC.

Assim, para a escrita da história do NSFC, fizemos inicialmente uma pesquisa documental nos arquivos do DMC nuclear, que resultou num “texto-base” desta história. Na sequência, realizamos, através do método da História Oral, segundo Meihy (2010), a produção das narrativas com mestres, conselheiras e sócios-fundadores do NSFC.

Intercalamos, pois, as narrativas com um “texto-base”, produzido pelo autor desta tese, que serviu como subsídio para que um grupo de 19 sócios (ver Apêndice E), entre jovens e adultos, homens e mulheres, pudesse escrever a história do NSFC, ou seja, a história da sua comunidade, a sua própria história. Para a consecução de tal proposta metodológica, fundamentamo-nos, portanto, na Pesquisa (Auto)Biográfica (oral e escrita), mais especificamente com método da “pesquisa-ação-formação existencial”, de acordo com Josso (2010) e Pineau (2005). Esse método possibilitou que, nesta pesquisa, ao mesmo tempo que os sujeitos agiram na escrita dos seus textos, se formaram na troca de experiência, no diálogo e na reflexão (sobre si, o outro e o mundo). Ao relembrar seu passado, o sujeito amplia a percepção acerca de si mesmo, na medida em que situa no tempo e no espaço os momentos marcantes de sua existência, articulando diferentes temporalidades. A esse respeito, Olinda (2009, p. 76) afirma que:

Evocar experiências vividas (passadas) para entender por que nos tornamos o que somos (presente) e para projetar o que queremos ser (futuro), coloca-nos numa tríplice temporalidade, que se entrecruza na narrativa. Trazemos ‘recordações referências’, que nos conduzem, na interpretação, a um desvelamento de nós mesmos. [...] São, ao mesmo tempo, uma dimensão concreta ou visível (percepções e imagens sociais) e uma dimensão invisível (emoções, sentimentos, sentido ou valores). Pelas associações livres, num trabalho de interioridade, somos capazes de hierarquizar as influências recebidas, sejam de pessoas, de lugares, de

acontecimentos, de obras ou de sentimentos; revemos conceitos e ampliamos experiências estéticas e éticas que nos marcaram; relembramos encontros e desencontros, nos diferentes espaços de atuação. Contando nossa história, demonstramos o valor atribuído a cada experiência vivida.

Esse processo aconteceu virtualmente, por conta da pandemia da Covid-19, no período de 22 de setembro de 2020 a 22 de julho de 2021. Os textos apresentados pelos sujeitos tinham em média de duas a três laudas por participante. Estes foram inspirados pelo “texto-base”, mas produzidos e escritos de forma criativa, livre e espontânea, portanto independente. Fizemos, assim, um trabalho de conectá-los com o “texto-base” onde estavam inseridas todas as informações do DMC sobre o núcleo e as narrativas oriundas das entrevistas, chegando, assim, à versão final. Iremos agora apresentar, em linhas gerais, a história do NSFC, contada pelos próprios sujeitos desta pesquisa.

#### **4.1 Um “ponto de luz” na Chapada do Araripe – Narrativas do processo de instalação e consolidação do NSFC-CEBUDV**

Pois será como a árvore plantada junto a ribeiros de águas, a qual dá o seu fruto no seu tempo; as suas folhas não cairão, e tudo quanto fizer prosperará. (Salmos).

Antes de falarmos do início da instalação do CEBUDV no Cariri, local da pesquisa, apresentaremos um pouco da própria região do Cariri, que possui alguns traços peculiares os quais merecem ser visualizados para uma melhor compreensão das narrativas dos sujeitos entrevistados do NSFC.

##### **4.1.1 A terra**

O Ceará, tão rico em suas diversas regiões, como Norte, Inhamuns, Litoral, Sertão Central, Vale do Jaguaribe e Cariri, guarda em seu âmago uma pluralidade que frustra as tentativas dos menos avisados em querer compreender o povo cearense com alguns rótulos já conhecidos. Essa diversidade atravessa desde um povo simples, amoroso e acolhedor até bravos guerreiros que lutam incansavelmente, sob um sol incandescente, pelo seu pão diário através da fé e do trabalho. Um dos destaques dessa pluralidade, sem dúvida,

é o Cariri, um dos principais polos culturais não apenas do Ceará e do Nordeste, mas do Brasil e do mundo.

O triângulo Crajubar, no sul do Ceará, formado pelos municípios de Crato, Juazeiro e Barbalha, encontra-se no centro de um território denominado Cariri, em referência aos índios Kariri, que ali habitaram antes da invasão dos portugueses, embora já houvesse uma diversidade de etnias indígenas, como os povos “Kariri, Quixeréu, Cariú, Cariuané, Calabaça e Icozinho” (CARIRIS, 2020), habitando essa região para a realização dos seus rituais sagrados.

*Porque a chapada era, pros índios daqui, o platô sagrado, era onde era feito o culto ao Sol. Era em cima. É tanto que, quando os portugueses chegaram aqui, proibiram os índios de fazerem os cultos religiosos ao Sol, em cima do platô, e colocaram aonde era feito um cruzeiro, porque consideravam aquela religião dos índios uma religião pagã. (MESTRE ALEMBERG, entrevista em 22/11/2019)<sup>65</sup>.*

Neste chão que pisamos e compartilhamos desde sempre, determinados territórios são como espécies de chacras planetários, pontos-chave na cadeia de conectividades que abraça e sustenta esse belo<sup>66</sup> e antiquíssimo globo azul. Pérola rara da literatura universal, a parábola do Semeador nos remete ao poder multiplicador de uma boa Terra, e esse é – sem o menor traço de dúvida – o caso objetivo desse espaço chamado de Kariri, um platô verde cujas dimensões unem Ceará, Paraíba, Pernambuco e Piauí. Tal qual um oásis em meio ao árido e vastíssimo Sertão nordestino, essa região da América do Sul é mais que um solo fértil, alcançando o imponderável nível de chão sagrado e configurando valioso tesouro vivo da nossa história.

Quando dizemos “nossa” história, não estamos nos referindo exclusivamente a nós, humanos, seres maravilhosos cujo desembarque nessa linha temporal é coisa de – no máximo – “semana passada”. Falamos da história deste planeta e da lenta formação do desenho geográfico que hoje conhecemos. É exatamente aqui, a propósito, neste pequeno pedaço de Brasil, onde estão alguns dos mais importantes fósseis do período Cretáceo. Para quem não está familiarizado com essa classificação científica, basta saber que isso

---

<sup>65</sup> As narrativas desta seção serão apresentadas neste formato – distinto do que preconiza a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) –, pois o método (auto)biográfico, que subsidia esta tese, considera importante a valorização dos discursos dos sujeitos, sendo este um formato aceito nesta área de pesquisa. Os trechos das entrevistas realizadas nesta pesquisa serão aqui referenciados com a indicação do nome da pessoa entrevistada e a data em que ocorreram.

<sup>66</sup> O uso de adjetivos nesta seção será recorrente (distinto do que preconiza a ABNT), haja vista que esta seção foi construída através de um método de pesquisa denominado pesquisa-ação-formação existencial, tendo sido escrito, assim, também pela própria comunidade, não sendo pertinente, pois, condicionar a escrita natural destes à escrita científica. Nos apêndices temos a lista das subseções desta seção e seus respectivos autores.

corresponde a mais ou menos 110 milhões de anos. Em resumo, se formos ler o livro da Terra, a Chapada do Araripe é o prefácio de tudo que virá a seguir e conserva em sua estrutura física o detalhado índice de cada um dos capítulos que compõem essa Obra-Prima.

A força de um lugar que já foi mar, mas que hoje recebe o vento litorâneo, só depois de 500 quilômetros de viagem, contribuiu naturalmente para que esse ambiente se tornasse o vibrante palco de um espetáculo que segue até os dias atuais e provavelmente não tem data definida para sair de cartaz. A minuciosa projeção desse oásis, embora não tenha tido humanas testemunhas, parece ter sido arquitetada em todos os detalhes para receber aqueles que seriam os primeiros donos desta terra: os índios Kariri. Nação de estratégica importância no povoamento do interior do Brasil, levadas sucessivas de indígenas chegaram a estas paisagens fugindo do clima seco que começou a atingir o Nordeste brasileiro – por volta de cinco mil anos atrás – e aqui se estabeleceram.

Encontrar esse parque aquático natural, no momento exato de uma mudança climática tão impactante, foi para aqueles grupos como a descoberta do paraíso. A bacia sedimentar do Araripe resguarda mais de 300 fontes naturais e um microclima especialmente convidativo para que gerações inteiras se tornem permanentes inquilinas deste espaço. Ainda hoje, em períodos de secas prolongadas, os brejos úmidos do Araripe se transformam em áreas de refúgio para a fauna dessa região do Nordeste. Mata Atlântica e cerrado em plena caatinga, água em abundância e temperaturas muito mais amenas representavam tudo o que aqueles bravos índios precisavam para repousar um pouco da travessia, criar suas famílias com fartura de caça e desenvolver a riquíssima cultura que até hoje reverbera nestas encostas.

É comum encontrarmos textos que colocam a região do Cariri como um relicário da cultura popular, um tesouro de tradições imagéticas ou um celeiro de autêntica brasilidade. Muito mais do que exagero, a adjetivação que acompanha essas afirmações é talvez ainda insuficiente para descrever o brilho que esse baú resguarda. Fruto da junção de múltiplos aspectos e encontros, o poder que pulsa nesta terra traz consigo a riqueza característica da floresta, a memória fossilizada na rocha e a imaginação pigmentada nas pinturas. Todos que depois aqui chegaram, do colonizador europeu ao devoto do Padre Cícero, do negro africano ao talentoso artesão, trouxeram um ingrediente a mais para essa receita, acrescentando nesse efervescente caldeirão um sabor próprio e adubando o terreno para novos plantios.

Figura 5 – Juazeiro do Norte



Fonte: Acervo Karimai (s/d).

A experiência religiosa em Juazeiro tem especificidades que demarcam sua força e complexidade. Desde os tempos de Padre Cícero, milhares de romeiros buscam Juazeiro do Norte, considerada a ‘meca sertaneja’ por ter se tornado o destino para muitos que viam a ‘Terra da Mãe de Deus’ com um lugar de salvação, refúgio para o povo pobre do Nordeste, que buscava na devoção à Mãe das Dores e ao Padre Cícero o alívio para suas dores do corpo e da alma. (SILVA, 2016, p. 218).

O povo caririense se enriquece historicamente, portanto, desses encontros, numa espécie de “caldeirão cultural”. Assim, ao recontar suas histórias, resgatando suas memórias familiares, transmite sua identidade, valores, saberes, estética, jeito de falar, gastronomia, etc. de uma parte do Nordeste brasileiro. Dessa forma, é no Cariri que se encontra, por exemplo, a maioria dos mestres da cultura popular<sup>67</sup>.

No aspecto transcendental, desde a jurema que alimentava o espírito da tribo até a hóstia transfigurada em sangue, o universo místico por excelência da Chapada do Araripe foi o fertilizante poderoso que aglutinou num só platô as mais diferentes vertentes do pensamento religioso. Ao aconselhar insistentemente que os romeiros deveriam manter na sala um altar e no quintal uma oficina, o “Padim” criou uma tradição de homens e mulheres devotos da fé e amantes da arte: reisados em toda esquina, renovações em cada sala, penitências ibiapinas e terreiros de fitas multicoloridas. No Cariri, em que se reza como quem canta e se canta como quem reza, as religiões da nova Era também encontrariam soldados de Paz em punho. Dos mestres da origem formados pelo Mestre Gabriel, muitos são cearenses e três são filhos da Chapada: João Ferreira de Souza (Mestre Janico),

<sup>67</sup> “Mestre(a) da cultura tradicional popular: pessoa que detém um conhecimento ancestral recebido do meio familiar e/ou de prática de convivência no grupo ancestral que manteve/mantém o saber/fazer; tem grande experiência e capacidade de transmitir estes conhecimentos e as técnicas necessárias para a produção, difusão e preservação de uma expressão tradicional popular. Tem seu trabalho reconhecido pelos agentes da manifestação cultural que representa, pela comunidade onde vive, como também por outros setores culturais, constituindo importante referencial da cultura tradicional popular no Ceará” (CEARÁ, 2021, s.p.).

Raimundo Nonato Marques (Mestre Nonato) e Florêncio Siqueira de Carvalho (Mestre Florêncio), homens caririenses de muita Fé.

Figura 6 – Mestre Florêncio



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (2000).

*[...] é o momento quando sai um caririense daqui chamado Florêncio Siqueira de Carvalho. E ele vai com a mesma proposta pra o Seringal, que é justamente um chamado por uma necessidade no seu país de produzir borracha pra Segunda Guerra. Olha só o contexto histórico! Porque é muito importante: o que é o contexto? As coisas não são assim. Elas têm toda uma influência do contexto, do momento, justamente por conta dos seringueiros. Quem eram esses seringueiros? Eram os nordestinos. Olhe o contexto. Isso aqui não tá isolado desse contexto. Então, vai o Mestre Gabriel da Bahia atrás disso, e, como cearense, vai o Mestre Florêncio, que nasceu aqui em Juazeiro. Eu sempre faço uma comparação com aquele quadro da Santa Ceia que tem Jesus e os discípulos, os apóstolos. Então, veja só: ali tinha Judas Iscariotes; cada discípulo daquele de Jesus levava o nome das localidades de onde ele veio. Se você for estudar isso, você vai encontrar todo o contexto. Então, dentre aqueles discípulos, tem um caririense chamado Mestre Florêncio. Então, de onde é que vem aquele discípulo, aquele apóstolo? Vem de uma região chamada Cariri. Onde é que fica? No Ceará. Então, nós tínhamos aqui, nós, como um território do Cariri, um representante lá. Naquele 'quadro' tinha, então, esse menino, esse rapaz que sai daqui por circunstância da época e vai pra o Seringal, conhece o Vegetal, o Mestre Gabriel. [...] Então, veja só: o Mestre Florêncio chega lá e tem uma metalúrgica. É tanto que a União nasce em Manaus dentro de uma metalúrgica, na Luminasa. Então, ele diz assim: 'Se ele ficasse lá em Porto Velho, ele ia ser um dos homens mais rico de Porto Velho'. Mas o Mestre Florêncio pega cinco litros de Vegetal e vem pra Manaus pra dar à família. Porque já estava o Mestre Vicente Marques, que era casado com Dona Mariquinha, que é a mãe do Mestre Nonato, que é a mãe da família Marques. A família Carvalho e a família Marques são de Juazeiro. Então, já vai essa família habitar a Amazônia. A família Marques e Carvalho é que são responsáveis por essa vinda do Vegetal pro Nordeste. Então, o Mestre Florêncio pega e traz o Vegetal pra Manaus e dá pra família dele, e é criado o Núcleo Caupuri. Daí, Nonato, da família Marques, sobrinho de Florêncio, é filho de uma irmã de Florêncio, vem de Manaus pra Bahia e traz o Vegetal pra Bahia. E da Bahia nasce toda essa região do Nordeste. Da mesma forma a família Marques traz também o Vegetal pra Caruaru, através do Idevaldo. Então, o que é que acontece: você vê as migrações pro Nordeste dependendo dessas duas famílias. Então, chega aqui até a Bahia. Da Bahia vem pra Fortaleza e se instala em Fortaleza através do Miguel, através do Sinval, o Mestre Pádua, dessa turma aqui. (MESTRE ALEMBERG, entrevista em 22/11/2019).*

No período entre os anos 1977 e 1982, **Raimundo Nonato Marques**, natural do Crato, Ceará (CE), à época Mestre da União do Vegetal (UDV), sobrinho do Mestre Florêncio Siqueira de Carvalho (Mestre do Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel), natural de Juazeiro do Norte-CE, em visita aos seus familiares em Juazeiro do Norte, no Cariri (CE), promoveria quatro distribuições de Vegetal, às quais compareceram familiares e conhecidos. Numa dessas vindas, trouxe consigo Mestre Pequenina<sup>68</sup>, José Idevaldo, seu irmão (então mestre), Mestre Anchieta, Conselheira Aurenita, Mestre Vicente Marques, Conselheira Cecília Marques, Dona Maroli e alguns nomes mais.

Figura 7 – Mestre Nonato



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (2000).

*Então, o seguinte: aí vem aqui pelo Cariri... vem a família do Mestre Vicente Marques, e bebem pela primeira vez – no mesmo estilo que o Mestre Florêncio fez pra Manaus e no Porto Velho –, a família Marques traz pra Juazeiro o Vegetal. E bebem. E tem uma coisa muito importante nisso aí: trazem a Mestre Pequenina. [...] Então, o que é que acontece aí? Bebem o Vegetal; têm algumas sessões. Nessa sessão, bebe um grande historiador daqui do Cariri, que foi muito importante aqui no processo de estudo sobre a história do Padre Cícero, que é Daniel Walker. E o Mestre Nonato e a família Marques trazem o Vegetal, e bebem algumas pessoas da família Marques. Então, assim, como a história da Hoasca: a família não deu seguimento e o Vegetal ficou esquecido aqui na região do Cariri. (MESTRE ALEMBERG, entrevista em 22/11/2019).*

Uma das citadas distribuições aconteceu no quintal do tio Zeca, dirigida pelo Mestre Idevaldo, e as demais, na residência das tias Ló e Lourdes, quando beberam o chá, dentre outros, Francisco Luilson Marques (esse que venceria o vício do alcoolismo, em consequência de conhecer o Vegetal, e que depois se tornaria fundador e representante de unidade da UDV em Guarapari, no Espírito Santo), além de Tânia, Lairton, Dior, Ana Lúcia,

<sup>68</sup> Companheira do Mestre Gabriel.

tia Ló, Anunciada Marques, Maria Ioneda e Humberto. A primeira das sessões, realizada na casa do tio Zeca, em Juazeiro do Norte, foi dirigida por José Idevaldo.

*[...] tinha havido duas sessões anteriores na casa da família do Mestre Nonato, em Juazeiro, mas apenas para a família. É um registro que tem que ser considerado nessa história. E eles beberam lá. Mestre Anchieta veio aqui uma vez e depois deu entrevista à gente dizendo: 'É. A gente bebeu, mas não tinha a intenção de desenvolver a União aqui'. (MESTRE EMERSON, entrevista em 19/08/2019).*

Houve, pois, aqueles primeiros momentos na história de que aqui se faz o registro. Tais visitas, contudo, não gerariam maiores resultados em termos institucionais para a ampliação dos trabalhos da União no Cariri, porquanto essas ações ficaram restritas apenas ao âmbito familiar desses primeiros caririenses que conheceriam, na própria região, o chá *Hoasca*, passando a sonhar com a possibilidade, um dia, de ter no local uma unidade da UDV.

E é bem ali, no complexo arqueológico de Santa Fé, ao lado de onde, dezenas de séculos depois, a tribo *hoasqueira* viria fixar raízes, que os nativos nos legariam, nas paredes de arenito alaranjado, painéis de arte rupestre tão raros do ponto de vista arqueológico quanto inspiradores no que diz respeito aos símbolos que carregam. Unindo duas técnicas distintas: gravura em baixo relevo e pintura, as figuras de Santa Fé lembram pássaros e inevitavelmente nos remetem ao significado original do nome “Araripe”: em língua tupi, “Rio das Araras”. Foi nesse cenário, impregnado de um potente imaginário mitológico, que mil lendas e rituais foram consolidados, preparando a egrégora que desde então vem atraindo para a Chapada o valioso conjunto de manifestações que aqui encontra abrigo. Foi essa fertilidade, metabolizada pacientemente pelo tempo e alimentada pelo querer de homens e mulheres de boa vontade, o mágico ingrediente que fez nascer neste solo a UDV. Com orientação do Semeador de Coração de Maria, a parábola se faz real e, sim, já se é possível voar!

Este introito talvez seja o que justifique ser ele o único núcleo<sup>69</sup> cujo nome apresenta uma região geográfica que não faz parte dos ensinamentos do Mestre Gabriel. É nesse cenário, singular e místico, que o NSFC do CEBUDV será instalado.

#### **4.1.2 A semente**

Foi na Chapada do Araripe, especificamente no distrito de “Santa Fé”, no Crato-CE, onde se instalou, há mais de 20 anos, mais um ponto de luz da União. A UDV surgiu a partir de uma semente que José Gabriel da Costa, o Mestre Gabriel, plantou no Norte do país, que hoje vem auxiliando pessoas em todo o mundo.

---

<sup>69</sup> O nome de um núcleo do CEBUDV sempre faz referência às pessoas ou termos utilizados na União.

Lançada ao solo, infinita inteligência por trás da Criação. É preciso paciência e perseverança até o dia em que o broto apareça rompendo a terra, sincronizando com os quatro elementos e ganhando forma. O princípio de tudo, um elo de suma importância do reino vegetal com a fonte criadora, que revela os verdadeiros valores da vida universal. Todo início vem de uma semente, a qual tem a missão de desenvolver-se, criar raízes, crescer para ser algo com características únicas. É a parte do universo onde está o mistério da vida.

Somos infinitas células; parte de um Todo Divino que se renova quando despertamos a capacidade de nos vermos para nos encontrarmos e buscarmos as respostas necessárias contidas nas perguntas das inquietações humanas. Reconstruir o mundo é primeiramente reconstruir a si mesmo, perante os sentimentos, palavras e pensamentos. Essa é uma construção que diariamente devemos plantar no nosso dia a dia, no sentido de melhorarmos a qualidade de vida e termos uma interação mais equilibrada com o planeta.

Assim, o início da instalação do CEBUDV no Cariri aconteceria em 1984, quando em setembro **José Emerson Monteiro Lacerda** (hoje mestre), cariense de Lavras da Mangabeira-CE, mas que cedo veio residir no Crato-CE, foi a Brasília, Distrito Federal (DF) portando uma carta de apresentação de seu amigo e conterrâneo Tiago Araripe (hoje mestre), então filiado ao Núcleo Samaúma<sup>70</sup> (São Paulo), endereçada ao **Mestre Raimundo Monteiro de Sousa**, o mestre geral representante do CEBUDV. Vejamos a narrativa<sup>71</sup> de Emerson Monteiro:

Figura 8 – Mestre Tiago Araripe (em pé) e Mestre Florêncio (sentado)



Fonte: Acervo Demontiez (2001).

*O início, eu, em algumas vezes, já tive a ocasião de narrar. Eu sou amigo de Tiago Araripe desde a adolescência, porque a gente sempre teve os gostos parecidos, música popular, final*

<sup>70</sup> 3º Núcleo do CEBUDV: fundado em 1972 em São Paulo (SP).

<sup>71</sup> Para destacar as narrativas dos sujeitos que foram fundamentais, de acordo com a metodologia utilizada nesta pesquisa, para a construção do texto elas aparecerão em itálico após uma pausa.

*do tropicalismo, dos festivais, das canções, daquelas coisas lá da Record, da rádio Tupi. A gente gostava de MPB [Música Popular Brasileira] e literatura. Ele escrevia e eu também escrevia, já na época publicava, e eu tive a oportunidade de me aproximar da família dele. [...] E Flaminio, o irmão dele, eu fiz amizade com os dois: Tiago Araripe e Flaminio Araripe. Flaminio que depois publicou na 'Planeta', aquela revista, a reportagem sobre a 'Religião do Sentir' sobre a União do Vegetal, que é uma das melhores que eu acho, que eu li. Foi na década de [19]70, aí eu li essa matéria e depois, na sequência dos acontecimentos, no mês de julho, Tiago veio aqui. A gente se reencontrou, e ele me convidou para almoçar na casa dele, e nesse dia a gente conversou. Ele morava em São Paulo, participava do Samaúma. Na época, o representante era o Mestre Paixão<sup>72</sup>, e ele me contou que participava dessa religião. Eu já tinha alguma noção. Aí ele me contou que, se você tiver vontade de participar desse chá, que é uma coisa inovadora, assim, assim. [...] Aí me comuniquéi com o Tiago. Ele me mandou uma carta, e eu levei a carta para o Mestre Monteiro, que era o mestre geral representante<sup>73</sup> na ocasião, aí eu cheguei em Brasília. Depois de instalado, e na primeira oportunidade, que para mim é o dia 7 de setembro, eu me comuniquéi com ele; ele morando em Sobradinho, cidade-satélite. E aí eu fui até lá na casa dele, na manhã de 7 de setembro, feriado, e conversamos mais de duas horas seguidas, e ele me convidou para a 1ª escala<sup>74</sup> que eu pudesse beber o chá. [...] Isso: eu participei de oito sessões, de escala e de um preparo<sup>75</sup>. (MESTRE EMERSON, entrevista em 19/08/2019).*

Figura 9 – Mestre Monteiro e Mestre Emerson



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (2001).

<sup>72</sup> As narrativas (auto)biográficas por escrito se apresentam nesta instituição, pela primeira vez, através dos “cadernos de anotações” de Mestre Raimundo Pereira da Paixão (Mestre da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel) sobre suas vivências nessa instituição desde o dia em que chegou, em 18 de novembro de 1967. Seu hábito serviu de inspiração para a criação de um importante departamento, que é o de “memória e documentação” (DMD), e do hoje intitulado de “Comunicação e Memória” (DMC), bem como para a confecção, organização e apresentação de uma agenda, no ano de 2011, que incentiva seus sócios a seguirem seu exemplo, ao utilizar o seu espaço para exercitarem sua narrativa, possibilitando conscientização da sua caminhada espiritual na UDV, sentimento de pertença à instituição e exercício do seu protagonismo. A agenda apresenta também a genealogia da família do Mestre Gabriel (LIMA, 2016).

<sup>73</sup> “O mestre geral representante é a autoridade máxima do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal. Tem esse nome porque representa o criador da UDV, Mestre Gabriel. Com o auxílio de seis Mestres Assistentes, lidera o Centro do ponto de vista religioso e faz a supervisão geral da administração institucional da religião” (CEBUDV, 2017, s.p.).

<sup>74</sup> As sessões para o uso ritualístico do chá no CEBUDV acontecem nas escalas do 1º e 3º sábado de cada mês.

<sup>75</sup> Ritual religioso para a preparação do chá *Hoasca*.

Nesse período, Emerson filiou-se à sede geral, em Brasília-DF. Permaneceu 45 dias na capital federal, quando bebeu o Vegetal pela primeira vez. Visitou também o Núcleo Rei Inca, em Aparecida de Goiânia, Goiás (GO), próximo a Goiânia, na companhia do Mestre Monteiro (mestre do Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel).

*Em Brasília, eu bebi o Vegetal pela primeira vez. Naquela primeira sessão [...], eu tive burracheira<sup>76</sup>; eu senti assim a força da burracheira numa intensidade muito clara. E a impressão que me deu, o pensamento que eu tive quando olhava assim o salão laqueado de verde e tudo, aí eu pensei comigo: ‘Este solo é sagrado!’ [...]. Aí eu senti o seguinte: esse solo é sagrado, foi onde eu senti mais a presença do poder de Deus, foi naquela primeira sessão. ‘Tempo alto’<sup>77</sup> de burracheira. [...] Naquele momento [...] eu pensei assim comigo, eu disse: ‘Uma coisa tão importante dessa o Cariri merece que tenha! Um lugar tão bonito, que a gente gosta tanto, de natureza, senta bem lá no Cariri’.*

A utilização da *Hoasca* é uma experiência de transcendência; o encontro com um estado mais ampliado da consciência, que tem como objetivo o autoconhecimento, que pode transformar positivamente a vida das pessoas, dependendo do seu “querer melhorar”. É um caminho para o equilíbrio, pois favorece o desenvolvimento pessoal e espiritual.

*Aí foi a partir dali que eu tomei uma decisão: de fazer o meu pouco. Eu sei que sozinho a gente é mais uma gota no oceano, mas aí o Mestre ele vem agregando as pessoas. [...] Eu procuro me trabalhar. Eu evito até essa coisa que eu iniciei, eu não vejo assim, foram muitas as pessoas. Aí, quando o Mestre Florêncio<sup>78</sup> esteve aqui e alguém falou isso, aí eu disse: ‘Não! Não é isso!’. Aí ele disse: ‘Pois então o senhor está certo, porque, lá pra trás, teve Manaus, onde eu também comecei, aí teve Porto Velho, Mestre Gabriel, aí a gente se lembra [...]’. Então, tem toda uma sequência de acontecimentos; a gente é um na multidão. Como alguém que vai puxando um fio, e outro vem e também começa a auxiliar, e esse fio começa a se multiplicar, até que um dia a gente faça com que essa luz chegue no coração da gente e de tanta gente mais, para que se possa mudar a face da Terra. Então, a União do Vegetal, para mim, é esse ponto de luz, e eu e minha família temos uma tranquilidade, porque tem algo mais que Deus está nos permitindo ter. (MESTRE EMERSON, entrevista em 19/08/2019).*

Mestre Alembert, em entrevista cedida em 22/11/2019, complementa a fala de Mestre Emerson:

*Então, é o seguinte: então há um outro capítulo. Aí isso através de quem? Da família Araripe. O Mestre Tiago Araripe, da família Araripe, que é descendente de Bárbara de Alencar, descendente do escritor José de Alencar, porque a família Araripe nasce de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe. Certo, que era só Tristão Gonçalves de Alencar. Aí o que é que acontece no movimento nativista no ano de 1817? O Tristão Gonçalves muda o nome dele pra um nome nativo, com o nome da chapada do Araripe. Então, aí nasce a*

<sup>76</sup> Conjunto de efeitos produzidos pela ingestão do chá *Hoasca* (Vegetal) no organismo humano.

<sup>77</sup> Expressão nativa para designar uma *burracheira*: como os efeitos acentuados.

<sup>78</sup> Mestre formado pelo Mestre Gabriel; membro do “Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel”.

*família Araripe. Então, Tiago vai pra São Paulo e lá conhece o Vegetal, e ele fala pro Mestre Emerson, que o Mestre Emerson vem da família Lacerda daqui do Tatu, em Lavras da Mangabeira. Então, o Mestre Emerson, através do Mestre Tiago, tem o conhecimento do Vegetal, e o Mestre Monteiro faz como o Mestre Gabriel fez com o Mestre Florêncio, e o Mestre Florêncio fez com o Mestre Nonato: vem pra cá com a autorização de dar o Vegetal aqui no Cariri.*

Em outubro, **Isabelisa Cordeiro Ferreira de Souza**, sua companheira nesta época (hoje do Corpo Instrutivo), também bebeu o Vegetal em Brasília (DF). No retorno ao Ceará, em novembro do mesmo ano, Emerson transferiu-se para o Núcleo Tucunacá, em Fortaleza (CE), ao qual Isabelisa se associou.

*Eu fui a Brasília e era 1984, 26 de outubro. Eu bebi o Vegetal pela primeira vez das mãos do Mestre Monteiro; na época, ele era geral representante. E foi dentro de um preparo; um preparo onde eu, no meu íntimo, me encantei. Vi muitas coisas; dentro daquela burracheira, eu pude observar um passado longínquo em minhas outras encarnações e tive contato com alguns irmãos daquela época. Ouvi o que eles tinham pra me dizer. E, de lá pra cá, foi uma luta. Uma luta! Uma luta porque você bebe Vegetal, você é um; quando você sai da sessão, você já é outro. Então, pra você encontrar o ponto de equilíbrio, é preciso você passar por um bom avivamento. E a luta foi grande comigo mesma, pra eu reconhecer, pra eu entender por que eu tava ali naquele caminho. O que é que se esperava de mim? (ISABELISA, depoimento em 07/08/2021).*

Figura 10 – Isabelisa e Mestre Alemberg



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (1995).

Mestre Emerson relembra:

*Para esse preparo, eu já convidei [...] aquela esposa atual, que ela fosse para Brasília, para passar um dia lá comigo, e, sem nem avisá-la, eu disse: 'Eu tenho uma surpresa para você!'. Quando ela chegou, eu expliquei que estava participando de uma religião que bebia um chá*

*assim, assim, assim. Levei ela para o preparo. Ela bebeu no preparo Vegetal. [...] E voltamos para o Cariri. Nessa volta, eu pedi ao Mestre Monteiro, do preparo, uma garrafinha de água mineral, dessas de vidro de meio litro, e aí ele permitiu que eu trouxesse com Vegetal, e foi a primeira semente da União do Vegetal aqui no Cariri. (MESTRE EMERSON, entrevista em 19/08/2019).*

De volta ao Ceará, filiaram-se ao Núcleo Tucunacá<sup>79</sup>, que vieram a conhecer em novembro de 1984. Ainda naquele ano, receberam na sua residência e de Isabelisa, no bairro do Grangeiro, com a permissão do Mestre Miguel, representante do Núcleo Tucunacá, a visita de Mestre Pádua e do Irmão Raimundo Ribeiro e suas respectivas companheiras, Márcia e sua irmã Débora (hoje, respectivamente, mestres e conselheiras), quando se realizou a primeira sessão do Vegetal, no Cariri, na casa de um sócio.

*E daí encontramos um grupo de pessoas em Fortaleza: na ocasião, bebiam o Vegetal também, e começamos a beber. Começamos a seguir e, passando o tempo, passando o tempo, dentro de uma burracheira lá no Núcleo Tucunacá, já depois de umas caminhadas, eu percebi e falei na sessão que, aqui no Cariri, eu sentia que deveria haver um Núcleo da União do Vegetal, que aqui precisava ter, e as pessoas aqui precisavam vir conhecer o Vegetal. E encontramos algumas pessoas dispostas a caminhar; a vir até aqui distribuir Vegetal. [...] Então, lá em casa, a gente recebeu muita gente, muita gente de Fortaleza também que ia para lá; minha casa as portas eram abertas, dormiam na varanda, dormiam pela sala; o que eu tinha de manta, de cobertor, tudo ia para eles, que era frio naquela época no Cariri, se fazia muito frio. Hoje está fresco; naquela época se fazia um frio grande. (ISABELISA, depoimento em 07/08/2021).*

Figura 11 – Desenho da casa da Isabelisa e Mestre Emerson (à época)



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (2012).

<sup>79</sup> Primeiro Núcleo do Ceará, fundado em 1980.

No ritual “sagrado”, a experiência se manifesta com mais força. A intensidade é invasiva e profunda, quando nos encontramos com o desconhecido. Os “traços das imagens”, uma “voz interior”, o “envolvimento” dos detalhes, a “luz” e o efeito que causa, tudo isso representa um universo deslumbrante que mais adiante nos traz uma sensação de plenitude.

Assim, sensações de enjoo ou mal-estar que o Vegetal pode nos causar são algo que não nos agrada, mas que gostamos, porque é uma oportunidade de desenvolvimento que temos, portanto a explicação dessa experiência vai muito além do entendimento que temos antes de vivenciá-la. O compartilhamento é indizível. A conexão interna é um mergulho inquietante e particular; expande nossa consciência, o que nos faz compreender que somos uma pequena parte de algo muito maior.

Aguçamos um olhar mais pacífico em relação à vida, a partir das nossas próprias experiências. A sensibilidade aflora e, junto com ela, afloram a criatividade e a percepção. Afeiçoar-se com a essência das coisas, para reconstruir melhor os sentimentos, emoções e ações, num trabalho de persistência e resiliência para abrir as portas de “si mesmo” até entender que a chave está, e sempre esteve, dentro da gente.

Figura 12 – Casa do Mestre Emerson (hoje)



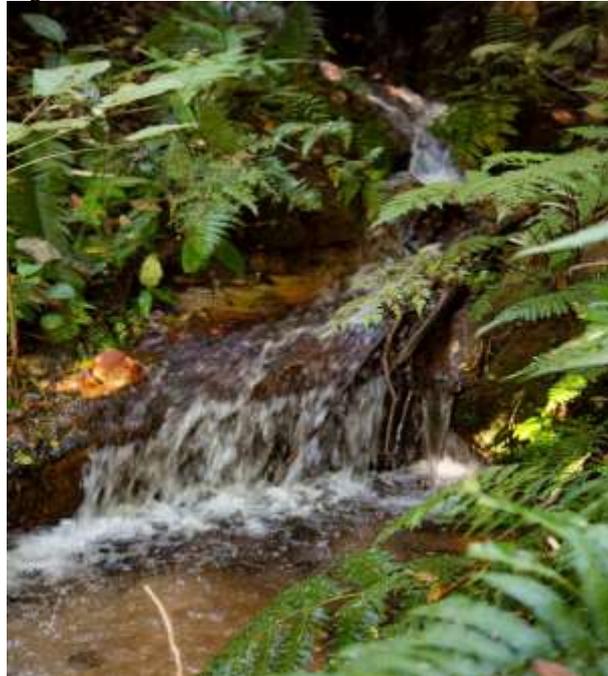
Fonte: Acervo do DMC-NSFC (1985).

A casa onde se iniciaram as sessões, no bairro do Grangeiro, em Crato, fica situada em uma antiga propriedade rural, conhecida pelo nome de Sítio do Caiano, em cujas proximidades, a três quilômetros de distância, subindo as encostas da Serra do Araripe, dentro

de mata preservada, existe uma fonte de água natural, conhecida pelo nome de Fonte do Caiano, nome recebido ainda no século XIX, a qual passou a merecer passeio constante dos irmãos da União que vieram para cá nesse primeiro momento:

*Aí, naquela época, na minha casa, começamos a fazer sessões extras; distribuições do chá; Vinham as pessoas de Fortaleza. E a gente bebia na minha casa no Granjeiro, que, por sinal, aquele sítio lá chama-se: o 'Caiano', que no início era a Fonte da Caiana, porque era uma cana que Aderson da Franca Alencar, que era o antigo dono daquela região toda, do engenho Novo Horizonte, lá em cima, ele plantou a cana-caiana que ele trouxe de fora. E ficou conhecida como Sítio da Caiana e depois, hoje, se chama facilmente a Fonte do Caiano, Sítio do Caiano, porque, com o tempo, houve uma corruptela e assim se considera. (MESTRE EMERSON, entrevista em 19/08/2019).*

Figura 13 – Fonte do Caiano



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (2020).

No ano seguinte, 1985, Mestre Monteiro autorizou o início de uma distribuição no Cariri, o que consta da agenda editada feita para o Encontro de Mestres e Conselheiros ocorrido no mesmo ano, em São Paulo. Nessa ocasião, Emerson participou de um preparo no Núcleo Samaúma, em data próxima à do supracitado Encontro, na reinauguração do Samaúma, planejada para a mesma data da festa de ampliação da sede daquele núcleo. E, assim, autorizou-se que se realizassem sessões sempre que viesse algum mestre em visita ao Cariri.

*Aí, quando eu fui numa convenção em Brasília, no início de 85, a 1ª convenção de todos os mestres, que aconteceu lá na reinauguração do Samaúma. Eu estive presente. Fui para a casa de Tiago; ele morava lá em São Paulo. Eu estive presente e participei de sessão.*

*Houve um preparo e depois houve uma convenção dos mestres, e nós ficamos numa chácara lá perto, lá em Itapevi, onde fica a sede do Samaúma. E nessa vez foi feito um catálogo dos núcleos da União do Vegetal. Era uma coisa ainda incipiente; por incrível que pareça, hoje que eu vejo: eu cheguei no Tucunacá e só tinham 35 sócios quando eu me associei. O Tucunacá hoje são sete núcleos, sem levar em conta os do interior, do Maranhão e do Piauí. Aí, Tiago, hoje Mestre Tiago, foi quem fez o catálogo e, na derradeira folha do catálogo, derradeira página, o Mestre Monteiro autorizou e botou como Distribuição Autorizada no Cariri. Eu até hoje não consegui achar esse catálogo, mas ele existe. Quer dizer que nossa Distribuição tinha sido autorizada em 85. (MESTRE EMERSON, entrevista em 19/08/2019).*

Assim, vieram em visita ao Cariri outros irmãos do Núcleo Tucunacá: Vicente Giffoni, Milton, Henrique (hoje mestres), Ronaldo Lorenzo, Moab Francinete e Jôse (hoje conselheiro(a)s, tendo sido realizada a primeira sessão de adventícios<sup>80</sup>, dirigida por Ronaldo Lorenzo. Nessa sessão beberam o Vegetal pela primeira vez: Luís Karimai, Willian Brito e Everardo Sobreira. Ainda em 1985, beberam pela primeira vez o chá *Hoasca* em Crato: Tadeu e Luiziane Alencar, familiares do Emerson Monteiro, em sessão dirigida pelo Mestre Pádua Campos, que esteve na região três vezes, nesse período, duas das quais acompanhado do Mestre Vicente, que era, então, do Corpo Instrutivo, atendendo a todos com zelo nesse início de caminhada.

Sempre que os afazeres permitiam, Emerson viajava a Fortaleza, tendo participado de muitas sessões e preparos e trabalhado na construção da primeira sede do Núcleo Tucunacá, oportunidade em que conheceu alguns mestres antigos, dentre os quais: Mestre Florêncio, Mestre Sidon e Mestre Adamir. Em 1986, Emerson participou de um preparo no Núcleo Apuí, em Salvador, quando conheceu o (então) Mestre Nonato Marques, natural de Crato, e o representante daquele núcleo. Nesse contato, o Mestre Nonato resolveu ir novamente ao Cariri para distribuir o Vegetal e dirigir uma sessão. Para isso, contou com a participação de familiares seus que moravam em Juazeiro do Norte.

Em agosto de 1986, por motivos pessoais, Emerson Monteiro pediu licença da UDV, e a distribuição no Cariri ficou suspensa, o que durou por volta de um ano e meio. Ainda que licenciado, Emerson recebeu alguns telefonemas do irmão Vicente (hoje mestre), que buscou acompanhar sua caminhada e o manteve, assim, ligado à irmandade.

No ano de 1988, o Irmão Emerson voltou a beber o Vegetal. Ia a Fortaleza quase sempre, uma vez por mês ou a cada dois meses.

*Eu estava indo para o Tucunacá. Eu ia de mês em mês, dois em dois meses, participar das sessões, e eles vinham aqui. Vieram algumas vezes, umas cinco ou seis vezes. Mestre Pádua*

---

<sup>80</sup> Sessão para receber novatos que ainda não beberam o chá no CEBUDV.

*esteve aqui, e aí vieram outros. Eu me lembro de algumas dessas sessões, dessas distribuições, e nesse período eu bebi, diante daquela dificuldade emocional que eu estava vivendo. (MESTRE EMERSON, entrevista em 19/08/2019).*

De 1988 a 1992, foram menos constantes as vindas dos irmãos do Tucunacá, valendo o registro da presença do Mestre Pádua e dos Irmãos Márcia, Vicente, Francinete, Ribeiro, Débora, dentre outros, algumas vezes. Danielle, sua então companheira, bebeu o Vegetal no Núcleo Tucunacá, em sessão de escala de 15 de setembro de 1990.

*Hoje eu me lembro do Mestre Emerson, que eu acho ele, assim, um campeão. Uma pessoa, porque foi ele, com essa vontade, já com esse desenvolvimento espiritual, essa luz, de saber que aqui no Cariri precisava de um ponto de luz. Ele foi buscar com muita determinação. Pelejou e trouxe pra gente. E tá com a gente também. Ele é uma pessoa que tem experiência, do que passou com todas as pessoas, com o grupo todo, desde o início. Eu sou eternamente grata por ele ter trazido o Vegetal pra gente. (CONSELHEIRA EDJANE, entrevista em 13/11/2019).*

Em junho de 1991, durante as festividades juninas, no Dia de São Pedro, veio de Caruaru, Pernambuco (PE), o Mestre Idevaldo Marques (mestre à época, hoje conselheiro), filho do Crato, responsável pela Distribuição Autorizada de Vegetal em Caruaru<sup>81</sup>, para uma sessão<sup>82</sup> que dirigiu na casa da Irmã Isabelisa, a convite desta. Estavam presentes os hoje sócios do NSFC: Hermes e Eneida, que residiam em Ouricuri (PE), e participavam da Distribuição Autorizada de Vegetal em Caruaru na época.

Figura 14 – Domingo após a sessão



Fonte: Acervo de Isabelisa Cordeiro (1998).

<sup>81</sup> A Distribuição Autorizada de Vegetal teve início em 1º de maio de 1989, futuro Núcleo Pau D'Arco.

<sup>82</sup> Estão presentes na foto os irmãos: Emerson (fotógrafo), Danielle, José Sales (Zezinho da Pedreira), Venâncio, Iran, Eliane Moura, Nilva, Iran, Idevaldo, Venâncio, Lucas, Eneida, Danielle, Ceci, Isabelisa, Hermes, Igor e Lis.

As dificuldades da época exigiram um tanto de esforços dos sócios-fundadores, mas o amor por essa obra e a convicção de que não estavam sozinhos foram suficientes para não desistirem. A união, a confiança, o cuidar da natureza, o sol, os amigos, a música, as flores são algumas coisas que retratam bem o símbolo da União, que é: “Luz, paz e amor”, e que estes pioneiros procuraram seguir se firmando nesse caminho do Mestre com o ânimo de tornarem as coisas possíveis.

Mestre Gabriel, um homem simples e conhecedor dos mistérios, é a ponte entre a natureza e as pessoas e tem como objetivo construir um “novo mundo”, uma sociedade mais harmoniosa e coletiva, na intenção de trazer um caminho em que as pessoas pudessem melhor se desenvolverem, dentro de um ambiente com uma energia de paz, que os conectasse a um silêncio íntimo e espiritualoso. Assim, mais pessoas foram se unindo a essa “escola do bem”. Muitos construíram um forte laço nesse lugar de encontro com a natureza e de fazer bons amigos, o qual, aos poucos, foi se expandindo.

#### **4.1.3 As raízes**

O processo de institucionalização do UDV no Cariri teve início em 1991 a partir do primeiro contato do Mestre Manuel Ferreira da Silva (Manu) com os irmãos Emerson, Daniele e Isabelisa, que moravam no Cariri e se encontravam no Núcleo Tucunacá para um preparo de Vegetal. Depois, com o apoio de **Mestre Manu** (Manoel Ferreira da Silva), após sua vinda para permanecer algum tempo no Ceará, reiniciaram-se as atividades de forma regular. Em 1992, por conta da disposição do Mestre Manu, seguiram-se com mais frequência as sessões<sup>83</sup> na casa de Isabelisa, na floresta da Serra do Araripe.

*Até que um dia eu conheci Manu, Mestre Manu e assistir a uma sessão com ele; ele recém-chegado do Norte. E, quando eu, quando eu o vi dentro da sessão, dirigindo, eu disse: ‘É ele!’. Eu pensei; veio aquela intuição: é ele que deve ir pro Cariri auxiliar vocês lá. E aí foi-se pelejando pra ver se consegue trazer o Manu. E o Manu fica com a gente um certo tempo. E lá por casa passaram muitas pessoas. (ISABELISA, depoimento em 07/08/2021).*

---

<sup>83</sup> Bebiam Vegetal no Cariri, naquela hora: Emerson, Isabelisa e Danielle, já sócios do Tucunacá, e outros que vieram do mesmo núcleo. Também integrou o grupo nesta época Lucas Marques, sobrinho do então Mestre Nonato e residente na vizinha cidade de Juazeiro do Norte (CE).

Figura 15 – Mestre Manu



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (1994).

*Eu tenho o Núcleo Santa Fé do Cariri como minha casa. Eu tenho aquela irmandade como meus irmãos mesmo, e só não é biológico, mas são meus irmãos de fé e a amizade. (MESTRE MANU, entrevista em 23/08/2020).*

Mestre Manu acabara de se transferir de Porto Velho, Rondônia (RO), para este núcleo que fica localizado na cidade Caucaia – Região Metropolitana de Fortaleza. O supracitado encontro se deu em 17 de outubro de 1991, quando ele conheceu o casal Emerson e Daniele e a Irmã Isabelisa; a partir de então, foram se estabelecendo laços de amizade e de disposição do Mestre Manu em auxiliar os irmãos. Como parte dessa sementeira, Mestre Manu veio dirigir uma sessão, para então começar a estabelecer períodos mais regulares para sessões do Vegetal que aconteciam na casa da Irmã Isabelisa, na floresta da Serra do Araripe, conforme relata Mestre Emerson Monteiro em entrevista realizada em 19/08/2019:

*Aí, de 91 para 92, ele veio morar no Ceará. E aí foi ele quem deu força nas primeiras sessões. A primeira sessão depois de tudo isso. Ele trouxe o Vegetal e bebemos o Vegetal. [...] Aí, bom, foram os começos. Aí, para encetar mesmo aqui a base mesmo. A gente ficou bebendo, assim, esporadicamente. Ele vinha; a gente financiava a vinda dele de ônibus. Ele era motorista lá. Tinha um táxi em Fortaleza, aí conseguia, terceirizava o táxi dele e vinha para cá, para não ficar parado, para ter uns apurados. E aí ele vinha e passava dois ou três dias com a gente. Isso aconteceu, assim, umas cinco, sete vezes. E aí começamos a agregar pessoas.*

A União do Vegetal é um lugar em que todos compartilham das mesmas oportunidades, pois a simplicidade da sua doutrina reflete uma realidade que está acima de argumentos ou estratégias que dificultem a sua compreensão. Se somos o resultado de nossas experiências, é preciso que consideremos nesta seção o olhar de quem acompanhou de perto, tijolo por tijolo, o início desta caminhada. “Eu tenho o Núcleo Santa Fé do Cariri como minha

casa. Eu tenho aquela irmandade como meus irmãos mesmo, e só não é biológico, mas são meus irmãos de fé e a amizade” (MESTRE MANU, entrevista em 23/08/2020).

Conselheira Edjane, em entrevista realizada em 13/11/2019, rememora suas impressões sobre o Mestre Manu, no sentido de que este auxílio inicial que ele trouxe ao Cariri era como o de um “pai” sempre disposto a ensinar:

*O Mestre Manu era quem vinha nos auxiliar aqui. Ele era representante lá do Núcleo Tucunacá e era uma pessoa, assim, muito ‘pai’. Então, ele começou a ensinar. Ele é muito simples; também uma pessoa que viveu na floresta. Tinha um linguajar que, pra mim, era essencial, que era bem caboclo e bem simples. [...] Então, quando eu conheci ele, me identifiquei logo com a maneira direta de falar. Doutrinava a gente até um tanto pra que a gente melhorasse o jeito de ser e transformasse, tirasse a ‘casca grossa’, como diz ele, que são as coisas mais simples: a maneira de se comportar, de compreender como é a convivência dentro da irmandade, de compreender nossa responsabilidade de começar um núcleo. E, assim, com muita paciência e carinho, ele foi mostrando pra gente. Ele quem mostrou quem é o Mestre Gabriel pela primeira vez, assim, para mim. Ele que mostrou como é o Mestre pra ele, através de como ele via o Mestre; ele transmitiu pra gente, e aí fui conhecendo depois os outros mestres antigos.*

Mestre Manu, em entrevista realizada em 23/08/2020, ressalta que a oportunidade de ter tido uma convivência mais direta com o Mestre Gabriel, seus ensinamentos e sua doutrina, fortaleceu a sua disposição para fidelizar este lugar de aprendiz:

*Houve muitas transformações na minha vida, graças a Deus. Quando eu cheguei na União do Vegetal, eu escutei o Mestre Gabriel falando as coisas juntamente com seus discípulos que já existiam. E eu comecei a observar, e procurei seguir, e, me firmando e olhando, assim, também como era o comportamento das pessoas, e isso veio internalizando na minha conduta, na minha consciência, no meu coração, e também olhando, assim, aquilo que eu fazia, às vezes, que não era legal, e continuo fazendo, que também ainda não somos perfeitos.*

No âmbito da UDV, é sempre presente o argumento de que a UDV é uma grande escola, pois, por sua tradição, é imperativo afirmar que o aprendizado e a prática caminham juntos, como pilares de sustentação de seu corpo doutrinário, afirmativa esta embasada pelas palavras do Mestre Manu na mesma entrevista anteriormente mencionada (2020):

*É uma grande escola, porque cada pessoa que chega na União do Vegetal tem uma experiência, e essas experiências são praticamente compartilhadas; é de uns para com os outros. E isso vem agregando conhecimentos, tanto pela prática quanto pelos ensinamentos da União do Vegetal, e isso vem se tornando uma grande escola, porque a importância da formação das pessoas dentro da sociedade é o crescimento das pessoas e a expansão da consciência que vem sendo desenvolvida, pra, cada vez mais, as pessoas melhorarem e crescerem dentro dos seus objetivos.*

Entre os anos de 1992 e 1993, o trabalho se intensificou e Mestre Manu recebeu autorização do Mestre Antonio de Pádua, então representante do Núcleo Tucunacá, para acolher novos irmãos na região.

*Muitos beberam o Vegetal aqui: médicos, artistas, pessoas da cidade, Mestre Alembert, Conselheira Rosiane, Raimundo, Mestre Raimundo, Conselheira Raimunda e tantos; um tanto de gente. Ficaram aqueles que sentiram no coração o chamado, porque esse chamado a gente sente dentro da burracheira. Se é para gente estar aqui nesse caminho, a gente segue; se não, a pessoa bebe o Vegetal por uns tempos e vai caminhar lá fora. Às vezes, se perde no deserto; às vezes, volta. E, quando volta, reconhece; muitos reconhecem. (ISABELISA, depoimento em 07/08/2021).*

Em maio de 1994, foram realizadas duas sessões<sup>84</sup> para adventícios e, na primeira, beberam pela primeira vez: **Alembert de Souza Lima** e **Rosiane Limaverde**, um passo importante para o desenvolvimento de um trabalho que culminaria na implantação do primeiro núcleo da UDV na região do Cariri.

Figura 16 – Alembert de Souza Lima e Rosiane Limaverde



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (1987).

*[...] e aí eu chego, eu, Rosiane e depois Raimundo e Raimundinha. [...] Nós fomos aqueles discípulos que se enraizaram. Alembert e Rosiane, Raimundo e Raimundinha foram os discípulos que iniciaram a **raização** aqui, porque os outros vinham, bebiam e não ficavam. [...] o Mestre Manu é muito importante dentro desse processo, porque o Mestre Manu veio ser representante no Tucunacá e ele começou a se dedicar aqui como quem se dedicava, assim, pra um lugar em que ele iria morar no futuro. Então, é essa confluência. Nesse momento, vêm morar aqui o Mestre Rodrigo e a Conselheira Débora. [...] Aí a gente faz a primeira promoção aqui. A primeira promoção foi um curso de neurolinguística com*

<sup>84</sup> Beberam também nestas sessões: Luiz Alberto Van Den Brule Matos, Daniel Matos, José Miúdo, Zulene Galdino, Inês Cabral, Idalina, Camilo Santana e José Tavares Bezerra Júnior.

*Mestre Pádua. Aqui no Ibama. Conseguimos, eu e Rosiane, nós conseguimos a casa lá pra fazer a primeira promoção. Eu e Rosiane, quando chegamos, ficamos responsáveis por essa parte e nós fizemos a primeira promoção com a cantora Kátia de França, onde foram compradas as primeiras cadeiras daqui: a cadeira que o Mestre Rodrigo sentava; nós compramos a cadeira do Mestre e mais umas cadeiras. (MESTRE ALEMBERG, entrevista em 22/11/2019).*

Na segunda sessão do mesmo ano, **Raimundo Nonato** e **Raimunda Galdino**, que se associaram ao Tucunacá e vieram somar forças ao grupo nesse momento inicial, acrescentando forças e favorecendo o “enraizamento” dos trabalhos que, aos poucos, na nova fase, se consolidavam na região.

Figura 17 – Raimunda Galdino e Raimundo Nonato



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (1998).

*Então, no dia que eles me convidaram, eu pedi um tempo pra me decidir, que era uma busca que eu já tinha mesmo de encontrar um lugar no qual eu me sentisse mais seguro, que eu tava precisando pra minha vida. Então, pouco depois, um mês ou mês e pouco depois do convite, eu disse que aceitava o convite. Quem me deu o Vegetal pela primeira vez foi o Mestre Manu, pra mim e pra minha companheira. Passamos um tempo bebendo Vegetal sem ser sócio e, um tempo depois, nos tornamos sócios no Núcleo Tucunacá. Um tempo depois, quando foi autorizado, nos associamos aqui. Mestre Alembert e Conselheira Rosiane já tinham bebido Vegetal quando eu cheguei, era a segunda sessão deles [...], tinha umas oito pessoas nessa época. (MESTRE RAIMUNDO, arquivo do DMC-NSFC).*

Conselheira Raimunda, em entrevista realizada em 17/11/2019, descreve a experiência da *burracheira* que ela teve como um momento de descoberta desse princípio religioso da UDV, que é o contato com a manifestação da Luz espiritual:

*A gente, na época... o Mestre Raimundo era caseiro da casa do Mestre Emerson e da Irmã Isabelisa, e eles fizeram o convite pra ele beber o Vegetal, duas vezes, e ele não tava no momento. Ele não se achava no momento. Na terceira vez, ele aceitou o convite pra beber o*

*Vegetal, aí ele chegou lá em casa e disse que ia beber um chá; que Isabelisa tinha convidado ele. Eu peguei e disse que ele perguntasse a Isabelisa se mulher podia participar. E ele perguntou, e Isabelisa disse que podia. Então, na sequência, chegou o dia da gente ir, e foi eu e ele. A gente fomos de bicicleta [risos]; muito legal a descida. A subida foi cansativa. Aí, então, a gente tivemos uma sessão com o Mestre Manu. Minha burracheira foi um burracheira boa, no sentido que ela me mostrou tudo que eu já tinha passado na minha vida. Me encantou com isso. Um tipo de Luz. Um pouquinho sufocante, mas a gente considerou Luz.*

Mestre Edmar, em entrevista realizada em 29/01/2020, lembra do exemplo dado pelos irmãos Alembert e Raimundo para desenvolver o Núcleo em suas necessidades essenciais através de promoções:

*Então, a participação do Alembert, na programação de shows, na programação de feiras de novos e usados, na programação de atividades que também trouxessem auxílio financeiro pra manutenção. Para você ter uma ideia, muita gente não tinha condições financeiras, mas a gente precisava encaminhar as coisas, e aí todas as pessoas foram crescendo. Uma dessas pessoas que a gente pode falar com clareza com relação a isso foi o próprio Mestre Raimundo. O Mestre Raimundo trabalhava pra o Mestre Emerson e a Conselheira Isabelisa [...], que são as pessoas que iniciaram a União aqui, na casa deles, e também caminharam com a gente nessa construção e, digamos assim, nós caminhamos com eles, porque eles estavam à frente. Nós fomos acompanhando e vendo como é que eles estavam fazendo.*

A Conselheira Charmene, em entrevista realizada em 01/02/2020, narra suas impressões sobre Mestre Raimundo:

*Eu lembrava muito das histórias que as pessoas falavam do Mestre Gabriel pela presença ali do Mestre Raimundo, como mestre. O Mestre Raimundo era uma pessoa, assim, que eu nunca vi uma pessoa dizer que o Mestre Raimundo destratou ou tratou diferente quem quer que seja. Então, ele era uma pessoa que era um servidor do Mestre. [...] Então, esse é o nosso exemplo. E eu vi o Mestre Raimundo, assim, cumprindo com esse dever, sabe? O Mestre Raimundo era uma pessoa, assim, de poucas posses. Ele era jardineiro da casa do Mestre Emerson. Depois surgiu oportunidades, e ele foi aprimorando, até nos estudos, e foi progredindo. Passou a ser mestre de obra e, aqui no Núcleo, ele acompanhava todas as construções. Mas a pessoa dele, em si, era uma pessoa admirável, pra nós aqui da União do Vegetal, pelo menos pra mim. Mas eu digo assim, pra nós, é porque pela essência do que o Mestre Gabriel falou. Mas eu pessoalmente é o que eu admiro num mestre e num conselheiro é a prática perante todos; perante todos. Então, toda essa prática aqui no convívio e também fora. Então, quem perguntar quem sou eu, quem é você e quem era o Mestre Gabriel aqui dentro e fora na sociedade, então, a gente ser uma pessoa só, uma pessoa de bem; ser uma pessoa simples. E a simplicidade ela não tem nada a ver com posses, sabe? A simplicidade de espírito, que é a pessoa [...] não ter vaidade a ponto de querer oprimir as pessoas, ou ter qualquer outro tipo de distorção. Então, a simplicidade da União do Vegetal e, nesse caso que eu especifiquei, do Mestre Raimundo, é uma coisa bonita de se ver, sabe? Eu vi assim mesmo, na prática mesmo.*

#### 4.1.4 O caule

Em **1995**, chegaram a Crato **Rodrigo Otávio Correia Barbosa Júnior** (naquela época, membro do Corpo Instrutivo, hoje mestre) e sua companheira, **Carmem Débora Lopes Barbosa** (hoje conselheira<sup>85</sup>), ambos sócios do Tucunacá. Na bagagem, a esperança de viverem na tranquilidade do sertão, na região da Chapada do Araripe, e longe da agitação da capital, Fortaleza, onde residiam anteriormente.

Figura 18 – Emerson Monteiro, Rodrigo Barbosa, Carmem Débora e Gerardo Júnior



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (2000).

Rodrigo havia conseguido a transferência do seu trabalho para o interior do estado. No pensamento trazia a ideia de uma vida mais tranquila e a certeza de que no Crato já havia pessoas que vinham bebendo o Vegetal.

Quando chegaram, encontraram o pequeno grupo bebendo o Vegetal na residência de Isabelisa Cordeiro, localizada no bairro Grangeiro, ao sopé da Chapada do Araripe. Para fomentar ainda mais esse novo momento, alugaram uma casa vizinha à casa de Isabelisa, um local muito agradável, de clima ameno, cercado por natureza e fontes de água.

Antes de se transferir com a família para Crato, Rodrigo e Débora não tinham conhecimento que o mestre central da 11ª Região, na época, Mestre Roberto Souto, já tinha a intenção de autorizar uma distribuição de Vegetal.

Rodrigo lembra que, quando o Mestre Roberto Souto conheceu a casa em que eles estavam morando, resolveu autorizar que a distribuição acontecesse lá. Junto a essa decisão,

<sup>85</sup> Existe no CEBUDV uma hierarquia entre os sócios dividida em: Quadro de Sócios, Corpo Instrutivo, Corpo do Conselho e Quadro de Mestres.

veio a determinação para que Rodrigo e Débora, ainda discípulos do Corpo Instrutivo, assumissem a responsabilidade pela condução dos trabalhos.

Então, foi no dia 27 do mês de maio do mesmo ano, dado o progresso das atividades da UDV no Cariri, o Mestre Roberto Souto (à época, mestre representante do Núcleo Tucunacá) veio a Crato por determinação do Mestre Nonato (mestre geral representante) junto de uma comitiva da qual faziam parte Mestre Manu, Mestre Paulo Silva, Irmão Milton (então mestre) e outros irmãos, como Agamenon, Jissara, Jôse, Henrique e Fernanda, Hélio Santos, Jessen, trazendo a autorização para o reinício da Distribuição Autorizada de Vegetal no Cariri com sessões que seriam realizadas uma vez por mês na casa do Irmão Rodrigo e da Irmã Débora, que, na época, pertenciam ao Corpo Instrutivo, daí o casal aceitou que as sessões passassem a acontecer em sua residência. À noite, foi realizada uma sessão<sup>86</sup>.

Figura 19 – Sessão na casa dos Irmãos Rodrigo Barbosa e Débora



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (1995).

Era uma casa ampla, que podia, naquela época, além de abrigá-los, acolher também os irmãos que vinham beber o Vegetal. Houve uma ocasião em que 26 pessoas vindas de Fortaleza se hospedaram na casa. Vinham de tão longe também com o objetivo de fortalecer o trabalho que estava sendo desenvolvido. Mestres da recordação, mestres, conselheiros e discípulos do Núcleo Tucunacá e de outros lugares do Brasil frequentaram a residência da família Barbosa. Mestre Emerson, em entrevista realizada em 19/08/2019, relembra:

---

<sup>86</sup> Nesta sessão beberam Vegetal pela primeira vez Eveline Limaverde, Maria Araújo Marques, César Lima e Rosiane Moreira.

*Nesse meio-tempo, Rodrigo, que hoje é Mestre Rodrigo, representante do Núcleo Tucunacá, e Débora, que hoje é Conselheira Débora, eles vieram morar aqui, e vieram morar vizinho à casa de Isabelisa, que eu já estava separado, a casa que eu tinha construído, que eu morava nela, e a gente passou, ao invés de fazer as sessões na casa que eu morava antes, passou a fazer na casa do Rodrigo. E, na casa anterior, aí beberam algumas pessoas... beberam Alemberg, que hoje é Mestre Alemberg, Rosiane, Conselheira Rosiane, Raimundo, Mestre Raimundo, e Raimunda, Conselheira Raimunda. Camilo Santana, que hoje é governador do estado, bebeu uma vez, e outros e outros mais; foram os primeiros que é dessa fase. Ao todo, hoje no Cariri, se eu for repassar, eu me lembro de muitos dessa fase. Eu acho que beberam umas 35 pessoas e ficaram por volta de umas cinco a sete desse primeiro momento. Aí, com a chegada de Rodrigo e Débora, a gente passou a ir na casa deles, e aí vieram mais pessoas. Veio Conselheiro Múcio, veio Conselheira Luciana, aí o César Lima, que hoje não está por aqui, está em Caruaru, aí veio alguns nomes que eu revendo eu me lembro dos primeiros sócios. Uns ficaram e outros beberam algum tempo e não vieram mais. Aí, quando, na verdade, começa a **criar raízes**.*

Ao falar sobre o assunto, Rodrigo se lembra de algumas sensações vivenciadas naquela época. A apreensão pelo tamanho e importância da missão recebida não foi maior do que a confiança no Mestre Gabriel.

*Nós já estávamos há cinco anos na União e éramos os únicos no Corpo Instrutivo na Região do Cariri. Recebemos a notícia com surpresa e apreensão. Vi na burracheira que ia ser sério. Conversei com a Débora e aceitamos. Percebemos a seriedade e o tamanho da responsabilidade logo de início, mas confiamos no Mestre e sentimos a presença dele em todos os momentos. (MESTRE RODRIGO, entrevista em 28/07/2021).*

Mesmo diante de todos os desafios que se apresentavam (a mudança para uma região distante dos familiares, a adaptação no novo ambiente de trabalho, etc.), Rodrigo (entrevista em 28/07/2021) relata que: “[...] *as coisas aconteceram de forma surpreendente. O bom acolhimento das pessoas que nos receberam com alegria facilitou nossa adaptação*”.

Das lembranças que Rodrigo Barbosa guarda daquela época está o empenho das poucas pessoas que iniciaram este trabalho, muitas ainda em processo de organização da vida familiar e do trabalho, mas essas dificuldades e os poucos recursos financeiros e materiais não impediram a concretização do sonho. Questionado sobre quem eram as pessoas mais próximas a eles naqueles inícios, tanto em relação à vida pessoal como também nos trabalhos da UDV, Mestre Rodrigo (entrevista em 28/07/2021) diz:

*Tinha diversas pessoas, e eu não quero citar o nome delas para não cometer a injustiça de esquecer alguém. Algumas estavam contribuindo mais, outras podiam contribuir menos, mas até essas que contribuíram menos, com certeza, estavam fazendo o máximo que podiam naquele momento.*

Ele também não quis falar sobre dificuldades pessoais, tampouco correr o risco de se exaltar em algum relato que exemplificasse a importância da presença de sua família para contribuir para a implantação e o desenvolvimento do NSFC. No entanto, emocionou-se ao recordar e reconhecer o empenho e a dedicação da Conselheira Débora.

*Ela organizava a casa para receber os irmãos para as sessões e também quando se concluíam os trabalhos, com uma grande dedicação e amor pela obra do Mestre. Débora auxiliou as primeiras irmãs, ensinando as atribuições e as responsabilidades das Organs, os cuidados e a organização do templo. A Débora foi fundamental nesse trabalho. (MESTRE RODRIGO, entrevista em 28/07/2021).*

Mestre Alembert (entrevista em 22/11/2019, grifos nossos) corroborou o teor do relato anterior:

*E o Mestre Rodrigo e a Conselheira Débora **foi quem trouxe** o métier de como é que funcionava os talheres da União aqui, certo? [...] Então, foi quando o Mestre Rodrigo chegou aqui e aí trouxe a União pra dentro da casa dele. [...] Aí o que é que acontece? Aí o Mestre Rodrigo chega aqui, que na época não era mestre, chega aqui com a Conselheira Débora e uma criança, que era Daniel. [...] Rosiane era responsável pra arrumar as cadeiras no salão; Rosiane era responsável pra fazer com Débora. Débora ensinou a ela como quem fosse auxiliar da Organ, certo? E aí nós fomos trazendo pessoas e vinha pra cá. Como Rodrigo tinha já um ciclo de amizade em Fortaleza, **foi se trazendo as pessoas** pra cá. De Fortaleza, foi se trazendo, e com mais constância que o Mestre Emerson já trazia. Trouxe o Mestre Manu quando eu bebi o Vegetal pela primeira vez. [...] **o Rodrigo traz toda essa formação pra nós: quem trouxe a formação** de como a União do Vegetal é, o ritual, foi o Mestre Rodrigo. Aí o Mestre Rodrigo... ele sabia fazer isso.*

Como a estrutura da casa era utilizada para a realização das sessões, mesmo com o auxílio da irmandade que estava se formando, a responsabilidade pela manutenção da residência naturalmente era de Mestre Rodrigo e Conselheira Débora, tanto no dia a dia como logo após a realização das sessões.

*Nós cedemos a nossa casa e conseqüentemente o peso da responsabilidade da limpeza para as sessões, da hospedagem e da alimentação das pessoas que vinham nos visitar quase que mensalmente – muitas vinham com crianças – recaía principalmente sobre ela. Foi uma longa travessia. Muitos foram os desafios, e ela foi e é uma boa companheira e conselheira. Sem ela, não teria sido possível. (MESTRE RODRIGO, entrevista em 28/07/2021).*

Era uma fase em que existia uma dedicação intensa para a criação de mais um “ponto de Luz”, e isso proporcionou uma série de realizações, como a busca pelo terreno para a implantação do Núcleo e a chegada de novos irmãos. De mãos dadas, em prol de um objetivo comum, foram devagarinho erguendo o NSFC, contando também com o auxílio da

irmandade em Fortaleza, que contribuiu, inclusive financeiramente, para a compra do terreno. Mestre Juliano, em entrevista realizada em 13/02/2020, lembrou esse período:

*Eu cheguei no ano de 97, em abril de 97. Tá inteirando 23 anos, e minha companheira tava grávida do meu primeiro filho, Gabriel. E as sessões aconteciam na casa de um irmão, o Rodrigo Barbosa. Ele veio morar aqui, nessa região aqui do Cariri, trabalhar. E daí ele recebeu essa responsabilidade de distribuir o Vegetal pras pessoas que têm o interesse, dentro de uma ordem, de uma organização lá da União do Vegetal. Então, as sessões naquele período não aconteciam com tanta frequência. Aí, quando acontecia, quando era marcada a sessão, eles davam um jeito de avisar pra gente; a gente se organizava pra ir. Então, era o momento inicial e também de formação, de criação do Núcleo Santa Fé do Cariri. Dali por pouco tempo, as sessões passaram a ser mensal, e a gente veio se organizando pra comprar o terreno onde hoje é a sede do Núcleo, onde é o Núcleo Santa Fé do Cariri. Então, foi adquirido com trabalho e dedicação desses primeiros irmãos.*

Em agosto de 1995, Mestre Manu assumiu a representação do Tucunacá – lugar que ocupou até o ano de 2000 – e intensificou o trabalho que já vinha sendo realizado com os irmãos do Cariri, com o objetivo de prepará-los para a distinção de pré-núcleo. Isso aconteceu no decorrer de mais de três anos, entre 27 de maio de 1995 e 2 de janeiro de 1999. Nessa época<sup>87</sup>, as pessoas que bebiam o Vegetal no Cariri eram sócias do Núcleo Tucunacá, tendo recebido visitas dos seguintes mestres: Sílvio, Xavier, Pádua, Manu, Haroldo, Célio, Braga, Sinval, Vicente, Zé Luiz, Luilson (Guarapari) e Eudes.

Mestre Rodrigo Barbosa e Conselheira Débora ficaram com a responsabilidade da condução dos inícios dos trabalhos para a implantação do primeiro Núcleo na Região do Cariri até o ano de 1998. Em 1999, Mestre Luiz Carlos supervisionou os trabalhos, até quando a responsabilidade foi entregue para Gerardo Júnior, que havia chegado recentemente ao quadro de mestres em 2000. Rodrigo e Débora são sócios-fundadores do NSFC e aqui permaneceram até a transferência para Fortaleza. Retornaram novamente em 2008, permanecendo até 2016.

Neste oásis do sertão nordestino, deixaram a marca do amor e dedicação pela obra do Mestre Gabriel, contribuindo com esforço e dedicação para a criação de mais um Núcleo da UDV. Seus filhos, Daniel e Amanda, gravaram no solo firme do NSFC as alegrias e contribuições por serem, juntamente com outros que foram chegando, as primeiras crianças e jovens do primeiro Núcleo nas terras Kariri.

---

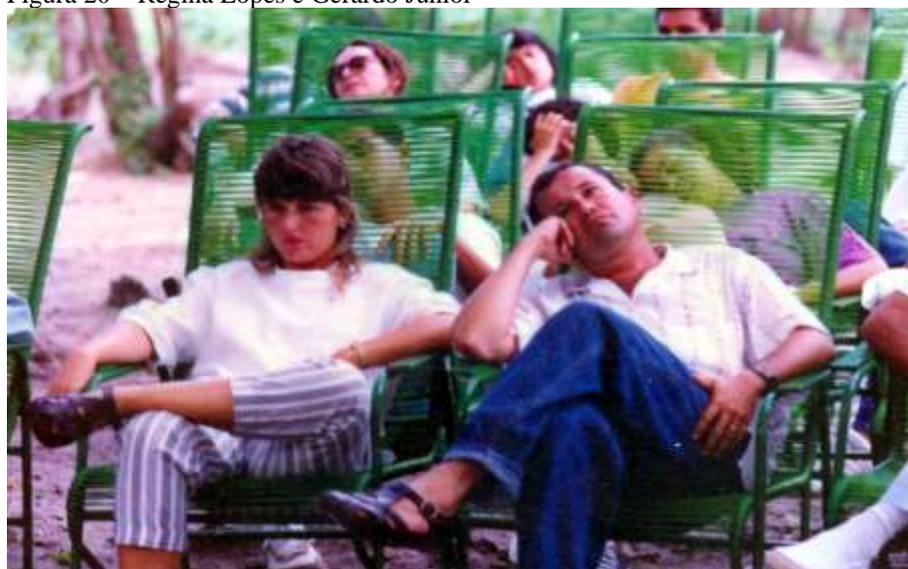
<sup>87</sup> Neste período eram os participantes: Emerson, Danielle, Luzivaldo, Alemberg, Rosiane, Raimundo Nonato, César Lima, Wellington Teixeira, Waléria, Juliano, Isabelisa e as crianças Ceci, Ciro e Miguel.

#### 4.1.5 A copa

Em 1997, no início do segundo semestre, fixaram residência em Crato o (então) Conselheiro **Gerardo Júnior** e a irmã **Regina Lopes**, sua companheira, ambos sócios do Núcleo Tucunacá, trazendo grande contribuição para o fortalecimento da irmandade.

*Agora algumas coisas eu quero falar também, sabe. Eu acho que o trabalho precisa ser feito para as pessoas. Nós não tamo aqui pra criar uma instituição. Nós tamos aqui pra formar pessoas, seres humanos que sejam melhores; [...] dar um suporte à família pra poder mudar o rumo por aí. O resto é tudo secundário. O tamanho da instituição, de sócio, quanto arrecada, o templo bonito. Não! O templo pode ser até **debaixo de um pé de castanhola**, mas, tando todo mundo ali alegre e satisfeito, tá bom.* (MESTRE GERARDO JÚNIOR, entrevista em 12/11/2019).

Figura 20 – Regina Lopes e Gerardo Júnior



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (1993).

*E aí Gerardo Júnior, que é cumpade do Rodrigo, Mestre Rodrigo, ele ficou querendo se estabelecer aqui comercialmente, em Juazeiro, e vinha esporadicamente. Ficou hospedado lá e já estava no Corpo Instrutivo, assim como Rodrigo e Débora, e começaram a negociar a possível aquisição de um terreno, e ele veio morar aqui.* (MESTRE EMERSON, entrevista em 19/08/2019).

Com o crescimento do número de pessoas, o grupo foi se apropriando do sentimento de irmandade e viu que era importante ter um espaço apropriado; o sentimento de pertencimento a este lugar que é a UDV fortaleceu o compromisso com a obra do Mestre Gabriel. Foi então que, em 1997, foi comprado o terreno onde hoje está construído o NSFC. A irmã Regina (entrevista em 12/11/2019) relembra:

*Em 1997, a gente veio a trabalho, e aqui não possuía um Núcleo. Havia apenas uma distribuição na casa do Mestre Emerson e da Isabelisa, e depois ficou responsável por essa distribuição, porque era do Corpo Instrutivo, a Débora e o Rodrigo. Passou a ser lá. Então, quando vinha um mestre de fora, as sessões eram lá. As pessoas vinham, dormiam lá, se alimentavam, eram bem recebidas. E, assim, com muito carinho, a gente chegou a ser recebido também por eles na época. E aí, sim, a gente viu a necessidade de ter um lugar maior pra beber o Vegetal, pra que a gente pudesse ter um Núcleo. A gente, nessa época, não usava uniforme, não lia os documentos. E faltava, assim, algumas coisas pra gente ter uma disciplina como a gente tinha nos núcleos, de horários de sessões e tudo o mais. Então, foi comprado em 1997.*

Mestre Alemberg (entrevista em 22/11/2019) complementou:

*Chega o Gerardo Júnior – e como Gerardo Junior é tido na história como um empreendedor. Por quê? Porque ele era uma pessoa negociante –, então ele viu que tinha que ter um terreno. Então, na época, eu, o Mestre Rodrigo, o Mestre Emerson e o Mestre Gerardo Júnior enfrentamos essa empenha de comprar o terreno que ele tá ali hoje. Bem, faço um recorte: por que é que o terreno tá ali naquela região? Porque, na época do Mestre Emerson, como ele tava ali, ele tinha sempre, assim, o pensamento dele, e também o Rodrigo absorveu isso, era que tivesse um terreno ali onde hoje é a nascente do Caiano. Só que é uma terra muito valorizada, de rico. Nós não tinha condição, muito dinheiro. Terra muito valorizada. Aí, então, a história não vingou pra lá, aí terminou virando uma rua, rua do Caiano, que é a rua em que Mestre Emerson mora. Só chegou a esse ponto ali pra acolá. E Rosiane, a família toda dela vinha da fábrica de Santa Fé; a família Limaverde vem de Santa Fé. Então, foi ela quem puxou a fazer pesquisa pra lá. Inicialmente eu, nessas pesquisas nossas, nós chegamos a comprar um terreno. Meu irmão que mora nos Estados Unidos queria investir no Brasil e nós compramos um terreno pensando não só no investimento dele, mas no terreno de ir pra ali a União do Vegetal. Construímos um barracão lá no Valentim, no distrito de Santa Fé, e fizemos sessões lá. Foi a primeira tentativa, assim, de um terreno extra residências. Bebemos Vegetal lá, nós fizemos um barracão, a gente bebia Vegetal na rede. E nessa época o Hélio veio pra cá, e aí o seguinte: a gente procurando terreno por ali, compramos aquele terreno que tá lá hoje. Então, as pessoas que tavam à frente era pra essa compra do terreno. Nós definimos a doação de quanto é que cada um entraria, dentro do carro, justamente ali onde faz aquela bifurcação, que era aquele desvio. Me lembro como hoje. Ali foi que disse: ‘Sim! Vamos comprar! Vamos’. E, quando foi na hora de doar, eu tomei a frente e disse: ‘Vou doar três mil reais’. Eu não tinha esse dinheiro. Eu não tinha esse dinheiro. Eu não tinha nem uma casa pra morar nem um terreno pra mim. E Gerardo viu aquilo e disse: ‘Mas, rapaz!’. Sabia da minha situação. E ele já tinha um comércio. Era pessoa mais bem de vida que tinha; era ele e o Mestre Emerson, que era aposentado e que já vinha pelejando. Trabalhando para quê? Pra desenvolver a União aqui. E o Mestre Rodrigo era funcionário público. Por esses três mil, Gerardo entrou também com três mil, para não ficar por baixo, como se diz [risos]. E aí nascem as primeiras doações e o primeiro valor, ali naquele ‘cocuruto’ ali. Naquele momento ali, foi que foi definido qual seria o valor e que nós iríamos comprar o terreno, porque nós tínhamos ido lá visitar o terreno, que ele tinha um irmão que trouxe essa informação pra gente, que tinha esse terreno lá. Bem, compramos o terreno. Quando nós compramos o terreno, o terreno era uma granja antiga, tinha uma pequena casinha e tudo. Aí vem o irmão Hermes na época e faz todo o processo de agrofloresta que tem ali. Ali foi ele que levantou aquela floresta que está ali.*

Em agosto do mesmo ano, após a autorização do mestre central, Mestre Sílvio Gomes, e do mestre representante do Núcleo Tucunacá, Mestre Manu, iniciou-se a busca por

um terreno. O grupo adquiriu um terreno de 3,1 hectares, no sítio Urucu, no distrito de Santa Fé, em Crato, que foi comprado em 19 de agosto de 1997 no valor de R\$ 8.000,00. Nesse local, instalou-se uma Distribuição Autorizada de Vegetal. Seus antigos proprietários eram Geraldo Silvestre e Francisca Ieda Brasil Silvestre, e a entrega da chave aconteceu no dia 6 de setembro de 1997.

*Dessa primeira sessão que eu participei aqui foi na casa da Isabelisa [...]; depois eu comecei esse trabalho de vim pra cá. Eu procurei um ponto pra minha loja e [...] eu cheguei aqui no dia 23 de junho de 1997. E ia ter a sessão na casa do Rodrigo, sessão de São João Batista, e também comemorar o aniversário dele [...]. E aí foi feita essa sessão, e daí começaram os trabalhos. Como ela disse que a gente tinha sido sócio-fundador do Núcleo Fortaleza, e eu era da equipe das pessoas que procurava terreno lá, eu já conhecia mais ou menos como é que a gente fazia pra chegar esse trabalho de formar um núcleo. Aí, quando eu cheguei, eu tive facilidade. Com dois ou três meses, a gente achou um terreno e teve esse processo que ela disse: a gente procurou, cada um com seu esforço, fazer o que tava podendo pra realizar esse sonho da gente, que era poder ter um local, vestir uniforme, ler os documentos. Isso foi muito importante pra nós. E assim teve um momento que foi de fundamental importância, porque foi na hora que a gente decidiu – foi resolver – quanto cada um ia poder dar. E a primeira pessoa que começou dizendo quanto que ia dar foi o – hoje mestre – Alembert. Aí ele disse que ia dar [...] um valor na época, assim, forte, alto pra ele e pra mim também. Aí eu vi que a gente tinha que fazer o esforço mais do que o que ficaria na zona chamada de zona de conforto. Aí eu também me habilitei, que eu não lembro qual foi o valor, se foi o mesmo, não vem ao caso, mas o mais importante foi a iniciativa dele, que foi determinante pra pelo menos a notícia chegar em Fortaleza que os sócios daqui já tinham uma quantia ‘X’, que já era representativa pra compra do terreno. Eu também não me lembro quanto foi o terreno. Bom, então a gente conseguiu, juntamente com os núcleos de Fortaleza, o Núcleo Fortaleza e o Tucunacá, conseguimos o valor pra fazer o pagamento do terreno que tem essa foto com o senhor, o Senhor Silvestre, Geraldo Silvestre, parece, se eu não me engano. E aí a gente começou realmente os trabalhos. (MESTRE GERARDO JÚNIOR, entrevista em 12/11/2019).*

Figura 21 – Entrega da “chave” do terreno



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (1997).

Ainda a esse respeito, a Irmã Regina (entrevista em 12/11/2019) rememora:

*Sim, aí nós viemos pra cá, e a gente é sócio-fundador do Núcleo Fortaleza. E o Núcleo Fortaleza ele foi distribuído assim: Núcleo e alguns terrenos foram vendidos para os sócios fazerem suas casas. Desmembraram lá. E a gente tinha um terreno lá. E aí o Júnior doou pra o Santa Fé do Cariri pra fazer um caixa pra gente poder comprar um terreno. Aí essa doação teve, assim, algumas promoções, e a gente comprou o terreno com doações também de pessoas de Fortaleza, amigos da gente. E as pessoas doaram, tiveram muito boa vontade. Chegaram junto mesmo. E aí o terreno foi comprado. O terreno era uma granja. Então, a gente tinha uma casa, e logo ali onde era o banheiro era o berçário. Ali foi o banheiro feminino, depois foi berçário. E aí se comprou, se construiu, se reformou o que podia. Fez-se os banheiros. Tudo era muito, assim, muito simples, porque o dinheiro que a gente tinha, tinha sido pra comprar o terreno e fazer uma pequena reforma. E aí as pessoas foram chegando, foram auxiliando, e a gente foi construindo e melhorando o templo. A casa virou o templo.*

Figura 22 – Sítio União em 1997



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (1997).

Conselheira Raimunda (entrevista em 17/11/2019), por sua vez, também relembra:

*Depois chegou Gerardo Júnior, que foi depois Mestre Gerardo Júnior. Foi o professor do Mestre Raimundo. O Mestre Raimundo se formou através do Mestre Gerardo Júnior. Se formar que eu falo é aprender a história da Hoasca, contar e passar no concurso. Daí, quando Gerardo Júnior chegou, ele teve outro planejamento, que foi comprar aquele terreno dali. E todo mundo se reuniu: o Mestre Alembert, a Conselheira Rosiane e nós também, no que nós podia, no trabalho, e todo mundo querendo, com a força do querer, com a força da vontade mesmo. E daí a gente comprou aquele terreno. Quando nós chegamos lá, tinha uma casinha, era uma casinha de taipa, tinha um galinheiro. E, hoje em dia, se transformou no Núcleo Santa Fé do Cariri.*

Esse momento de compra do terreno e todo o movimento que se gerou desde a pesquisa feita pela região em busca de um local que pudesse recebê-los em boas condições e que sobretudo coubesse dentro do orçamento foi muito importante para a memória de nossos

dias. Para Mestre Manu (entrevista em 23/08/2020), porém, tem um dado importante que foi marcante neste período:

*O que mais me marcou nesse período foi a nossa convivência com aquela irmandade e também a compra do terreno. Era uma casa antiga, e isso ficou muito marcado. E a gente deu uma organizada nela e começamos nosso trabalho lá no terreno, e isso ficou muito marcado pra mim, e eu acredito que pra todos nós. É esse trabalho que foi feito lá: beber o Vegetal e trazer os ensinamentos, a doutrina, e ver a transformação daquelas pessoas, o desenvolvimento daquelas pessoas na espiritualidade e nos propósitos de seguir a União do Vegetal.*

No mesmo dia, 6 de setembro de 1997, foi realizada a primeira sessão, no novo terreno da União, que recebeu o nome de Sítio União, sendo o seu dirigente o Mestre Ascelino. Dela participaram o(a)s conselheiro(a)s Rodrigo, Débora e Gerardo (Figura 12) e mais 13 sócios, a saber: Regina, Alemberg, Rosiane, Raimundo, Raimunda, César Lima, João Carlos, Angelina, Wellington Teixeira, Emerson, Isabelisa, Danielle e Luzivaldo Marques (Lucas).

Figura 23 – Primeira sessão no sítio União I



Fonte: Acervo DMC-NSFC (1997).

Desta primeira sessão no sítio União, Regina (entrevista em 12/11/2019) relembra:

*E, quando a gente começou, eram 14 pessoas. E a primeira sessão que teve lá foi dirigida pelo Mestre Ascelino, lá no terreno. Tinha um espaço ali, que hoje é a sala do Vegetal e o Núcleo, e foi dirigida ali. Então, não tinha banheiro, não tinha cozinha, e a gente se virou como pôde. Foi bem tranquila a sessão. Começou à tarde, terminou à noite e, com o tempo, foi havendo, por causa da quantidade de sócios, necessidade de ampliar. Ampliar, comprar cadeira, fazer banheiro. Então, assim, a gente passou muito tempo nesse período construindo. A gente sempre tava construindo, porque sempre tinha o que melhorar ali, porque era tudo muito improvisado, mas foi um tempo, assim, muito feliz. Um tempo de muito trabalho, pouca gente trabalhando, mas os poucos que tinham davam conta do trabalho.*

Figura 24 – Primeira sessão no sítio União II<sup>88</sup>



Fonte: Acervo DMC-NSFC (1997).

A primeira sessão realizada no Salão do Vegetal foi uma sessão de São Cosme e São Damião, no dia 27 de setembro de 1997, dirigida pelo Mestre Manu. Foi utilizada a casa existente no terreno, que servia de templo, berçário e cozinha.

Figura 25 – Ilustração da casa que servia de templo



Fonte: DMS-NSFC (2012).

*Eu me lembro que, quando eu cheguei, a gente tinha uma casinha, ali no mesmo lugar que é o templo, e a gente bebia o Vegetal na garagem da casa. Tinha a mesa que ficava a água do Mestre. Era um caixotezinho de maçã. Um caixotezinho de maçã, a janela pintadinha de azul, tinha uns jarrinhos com umas florzinhas. (CONSELHEIRA CHARMENE, entrevista em 01/02/2020).*

<sup>88</sup> Na foto, da esquerda para a direita: Conselheira Débora, Conselheiro Gerardo, Mestre Ascelino e Mestre Rodrigo.

Figura 26 – Casa que servia de templo



Fonte: Acervo DMC-NSFC (2005).

Foram aproveitadas algumas construções já existentes no terreno para adaptar o berçário inicialmente e na varanda se realizavam os trabalhos com as crianças, como o Projeto Novo Mundo.

Figura 27 – Projeto Novo Mundo



Fonte: Acervo da Conselheira Luciana (1997).

*A Débora iniciou um projeto chamado 'Novo Mundo' com as crianças. Foi onde iniciou todo esse trabalho que é feito hoje, da orientação espiritual. Aqui foi feita uma coisa muito artesanal. Foi um projeto criado pra iniciar esse trabalho que nos Núcleos cada um tinha a sua forma de trabalhar com as crianças e com os jovens. Naquela época, a gente não tinha tanto jovem. Eu era um pouco jovem, mas não tava naquela faixa etária de adolescência. Tinha poucos nessa faixa etária. Então, tinha algumas poucas crianças, e foi iniciado esse trabalho. (CONSELHEIRA ANA CLÉA, entrevista em 13/12/2019).*

Em 1º de novembro do mesmo ano, foram autorizados a leitura dos documentos e o uso do uniforme e também se ouviu, pela primeira vez no Cariri, a história da *Hoasca*, na voz do Mestre Gabriel, numa sessão dirigida pelo Mestre Pádua, mestre central da 11ª Região.

*[...] quando eu cheguei aqui, que eu vi o terreno... o terrenozim, assim, bem simples, não dava nem pra gente perceber essa beleza que tinha aqui, que tem aqui hoje, porque não tinha vegetação. A vegetação era uma vegetação seca, uma vegetação pouca; não tinha quase nada. Era só uma casinha ali, uma casinha pequena, que era a casa do morador do terreno, que depois que ela teve que ser derrubada uma parede pra poder fazer o templo, pra poder ser o espaço do templo, que eu acho que comportava, se muito, umas 30 pessoas. Coisa, assim, bem pequena mesmo; do lado de trás, assim, tinha um [...] espaço da cozinha mesmo; do lado da frente, era o templo; e, do lado de trás, era a cozinha. Então, era uma coisa, assim, bem simples mesmo e pouca gente, mas era um momento, assim, muito sublime, porque, quando a gente vinha de lá pra cá pra beber Vegetal aqui com o pessoal, era uma festa. Hoje esse Núcleo é um Núcleo de um povo muito alegre, mas, naquele tempo, rapaz, aquelas poucas pessoas, assim, elas faziam um barulho mesmo assim, era uma alegria mesmo [...] era uma alegria, alegria. Era como se a gente fosse uma família que tivesse se encontrado pra gente comemorar alguma coisa. Então, eu acho que era uma família que tava se encontrando pra gente comemorar a vitória desse crescimento espiritual, sabe? Tá me vindo isso aqui agora, mas o sentimento que eu tinha era esse, tipo: 'Que maravilha! Olha o tesouro que nós ganhamos aqui'. Aí, pronto. Aí, aquela alegria esbaldava. Então, isso aí foi muito legal. (MESTRE HÉLIO, entrevista em 04/11/2019).*

Em 23 de novembro, Mestre Monteiro, do Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel, visitou o Cariri com o Mestre Manu, e eles plantaram as duas primeiras mudas de mariri (Figura 16), dando início ao plantio da Unidade.

Figura 28 – Mestre Monteiro e Mestre Manu plantando as primeiras mudas de mariri



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (1997).

*E aí a gente resolveu fazer o seguinte: teve uma sessão seguinte, que foi com o Mestre Monteiro, que ele dirigiu. Foi quando ele plantou esses pés de mariri; ele plantou um e o*

*Mestre Manu plantou o outro. E aí a gente resolveu começar a derrubar as paredes internas pra poder fazer daquela casa, só com a parte periférica das alvenarias, fazer a estrutura do templo. Mandeí fazer as tesouras, botamos as tesouras, derrubamos as paredes. Então, aí foi o momento, assim, de mais força de trabalho que a gente pôde perceber. A partir do dia que o Mestre Manu plantou o mariri, estabeleceu-se um compromisso das pessoas terem que ir pra lá pra aguar. Não foi uma tarefa fácil, porque era feito de balde. Não tinha condição da gente fazer de outro jeito. Pegava a água, era pouca também, a cacimba quase seca, e a gente tirava aquela quantidade de água e saía, de dentro de um tamborzim, e saía aguardo os pés de mariri. Então, foi um momento muito bonito de ver a doação das pessoas. (MESTRE GERARDO JÚNIOR, entrevista em 12/11/2019).*

Em seguida, no mesmo dia, no final da tarde, Mestre Monteiro batizou Janaína Gomes Lacerda, filha do Mestre Emerson e da Danielle. Foi o primeiro batizado ocorrido nessa irmandade.

Figura 29 – Batizado de Janaína



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (1997).

À noite, Mestre Monteiro dirigiu uma sessão extra. Mestre Hélio, em entrevista realizada em 04/11/2019, lembrou:

*Quando eu cheguei aqui, me entrosei aqui com a irmandade. Eu acompanhei todo o trabalho do pessoal, de Gerardo, Alembert, Mestre Emerson. E aí já tinha mais algumas pessoas, e as pessoas bem envolvidas pra comprarem o terreno. Já tinha uma busca, uma procura, e as pessoas se dedicando a isso aí. E isso pra mim me encantava muito, sabe? Ver uma semente dessa, assim, germinando, porque uma das coisas que me encanta mais na União do Vegetal é a gente ver a palavra do Mestre Gabriel tomando forma, ela se materializando, sabe? E aí eu fico pensando assim: como é que uma pessoa, um ser, um caboclo, nordestino, analfabeto, pobre financeiramente, e não tinha interesse de ficar rico, como é que uma pessoa dessa faz tudo isso? Consegue passar tudo isso pra cabeça dessas pessoas? Porque hoje as pessoas que eu observo... uma grande maioria das pessoas que fazem parte da direção da União do Vegetal são pessoas de inteligências privilegiadas.*

*Tem algumas pessoas que conheço que são destaques. Aí eu digo: se essas pessoas são inteligentes, elas não são tão fáceis assim de serem ludibriadas. Pra essas pessoas estarem entendendo essa mensagem bem direitinho é porque esse mestre tem que ter uma coisa diferente. E isso aí não basta. O que basta é ver como é que as pessoas chegam e como é que as pessoas se organizam na vida; se organizam do ponto de vista emocional, espiritual; do ponto de vista organizacional; do ponto de vista financeiro; as pessoas prosperam. Isso é uma coisa, assim, que salta aos olhos, chama a atenção. Como é que isso acontece? É o Mestre ali, ele dando o caminho das pedras. Ele mostra todo o mapa de navegação. Você quer chegar aqui? Então, pra chegar aqui, você vai ter que fazer isso; o caminho é esse. Você tem que fazer isso, isso e isso, e vai mostrando o caminho pra gente. Aqueles que têm uma capacidade de enxergar isso aí e disposição pra vencer suas limitações, vencer as suas carências, vencer as suas dificuldades, as pessoas chegam. Então, meu amigo, isso aí é que é um dos encantos da União do Vegetal.*

#### **4.1.6 A seca**

Ao longo do tempo, apresentaram-se também as dificuldades inerentes a todo processo de construção. A “ausência de água”, as “dificuldades de relacionamento” e as “dificuldades financeiras” teriam sido as principais.

Comprado o terreno, comemorou-se como merecido. Agora tínhamos um local só nosso, da UDV, futuro NSFC. Podíamos construir a nossa Sede e plantar mariri e chacrona sob o clima da FLONA, nossa Floresta Nacional do Araripe. Contudo, uma surpresa nos esperava, ou talvez tenha sido até prevista: o terreno não tinha água.

Mestre Hélio (entrevista em 04/11/2019), mesmo não morando no Cariri ainda, comentou as dificuldades iniciais com a ausência de água após a compra do terreno e suas impressões sobre a forma como os primeiros irmãos a enfrentavam:

*Aí, depois, mais adiante, quando conseguiram comprar o terreno, aí foi a outra peleja, as dificuldades, não tinha água, dificuldade de: como é que vai plantar mariri? Como é que vai? Aí, como é que vai ter um Núcleo se aqui não tem mariri, não tem chacrona? Naquele tempo, pra se criar um Núcleo, tinha que ter um templo; tinha que ter plantio de mariri e chacrona; e tinha que ter uma casa de preparo. Se não tivesse isso aí, não tinha. E como era que a gente ia construir tudo isso aí pra poder ganhar o direito de ser um Núcleo? Então, ficamos assim. Naquele tempo, eu num tava aqui caminhando junto com o povo, mas eu acompanhava a distância, vinha aqui de vez em quando e via a peleja do povo. Mas, assim, é um povo, assim, que não se intimidava com dificuldade, não.*

Constatada a situação, buscou-se uma solução. Ficou resolvido que seria providenciada uma cacimba. Na época, o Irmão Miguel morava na casa do Alembert e Rosiane, no Crato. O pai do Miguel, morador de Nova Olinda, era conhecido como uma pessoa que achava água. Assim, ele foi chamado para “marcar” a cacimba do Núcleo. O nome do pai

do Miguel era Miguel Rodrigues Barros, mais conhecido por Seu Teteu. Mais ou menos um ano depois que o terreno foi comprado, o Seu Teteu “marcou” a cacimba, como se diz na região. Depois foram contratados os cavadores da cacimba, que deu água com uma profundidade de 80 palmos, medida utilizada e já anunciada por Seu Teteu. No início, a água da cacimba até que atendeu bem às necessidades do Núcleo, que eram pequenas, mas, com o passar do tempo, a água foi ficando insuficiente e a cacimba já não dava conta de atender ao consumo do Núcleo.

Foi o momento em que o Seu Silvestre, nosso vizinho, vendo a nossa precisão, teve a generosa atitude de nos oferecer água de sua cacimba, que era bem grande (quase uma fonte), suficiente para atender às necessidades da propriedade dele e ainda nos ceder a quantidade que precisávamos para o suprir o nosso consumo. Inclusive, pudemos usar a água para aguar nossas plantas sagradas, ocasião em que dávamos início ao nosso plantio. Passado o tempo, com o nosso plantio já bem desenvolvido e as instalações também já contando com banheiros, cozinha, casa de preparo, berçário e alojamentos, percebemos que não mais poderíamos ficar dependendo da água do nosso amigo vizinho, apesar da imensa boa vontade dele.

Gerardo Júnior (entrevista em 12/11/2019) faz seu reconhecimento ao Senhor Silvestre, o vizinho que, mesmo não sendo do CEBUDV, dispôs-se a compartilhar a água existente no seu terreno:

*A primeira grande dificuldade que a gente teve foi quando a gente comprou o terreno, aí houve um começo de uma geração de conflito com o Seu Silvestre, que não foi o que vendeu o terreno pra gente, foi outro que não sei se é parente dele ou alguma coisa assim. Eu acho que você sabe essa história: foi por causa de um caminho de serviço, aí foi o primeiro desafio pra gente encontrar uma solução que mantivesse a harmonia da gente com os nossos vizinhos. Foi o primeiro desafio [...]. A água veio a partir dessa amizade que a gente fez com Seu Silvestre. Ele cedeu a água pra gente. Pra você ver que, muitas vezes, pra você encontrar um tesouro, você precisa também ter um caminho dentro da luz, da paz e do amor pra poder encontrar o tesouro lá na frente. Se a gente tem ido pro confronto, a gente tinha direito de fazer confronto com ele, ir pra justiça. Nós procuramos ceder, e ele cedeu também, e a gente conseguiu encontrar um ponto de fortalecer uma amizade que dura até hoje. E eu espero que continue, porque o Mestre Gabriel ensina muito isso de que é uma coisa importante a gente valorizar esses primeiros irmãos, que esse senhor lá, o Seu Silvestre, de certa forma, ele é uma das primeiras pessoas que faz parte dessa história, embora não tenha bebido o Vegetal. É uma pessoa que a gente tem que dar valor, e isso Mestre Gabriel mostra no exemplo de vida dele: alguns sinais de que a gente precisa valorizar essas pessoas.*

Mestre Edmar (entrevista em 29/01/2020, grifo nosso) relembrou e complementou que, mesmo com a água do vizinho, nos meses mais quentes, as dificuldades tornavam a se apresentar:

*Pois é, amigo, um dos nossos desafios, desde o início, que nós tínhamos era a água; não era a água; era a ausência de água ali naquele lugar, porque, no inverno, beleza: a cacimba do Seu Silvestre ela se mantinha bem. Você vê que o quanto Seu Silvestre era e é uma pessoa de coração bom: ele usava a água pra ele e compartilhava com a gente, durante muitos anos. Aí, quando chegava no período do verão, que a gente via aquelas chacronas – nossas chacronas e o nosso mariri – sentindo aquela seca, naquele período que normalmente é um período que pegava de julho e ia até dezembro, seis meses, chegamos algumas vezes a comprar água em caminhão pipa d'água. Não foram poucas vezes que a gente fez isso pra poder ter a manutenção, tanto das atividades nas sessões, como pra preparo e em alguns momentos até pra usar também no plantio. Só que ficava, inviável, muito caro, a gente ter que comprar caminhões-pipa d'água pra usar, mas algumas vezes foi preciso fazer isso em preparo, que nós compramos, não foram poucas as vezes. E, pra gente, isso aí foram momentos difíceis, porque, sempre que a gente via chegar aquele verão e a gente via as plantas naquela situação, a chacrona, que é mais sensível, as folhas secas no chão, trabalhar no plantio na época do verão não era uma visão animadora, não. Era da gente pedir mesmo a Deus e ao Mestre pra passar logo aquilo e atravessar. Foram vezes que a gente sofreu; teve esse sentimento da gente ver as plantas e, naquele período, algumas vezes, a gente precisou buscar o mariri também bem longe. Algumas vezes, a gente teve que ir buscar mensagens fora. Eram dias demorados e longos pra algumas pessoas que foram. Gerardo foi com os mestres e algumas pessoas algumas vezes. Então, a gente não tinha ainda mariri pra preparar, pra dizer, assim: a gente tinha suficiência de mariri e chacrona. Então, nesse início, a gente, durante esse período, precisou ir buscar o mariri e a chacrona no Pará e em alguns lugares; fazer a pesquisa e trazer pra preparar.*

Quanto às dificuldades de relacionamento existentes nesse processo, o Conselheiro Múcio (entrevista em 12/12/2019) explica:

*Dificuldades inerentes à gente. Não tem nenhuma dificuldade externa. Nada que tenha gerado um mal-estar dentro do grupo, dentro da irmandade. Sempre dificuldades internas: de personalidade, de uma pessoa que quer fazer uma coisa de um jeito e a outra quer fazer de outro, e talvez outra queira fazer de outro ainda, de um terceiro jeito. Então, o Mestre Rodrigo Barbosa gostava de dizer uma coisa aqui que era assim: a gente é como se fosse um bocado de cubinhos quadrados, e esses cubinhos dentro de um globo, e esse globo girando, e aqueles cubinhos se atritando uns com os outros e se arredondando. Então, é assim que funciona na prática. Ser humano é ser humano em todo lugar. Então, as dificuldades que nós enfrentamos – está sujeito ainda a precisar enfrentar – são de ordens pessoais. Então, é isso. Mas eu compreendo que os ensinamentos da União do Vegetal eles são imprescindíveis pra gente aprender e transmitir, mas eles são muito mais importantes ainda pra gente aprender e botar em prática. É isso que eu acho.*

Sua companheira, Conselheira Luciana (entrevista em 12/12/2019), complementa:

*Quando existe vontade de se unir, força de trabalho, então, a gente olha assim: muitas vezes, eu olho assim pra o que foi feito e eu vejo, assim, como é que a gente conseguiu? Mas está lá! E também, assim, dentro dessa construção, a gente sabe que nós somos seres humanos, então surgem, muitas vezes, os conflitos, mas também, quando eu olho pra trás, eu vejo que os conflitos ficaram pra trás, e a gente caminha para frente e resolve. É assim que eu vejo.*

Quanto às *dificuldades financeiras*, Conselheira Ana Cléa (entrevista em 13/12/2019) rememora:

*Financeira principalmente. Todos, a maioria de nós, não tínhamos, por exemplo, veículo para se deslocar. Eu lembro que naquela época tinham quatro pessoas que tinham veículos, que era quem nos dava carona. O Múcio era uma dessas pessoas. Ele tinha um jipe. E eu era uma das pessoas que aproveitava a oportunidade nos mutirões e ia com eles pra me deslocar até o Núcleo, pra participar das atividades e das sessões. E o Gerardo, o Rodrigo e o Alemberg eram essas pessoas que tinham veículo, e a maioria não tinha. Então, ou pegava ‘carro de linha’ – que naquela época também era muito difícil pela localização; a estrada em péssimas condições; não era muito fácil você ter que se deslocar; era um grande desafio – ou ia de bicicleta. Eu lembro que tem uma história que me chamou muito a atenção: do Mestre Raimundo, que ele também, dentro da simplicidade, como todos nós, a maioria de nós, começando a vida batalhando para sobreviver. As dificuldades do Nordeste com relação à melhoria de trabalho. Então, a maioria dos que estavam lá, em torno de 45 pessoas, salvo engano, a maioria são pessoas que não tinham condição de se deslocar, não tinham condição de levar um lanche pra uma sessão, pra você ter ideia do grau de dificuldade que se tinha. O Mestre Raimundo me chamou a atenção porque ele frequentava os mutirões e nesse dia o Gerardo não pôde trazer ele de carona, aí ele disse: ‘E agora?’. Aí lembrou da bicicleta. Ele disse: ‘Eu vou dar um jeito de ir pra o mutirão’. Porque ele lembrou de uma palavra do Mestre: ‘O tamanho da dificuldade é o mesmo da facilidade’. Aí ele pegou a bicicleta dele, saiu lá da casa dele, no Granjeiro, e foi até o Santa Fé do Cariri de bicicleta, pra o mutirão. Então, esse pra mim foi um exemplo de determinação. Quando se quer algo, não se há dificuldade pra isso. Então, nós estávamos ali naquele grande desafio de construir aquele Núcleo, construir essa história que hoje são 19 anos, mas cada um de nós fazendo a nossa parte; cada um de nós buscando e querendo realmente ser parte dessa história [...]. Então, se virava com o que tinha. O que não tivesse a gente dava um jeito de pegar ônibus e ir pra tal local e pegar um carro de lotação. O importante era chegar lá na hora do mutirão e participar da sessão. Era um grande desafio, mas aí requer de nós, assim, que eu vi uma força de determinação nas pessoas. Então, isso pra mim foi um fator, assim, muito importante. Teve momentos que dava vontade de desistir, mas tem horas que não! Não posso desistir. É um desafio. Por que aqui é diferente de onde eu vim. Uma coisa mais confortável e tal e hoje enfrentar esse desafio todo: algo tinha pra nos ensinar. É essa coisa do querer. Então, eu via em todos nós que estávamos lá, todos que estávamos seguindo, todos nós estávamos nessa mesma determinação. Então, foi esse diferencial que eu vi por esse exemplo do Mestre Raimundo.*

Mestre Edmar (entrevista em 29/01/2020) relembrou e complementou as soluções encontradas:

*Então, os desafios foram esses de dificuldades. Com algumas pessoas pra chegarem junto. É sempre necessário também. Nem todos, às vezes, tão podendo e, às vezes, a gente tem que financeiramente ter gastos, mas aí a gente fazia promoções, fazia shows. As pessoas sempre se dispendo. E, assim, é umas dificuldades, como o Mestre diz: ‘Mas pra gente vencer!’. Então, essas dificuldades que foram naquela época era pra gente ver hoje, sentir hoje o valor da construção. Eu acredito que os Núcleos da União do Vegetal que teve essa origem, assim, simples; simples e humilde. Eles têm essa força nas pessoas de saber da própria origem da União quando o Mestre (re)criou; o quanto tem de força nessa União do Vegetal, pela forma*

*simples e humilde que ela é criada e, aos poucos, ela vir despertando nas pessoas o interesse pra melhorar e crescer. Então, isso tanto acontece em termo de Núcleo como em termo de pessoa. A gente vê que as pessoas elas vêm também crescendo e se desenvolvendo, na medida que o Núcleo vem acontecendo e vem fazendo.*

#### **4.1.7 A água**

Na gestão do Irmão Carlos Lobo como presidente do Núcleo, foi providenciada a locação de um poço. O primeiro poço foi locado por uma pessoa conhecida na região por achar água. Esse poço foi perfurado, mas não se obteve sucesso; não deu em água. Diante do acontecido, o Irmão Lairton falou que sabia o local onde um novo poço deveria ser perfurado. O local indicado por Lairton foi confirmado utilizando-se o sistema de radiestesia, sendo também aprovado com estudos técnicos realizados por geólogos, com o acompanhamento da Irmã Benícia (geóloga, à época, sócia no Núcleo). Esse segundo poço foi perfurado com sucesso: com uma boa vazão e com água de excelente qualidade. Hoje não temos água em fartura, mas temos água suficiente para atender ao consumo do plantio e também às necessidades de consumo nas atividades do Núcleo, inclusive preparos. Com a graça de Deus, a água chegou: “*Habemus água*”.

*E aí uma das coisas que a gente pediu e quis foi também que a gente tivesse o mariri e a chacrona aqui pra que a gente, quando fosse preparar o chá, a gente fizesse com as nossas plantas do nosso núcleo. Isso é o que, graças a Deus, vem acontecendo. Hoje a gente pega uma mensagem ou outra que vem de outros lugares, mas é também pra manter a nossa e pra conseguir ir administrando. Então, esse era um desafio que a gente teve e que, graças a Deus, foi vencido. (MESTRE EDMAR, entrevista em 29/01/2020).*

No princípio dessa história do Núcleo, pode-se dizer que os “primeiros irmãos<sup>89</sup>” tiveram que exercitar os ensinamentos aprendidos com a observação da própria “água” como ser constante para superar os obstáculos através do fortalecimento da fé e da coragem. Com isso, o trabalho foi abençoado pelo suor do rosto de quem fez acontecer. Os sentimentos pelo NSFC de amor e reconhecimento (ou gratidão) foram preponderantes nas falas destes protagonistas, acompanhados, em segundo lugar, pela alegria de fazer parte do Núcleo. O sentimento de pertença, traduzido pela fala “O NSFC é a minha casa!”, ficou em terceiro lugar, sendo principalmente recorrente nos pioneiros, além dos sentimentos de acolhimento, amizade e encantamento, características que foram registradas por estes quando entrevistados.

---

<sup>89</sup> Expressão nativa para designar as pessoas que iniciam o trabalho de instalação de um núcleo.

Figura 30 – “Primeiros irmãos”



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (2008).

Os sentimentos transbordam nas palavras dos fundadores. Em uma entrevista, o Mestre Edmar representa, com sua narrativa, uma parte desses sentimentos:

*[...] Então, o meu sentimento, que eu venho procurando, cada vez mais, é de gratidão ao Mestre e amor mesmo pela obra do Mestre e pelas pessoas que me ensinaram e que continuam caminhando com a gente ali. Então, tenho bons sentimentos pelo Núcleo Santa Fé do Cariri e quero cada vez mais desenvolver em mim uma coisa chamada amor. Eu, por uma questão de guarnição, eu quero cada vez mais desenvolver, procurar desenvolver o meu amor pelo Núcleo Santa Fé do Cariri e pelas pessoas. Ser uma casa que a gente possa receber também as pessoas e que elas possam sentir no coração o bem que a gente faz. Interessante isso que o senhor tá perguntando, porque eu tava conversando com um jovem e eu tava dizendo a ele que, se ele zelasse, procurasse zelar por aquele lugar, o Santa Fé do Cariri, procurasse zelar e desenvolver um sentimento bom, porque, na medida que as pessoas forem chegando, elas também sentirão esse sentimento bom que reina entre as pessoas. E, como ele falava do interesse da mãe dele vir conhecer a União do Vegetal, eu dizia pra ele isso. Então, você percebe como é importante você desenvolver esse sentimento bom aqui pelo lugar e pelas pessoas, que, quando sua mãe vier, com certeza ela vai sentir isso. Então, o meu sentimento é esse: é de cada vez mais procurar pedir ao Mestre que desenvolva em nós, em mim, esse sentimento bom, de reconhecimento, de gratidão, pra que as pessoas que forem chegando também possam recebê-los. Esse lugar de alegria, de acolhimento. Hoje eu me sinto com alegria também; ver o Mestre Alembert ali com a gente, que é uma das pessoas também que trabalhou pra plantar as primeiras sementes. Quando chega uma pessoa que eu sei que é dos primeiros irmãos como a Isabelisa, é com sentimento de gratidão que a gente recebe. A Conselheira Raimunda e outros irmãos que estão ali, mas é desde o início mesmo, que plantaram os primeiros pés de mariri; que regaram os primeiros pés de mariri. Dentre eles, tá o nosso querido amigo, Mestre Monteiro, e tá o Mestre Manu, tá o Mestre Luiz Carlos, de Fortaleza, os mestres que tavam no período. Então, nosso sentimento é esse, de gratidão, da gente ver essa obra desenvolver. [...] E, aos poucos, nós fomos aprendendo as lições, aprendendo o que era burracheira, aprendendo, conhecendo o Mestre Gabriel, aprendendo os ensinamentos dele e, de vez em quando, vinham ‘mestres antigos’, que conheceram o Mestre Gabriel, que diretamente falava pra gente. Lembro bem do Mestre Adamir, que foi um dos primeiros que*

*a gente conheceu de mestre antigo. A gente não tinha muita ainda noção do tamanho que era a União, mas muito bom ter conhecido ele. Conhecemos também o Mestre Florêncio, que veio várias vezes aqui. Vinha os mestres de Fortaleza também nos auxiliar; teve Mestre Luiz Carlos, Mestre Pádua; Mestre Manu, uma presença constante também aqui. E algumas pessoas foram se tornando mestre com o tempo. Então, quando nós chegamos, por exemplo, o Emerson Monteiro era Conselheiro Emerson quando a gente chegou. Depois – ele contou a história – ficou Mestre Emerson. E aí já tinha o Mestre Gerardo, o Mestre Rodrigo e o Mestre Emerson. O Mestre Rodrigo Barbosa foi pra Fortaleza. Ficou o Mestre Gerardo, ficou o Mestre Emerson, e ele trouxe outras pessoas pra direção. Aí já foi trazendo a Conselheira Rosiane e o Conselheiro Alembert e foi trabalhando, construindo uma direção, que na época era um ‘pré-núcleo’, até que houve a inauguração e, depois que passou, um pouco mais na frente, passou a ser Núcleo. E Gerardo já foi trabalhando [...] pra nós construirmos uma fornalha, que é basicamente essa fornalha que a gente tem hoje. O Hermes foi trabalhando com a gente. Trabalhei muitas vezes no mutirão construindo esse plantio que a gente tem hoje. Era plantando mariri, plantando chacrona. [...] E, por falar em contar a história, também houve o Raimundo, que depois ficou Conselheiro Raimundo, depois Mestre Raimundo. E, da mesma forma, a Conselheira Raimunda. E a gente trabalhando também – boa parte – no plantio, no sentido de fazer aquele solo; plantar e irrigar. A gente não tinha irrigação. Foi um trabalho também pesquisado e bem construído pelo Hermes. Que era uma coisa, assim, que a gente não tinha água; a gente tinha uma caixa de água e a água vinha de Seu Silvestre e através dum sistema que o Hermes pesquisou: foi a irrigação por gotejamento. A base do nosso plantio foi essa ideia da irrigação por gotejamento trazida pelo Hermes juntamente com o processo de adubação do solo. Então, o plantio do Santa Fé do Cariri deve a esse início de trabalho. Eu tô falando [...] quando eu cheguei. Já existia um plantio que já tinha sido iniciado e tudo por irmãos, mas esse do Hermes foi quando aconteceu essa irrigação por gotejamento. Ele fez umas pesquisas de como era que lá em Israel se fazia e comprou umas fitas, como canos, que botou nos pés de chacrona e mariri. E aí a gente foi trabalhando. O Décio também. (MESTRE EDMAR, entrevista em 29/01/2020).*

A água é uma bênção; sacia nossa sede; limpa nossa sujeira; higieniza; purifica; atrai abundância; energiza; e vitaliza. Nós do NSFC, ao falarmos das águas e da natureza, lembramos sempre do Mestre Florêncio, que é um mestre formado pelo Mestre Gabriel, que é daqui da Região do Cariri e que teve uma boa convivência com nossa irmandade; um amigo que nos ensinou boas pérolas, como:

*As águas, para mim, são sublimes. São o espírito da Terra. Eu comparo a Terra com o corpo humano. O que o corpo humano possui? Ele tem as pequenas veias, que vão alimentando o coração. Como as águas fazem? Têm pequenas vertentes, que vão para os igarapés; são as veias da Terra. Vão formando todo o ciclo de águas para fazer uma alimentação que chega até o mar.*

E o Mestre Alembert expressou na entrevista que havia se lembrado da fala do Mestre Gabriel que dizia que “a dificuldade é do mesmo tamanho da facilidade”. Ele disse que, na visão dele, não houve dificuldade, porque todos estavam animados em trazer a UDV para a região, e que, mesmo diante dos desafios, sempre se fazia uma festa quando as pessoas

chegavam ao Núcleo. Com sua narrativa, representa outra parte dos sentimentos encontrados nos sócios-fundadores do NSFC:

*As dificuldades que a gente..., tem até uma frase do Mestre Gabriel que diz que a dificuldade é do mesmo tamanho da facilidade. Olha, eu lhe digo uma coisa: eu acho até que não houve dificuldade, não, porque a gente tava, assim, tão animado em trazer a União do Vegetal pra cá que a gente, diante de todos esses desafios... O que era que a gente fazia? A gente fazia uma festa quando chegava aqui. Quando chegavam as pessoas, a gente levava para o 'Tumara ver'; ia para 'Casa-Grande'. Os passeios eram estes: ir pra 'Casa-Grande', almoçar no 'Tumara ver', tomar um banho no 'Caiano' e depois a sessão. Esse era nosso roteiro. Então, jantar na casa dos irmãos. Eu oferecia jantar lá em casa. Hospedar as pessoas: isso era, assim, uma coisa tão prazerosa e tão nova na vida da gente que é como o mariri crescendo junto com a floresta, porque a gente foi aprendendo, assim, que a gente tinha que ter na casa da gente um quarto para hospedar essas pessoas. Então, a gente foi aprendendo isso. A gente foi aprendendo, assim, a fazer uns passeios agradáveis pra cativar essas pessoas de virem pra cá. Então, era tanta coisa que a gente tava descobrindo e propondo que não deu, assim, pra gente sentir dificuldade. Qual é a dificuldade que você tem ao receber um presente? É só desembalar. [risos]. Então, era como se fosse desembalando um presente. [...] Ah! O Núcleo Santa Fé do Cariri é a minha casa. Minha casa, da Rosiane, da minha família. Foi lá aonde eu criei meus filhos. Foi lá aonde eu criei coragem, porque esses três mil meu, vou dizer o seguinte: quando eu dei esses três mil meu pra comprar o terreno... por que é que eu tô dizendo um valor? É porque era acima daquilo que eu num tinha mil reais pra dar uma entrada num lote. Eu vi o seguinte: se eu posso dar esse tanto de dinheiro pra comprar o terreno, por que é que eu não posso comprar meu lote? Aí comprei meu lote. Aí chegou aqui Rodrigo com um filho. Chegou aqui Gerardo Júnior com dois filhos, e eu disse: 'Se esse povo pode ter filho, por que é que eu tenho medo de criar filho?'. Então, foi esses desafios. Então, foi esse Núcleo Santa Fé que fez com que a gente fosse aprendendo a gerenciar a casa da gente. Então, o Núcleo Santa Fé, pra mim, foi meu primeiro projeto de casa; foi meu primeiro projeto de lote, tá entendendo? De terra. Eu, muitas vezes, eu via as pessoas comprando chácaras; até hoje eu nunca quis uma chácara no Cariri. Por quê? Porque eu tenho uma chácara que um bocado de gente racha comigo o zelador, a energia... está entendendo? [...] Porque nós que pensamos isso. Nós que fomos atrás do terreno. Nós que definimos quanto era que custava. Tá entendendo? Então, eu sou parte dessa história. [...] Então, é o seguinte: Santa Fé é isso. Faz parte da minha história. Então, assim, eu me sinto de casa. Aquilo ali, pra mim, é um filho meu e, ao mesmo tempo, é meu pai e minha mãe, porque me batia e eu não tinha nenhuma, nenhuma... no outro dia, eu voltava para lá. Então, para mim, assim, o Santa Fé, meus filhos. Então, para mim, é isso. (MESTRE ALEMBERG, entrevista em 22/11/2019).*

Com isso, o NSFC tem em sua história essa marca de busca da água para dar continuidade à obra do Mestre, plantando as plantas sagradas e os bons sentimentos de fé e alegria nessa caminhada.

#### **4.1.8 Florescendo**

Em janeiro de 1998, **Mestre Florêncio**, Conselheira Sueli e seus filhos vieram ao Cariri, muitos anos depois de ele ter ido embora para o Amazonas, para ser soldado da borracha. Visitou a casa onde nasceu, os lugares da sua infância e seus familiares.

Outro ponto importante a ser destacado nesse início de caminhada da irmandade foi a participação do **Mestre Luiz Carlos Alcântara Weyne**, que se disponibilizou em auxiliar Mestre Manu (representante do Tucunacá) na condução dos trabalhos junto à irmandade do Cariri. Por ser o lugar de representante, um lugar de muitas responsabilidades, Mestre Manu precisava de alguém que pudesse auxiliá-lo, sobretudo porque, neste período da sua representação, o Núcleo Tucunacá já contava com uma irmandade de aproximadamente 180 sócios. Assim, sob a orientação do Mestre Manu e do Mestre Pádua (mestre central da 11ª Região), o Mestre Luiz Carlos comprometeu-se em supervisionar os trabalhos no Crato. Nesta dinâmica, ele passou a vir uma vez por mês, durante um ano, de 02/01/1999 a 06/01/2000, acompanhando de perto as atividades desenvolvidas. Nesse período, adotaram-se a prática de realizar as duas sessões de escala mensais e o uso do arco.

Figura 31 – Mestre Luiz Carlos



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (1998).

Mestre Hélio (entrevista em 04/11/2019) lembrou esse momento:

*[...] outro acontecimento que, pra mim, eu acho que foi muito importante foi o apoio que a gente teve das pessoas daqui; a gente de lá do Núcleo Tucunacá – na época, eu era do Corpo Instrutivo, mas, assim, o Mestre Luiz Carlos que ficou à frente da responsabilidade aqui no início e o Mestre Manu enquanto representante. Rapaz, o apoio era: a gente dava suporte e eles dava o apoio, no sentido de ‘Nós tamo querendo’. Era uma coisa, assim, muito na cara. As pessoas: ‘A gente tá aqui. Não tamo aqui de brincadeira, não’. [...] Hoje já tá com a estrutura que os Núcleos da União do Vegetal têm. As coisas já tão um pouquinho mais fáceis, mas, nos inícios mesmo, a gente já tá chegando aqui em 20 anos. E, naquele tempo, só tinha praticamente, aqui na nossa região, só tinha o Núcleo Tucunacá, o Núcleo Fortaleza e o Núcleo Mestre Sidom. Então, o Núcleo Tucunacá era quem dava suporte aqui pra o pessoal, mas não tinha condição nem de atender às necessidades deles. Então, não podia*

*fazer muita coisa. O máximo que podia fazer era mandar mestre, mandar Vegetal, essa coisa toda. E, na maioria das vezes, inclusive, o povo daqui pagando a despesa, porque a gente não tinha condição de custear. Um ou outro, como é o caso do Mestre Luiz Carlos, tinha uma condição, tem uma condição que permite a ele, e aí ele fazia. Algumas vezes, ele vinha por conta própria, mas o pessoal mesmo fez questão de bancar, que foi dito ontem na sessão. Compraram, se reuniram, se cotizaram, compraram bilhetes pro ano inteiro; bilhete de avião pro ano inteiro. Organização, essa coisa da organização do Núcleo Santa Fé do Cariri já vem de longe. E compraram bilhete pro ano inteiro pra ele ficar vindo pra cá.*

Mestre Alembert (entrevista em 22/11/2019) complementou:

*[...] o Mestre Manu determinou o Mestre Luiz Carlos pra nos acompanhar. Então, durante um ano, nós compramos bilhete do Mestre Luiz Carlos; tudo antecipado durante um ano. E fizemos uma escala de sessão. Foi onde surgiu as escalas de sessão aqui. Foi pra o Mestre Luiz Carlos vir. Foi a primeira ordenação de escala de sessão. Então, ele já sabia que tinha, naquele dia de vir pra cá. Ele pegava o aviãozinho; nós ia buscar ele no aeroporto. Ele dirigia a sessão no sábado; no domingo, nós deixava ele, almoçava, ele ia pra Fortaleza chegar lá de novo. Então, foi assim durante um tempo. E foi assim que foi criado o Núcleo Santa Fé.*

Figura 32 – Mestre Luiz Carlos (o primeiro da esquerda para a direita)



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (1998).

Neste ano começou a florescer. Foi realizada a primeira Sessão de Adventícios<sup>90</sup> no sítio União, em 28 de março de 1998, tendo sido dirigida pelo Mestre Luiz Carlos com os seguintes adventícios: Manoel Barros, Edjane Nascimento Ferreira Barros, Luiz Izael Vieira Filho, Charmene Rocha Izael. Mestre Manoel Barros (entrevista em 29/10/2019) lembrou:

<sup>90</sup> Participaram também desta sessão como adventício: Milena, Cícero do Assaré e Roland. E os sócios do NSFC de acordo como os graus: CDC: Rodrigo, Gerardo, Débora, Regina; CI: Alembert, Rosiane e Emerson. Sócios: Danielle, Wellington Teixeira, César Lima, João Carlos, Raimundo, Raimunda, Isabelisa, Ceci (N. Fortaleza), Luzivaldo Marques (Lucas).

*Isso em 28 de março de 1998: fui beber o Vegetal pela primeira vez; recebi da mão do Mestre Luiz Carlos. Ali se deu seguimento na minha caminhada. Na época que a gente chegou: inteirou 18 sócios. Tinha 14. Nessa sessão, bebeu eu, Edjane, Izael e Charmene, os quatro, e ainda hoje tamo na União [...]. Rapaz, eu estava aprendendo, conhecendo as coisas da União. Fui a um preparo, me associei, com o preparo lá que o Mestre Manu me convidou no Tucunacá. Aí comecei a beber o chá e vendo que ali é meu lugar, d'eu seguir com a minha família e trouxe algumas orientações na vida. E, assim, as coisas que me chamou a atenção foi, assim, alguns amigos que eu encontrei, a maneira do Mestre Gabriel trazer os ensinamentos, uma maneira simples. Já tinha lido muita literatura, muita coisa esotérica, mas, quando eu cheguei na União, me encontrei, assim, me satisfiz, me preencheu. O sentimento que eu tive foi de preenchimento. Tava chegando num lugar que ia me auxiliar um bocado. Foi uma coisa simples, assim, um sítio, no meio de uma floresta, Cariri, floresta tropical. Foi isso; algumas coisas que me chamou a atenção nesse sentido aí; de alguns amigos. A gente ia em Fortaleza conhecer pessoas. O Emerson, que eu já conhecia, já estava lá quando eu cheguei: um homem íntegro, uma pessoa bem respeitada no Crato. Chamou a minha atenção ele está lá na União. E teve umas pessoas que deram uma força aí nessa caminhada.*

Conselheira Edjane (entrevista em 13/11/2019), sua companheira, assim descreveu sua experiência:

*Aí, quando eu bebi o Vegetal pela primeira vez, foi, assim, uma experiência bem forte, mas encantadora – eu tive muitas mirações – e muito bonita. E meu esposo, não, ele teve uma sensação, assim, uma experiência mais forte. E aí a gente, no final da sessão, ele perguntou como é que a sessão foi pra mim. Eu disse: ‘Linda! Tava encantada’. Quem distribuiu o Vegetal pra mim a primeira vez foi Mestre Luiz Carlos, uma pessoa, assim, já experiente no Vegetal; uma pessoa muito amável. E dirigiu uma sessão muito bonita. Ele fez, na minha primeira vez, pra mim, eram cânticos, os mais lindos que já ouvi, que hoje eu sei que são as ‘chamadas’. E aí eu contei a minha experiência pro meu esposo, e ele ficou dizendo que, só por causa da minha alegria, ele ia continuar indo, pra ele ter a mesma experiência. E aí lá eu conheci novos amigos. Achei a maneira das pessoas receber, assim, muito bonita, muito amiga. Eu fiz logo amizades: o Mestre Gerardo Júnior, na época, e a Conselheira Regina. Aí tinha Rodrigo, Mestre Rodrigo, ele era conselheiro; todos eram conselheiros. E a Conselheira Débora, a Conselheira Rosiane, o Mestre Alembert, que era também da Instrutiva, eu acho, eles dois. Não me lembro qual é o grau que eles tavam quando eu cheguei: o Alembert e a Rosiane. E aí o grupo era pequeno; tinha 14 pessoas quando eu cheguei. Eu acredito que eu fui o número 14; tenho até que confirmar. E aí a gente deu seguimento a essa caminhada. Lá no início, era tudo bem pequenininho: uma casinha lá pra gente beber Vegetal. Sentava numas cadeirinhas brancas, aí tinha muito sonho e projetos das pessoas lá. Eles já estavam contando vitória conosco, os adventícios; nós fomos os primeiros desse grupo que já estava lá quando nos recebeu. E eles estavam todos felizes que conseguiram arrumar, pintar o ambiente, já colocar água. Não tinha água; eles conseguiram. Então, tudo, assim, sempre na peleja de comprar o terreno. E depois organizar para ter a expansão. E aí foi muito trabalho pela frente, pra que pudesse receber mais novos adventícios. E a gente passou a ser sócio; alguns meses depois é que eu fui ser sócio. Eu era mais assim: eu queria conhecer mais. Eu não fui, assim, de primeira me associar. Eu quis conhecer melhor como era a experiência; se eu me identificava.*

Conselheira Charmene (entrevista em 01/02/2020) rememorou:

*Então, quando eu vim beber o Vegetal aqui no Núcleo, no dia 28 de março de 1998, o pessoal que já tava aqui, que era o que bebia o Vegetal lá na casa do Mestre Rodrigo, disseram que era o dia da inauguração da água, que foi o dia que ficou marcado, que ficou tendo água mesmo aqui nesse terreno. Então, assim, eu vim pra cá neste dia, 28 de março de 1998, de uma forma, assim, bem natural mesmo [...]. A gente foi pra uma prévia entrevista, onde eu conheci algumas pessoas: Alemberg, Rosiane, que já eram aqui da cidade do Crato. E me perguntaram algumas coisas, falaram do chá; a princípio, eu até perguntei se podia vir sem beber o chá, num sabe? Assim, eu não sabia de nada, mas vim. Assim, vim nessa busca de saber e de conhecer e vi que ali se tratava de pessoas que tinham uma honestidade que eu já conhecia. E, então, eu vim também nessa confiança e cheguei aqui nesse dia; comunguei do Vegetal. Senti, a princípio, assim, algo diferente de tudo o que eu já tinha visto, mas eu não conhecia nada, assim, da doutrina da religião. Achei muito interessante o que foi falado no dia, o efeito do chá. Assim, eu me senti encantada, encantada. Inclusive no dia, eu lembro até da primeira pergunta que eu fiz, que eu perguntei: ‘O que é o encanto?’. Porque eu me vi, assim, numa dimensão de encanto, de encanto mesmo, então eu perguntei lá. Tinha um mestre que dirigiu a sessão na época, o Mestre Luiz Carlos, e ele falou algumas coisas na doutrina a respeito da família; do Bem; falou da Força Superior; de Deus; do bem comum do universo; do que nós estamos fazendo aqui diante desse universo, e eu fiquei muito encantada com aquelas palavras dele e também com o efeito, a dimensão que o Vegetal ampliou em mim. A princípio, eu fiquei também um pouco desconfiada, porque eu não conhecia nada. Então, eu fiquei um pouco, assim, querendo saber o que era aquele efeito, o que era realmente aquilo ali. Então, depois, entre uma sessão e outra, eu busquei também pesquisar, porque eu nunca fui uma pessoa, assim, de alguém chegar pra mim e dizer que as coisas eram daquele jeito e eu aceitar, mas eu tive essa disponibilidade de conhecer um pouco mais. Então, eu busquei conhecer, busquei comungar o Vegetal mais algumas vezes e, vamos dizer assim, essa fé que hoje eu vejo que eu construí foi algo realmente construído, num foi algo, assim, que chegaram pra mim e disseram que era assim. E eu peguei tudo o que eu já vivia e comecei a seguir ali o que... Então, não foi assim! Não é assim na União do Vegetal. Então, eu tenho um profundo respeito por essa religião, sabe? Tenho um profundo respeito por uma doutrina simples, que essa primeira pergunta que eu fiz, eu me encontrei e me encontro com ela todo dia quando eu venho aqui, do que é o encanto, que é o que eu procuro e busco viver e ver sempre acontecendo dentro da União do Vegetal: o encanto. O encanto pela simplicidade; o encanto pela preservação da natureza; o encanto pela forma como as crianças e os jovens se desenvolvem dentro do Bem, dentro do respeito. Nós sabemos que é um espaço, um lugar onde se convive dentro de uma forma coletiva, e as pessoas, todas as pessoas, elas têm a sua individualidade, mas a gente não busca, dentro dessa individualidade, formar as pessoas num quadrado sem respeitar o que é que cada um é. Então, eu vejo que isso é uma escola.*

No mesmo ano, intensificaram-se os cuidados com o plantio de mariri e chacrona no terreno. Em maio de 1998, chegaram ao Cariri o **Conselheiro Hermes** (conselheiro à época; hoje membro do Corpo Instrutivo) e a **Conselheira Eneida**, que residiam em Ouricuri, Pernambuco, e se associaram ao Núcleo Tucunacá, bebendo Vegetal no Crato, contribuindo com o fortalecimento e a organização dos trabalhos no NSFC<sup>91</sup>.

<sup>91</sup> Eram os sócios participantes da época: os Conselheiros Rodrigo, Débora, Gerardo Júnior, Regina, Hermes e Eneida; os Irmãos Emerson, Danielle, Luzivaldo, Alemberg, Rosiane, Raimundo Nonato, Raimunda, César

Figura 33 – Conselheiros Eneida, Hermes, Rodrigo e Gerardo Júnior (à época)



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (1998).

*Então, assim é que teve esse momento de um engajamento maior, como eu falei, pra gente ir fazendo essa estrutura toda. E via esse crescimento: as pessoas chegando. Como era o único lugar aqui no sul do estado e tinha essas cidades vizinhas aqui desses estados, de Pernambuco, e a gente começou a ver que tinha gente que tava vindo também desses outros lugares, pra gente ver a importância. (CONSELHEIRA ELISÂNGELA, entrevista em 14/01/2020).*

O primeiro casamento foi entre Francisco Wellington Teixeira e Waléria Karla Sousa Félix Teixeira, em 22 de agosto de 1998, celebrado pelo Mestre Manu.

Figura 34 – Casamento de Wellington e Waléria celebrado pelo Mestre Manu



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (1998).

---

Lima, Wellington Teixeira, Waléria, Juliano, Isabelisa, Manoel, Edjane, Charmene, Izael, Múcio, Luciana, Heleno e Sany; e as crianças Ceci, Ciro, Lis, Igor e Miguel.

Desde estes primeiros acontecimentos, intensificaram-se as obras de reforma do prédio do templo, construindo-se o berçário e o banheiro feminino e remontando-se as cercas. “Então, tudo isso foi sendo construído, aos poucos. Aí construiu uma cozinha. Os banheiros antes era aqui, depois passou a não ser mais” (CONSELHEIRA CHARMENE, entrevista em 01/02/2020). Foi cavada uma cacimba com os recursos arrecadados em promoções de *shows* musicais (como os de Kátia de França, Xangai, Paulinho Pedra Azul, Cícero do Assaré, Alemberg Quindins, Rosiane Limaverde e os Meninos da Casa Grande), leilões, feiras de novos e usados, vendas de camisas e outros objetos.

*Fazendo as promoções: eu me lembro que um dos primeiros shows que foram promovidos lá – eu não tava nesse primeiro momento –, que foi pra comprar algumas cadeiras, foi com a Kátia de França. Foi um dos shows lá. Teve show com Xangai, que a gente fez depois. E alguns artistas que a gente acabou trazendo pra cá e fez essas promoções muito boas na época. E as pessoas normalmente, assim, elas tinham um engajamento muito bom. Como era um grupo menor, a gente via que havia essa disponibilidade. [...] Eu acho que a luta maior foi até chegar a pré-núcleo, que a gente já viu uma estrutura, toda uma condição, aquelas cadeiras todas que nós tínhamos – acho que tinha no máximo o quê? Umhas quatro, cinco cadeiras verdes, que ficavam mais direcionadas ao pessoal da frente – e todas as outras cadeiras eram cadeiras de plástico branca. Hoje as pessoas até sentem dificuldades numas que não são anatomicamente boas, mas eram aquelas cadeiras, e era muito bom [...]. A gente ia montando aos poucos ali no Santa Fé do Cariri: fazendo piso, mudando a janela e ajeitando as telhas, porque, às vezes, chovia e ficava aquelas goteiras. Tinha um – eu me lembro, assim, bem – [...] um pé de jasmim. Nessa época de chuva, ficava aquele cheirinho de jasmim ali no Núcleo. (CONSELHEIRA ELISÂNGELA, entrevista em 14/01/2020).*

Mestre Silvino (entrevista em 16/01/2020) explicou o sentido das promoções:

*A participação, por exemplo, as promoções que a gente fazia, que hoje ainda faz, mas naquele tempo era uma quantidade mais reduzida de pessoas, aí tinha um envolvimento maior. Então, toda promoção, a gente fazia promoção de shows, aí tava lá todo aquele envolvimento das pessoas na bilheteria, em vender ingressos. Então, tudo isso aí é uma coisa que se falava antes, que o objetivo não é arrecadar, o objetivo é unir as pessoas. Com essa união, então, obtém-se a receita que se pretende. Então, todo movimento que tem isso aí marcou muito pra mim, e hoje eu continuo pensando assim. Você faz uma promoção, uma feira de novos e usados, como a gente costuma fazer, é o envolvimento das pessoas, o tempo que as pessoas dedicam ali é que vai proporcionar o atingimento da meta, digamos assim, daquela arrecadação: então, quanto mais envolvimento voluntário, espontâneo, de coração mesmo... Então, o que eu vejo que a União do Vegetal proporciona pra quem se liga nisso é exatamente essa União que o Mestre Gabriel veio fazer. Ele falou pro irmão dele, o Mestre Antônio Gabriel, de fazer a união das pessoas pelo chá. Ele fez a União do Vegetal, recriou a União do Vegetal pra fazer a união das pessoas pelo Vegetal. Então, são esses os acontecimentos, pra mim, que marcou; são esses aí.*

Em 2 janeiro de 1999, o Mestre Luiz Carlos celebrou o casamento de Edjane e Manoel. O Conselheiro Gerardo Júnior foi convocado para o quadro de mestres em 17 de

novembro de 1999. Em 22 de julho de 2000, Conselheiro Rodrigo foi convocado para o quadro de mestres.

*Por isso que eu, muitas vezes, eu digo assim: dia 15 de novembro, que é o dia de inauguração, era pra ser muito importante a presença do Mestre Manu aqui, porque foi ele quem fez isso aqui se desenvolver. Quando representante, ele determinou que o Mestre Luiz Carlos viesse acompanhar a gente. Fez com que Rodrigo fosse contar a história, que Gerardo fosse contar a história. Então, foi ele que deu esse incentivo aqui, no sentido, na intenção de vir morar aqui um dia. (MESTRE ALEMBERG, entrevista em 22/11/2019).*

Conselheira Ana Cléa (entrevista em 13/12/2019) lembrou sua chegada, que se deu nesse período:

*Bom, quando eu cheguei aqui foi no dia 16 de dezembro de 1999. Eu estava retornando de Brasília; já retornando de lá de Brasília como sócia do Núcleo Canário Verde, onde eu conheci a União do Vegetal, e já no Corpo Instrutivo também. [...] Nós éramos uma quantidade bem pequena de pessoas. Eu não me recordo a quantidade exata, mas acho que menos de 50 pessoas. Então, nós já tínhamos recebido a autorização pra ter os mutirões, pra ter as sessões, e eu fui participar do primeiro mutirão, da primeira sessão. E eu achei interessante, porque algo diferente de um Núcleo que eu já conhecia, que estava iniciando também lá em Brasília, Canário Verde, porém já tinha uma quantidade de pessoas; já tinha uma estrutura maior, melhor, mas adaptável às pessoas, e aqui eu peguei a coisa bem artesanal, uma casinha super simples, onde a gente realizava as sessões, e, por detrás dessa casinha, tinha só uma divisão de uma parede, que era a cozinha, onde a gente fazia as refeições, os lanches, essas coisas. E uns banheiros, dois jogos de banheiro masculino em cima, e lá embaixo o banheiro feminino e um pequeno espaço de berçário. Então, eu fiquei imaginando um lugar muito bonito, no meio da encosta da chapada, da floresta, um lugar muito encantador.*

#### 4.1.9 As flores (as conselheiras)

Figura 35 – Conselheiras I



Fonte: Acervo do DMC (2001).

Figura 36 – Conselheiras II



Fonte: Acervo do DMC (2018).

As mulheres estão presentes nesta história da UDV desde a Conselheira Hoasca<sup>92</sup>, que dá nome ao chá, principal sacramento desta religião, e possuem, portanto, um papel fundamental para a concretização desta obra sagrada. O “florescer” de um núcleo encontra-se diretamente ligado ao “desabrochar” espiritual das pessoas que dele fazem parte. Ao serem entrevistadas, as conselheiras narraram sobre o “compromisso” e a “responsabilidade” com o “trabalho” da União no NSFC, que se traduzem em um constante “aprendizado”, o qual demanda “esforço”, “presença”, “dedicação”, “liderança” e “dinamismo”.

*O que me chamou a atenção foi o dinamismo do trabalho das pessoas. Cada um procurando se dedicar, participar das atividades. O que me chamou a atenção foi isso, o poder de liderança que a Rosiane tinha quando eu cheguei. Ela já tinha essa coisa de estar mais presente, assim, fazendo esse trabalho junto com as crianças. [...] Então, o que eu via mesmo, assim, me chamou a atenção, é a coisa da liderança, de cada um fazer sua parte, de cada um se dedicar nas promoções e realizar as coisas sabendo que a gente ia começar a construir aquele espaço; que ele estava lá, pequeno, e que a gente tinha que fazer com que ele se transformasse um dia num Núcleo. Foi um grande desafio. (CONSELHEIRA ANA CLÉA, entrevista em 13/12/2019).*

As conselheiras, as “flores”, narram que foram “acolhidas” quando chegaram e, desse modo, aprenderam a “acolher” as “famílias” que estavam chegando, cativando-as, porque também haviam sido cativadas, vencendo as dificuldades de relacionamentos.

*Então, foi isso, muita coisa, assim, a gente aprendeu nesse lugar. Eu tenho muita gratidão por isso. Quando eu cheguei na União do Vegetal, eu não entendia muito bem, assim, o ritual; algumas coisas. [...] E depois foi que eu vim compreender a forma das pessoas me*

<sup>92</sup> Existe no CEBUDV a “História da Hoasca”, que é contada em algumas sessões anualmente, que narra a história da Conselheira Hoasca, que dá nome ao chá, principal sacramento desta religião.

*tratarem, sabe? A bondade, o acolhimento, a presença. Então, assim, o que a gente recebeu a gente também retribuiu. Quando chegou aqui, foi outra coisa: assim, muito marcante pra mim. A forma que as pessoas nos recebeu na União do Vegetal. E eu, assim, procurei, como mulher de representante, fazer do mesmo jeito que eu fui tratada. Acolher, sabe? Acolher. (CONSELHEIRA REGINA, entrevista em 12/11/2019).*

A conselheira Edjane (entrevista em 13/11/2019) complementou: *“E fomos construindo devagarinho as coisas e nós, mulheres, a gente se dedicava na organização de receber os irmãos [...], e foram chegando as famílias e crianças, e a gente trabalhando pra que elas tivessem um local bom e confortável, e isso demandou muito trabalho”*. As conselheiras rememoraram sobre o processo de desenvolver um novo núcleo, ao mesmo tempo que se desenvolviam com uma *“construção que anda junta”*. Buscaram sempre se melhorar, através de uma *“clareza”* de consciência que vêm recebendo, tal qual a flor que precisa da luz.

*O sítio tinha uma casa de taipa e todos nós éramos pessoas que távamos organizando a vida juntos com o desenvolvimento daquele lugar, que hoje tem toda uma estrutura. Mas, assim, a gente foi aprendendo dentro da União como é que se constrói, assim, os aspectos materiais, como é que a gente constrói um templo, como é que a gente constrói uma cozinha, como é que a gente constrói sem ter poder aquisitivo. Mas, assim, do nada a gente fez tudo, com a organização e a concentração que a gente aprende a ter na União, a pensar junto, a planejar, a se preparar, a se programar. E aí a gente, de repente, a gente não tinha nada e, com alguns anos, a gente conseguiu, assim, construir o aspecto material do núcleo, e eu costumo dizer, assim, que essa construção material nos constrói espiritualmente, porque, pra gente chegar onde a gente vem chegando, foi aprendendo a se unir, a trabalhar junto, a compartilhar, a pensar. E ver, assim, as pessoas simples, como a gente, tinha o nosso saudoso Mestre Raimundo, uma pessoa que contribuiu de forma muito positiva com as nossas construções. Então, ver as pessoas chegando, se encontrando com essa Luz e se desenvolvendo dentro de uma simplicidade, mas a gente via, assim, todos nós chegando e aprendendo, procurando colocar as coisas em prática e vendo a transformação. Então, a gente cresceu junto, vem crescendo junto com o Santa Fé, aprendendo e crescendo, assim, com essa prática que a gente aprende. Então, a pessoa chega e aqui se associa e vai galgando. E hoje eu vejo pessoas que eram do Quadro de Sócios quando eu cheguei e hoje tão no quadro de mestres. Então, a gente vê uma caminhada acontecendo. Isso é hoje o que me marca mais, assim, essa construção que anda junta. [...] Mas essa minha caminhada é uma caminhada, assim: quando eu olho pra trás, de quando eu cheguei, eu vejo muitas coisas diferentes. Já me conheço um pouco mais; já tenho valores melhores do que eu tinha quando eu cheguei e venho procurando ser essa pessoa o melhor que eu posso. Tenho as minhas falhas, que eu tô procurando melhorar, mas eu vejo que o que transforma mesmo na gente é o jeito de ver as coisas, saber como as coisas são verdadeiramente e procurar agir com essa clareza. No meu dia a dia, no meu trabalho, na minha família, eu vejo que essa caminhada é uma caminhada clara, que a gente bebe esse chá pra gente ter clareza. E essa clareza ela chega mesmo, e aí ela chega como Luz e, ao mesmo tempo, ela traz uma força pra gente poder realizar o que a gente tá vendo, o que precisa ser feito, o que é certo, o que é bom. Então, a minha caminhada é uma caminhada de esforço, porque é uma caminhada como a de todos nós. Que essa transformação ela é lenta, mas é uma caminhada boa. Hoje eu aprendi*

*com essa caminhada a saber que nós temos momentos que não são fáceis, mas que a gente precisa sempre valorizar as coisas positivas que a gente tem. Que o Mestre Gabriel mesmo diz que as dificuldades são pra ser superadas. Então, antes de chegar na União, eu via muito o que não tava legal, o que não tava bom, e hoje eu ainda vejo, mas eu fico procurando ampliar o que tá bom: que eu tenho saúde, que eu tenho meu companheiro, que eu tenho meus filhos, que eu tenho meu trabalho, que eu tenho uma religião. Então, nessa caminhada, assim, ela muda o olhar da gente pra vida. Assim, a gente aprende a ser feliz. (CONSELHEIRA LUCIANA, entrevista em 12/12/2019).*

Elas também manifestaram que estão pelegando e conseguindo, aos pouquinhos, fazer florescer um local “seguro”, que valoriza a prática do “Bem”, a “simplicidade”, o “respeito à natureza”, o que as deixa “felizes” e “encantadas” diante das belezas dos ensinamentos da União, que se assemelham ao de uma rosa.

*A gente tá precisando mesmo, no mundo, assim, como é que a gente se situa dentro da família. Nós somos seres, assim, que a gente vive em sociedade e, muitas vezes, há uma insegurança muito grande, e é muito bom a gente tá num ambiente onde a gente vê as pessoas com respeito com a natureza, as crianças com respeito com a natureza, com respeito com o próximo, com seus semelhantes, porque essa simplicidade com que essa religião foi criada pelo Mestre Gabriel, um seringueiro da Amazônia... Então, ele era uma pessoa que a família dele era uma família que gostava de fazer as orações, que eles produziam seu próprio alimento. Então, os filhos eram criados auxiliando os pais pra crescer junto, em família. Então, era uma comunidade familiar, onde, no seio de uma família, foi criada uma religião, que hoje em dia tá em diversos países. A gente sabe que essa simplicidade é a essência. Então, isso é o que nós precisamos preservar: essa essência da religião. Então, pra mim, é uma segurança eu tá aqui. Eu me sinto com segurança, no sentido de que não é que nós estamos numa redoma, mas é que nós estamos buscando nos fortalecer entre nós, irmãos, filhos, pais, mulheres e homens de bem, pra poder a gente semear o Bem, porque o Bem, no mundo, ele é semeado. Então, é preciso... Não é uma coisa só de cerca pra dentro. Então, assim a União do Vegetal a gente vê que já tá em tribos de índios; já está, inclusive, nesse momento, construindo até uma visão educacional pra formar também uma escola. E o seringal Novo Encanto é um exemplo, assim, de preservação da natureza. Então, todo esse bem que a gente vê acontecendo, que partiu do seio de uma família simples, a gente vê que esse encanto que eu perguntei inicialmente ele realmente acontece na prática dentro da União do Vegetal. (CONSELHEIRA CHARMENE, entrevista em 01/02/2020).*

#### **4.1.10 O fruto**

O ato de plantar nos dá a certeza de colher e, como já é sabido, quando a semente é boa, os frutos também o serão. Até aqui foi possível observar como se deu todo o processo de plantação: do despejar da semente em um solo fértil ao nascimento do pequeno broto; do enraizamento ao desenvolvimento desta plantinha; do florescimento ao frutificar desta árvore; chegando ao tão esperado momento de colher o fruto. E, como sabemos, este é um processo

paciente, que exige muito cuidado e atenção. Nesta história enxergamos todas as mãos que se uniram, em sintonia, dedicando-se para fornecer o que cada etapa exigia.

*Então, aqui tudo aconteceu de uma forma, assim, muito simples; muito simples. Olhe: se tiver uma pessoa que queira dizer que é responsável por tudo isso que nós temos hoje aqui, não é verdade; do tempo que eu acompanhei pra cá [...], tudo o que aconteceu e que foi construído aqui foram com todas as pessoas que estavam aqui. (CONSELHEIRA CHARMENE, entrevista em 01/02/2020).*

Se esta árvore frutificou, foi graças a cada pessoa que acreditou que seria possível trazer e plantar no Cariri esta semente.

*Porque a missão da pessoa é fazer o trabalho inicial. E todos aqueles que chegam doam esse trabalho. E esse trabalho é amor, é dedicação, é transmissão de conhecimento, de experiências, experiências de vida; é conhecimento adquirido, tanto conhecimento com o Vegetal como com o conhecimento que a gente busca conhecer mais de nós, como conhecer mais também das ciências que podem nos auxiliar na nossa própria condução, na nossa saúde, na nossa vida. [...] A luta ela é interior; é uma renovação a cada dia consigo mesmo, porque, às vezes, a pessoa não sabe, mas vai encontrando, com as revelações e, depois disso, dentro de si mesmo, as explicações. É isso: o Vegetal é isso. É mariri; é chacrona, e a gente só sabe bebendo. (ISABELISA, depoimento em 07/08/2021).*

Para que este fruto se formasse, foi necessário percorrer um caminho e, dentro dessa trajetória, existem datas que marcaram e precisam ser destacadas para entendermos a “frutificação” desta história. No ano de 2000, foi realizada a sessão de São João, no dia 23 de junho, com a presença do Mestre Adamir, na época mestre central da 11ª região, junto com o mestre representante do Núcleo Tucunacá, Mestre Paulo Silva, Mestre Manu, Mestre Sílvio, conselheiros e outros irmãos dos Núcleos Tucunacá e Fortaleza, onde observaram e analisaram se o grupo atendia às condições necessárias para se instalar como unidade administrativa. Consignando que atendiam às condições exigidas, iniciou-se o procedimento de transformação numa unidade administrativa autônoma.

Ainda no mesmo dia, aconteceram alguns eventos que fazem parte desta história, um deles foi o casamento de Luciana e Múcio, celebrado pelo Mestre Adamir. O casal contou como foi especial este dia:

*E aí casamos na União do Vegetal. Fomos convocados pra instrutiva. No dia do convite, da convocação pra instrutiva, a gente casou. Quem celebrou o casamento foi Mestre Adamir. Um momento muito forte e emocionante. E ele, Mestre Adamir, trouxe uma cerimônia, uma celebração muito bonita. As coisas que ele disse, que ele trouxe pra nós, nós usamos muitas vezes, principalmente Luciana. Em alguns momentos, ela pensou em separar, em acabar nossa relação, mas ela lembrava das palavras do Mestre Adamir e manteve nosso casamento;*

auxiliou nessa manutenção do nosso casamento. (CONSELHEIRO MÚCIO, entrevista em 12/12/2019).

Figura 37 – Casamento da Conselheira Luciana e Conselheiro Múcio



Fonte: Acervo do DMC (2000).

*Passa um filme. Já, assim, com a pergunta, mas eu cheguei, assim, a conhecer o chá, se não me falha a memória, foi em 94. Eu trabalhava numa loja e conheci algumas pessoas que na época bebiam o Vegetal aqui no Crato, tava iniciando esse trabalho. É o Mestre Rodrigo Barbosa, o Mestre Alembert e a Conselheira Rosiane, a Conselheira Débora e eles convidaram algumas pessoas, e eu era uma delas para beber um chá. Então, na época, era um trabalho, assim, bem no início. Não tinha essa organização como é hoje, que já existe uma instituição, um local, entrevistas. Então, a gente foi uma turma. Fomos e, na época, era na casa do Mestre Rodrigo; eu participei de três sessões, tive boas experiências, boas e calmas. Mas, na época, eu era muito jovem e não fui mais. Continuei convivendo com as pessoas, mas não fui mais. E aí, quando nós voltamos, nós, porque aí eu já estava casada com o Múcio – fazia um ano que nós estávamos casados, e a gente já estava, assim, mais pra separar do que pra continuar casados –, e aí a gente lembrou do chá. Na verdade, Múcio lembrou do chá. Quando a maré subiu, e aí ele disse assim: ‘Vamos beber aquele chá de novo?’. Aí eu disse que não ia, que eu num tava querendo ir, mas aí depois mudei de ideia e aí fui pra acompanhá-lo. Isso foi em 98. Aí o pessoal já estava no sítio que é hoje. Já tinham comprado o sítio e já tavam começando o trabalho lá de uma forma mais como é pra ser mesmo. E aí eu fui pra acompanhar achando que só ia naquele dia [risos]. E aí tive uma experiência muito forte, no meio da sessão. Eu achava que não voltava mais pra lá, mas atravessei a situação da burracheira e depois o que me marcou desse momento, dessa volta, foi o carinho das pessoas. Assim, a palavra mais forte é o cativar mesmo. As pessoas acompanhavam a gente, e a gente se via sempre como uma família mesmo. E eram eu acho que, na época, 16 pessoas quando a gente foi. Então, a gente tinha uma ligação muito forte, que a gente tava sempre junto, se via muito, e iniciamos um trabalho. Então, somos sócios-fundadores, juntos com os primeiros irmãos. Então, essa chegada, que parecia só uma visita, já tem quase 20 anos e foi uma mudança muito forte, porque aí, quando a gente chegou, a gente começou a enxergar coisas em nós mesmos, e passamos a caminhar pra se corrigir, com paciência, porque nada é da noite pra o dia. Mas a gente vem seguindo com as pessoas, vimos os nossos filhos crescerem; hoje Matheus é sócio, tem 23 anos; Alice é sócia recente,*

*tem 18. E essa é uma outra coisa marcante pra mim, que é criar meus filhos dentro de uma religião que eles aprenderam a gostar. E eles têm uma juventude saudável, longe dos vícios, aprendendo as coisas de Deus. Então, pra mim, sempre foi uma tranquilidade tá seguindo na União com meus filhos, porque eu consegui, de forma natural, afastá-los das coisas que eu não gostaria que eles se envolvessem e, graças a Deus, vem dando certo. E é isso. (CONSELHEIRA LUCIANA, entrevista em 12/12/2019).*

Logo em seguida, mais exatamente em 21 de outubro de 2000, houve uma Reunião do Quadro de Mestres da Sede Geral, quando se autorizou a criação do Pré-Núcleo Santa Fé do Cariri. Três nomes haviam sido propostos: “Santa Fé do Cariri”, “Princesa do Florestal” e “Arvoredo”. E 15 de novembro de 2000 foi o dia da inauguração do Pré-Núcleo Santa Fé do Cariri, junto com a inauguração do templo: uma alegria para as pessoas que estavam ali reunidas querendo ver crescer mais um “ponto de luz”, assim chamado pela irmandade.

*O que me marcou mais, assim, no período da inauguração do Núcleo Santa Fé do Cariri, foi eu imaginar como foi que a gente chegou lá, na situação em que estava aquela casinha de taipa, e depois a gente transformar do jeito, da forma que está lá. Então, isso ali foi uma coisa bem impressionante para mim. E foi uma coisa rápida, que a gente querendo. [...] a união faz a força. Então, o que eu me admirei foi isso. (CONSELHEIRA RAIMUNDA, entrevista em 17/11/2019).*

Diante da fala trazida pela Conselheira Raimunda, é possível que voltemos no tempo e nos sintamos pertencentes a esse sentimento vivo de admiração por um lugar que possui uma raiz de simplicidade. Da casinha de taipa, que era o aconchego para poder realizar as sessões, frente à necessidade de ampliação do espaço, nasceu a disposição de todos para fazerem o possível para a construção do templo.

Figura 38 – Casinha de taipa



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (1998).

Figura 39 – Instalação do NSFC



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (2000).

O Mestre Geral Representante José Luiz de Oliveira designou o (à época) Mestre Gerardo Júnior Cavalcante Lopes para mestre representante, quando se elegeu a primeira diretoria.

Figura 40 – Ilustração da primeira diretoria



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (2012).

Este sentimento de alegria frente ao momento em que se consolidou como pré-núcleo foi narrado pelo Mestre Edmar em entrevista realizada em 29/01/2021:

*E fato marcante foi isso: a inauguração do pré-núcleo, a instituição, o pré-núcleo Santa Fé do Cariri. Na época, era chamado pré-núcleo. Isso com a direção constituída com o quadro de mestre. Gerardo Júnior, ele era uma pessoa que procurava enxergar o talento nas pessoas*

*e trazia pros lugares; dava, assim, confiança. [...]. Então, dessas pessoas que estavam no início dessa construção, que tão com a gente, tem o mestre... hoje o Mestre Emerson, o Mestre Alembert, a Conselheira Rosiane, o Mestre Raimundo, a Conselheira Raimunda, o Conselheiro Múcio, a Conselheira Luciana, o Mestre Manoel Barros, a Conselheira Edjane; são pessoas que, quando eu cheguei, já estavam. O Irmão Izael, a Conselheira Charmene, o Conselheiro Décio, Iaci, tô me lembrando aqui, espero não esquecer o nome de ninguém, mas é um grupo não muito grande de pessoas, que já nos indicava esse lugar como um lugar próspero e virtuoso. E, com o tempo, foram chegando outras pessoas, e aí as pessoas foram chegando, e a gente percebeu que, quando as pessoas iam chegando, a gente já ia era estendendo a mão também pra essas pessoas. Então, nessa construção do Núcleo, foi bem importante essa presença.*

O primeiro batizado realizado no Pré-Núcleo Santa Fé do Cariri foi o de Juan Moreira Xenofonte Borges, celebrado pelo Mestre Gerardo, em 2000. E o primeiro casamento foi o de Carlos Alberto Fernandes Lobo e Ana Cláudia Macedo Leite, pelo Mestre Manu, em 2001. No dia 28 de abril, houve a primeira sessão de adventício neste pré-núcleo; em 15 de novembro de 2003, o pré-núcleo foi elevado a Núcleo Santa Fé do Cariri.

Figura 41 – Núcleo Santa Fé do Cariri



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (2003).

É sempre assim que nasce um Núcleo da UDV: um pequeno grupo de pessoas e um grande sonho a realizar, que é justamente o que une as pessoas e passa a agregá-las mais e mais em torno de um objetivo maior e mais alto. Foi assim que aconteceu no NSFC, onde alguns homens e mulheres perceberam a grandeza da União e resolveram fazer parte dessa história, unindo esforços e trabalhando com amor e determinação para o fortalecimento desse tesouro tão valioso que nos foi deixado pelo Mestre Gabriel, onde a família é valorizada e há

a prática do Bem e o respeito à natureza. Muitos já fazem parte dessa história, mas muitos mais ainda estão por vir.

*Há que se considerar o valor do trabalho daqueles que iniciaram a instalação, no Cariri cearense, da inestimável recriação da União do Vegetal, obra imorredoura do querido Mestre Gabriel. Isto somado aos que agregaram esforços nas primeiras horas, todos identificados com os resultados auspiciosos que descrevemos. No entanto, jamais deixaríamos de lado a importância preciosa dos atuais irmãos, empenhados na grande realização também neste lugar deste caminho de Luz para toda a Humanidade. Grupo voluntarioso, dedicado, amigo, aqui se integra a cada dia mais e melhor para, unidos sob o símbolo sagrado de nossa Instituição, trazermos adiante e próspero todo este empenho na forma de amplas e sólidas realizações. Vivamos, pois, este raro momento de integração e carinho; a soma de todos nós da nossa Irmandade. (MESTRE EMERSON, DMC-NSFC).*

Que bom é desfrutar desta obra sagrada plantada neste Cariri e saborear cada suor, cada lágrima, cada sorriso e cada abraço encontrados neste núcleo. Quanta gratidão se vê em relatos e gestos de todos aqueles que dedicaram e dedicam amor para que este grandioso tesouro do Mestre Gabriel continue a se espalhar por esta humanidade, carregando no coração a leveza da certeza, de que o objetivo sempre será alcançado.

Seguindo o fluxo dessa história, que está sempre em movimento, apresentaremos um breve relato do período em que cada mestre representante esteve à frente dos trabalhos e que aqui deixaram suas contribuições: o Mestre Gerardo Júnior permaneceu na representação por quase três mandatos; o Mestre José Hélio Ferreira dos Santos se tornou o mestre representante do NSFC, dando continuidade ao mandato do mestre representante anterior e seguindo por mais um triênio; na sequência, o Mestre José Emerson Monteiro Lacerda, o Mestre Manoel Teixeira Barros Filho e o Mestre Edmar Dino da Silva cumpriram, cada um, um mandato completo, de um triênio.

#### ***4.1.11 Mestre Gerardo Júnior (15/11/2000 a 06/01/2003, 06/01/2003 a 06/01/2006 e 06/01/2006 a 15/11/2006)***

Em 26 de outubro de 2002, realizou-se uma eleição para mestre representante do triênio 2003-2006, na qual foi eleito o Mestre Gerardo. Em 1º de novembro de 2002, realizou-se uma eleição da diretoria e conselho fiscal para o mesmo triênio. Em 22 de outubro de 2005, realizou-se uma eleição para mestre representante (triênio 2006-2009), na qual foi novamente eleito o Mestre Gerardo. Em 1º de novembro de 2005, realizou-se a eleição da diretoria e conselho fiscal para o mesmo triênio.

Figura 42 – Mestre Gerardo Júnior



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (2001).

Vi<sup>93</sup> na pessoa do Gerardo Júnior a pessoa que já estava à frente como responsável e que na sequência passou a ser o representante, no período de 15 de novembro de 2000 a 6 de janeiro de 2003. Foi um período de muita força de trabalho, em que principiou a ampliação do templo, que era aquela casa bem simples. Houve uma ampliação, tirando as telhas, retirando algumas paredes e o próprio Gerardo, à frente desse trabalho de construção, quebrando a parede, fazendo todo esse trabalho com a equipe. As principais construções que existem hoje na unidade administrativa do Núcleo Santa Fé foram realizadas a partir desse trabalho de Gerardo Júnior como representante.

O Gerardo tinha essa característica de líder, de empreendedor, de construtor, de realizador. Ele tinha isso muito forte e incentivava as pessoas a buscarem organizar a sua vida financeira e profissional. O Raimundo, na época, ele era do corpo instrutivo e era jardineiro; ele se tornou mestre de obras a partir de uma motivação do próprio Gerardo, de um incentivo. Eu lembro bem que ele sempre trazia isso para as pessoas. Ele dizia pela própria palavra do Mestre Gabriel: “O tamanho da dificuldade é do mesmo tamanho da facilidade”. Ele explicava da forma como ele via que, quando a gente quer mesmo algo na vida, quando a gente quer realizar, a gente realiza: a questão da “força do querer”. Com isso, ele também foi uma pessoa que sempre incentivou e deu força para as pessoas poderem se profissionalizar e, assim, poderem melhorar suas condições, porque ele mesmo, como empreendedor e construtor, fazia as coisas acontecerem na vida dele; ele realizava.

Ele até contava um pouco da vida dele, falando nas sessões do Vegetal de que ele vinha de uma família simples e como foi que batalhou na vida para ele chegar aonde chegou.

---

<sup>93</sup> Conselheira Ana Cléa.

Ele dava esse exemplo para a gente também se motivar a também realizar as coisas que a gente quisesse realizar na nossa vida profissional e pessoal, e isso de uma forma bem direta. Isso era bem presente nas sessões: ele trazia essas doutrinas e orientações, o que, às vezes, mexia muito com as pessoas, mas fazia também com que a gente tivesse um incentivo, a partir do que a gente sentia pela forma como ele doutrinava.

As lembranças que eu tenho do Gerardo é dele como um representante, com essa força do trabalho de construtor, de engenheiro civil, que era a profissão dele. Ele tinha, e tem até hoje, uma loja de material de construção e, sempre que a gente precisava ir conversar com ele, durante a semana, ele estava sempre à disposição para conversar com as pessoas. Ele era muito direto na forma de doutrinizar tanto no salão do Vegetal como também em alguma coisa que a gente fosse conversar com ele. Ele não tinha rodeio; era uma pessoa, assim, que ele falava bem direto e, às vezes, a gente achava que ele era um pouco rígido. Eu mesma achava ele um pouco rígido e eu, às vezes, falava isso para ele. Eu sempre fui muito verdadeira nos meus posicionamentos com as pessoas.

Eu tenho lembrança desse período como um período de grande aprendizado para todas as pessoas daquele pequeno grupo. Nós aprendemos muito com ele. Além de ele trabalhar bem essa questão da doutrina no salão do Vegetal, doutrina mais firme e voltada para o exemplo dele, de família, de um casamento consolidado, para os casais, para as famílias, ele fazia esse trabalho também indo nas casas das pessoas. Foi na casa de alguns casais aqui que passavam algumas dificuldades e que ficavam a ponto de ter separação e ele ia lá junto com a Regina e fazia todo esse acompanhamento. E muitos casais depois relataram isso; essa característica dele.

Então, foi, assim, uma pessoa muito importante mesmo como representante. Ele fez foi um trabalho de construção da unidade administrativa e de construção também das nossas personalidades, pois todos nós, muito jovens, chegando cada um com suas dificuldades de vida e frente às doutrinações que ele trazia, sempre trazendo pelo próprio exemplo dele, isso firmava nas pessoas essa confiança e essa orientação como um líder mesmo, como um pai de muitas pessoas, de muitos de nós que chegaram lá bem jovens e viu nele essa referência. Vimos muito nele essa referência, essa segurança que ele transmitia.

Era uma pessoa que, quando estava no quadro de mestre, como representante, era a pessoa que a gente tinha segurança em saber que a gente tinha uma pessoa ali que a gente podia confiar, porque, pelo exemplo dele, pelo exemplo que ele tinha da família, do trabalho e da religião – essas três bases –, a gente confiava nele. Confiava e acreditava em toda aquela doutrina que ele trazia e aquilo ali nos fortalecia a todos nós e nos incentivava. Então, o Gerardo,

como representante, desenvolveu esse trabalho aqui e foi uma pessoa que tinha uma grande importância para todos nós. Ele confiava nas pessoas e designava para elas ocuparem os lugares.

Então, foram momentos de grande aprendizado e convívio. Ele sempre era uma pessoa que trazia uma palavra firme, que direcionava em tudo, nos trabalhos, nas sessões. Então, a característica do Gerardo é essa da liderança, de ser um líder, de ser uma pessoa determinada nos objetivos que buscou para a vida dele.

O Mestre Gerardo Júnior (entrevista em 12/11/2019), quando indagado sobre os momentos marcantes da sua representação, respondeu:

*Pra mim, um momento muito importante foi quando eu recebi a camisa de representante das mãos do Mestre Adamir, que me surpreendeu no dia, porque eu já tinha visto esse processo e achei que ele ia me entregar com duas horas de sessão. E aí eu disse: 'Eu vou beber um bocado de Vegetal aqui pra, quando for na hora de receber, eu ainda tá com a burracheira bem forte e tal'. E aí eu achei que, como eu não ia dirigir a sessão, aí pronto, eu enchi o copo e, quando eu terminei de beber, aí ele sentou, e todo mundo sentou, e ele disse: 'O senhor; eu ainda não vi o senhor dirigir a sessão. O senhor já vai começar agora, dirigindo a sessão'. Aí foi pauleira. Foi tempo. Então, não foi muito fácil pra mim, mas deu certo. Eu escapei. [...] Foi na inauguração do pré-núcleo. Eu lembro que uma pessoa fez uma pergunta a respeito [...] do documento do estatuto, perguntando assim: 'Temos obras divinas infinitamente sagradas. Que obras sagradas são essas?'. Foi feita essa pergunta nesse dia. Deve tá gravado no 'Departamento de Memória'. Aí foi uma hora bonita, porque eu fui assistido pelo Mestre nessa hora. Vieram muitas coisas legais sobre essas obras sagradas que a gente tem. Em primeiro lugar, é a nossa família. Em primeiro lugar, a obra mais sagrada que um homem pode ter na Terra, até pra que ele possa se salvar, é ele ter uma fundação dele dentro da família. E, dentro da família, eu recebi uma pérola do Mestre Florêncio, que ele, uma vez, falou numa sessão, coisa que eu nunca, nunca vi ninguém falar em nenhum curso, nenhuma instituição, nenhuma faculdade, nenhum livro. Ele disse assim: 'As pessoas dizem assim: - Ah! Os meus filhos são as coisas mais importantes da minha vida'. Aí ele disse: 'Pois eu não! (com aquele jeito dele). Pois eu não. A coisa mais importante da minha vida é minha mulher, porque meus filhos me deixam, vão-se embora, e a mulher fica comigo. Então, a coisa mais importante na minha vida é minha mulher, e o homem tem que valorizar a mulher dele'. Rapaz, aí sentou a doutrina. Eu mesmo, pegou muita coisa em mim nesse dia. Então, assim, pra mim é um dos grandes ensinamentos; é uma das grandes pérolas de ensino que o Mestre Florêncio me trouxe e trouxe pra todos nós, e eu recomendo que as pessoas prestem atenção nisso, porque todos nós ouvimos quando pequeno, quando criança, gostamos de ouvir aquelas lendas, aquelas historinhas bonitas de Cinderela, de reis, e a gente sempre imagina que um dia a gente possa ser um príncipe, um rei, mas, pra um homem ser um rei, ele tem que ter uma rainha dentro da sua casa. Então, faça da sua mulher a sua rainha que você poderá ser o rei da sua casa. E não abra mão da prerrogativa de ser homem dentro da sua casa. Não é o macho coiceiro, não. É um 'Homem' dentro da sua casa. Isso aí também eu aprendi na União. Então, são coisas essenciais que, se eu não tivesse recebido esse ensino, talvez o senhor não tivesse me encontrando hoje, eu aqui com minha mulher, só eu e ela dentro de casa, achando bom aqui dentro de casa que é uma beleza, que é um lugar bom que eu tenho na minha vida, é quando eu venho aqui pra dentro dessa casa. E ela também aprendeu muita coisa, e aprendeu a ser uma mulher, uma rainha dentro da casa dela. Dentro da casa dela, ela é rainha. Então, são coisas de grande importância.*

Quando ele foi construir aqueles banheiros, fez todo o projeto, sempre próximo ao Mestre Rodrigo, que, na época, estava como sendo o presidente, depois foi o Mestre Emerson. E o Mestre Rodrigo dava um suporte bom. Foi uma das pessoas que também foram bem importantes na construção do Núcleo Santa Fé, dessa unidade administrativa. Ele fazia muito esse trabalho de presidente; e o Mestre Gerardo, a pessoa do representante, o responsável pelos trabalhos aqui do NSFC. E na sequência veio o Mestre Alembert como presidente, e ele também muito presente. Sobre a atuação do Presidente Mestre Alembert à época da representação do Mestre Gerardo Júnior, Conselheira Regina (entrevista em 12/11/2019) descreveu o seguinte:

*E aí os trabalhos continuaram. Mestre Alembert passou muito tempo na presidência. Muito organizado nos trabalhos; tudo, assim, muito financeiramente equilibrado. As pessoas pagavam embutidas na mensalidade as taxas de preparo, de almoço e de festa. Não se fazia taxa extra. As taxas... tudo era, assim, muito estudado, pra que a gente, durante o ano, já quitasse com a mensalidade e todas as festas que precisasse.*

E o Mestre Gerardo Júnior (entrevista em 12/11/2019) complementou:

*[...] o Mestre Alembert não foi o primeiro presidente, mas ele foi um presidente que eu vi, assim, um brilho nele, no sentido de que ele sempre procurava planejar. A gente começava o ano: 1º de janeiro a gente já tinha o dinheiro do ano todinho no caixa pra fazer todas as festas, todos os preparos do Vegetal. Então, é uma pessoa que realmente ele tem esse valor de tirar coisas que, às vezes, a gente acha que ele não vai conseguir, como ele fez o projeto da Fundação Casa Grande também do nada, e ele consegue fazer as coisas. Foi muito bonito poder ensinar as pessoas que as pessoas podem também ter um planejamento financeiro dentro da casa delas, onde elas possam se organizar mais e serem mais felizes. Então, esse lado de gestão, assim, das coisas da União, foi legal, muito bonito de ver e começar o Núcleo com 14 pessoas. Quando eu saí daqui tinham 134. Então, foi uma coisa, assim, muito legal a gente ver também essa prosperidade e todos se doando. Em nenhum momento a gente via... às vezes, a gente via, assim, uma pessoa mais escorona, mas aí os outros, com boa vontade, a gente cobre aquela falta de uma pequena minoria. E as coisas caminham, as coisas andam. E, quando eu recebi a camisa de mestre, no dia 17 de outubro de 1999, na qual eu contei a história, e consegui ser aprovado na primeira vez, e recebi a estrela no dia 17 de outubro, que é o dia do aniversário do Núcleo Tucunacá, recebi da mão do Mestre Pádua. E, no ano seguinte, 15 de novembro, um ano e um mês aproximadamente, eu já era um representante do Núcleo, sem nunca ter participado de uma sessão do quadro de mestre. Então, assim, foi uma das grandes dificuldades, porque eu tinha pouco tempo de mestre. O Mestre Rodrigo foi o segundo mestre; tinha pouca experiência também; ele menos ainda do que eu. E isso criou algumas barreiras, algumas dificuldades, que foi preciso a gente se reinventar dentro da gente mesmo, fazer, como diz o povo, 'das tripas o coração' e poder dar seguimento. Tem horas que a gente... eu, pelo menos, teve hora que eu não abri, porque eu peço a Deus que me dê sempre essa determinação de ser – não macho – 'homem' pra poder enfrentar as coisas, num voltar pra casa desconfiado. Mas eu confesso que eu tive momento que eu pensei entregar e cuidar da minha vida, porque, às vezes, me faltava um pouco de paciência, mas a gente aprende quando a gente tem fé em Deus, quando a gente tem apoio dos amigos. Eu fiz*

*aqui no Núcleo Santa Fé bons amigos. Aqui e acolá, dão umas espetadas na gente, mas isso faz parte do processo, natural.*

Ele lembrou outro momento marcante da sua representação:

*A outra coisa importante na história do Santa Fé foi o primeiro preparo do Vegetal. A gente fez com um ano do Núcleo, no dia 15 de novembro de 2001, a gente fez o primeiro preparo no Núcleo Santa Fé do Cariri, pré-núcleo na época. Nesse preparo, a gente já tinha uma casa de preparo e todo ferramental era nosso, e uma fôrnalha funcionando, que até hoje é uma boa fôrnalha que nós temos no Núcleo Santa Fé. Uma fôrnalha funcionando bem, que fui eu que fiz: eu, Mestre Raimundo e outras pessoas. Na época, veio o Raimundo Maranhão também; um rapaz, um pedreiro que trabalhou aqui com a gente. E ficou uma fôrnalha mesmo boa de se trabalhar, econômica, de lenha. E é uma benção pra esse Núcleo aqui; nossa casa de preparo do Santa Fé do Cariri. (MESTRE GERARDO JÚNIOR, entrevista em 12/11/2019).*

A respeito da construção da casa do preparo, consta em ata de Reunião de Diretoria realizada no dia 20 de outubro de 2001 o seguinte registro: “A conclusão do quarto das ferramentas, do barracão de palha, e começo da construção da fôrnalha, para ficar pronta até a data do primeiro preparo da Unidade Administrativa, previsto para o dia 14 de novembro próximo (2001)”. A inauguração da casa do preparo aconteceu em 15 de novembro de 2001, e o primeiro preparo<sup>94</sup>, com a primeira distribuição<sup>95</sup>, no dia seguinte, contando com 75 participantes, tendo como dirigentes o Mestre Luiz Carlos e o Mestre Manu, ambos do Núcleo Tucunacá.

Figura 43 – Ilustração do primeiro preparo do Vegetal no NSFC



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (2012).

<sup>94</sup> Ritual de preparação do chá *Hoasca*.

<sup>95</sup> Distribuição do chá *Hoasca* para ser bebido pelos presentes. A sessão que acontece dentro do ritual do preparo é denominada de “distribuição”.

Figura 44 – Preparo do Vegetal



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (2008).

Quando perguntado sobre o momento mais marcante, do ponto de vista material, no período da sua representação, ele assim respondeu:

*Do ponto de vista material, o mais importante foi a casa do preparo. A gente ter conseguido, com um ano, era meu objetivo, conseguir fazer essa casa do preparo. E, graças às pessoas, que a gente tinha uma força de união muito grande entre nós. E os núcleos, quando ele tá no início, assim, são momentos muito bons que a gente passa. Assim, que a gente sente as pessoas perto. (MESTRE GERARDO JÚNIOR, entrevista em 12/11/2019).*

E sobre os momentos marcantes, do ponto de vista espiritual, rememorou:

*[...] aí já não é um momento só; é você ver, por exemplo, pessoas que chegaram quase adolescentes e aí encontraram uma outra pessoa. Aí poder realizar a cerimônia de casamento, como algumas pessoas que eu vi, e que algumas até eu fui a pessoa que fez o casamento, realizou a cerimônia. Depois ver filhos chegando, serem batizados, isso é uma sensação, assim, que, por mais que a gente queira colocar palavras, a gente sente que as palavras se apequenam diante de tanta beleza que é isso, de você ver um casal se entendendo. Na minha gestão, só teve um casal que se separou; já chegou com um mês, se separou, que aí já foi um casal que chegou já numa situação muito difícil, e essas pessoas, inclusive, não estão mais lá no Núcleo; uma senhora que mora no Rio de Janeiro. Mas o resto a gente conseguiu manter, com muita dificuldade, que isso não é uma coisa fácil. E também com*

*essas pessoas que quiseram realmente resgatar o sentimento de uma relação, o casamento, que é uma coisa muito bonita. E aí a gente conseguiu manter isso aí. E ver esses casais se reinventando dentro do meio da tempestade e conseguir se rearmonizar. E hoje a gente vê os casais numa condição de vida muito melhor. E esses casais... tem casais de adolescentes que eu cheguei, o cara era um garotão, e aí uma vez eu cheguei na padaria encontrei um deles, não vou falar o nome, tá? Quando ele vir a história, ele vai saber. Aí encontrei ele comprando pão pra levar pra casa dele. Que coisa mais bonita pode ser pessoas adolescentes, que eram usuários de drogas, e, de repente, saíram disso e hoje são mães de família e pais de famílias. Então, isso aí é uma coisa que não tem preço. É uma coisa que, graças a Deus, a gente teve esse merecimento de ver a vitória dessas pessoas. A história da Hoasca tem essa palavra: 'vitorioso', o 'reinado prosperava'. Então, na União do Vegetal, a gente tem que trabalhar aqui – os núcleos – pra que as pessoas prosperem espiritualmente e que esse reinado também seja vitorioso. Pra ser vitorioso, precisa ter uma corte; precisa ter um 'rei' e uma 'rainha', porque são as pessoas que dão o esteio principal de sustentação de todo esse mundo. Esse universo de pessoas ao redor, que vão fazendo com que esse processo caminhe pra vitória. (MESTRE GERARDO JÚNIOR, entrevista em 12/11/2019).*

Sobre as dificuldades que podem ser encontradas nesse lugar de representante, fez um alerta:

*Agora, algumas coisas eu quero falar também, sabe? Eu acho que o trabalho precisa ser feito para as pessoas. Nós não tamo aqui pra criar uma instituição. Nós tamos aqui pra formar pessoas, seres humanos que sejam melhores. [...] Mas é importante a gente prestar atenção nisso e trabalhar aquela pessoinha que tá chegando ali a primeira vez, tá bebendo o Vegetal, e trazer pra perto. Dar um suporte à família, pra poder mudar o rumo por aí. O resto é tudo secundário. O tamanho da instituição, de sócio, quanto arrecada, o templo bonito... Não! O templo pode ser até debaixo de um pé de castanhol, mas, tando todo mundo ali alegre e satisfeito, tá bom. Então, tem essas coisinhas que o Mestre Gabriel sempre ensinou à gente e, às vezes, perde um pouco a importância com o tempo. A gente nunca deve deixar o ego crescer muito dentro da gente, senão o sofrimento é grande. (MESTRE GERARDO JÚNIOR, entrevista em 12/11/2019).*

Apresentou também suas impressões sobre o potencial que o CEBUDV pode vir a ter como um modelo para outras instituições da sociedade:

*Eu sempre imaginei que a União do Vegetal pudesse vir a servir um dia de modelo de gestão pra cidade, pra os estados e o país, de uma forma geral, porque as pessoas não contribuem com o percentual do salário; as pessoas dizem quanto podem pagar espontaneamente. Acreditam na honestidade dos seus dirigentes. E a gente vê isso na prática, pelo menos até onde eu pude ver. Eu vi pessoas que procuravam corresponder na prática com aquela honestidade, com aquela transparência, mostrando cuidado com os resultados, sempre com transparência, sem querer se aproveitar. E, quando isso acontece dentro da sociedade, você vê a boa vontade do cidadão. Então, eu sempre imaginei que pudesse ser feita dali o modelo pra própria sociedade, porque eu acho que um dia vai acontecer algo por aí também. Alguma instituição vai começar a mostrar o modelo e também o modelo de gestão das famílias. (MESTRE GERARDO JÚNIOR, entrevista em 12/11/2019).*

**4.1.12 Mestre José Hélio Ferreira dos Santos (15/11/2006 a 06/01/2009 e 06/01/2009 a 06/01/2012)**

Figura 45 – Mestre Braga e Mestre Hélio Santos



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (2010).

Natural de Juazeiro do Norte-CE, José Hélio Ferreira dos Santos foi morar em Fortaleza-CE aos 6 anos de idade e, devido ao seu trabalho de produtor artístico, percorreu algumas cidades do Brasil. Nessas suas andanças, conheceu o Vegetal no ano de 1988, no Núcleo Princesa Sama / Manaus-AM, associando-se ao Núcleo Tucunacá / Fortaleza-CE em novembro de 1991. Embora tenha retornado para morar no Cariri somente no ano de 2005, Mestre Hélio tem uma ligação com os trabalhos da UDV em terras caririenses desde o ano de 1994, à época pertencente ao Corpo Instrutivo, quando os mestres do Núcleo Tucunacá passaram a vir realizar sessões com maior frequência na região, tendo participado de diversas sessões no período em que ainda não havia um local fixo para os trabalhos da UDV. Acompanhou o Mestre Manú, Mestres e Conselheiros do Núcleo Tucunacá, como também mestres antigos (Mestre Roberto Souto e Mestre Zé Luiz), para dirigirem sessões para a, ainda, pequena irmandade, mas com um grande querer de ver a UDV se desenvolver na região sul do estado do Ceará. O terreno em Santa Fé de propriedade de um irmão do Irmão Alembert, a casa da Irmã Isabelisa e a casa do Mestre Rodrigo e da Conselheira Débora foram lugares onde realizaram-se sessões com a participação dele e sua família, antes da compra do terreno onde hoje está instalado o NSFC.

Após a compra do terreno, o Irmão Hélio continuou acompanhando o desenvolvimento da irmandade em vindas para sessões no espaço inicial no terreno, que era a garagem da casa que existia nele; no período, acompanhou os Mestres Florêncio e Monteiro e

outros do Núcleo Tucunacá para dirigirem sessões, tendo inclusive dirigido sessão de escala, designado pelo Mestre Manú, para contar a história do Carnaval; nesse tempo, já havia recebido o CDC (recebeu em 1º de novembro de 1998). Em 2000, precisou se mudar de Fortaleza-CE para São Paulo-SP por motivo de trabalho, permanecendo até janeiro de 2004, associando-se ao Núcleo Rei Davi (Mogi das Cruzes-SP), onde recebeu a camisa com a estrela de mestre em 27 de março de 2001, período em que esteve distante fisicamente por um maior espaço de tempo, mas, ainda assim, chegou a visitar a irmandade e dirigir sessão. Em janeiro de 2003, retornou a Fortaleza-CE e, no ano de 2005, passou a residir em Crato-CE. Com a sua chegada, o Quadro de Mestres inteirou a quantidade de cinco mestres, Mestre Gerardo, Mestre Emerson, Mestre Alembert, Mestre Raimundo e Mestre Hélio, possibilitando, assim, o uso da faixa do mestre assistente desse momento em diante no NSFC, sendo ele o primeiro a usar a faixa no rodízio.

Em virtude da mudança de residência do Mestre Gerardo e da Conselheira Regina no final do ano de 2006 para a cidade de Fortaleza-CE, necessitou-se fazer uma eleição para a escolha de um mestre para inteirar o mandato do triênio 2006-2009. A eleição foi realizada no dia 20 de outubro de 2006, sendo eleito o Mestre Hélio Santos, que chegara para residir juntamente com sua companheira, Conselheira Jéssen, e três dos seus quatro filhos: Jorge (CI), Ana e Clara (jovens), na cidade do Crato-CE, em agosto de 2005, vindos de Fortaleza-CE, onde frequentavam o Núcleo Tucunacá. Mestre Hélio recebeu a representação no dia 15 de novembro do mesmo ano, sendo eleito para um novo mandato, triênio 2009-2012, em 20 de outubro de 2008, cumprindo então cinco anos, um mês e 15 dias como mestre representante do NSFC. Mestre Hélio rememorou:

*Rapaz, para mim, um dos momentos mais marcantes foi eu mesmo chegar na representação, porque eu me considerava muito novo ainda no quadro de mestre. Eu cheguei no quadro de mestre no dia 27 de março de 2001. No dia 15 de novembro de 2006, eu estava na representação aqui. Aquilo ali, para mim, foi assim, uma coisa que eu ainda não estava me sentindo preparado pra chegar, mas eu cheguei e senti a presença do Mestre comigo, assim, pra que tivesse confiança, que tivesse tranquilidade, que eu ia aprendendo. Então, foi um tempo, assim, também um tempo muito bom. Uma coisa que eu achei muito legal: a participação das pessoas, principalmente no primeiro mandato. Foi um tempo, assim, que não tinha tanta gente no Núcleo, mas era um povo, assim, muito trabalhador. E um povo com ideias; um povo inteligente e trabalhador. Isso aí, para mim, me fortaleceu e me deu mais ânimo; me deu mais incentivo para fazer isso aí.*

Nesses pouco mais de cinco anos de representação, foram vivenciados bons momentos a nível espiritual, como preparos memoráveis, a presença de mestres antigos e da segunda geração, como Mestre Florêncio (três vezes), Mestre Zé Luiz (duas vezes), Mestre Braga, Mestre Roberto Evangelista, Mestre Herculano, Mestre Edison Saraiva, Mestre Edson

Lodi, Mestre Teodorico, e convocações para o quadro de mestres (Mestre Manoel e Mestre Décio).

*E, dentro desse tempo, a gente conseguiu fazer um trabalho aqui que é uma coisa que eu tinha vontade de fazer, que era trazer com muita frequência aqui mestres antigos. Então, eu sempre procurei me aproximar dos mestres, dos mestres antigos. Fiz alguma amizade com alguns deles e também com alguns outros mestres que são mais experientes, mas que não que são do Conselho da Recordação. Os mestres antigos, nesse período da minha representação, [...] eu trouxe Mestre Florêncio umas três vezes; Mestre Zé Luiz veio duas vezes; Mestre Braga veio uma vez; Mestre Roberto Evangelista veio uma vez; Herculano veio uma vez. Aí veio o Mestre Teodorico; veio o Mestre Edson Saraiva, Márcio da Rós, Mestre Moacir Biondo. Tô lembrando de mais algum agora não. Então, aí depois, para mim, também é os casamentos, os batizados; pra mim, rapaz, cada momento que eu vivi... aquilo ali era como se fosse, assim, o Mestre me dando um presente. O Mestre me dando um presente de poder ver aquilo ali; ver a família dele crescendo, sabe? A família dele crescendo. Eu vendo, naquele momento, eu vendo crianças nascendo. Aí hoje eu tô vendo aqui aquela criancinha que eu vi nascer fazendo perguntas, perguntas 'altas' dentro do salão do Vegetal. Rapaz, isso não tem preço. Isso aí não tem preço. Aí a gente vê outra coisa: pessoas que eu vi chegar com a 'carroceria' toda empenada, 'carga toda torta', aí a pessoa vir devagarinho ajeitando a carga, ajeitando, retirando o que não presta e jogando, deixando na estrada... e vai, vai caminhando. Aí ver essas pessoas chegando nos lugares de direção, chegando no quadro de mestres, chegando na representação. Mestre Manoel, que é representante hoje lá no Núcleo Mestre Raimundo. Mestre Manoel... eu conheci o Mestre Manoel antes da União do Vegetal. Aí, se eu fosse dizer, naquele tempo, quando eu cheguei na União do Vegetal, que, se eu fosse levar o Manoel, que achava que o Manoel tem jeito, eu ia achar que não. [...] Aí eu vi os meninos dele crescendo, Uíne e hoje Clarice é uma mãe, casada. Umas preciosidades, assim, pra gente ver. Um mestre. Depois eu entregar a estrela pra ele, pra mim, foi uma coisa, assim, pra mim, foi muito gratificante entregar a estrela pra ele. E entregar a estrela pra outros, outras pessoas também. E também o CDC, um tanto de gente aí, que a gente conseguiu, naquele tempo, trazer pra direção. São pessoas que tão aí dando uma boa contribuição. Mestre Décio hoje ele tá no Corpo do Conselho, mas Mestre Décio tem um trabalho muito valoroso aqui nesse Núcleo. Se a gente for ver aqui, creditar aqui o trabalho desse plantio aqui, quando não tinha nada aqui, era ele aqui arregaçando as mangas e fazendo as coisas. Então, são coisas assim. Em breve, ele tá aí de volta, com a estrela dele, pra continuar esse trabalho. (MESTRE HÉLIO, entrevista em 04/11/2019).*

Em face das necessidades de ampliação do plantio do Núcleo, buscou-se localizar uma nova propriedade, de preferência nas imediações das instalações já existentes, o que se obteve com a participação dos Irmãos Roberto Lima e Hermes Monteiro em um sítio pertencente à Senhora Maria do Socorro Sampaio de Almeida, a menos de três quilômetros da sede da Unidade. Adquiriu-se, no dia 12 de janeiro de 2008, pelo valor de R\$ 35.000,00, quantia obtida de doações da Irmandade, o Sítio Barreiras, na localidade Urucu, também no distrito de Santa Fé, em Crato, com a área de 12,5 hectares.

*Outro momento também muito valioso foi a compra do terreno que hoje é o Núcleo Mestre Raimundo. Naquele momento, a gente tinha uma dificuldade grande de água aqui no Núcleo e aí a gente precisava plantar mariri. E como era que a gente ia plantar mariri se a gente não tinha*

água, pegando água do vizinho? Se a gente não tinha segurança? Até quando a gente podia contar com essa água do vizinho? Ou seja, tivemos que arregaçar as mangas pra comprar um terreno. Ficamos pesquisando aqui. Mestre Alembert ainda tentou ver o terreno lá do irmão dele, mas aí num teve um motivo lá, num me lembro bem o que não deu certo, aí a gente foi ver o terreno da família do Mestre Tiago Araripe, lá mais adiante, bem longe mesmo. Daqui pra lá, eu acho que dá mais de 15 quilômetros até lá. Aí ia ficar muito distante, mas nós fomos assim mesmo. Aí nós fomos. Quando chegamos lá, vimos que o terreno era muito grande. Além de muito grande, muito pedregoso. Tinha muita pedra e num atendia à necessidade da gente. E, além disso, era muito dinheiro. Fizemos reuniões e tal. O Bruno, na época, o Bruno sempre teve esse espírito assim de fazer: 'Umbora fazer!'. Aí pronto. Reunimos a direção e fomos avaliar esse negócio da água. Nessa época, era um valor de 150 mil o terreno naquela época. E como é que a gente vai fazer? 'Rapaz, vamos fazer um empréstimo e tal, e num sei o quê'. E foi em meio àquele estudo, passou um bom tempo, só sei que, no final das contas, não: 'Num dá pra gente fazer isso aqui porque não é o momento. O valor é muito alto. O terreno não atende. Vamos esperar'. Quando foi no outro dia, não sei se foi no outro dia ou uns dois dias depois, uma senhora foi lá na casa do Roberto e disse que tava vendendo um terreno. O marido dela tinha morrido e tal, e ela tava morando em Recife, e tava vendendo o terreno dela aqui no Santa Fé. Aí o Roberto ouviu aquilo ali e perguntou: 'Quanto é o terreno?'. Aí ela disse que era 35 mil reais. Trouxe esse assunto pra gente. A gente foi no Hermes, que o Hermes tinha, pela qualificação profissional dele, ele tinha condição de avaliar o terreno lá do ponto de vista de plantar o mariri e a chacrona e tal. Ele foi lá e viu a água que tinha e tal, e disse: 'Rapaz, o terreno é primeira! Bora!'. Marcamos uma reunião extraordinária. Fizemos uma reunião extraordinária. A irmandade em peso presente. Foi uma coisa, assim, muito bonita de ver. A irmandade em peso presente. Eu não me lembro o valor que nós conseguimos arrecadar naquele momento, na reunião, mas eu lhe garanto que era em torno, assim, de 70% do valor que a gente precisava. A gente já tinha arrecadado ali. E o restante ficou parcelado para as pessoas. 'Eu posso dar tanto de tantas parcelas de tanto'. Então, nós conseguimos levantar o dinheiro. Conseguimos. Não me lembro. Algum irmão complementou pra poder receber depois. Aí o resultado é que levantamos o dinheiro pra pagar. Uma pessoa, que morava lá perto, ficou sabendo que ela tava querendo vender o terreno e disse que ia comprar o terreno. Aí ela disse que já tinha uma pessoa na frente, mas ele perguntou: 'E quanto é o terreno?'. Ela respondeu: '35 mil, mas já tem uma pessoa na frente'. Aí ele disse: 'Não, mas eu consigo 50 no terreno'. Aí ela foi e disse desse jeito: 'É, mas eu já dei minha palavra pra eles que era 35. Se eles não comprarem por 35, aí você compra. Mas eu vou manter'. Rapaz, onde é, nesse mundo que a gente vive hoje, a gente vê essas coisas e a gente não vê a presença do Mestre. Então, você disse: 'Quais são as coisas que mais chamou a atenção?'. Isso aí chama a atenção. (MESTRE HÉLIO, entrevista em 04/11/2019).

Assim, em âmbito material, houve boas conquistas. Podemos destacar também a organização financeira desenvolvida pelo Mestre Alembert (presidente à época), a construção do templo definitivo projetado pela Ana Gil Araripe com a supervisão do Mestre Ascelino, colaboração do Diego Enéas na produção da maquete digital e o acompanhamento da obra feito pelo Mestre Raimundo. Em janeiro de 2011, com a presença de Mestre Florêncio e Conselheira Sueli, foi lançada a pedra fundamental de início da construção do novo templo.

Figura 46 – Novo templo do NSFC



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (2011).

*E uma outra coisa também foi a gente construir esse templo definitivo, porque o Núcleo já tinha uma estrutura boa quando a gente precisou construir esse templo, mas não tinha o templo. A gente bebia Vegetal lá no redário. A casinha aqui já não cabia mais, então a gente foi beber o Vegetal lá no redário. Só que precisava ter um templo. Nós, eu e a irmandade pedia isso também. Chegou um tempo que a gente precisou pensar nisso aí. Aí a gente avaliou num primeiro momento: não era o momento, por causa do investimento, o tamanho do investimento. A coisa foi andando, andando, mais adiante o assunto voltou e, quando voltou, voltou com uma força muito intensa que precisava ser construído mesmo. Nós construímos. Foi um tempo de muito trabalho, de muita peleja, alguns sofrimentos, mas de um tanto bom de crescimento também pra todos nós, e hoje a gente tá aí com essa casa do mestre pra receber a gente. (MESTRE HÉLIO, entrevista em 04/11/2019).*

Tanto a construção do templo quanto a aquisição do terreno foram efetivadas com a importante participação da irmandade, seja com trabalho ou financeiramente, a exemplo da demolição do templo antigo, que foi feita em mutirão, e da compra do terreno. Mestre Hélio, ainda na mesma entrevista, realizada em 04/11/2019, quando indagado sobre seus sentimentos sobre o NSFC, assim respondeu:

*Ah! Rapaz, é um sentimento da minha casa quando eu chego aqui nesse Núcleo e olho pra essa vegetação, pra esse lugar, os caminhos aqui que eu trilhei durante dez anos que eu morei aqui, morando aqui no Crato. É as minhas memórias, assim, de quando eu vinha pra cá nos meados da década de 90; eu vinha pra cá trazendo minhas filhas pequenininhas. A Clara tinha um ano, a Aninha tinha dois ou três anos, e a gente brincando aqui. Elas achavam isso aqui tudo muito lindo. Então, tem umas coisas, assim, que fica impregnada na memória de um jeito muito especial. Então, esse lugar, as pessoas daqui, o carinho do Mestre Emerson e da Daniele com a gente. Alembert e Rosiane com Aninha, também pequenininha, crescendo junto com as minhas filhas e tal. O Pedro veio depois. O Manoel também, que já conhecia, e a Edjane acompanhando. Vi o casamento deles, entende? Aquelas coisas, assim, que só quem sente, só quem vê é que sabe. Eu tenho uma gratidão muito grande a esse povo aqui. Povo que me auxiliou muito na minha evolução espiritual. Foi de um valor, assim, eu tenho que ter é um respeito, dar um crédito para tudo isso.*

#### 4.1.13 Mestre José Emerson Monteiro Lacerda (06/01/2012 a 06/01/2015)

Figura 47 – Mestre Emerson Monteiro



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (2012).

Mestre Emerson, aos meus olhos<sup>96</sup>, é um homem paciente, que está sempre em busca de melhor compreender a vida e tudo o que há na sua possibilidade de ser; um exímio interessado a respeito da mente humana e na busca de um guia espiritual. Sua caminhada na UDV começou na década de 1980, momentos estes que já foram falados e descritos anteriormente, e foi a partir daí que ele conseguiu trazer o chá para o interior do Cariri, e desde então vem auxiliando inúmeros irmãos.

Na sua primeira sessão, sentiu *burracheira* e, como ele mesmo fala, “foi uma intensidade muito clara”. Ao perceber a grandeza que havia ali, logo se interessou e afirmou consigo mesmo: “Esse solo é sagrado. Foi onde eu senti mais a presença do poder de Deus foi naquela primeira sessão, ‘tempo alto’ de ‘burracheira’”. Tudo isso ocorreu após o convite do amigo Tiago Araripe; em seguida, enfrentou algumas dificuldades familiares, que o afastou em seguida. Sua caminhada, porém, não parou por aí. Após alguns anos, retornou para a UDV e, ao longo da trajetória, passadas as dificuldades, conseguiu, junto com alguns mestres e irmãos, fixar o NSFC na cidade do Crato, no interior do Ceará. Ao lembrar sua caminhada na União, Mestre Emerson relatou o seguinte (entrevista em 19/08/2019):

*Eu só voltei para o corpo instrutivo depois que eu me licenciiei, 12 anos depois. Por quê? Porque eu fiquei dando uma assessoria para o Kardecismo. Eu nunca trouxe, de livre e espontânea vontade minha, nunca trouxe ninguém do Kardecismo para dentro da União do Vegetal, porque eu achei que, se pessoas estivessem lá, ela estava bem. [...]. E, nessa*

<sup>96</sup> Virgínia Lacerda.

*sequência, eu fiquei fazendo palestras nos Centros Espíritas do Cariri. Eram quatro no Juazeiro e quatro no Crato. Eu fazia uma palestra por semana em cada um desses centros. Em Juazeiro, entremeando. Com eles, eu fazia oito palestras espíritas por mês. Eu não tinha cargo de diretoria, eu não quis mais cargo de diretoria. E na União ficaram esperando que eu me decidisse pela União definitivamente ou então pelo Kardecismo. E isso durou 12 anos. Foram 12 para voltar para a instrutiva. Então, eu fui convocado com dois meses e passei 12 anos para voltar. Quando eu voltei, dentro de um ano eu cheguei na instrutiva; dentro de um ano, cheguei no corpo do conselho; dentro de um ano, cheguei no quadro de mestres; e, em menos de dez anos, cheguei na representação, nessas proporções.*

Mas agora, em se falando mais especificamente do momento da sua representação, houve alguns momentos, dentre eles, sabemos que sempre existem as dificuldades e as facilidades, pois, como dizem, nem tudo são flores, e tudo o que vem é para o nosso crescimento, e eu pude acompanhar um pouco do crescimento do meu pai durante esse período. Lembro que já havia se iniciado em 2011 a construção do novo templo e se deu essa continuidade. Lembro da visita de alguns mestres da origem, como Mestre Florêncio, Mestre José Luiz, entre outros. Uma data que era sempre feliz para mim era o período do São João. O Mestre Manu sempre vinha se fazer presente e tínhamos sessões engrandecedoras. Além disso, lembro também de uma grande quantidade de pessoas que vieram de Fortaleza para cá, sócios do Núcleo Fortaleza, que, ao chegarem ao Cariri, foram lá em casa. Teve sessões com esses irmãos. Aconteceram também preparos, como todo triênio, mas o que lembro mais fortemente era o acolhimento que tinham comigo e com os demais jovens; éramos sempre lembrados. Vivemos atividades profundas de conhecimentos: a cultura popular aliada com os ensinamentos da União. Estes que nos eram explicados dentro das sessões. A primeira pergunta que fiz dentro do salão do Vegetal foi em uma sessão de jovens dirigida por ele durante esse triênio. Sendo assim, também recordo de algumas sessões dirigidas por ele as quais sempre eram cheias de doutrinas, pois ele gosta de pregar, mas gosta mais ainda de ver a prática nos irmãos.

Mestre Emerson (entrevista em 19/08/2019), quando perguntado sobre os momentos marcantes da sua representação, lembrou:

*[...] na fase que eu fui representante, o que é que me marcaria mais aqui os assuntos: bom, o mais forte, o andamento dos trabalhos que estavam sendo levados adiante. O Núcleo já estava na sede nova, e recebemos visitas dos mestres das origens. [...] Eu me lembro bem do Mestre José Luiz, aí eu me lembro duma vinda dos jovens aqui, numa sessão monumental com a presença dele. Vieram mais de 150 aproximadamente jovens de Fortaleza; foram alguns ônibus. Aí outra coisa é que eu participei de todas as reuniões do Conace, sem exceção, por volta de 13. Aí, outra coisa, aqui aconteceu, nessa administração, que eu estive à frente na representação, aconteceu um encontro do Conace da região, e nós recebemos os mestres de todos os núcleos, os mestres representantes, e alguns visitantes.*

Foram momentos de aprender melhor sobre o que é preciso ser feito e o que é o certo a ser feito. Lembro também que teve, em julho de 2013, um Encontro de Jovens, o I Encontro de Arte e Cultura, que aconteceu no Núcleo Fortaleza, onde houve palestras com mestres antigos, *shows*, entre outras atividades. No ano de 2014, mais precisamente no dia 27 de março, o Dia da Ressureição do Mestre, eu me associei, recebi pelas mãos do meu pai, o mestre representante naquela época. Considero como um presente recebido; um homem pelo qual tenho profunda admiração, que me apresentou à UDV, presenteou-me com a camisa com as três letras: “UDV”, mostrando que realmente com fé temos a capacidade de superar as dificuldades, pois elas existem para serem vencidas.

O NSFC é, para Mestre Emerson, um “ponto de luz”, assim como todos os núcleos que existem na UDV. Ele justificou essa afirmação assim:

*[...] hoje eu relaxo mais, eu me tranquilizo mais, porque eu vejo a juventude: nós estamos na terceira geração do Núcleo. Eu vejo os meninos que eu vi recém-nascidos hoje já pegando trabalho, tendo disposição, tendo alegria, tendo vontade, já tendo compreensão. Então, isso, para mim, me traz uma certa paz de espírito, porque eu estou vendo que eu sei que a humanidade só muda se nós mudarmos, e não adianta você criar o melhor regime político do mundo e trazer uma matéria-prima velha, egoísta, interesseira, capitalista, que vai dar no mesmo canto. Que aí é só uma questão de viciar, como se fosse um vírus interno, aí a gente tem que combater esse vírus interno do atraso espiritual. Então, aí a gente, tendo o conceito, por exemplo, cristão-reencarnacionista, que é o que o Mestre Gabriel nos traz pela União do Vegetal, nos dá um impulso. E, na luz do chá, que só sabe quem conhece, fica mais fácil da gente conhecer na prática as teorias. Essa é a grande virtude do Vegetal, porque eu não lhe digo, assim, que eu estou sempre a pleno vapor; tem dia que a gente não está legal; que a gente faz esforço para beber o Vegetal. O chá ele é amargo, é travoso, aí tem dia que você está em baixa existencial; está, às vezes, com princípio de depressão, ou triste por alguma razão, ou com algum desequilíbrio natural que a vida... nem tudo é igual. Aí é luta para se fazer, mas a persistência e a disposição de acertar eu acho essencial. Aí é isso que me gratifica de eu ver tantas pessoas usufruindo daquilo que eu já usufruí e que passa a ser, como a gente gosta de dizer, um ponto de luz aqui. Então, o Mestre Gabriel diz que: ‘Quando a gente tem fé, tudo muda, até a própria natureza muda em tudo por tudo’. Então, eu vejo, assim, o Vegetal como uma força poderosa. Eu não tenho a menor dúvida. E está acima dos livros. Está acima dos discursos, entende? É essa a grande virtualidade do chá. É que ele fala uma linguagem mais interior, que é misteriosa, que a gente precisa conhecer mais e receber revelações, porque nas sessões aí tem muito ensino, mas tem muitas percepções. Às vezes, um ensino chega naquela área da razão que a gente recebe numa boa e tudo e compreende; às vezes, até grava para dizer depois, mas e a prática? Tem que ter uma prática fiel. Tem que ter um desempenho. [...] Agora, muitas vezes, o que acontece é que as pessoas acham que tudo é linear. Não. Aí bebendo o Vegetal tá resolvido os problemas: o problema profissional, o problema familiar, o problema desse, daquilo, físico, mental ou espiritual. A história é lenta. A história tem seu ritmo. A história não é imediatista. Imediatistas são as pessoas. Aí, para acompanharem esse ritmo, é preciso que a gente já tenha alguma preparação; a gente já tenha alguma isenção de esperar o tempo certo de cada coisa. [...] Então, a União do Vegetal, para mim, como eu me vi lá em Brasília, no dia que eu senti, na primeira sessão, uma grande emoção que eu tive, eu continuo achando que é um solo sagrado. Agora essa sacralidade precisa da nossa*

*participação, senão é mais uma flor bonita, perfumada, que está lá na natureza, aí você vai lá, olha, cheira e vai embora. Aí tem que trazer para dentro de nós essa possibilidade que a natureza nos oferece através de duas plantas, que, para nós, são plantas sagradas, e que é um grande mistério, uma grande revelação entre milhares e milhares de espécies, se juntar duas que deram certo e a gente fazer delas uma religião, uma instituição que hoje já está se espalhando no mundo inteiro. Eu acho que isso é de um valor extremo para a cultura humana. (MESTRE EMERSON, entrevista em 19/08/2019).*

Esse é Emerson Monteiro, advogado, fotógrafo – estudou cinema –, escritor, filho, irmão, pai, avô; um homem que, com sua simplicidade em seu mandato, trouxe uma doutrina de, por onde caminhar, sempre buscar trazer com transparência a sua prática aliada à sua fala, porque é uma coerência fundamental, a qual eu vejo que se encontra entre os seus princípios, tendo o Mestre sempre como seu guia e querendo trazer esses ensinamentos simples e claros para os seus irmãos e amigos. E essa é a simplicidade que temos que encontrar na UDV e no NSFC. O que sempre é falado por ele: é buscar e viver o amor verdadeiro; é poder demonstrar sem esperar algo em troca; fazer verdadeiramente buscando a evolução espiritual.

#### **4.1.14 Mestre Manoel Teixeira Barros Filho (06/01/2015 a 06/01/2018)**

Figura 48 – Mestre Manoel Barros



Fonte: Acervo do DMC-NMRNS (2020).

Manoel Teixeira Barros Filho, o Mestre Manoel, assumiu a representação do NSFC de 2015 a 2017, período que atravessou com trabalho e sabedoria, procurando unir o quadro de mestres e a irmandade dentro de um propósito: o de seguir os ensinamentos do Mestre Gabriel, que é: “Luz, Paz e Amor”, tendo o reconhecimento de algumas pessoas que o intitularam de pacificador.

Em entrevista com Manoel Teixeira Barros Filho realizada em 29/10/2019, quando perguntado sobre as principais dificuldades encontradas na fundação e consolidação do NSFC, ele assim respondeu:

*Rapaz, a gente teve dificuldades [...]; quando eu cheguei na representação é que essas coisas começaram a se consolidar e as coisas começaram a se tranquilizar, e não foi por causa de mim, foi o quadro de mestre que resolveu trabalhar junto. Até eu falei que a representação era nós, e a gente conseguiu dar uma melhorada boa no Núcleo, sabe? Graças a Deus, que, de um tempo pra cá, a gente tá hoje... o Santa Fé... você vê que tá uma coisa mais tranquila aqui. Mas isso aí tudo foi aprendido, sabe, cara? Porque, assim, a gente tem o núcleo muito distante aqui; o núcleo mais perto que tem da gente aqui na época era em Campina Grande, 400 quilômetros; Fortaleza, 500 quilômetros. [...] A gente não tinha essa assistência de pessoas de Fortaleza muito frequente. A gente teve que dá o jeito da gente. Gerardo chegou aqui era conselheiro; aí chegou na representação sem nenhuma experiência, assim, dentro de um núcleo como representante e no quadro de mestre. E a gente foi aprendendo uns com os outros. O Gerardo, da maneira que ele tava podendo, ele formou todos nós. Eu sou uma pessoa formada por Gerardo. Eu considero, assim, que foi importante na época que ele era representante; eu cheguei até o corpo do conselho. Quando Hélio assumiu, contei a história; recebi a estrela de mestre, mas foi uma formação. Aos poucos, a gente foi se formando e hoje está aí. A gente é do jeito que é, uns bom, outros melhores, mas todo mundo se esforçando para ser gente melhor.*

Durante seu mandato, construiu-se o berçário, um espaço bom para as crianças. Juntamente com o Mestre Raimundo, então presidente, realizou-se também a construção dos arcos que dão acesso ao Núcleo. Foi quando começaram a pôr em prática a ideia de desmembrar o Núcleo, já que as instalações estavam ficando sem espaço para abrigar tamanho número de sócios. Em sua representação, o NSFC contava com mais de 220 sócios. Era o terceiro núcleo com maior número de pessoas no CEBUDV. Do ponto de vista material, ressaltou as conquistas do grupo durante o período da sua representação:

*Rapaz, a gente começou esse trabalho, que hoje tamo com esse desmembramento, essa ideia começou lá atrás, e, em algum momento, Mestre Edmar vinha pra esse desmembramento; eu ia continuar na representação e, em outro momento, surgiu o Rodrigo Murrer ficar na representação e o Mestre Edmar ir. E acabou o Mestre Edmar ficando na representação, e eu vim para esse desmembramento, e aí a gente começou esse; desde o Mestre Emerson que a gente vem nesse trabalho. Na época da minha representação, a gente construiu um barracão lá no outro terreno. A gente fez um berçário lá no Santa Fé. A gente conseguiu um espaço bom pra crianças. Mesmo assim, a gente tava sentindo essa superlotação de pessoas e foi necessário esse desmembramento que a gente conseguiu fazer no meio do mandato de Mestre Edmar. [...] desde o Mestre Emerson que a gente vem com essa ideia, que veio crescendo. A gente, todos nós juntos, foi só nós mesmo que conseguimos: com promoções, com doações, e é isso aí. A gente teve algumas conquistas. (MESTRE MANOEL, entrevista em 29/10/2019).*

O NSFC, dentro dessa administração, teve a visita de alguns mestres do Conselho da Recordação dos Ensinos do Mestre Gabriel, a exemplo de Mestre Monteiro, Mestre Herculano e Mestre Roberto Souto; também vieram visitar o Núcleo: o Mestre Teodorico, o

Mestre João Bosco, o Mestre Yugi, entre outros. Sobre as visitas dos mestres antigos durante o seu período, relembrou:

*Foi principalmente o Mestre Monteiro. Ele passou um tempo aqui na casa do Mestre Bruno. Ele deu uma força boa. Eu lembro que ele veio; veio o Mestre Monteiro; veio o Mestre da segunda geração; o Mestre Teodorico; veio Mestre Yugi. Mestre antigo, assim: Mestre Roberto Souto teve aqui; dirigiu duas sessões. Aí a gente, como tava nesse trabalho de desmembramento, de construção, então a gente num trouxe muitos mestres antigos, não; aqui, não. Mestre Herculano eu num lembro dele ter vindo; o Zé Luiz veio em outros momentos. Mas veio muita gente: o pessoal da décima veio mais o João Bosco, que teve aqui. Eu num lembro, assim; nós mesmo foi que demo de conta desse movimento. (MESTRE MANOEL, entrevista em 29/10/2019).*

Quanto a seus sentimentos sobre o NSFC, rememorou:

*Mano é gratidão, oh! Por ter atendido a minha família; a gente estar onde estamos. Eu, a Conselheira Edjane, meus filhos são do corpo instrutivo; tão seguindo com a gente. Teve um período que eles se afastaram da União, mas eles mesmo resolveram voltar; e eles, quando tinham alguma decisão na vida deles, eles iam lá, bebiam o chá e resolvia. Então, graças a Deus, é só gratidão, cara; aprendizado, amigos. Na época que eu precisei, eles chegaram junto. E eu procuro também chegar junto quando as pessoas precisam e tem alguns amigos aí na União. E muita coisa eu recebi lá no Santa Fé quando eu fui filiado. O sentimento é de gratidão. É esse o sentimento que eu tenho. E, assim, eu fiz uma sessão lá, instrutiva, e aí eu falei do meu sentimento pelo Núcleo, sabe; minha casa. Ali é minha casa. Como agora o Núcleo Mestre Raimundo. Ali é minha casa. É a casa do Mestre Gabriel, mas eu me sinto em casa. (MESTRE MANOEL, entrevista em 29/10/2019).*

#### **4.1.15 Mestre Edmar Dino da Silva (06/01/2018 a 06/01/2021)**

Figura 49 – Mestre Edmar Dino



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (2019).

O triênio do Mestre Edmar como mestre representante iniciou em 6 de janeiro de 2018 e foi até 6 de janeiro de 2021. Porém, um mestre representante não se faz assim de repente; é preciso um período de preparação, e isto sinto<sup>97</sup> que iniciou desde a sua chegada no Núcleo, ainda mesmo quando bebeu Vegetal pela primeira vez, mesmo não tendo consciência desse trabalho em si.

Mestre Edmar (entrevista em 29/01/2020) relembrou assim sua chegada na União:

*Na época, o representante era o Mestre Gerardo Júnior. Essa reunião foi na residência dele. Isso aconteceu no ano de 2001, se eu não me engano; foi o ano que eu cheguei na União do Vegetal. Foi uma entrevista de perguntas, como é feito. Saber se a gente tem algum tipo de vício, alguma coisa assim que tomasse; se tomava algum medicamento e tudo. E lá eu fiquei já sabendo que, de uma certa forma, também fiquei confirmando que era um chá que se bebia. Interessante que, na hora, a Regina, que é a mulher de Gerardo, ofereceu um chá, e eu já pensei que era pra beber o chá lá. Fiquei todo me tremendo. Aí ela disse: 'Não. Mas não é esse chá aqui que a gente vai beber, não. Esse aqui é um chá de visita'. Chá de endro; sei lá... de outra coisa. E eu: 'Graças a Deus!'. Ainda ia ter mais uns dias para beber o chá. Interessante que, embora eu não conhecesse, mas aí na história da Hoasca fala de chá temeroso. De certa forma, a gente fica com algo assim, digamos assim: pelo desconhecido. E aí ele marcou. Eu fui aprovado, meu nome, porque é indicado por uma pessoa. Meu nome, de princípio, foi indicado pelo Juliano, mas tem outras pessoas que eu já conhecia também lá. [...] Então, a minha chegada nesse primeiro momento foi dessa forma aí. Fomos pra sessão. Na reunião, o Gerardo Júnior falou que era importante que a esposa tivesse junto, pra saber onde era que o marido andava, porque era um ritual que começava às oito horas da noite pontualmente e só terminava à meia-noite. Então, seria muito bom que a esposa fosse e tudo. [...] fomos pra sessão; sessão de adventícios. Era num espaço modesto. Onde hoje foi construído o templo, era uma casinha de taipa; as telhas lá, e uma forma bem rudimentar [...] nessa sessão de adventício, para mim inesquecível. Inesquecível porque eu senti o efeito do... fico até emocionado... senti o efeito do chá e, já da primeira vez, pude perceber que era algo sério e que eu pretendia voltar. Eu, na minha conversa na burracheira, pelo que eu senti, era alguma coisa que eu precisava voltar, pra continuar uma história [...] que eu sabia que tinha que continuar.*

O Edmar chegou num momento em que seu interior pedia, necessitava que algo novo acontecesse e lhe mostrasse o que em seus sentimentos mais íntimo acreditava: que poderia existir no mundo um lugar onde a presença Divina se revelasse. Ele acreditava ser esta energia a energia transcendental de Deus.

*Então, eu tava num momento da minha vida muito difícil. Tava bebendo e, assim, sem visão nenhuma espiritual. Tava praticamente sem visão espiritual. E eu senti, naquele momento, que eu tinha que ter um objetivo na vida que era importante. Então, quando ele pediu pra algumas pessoas falarem, eu falei rápido, falei pouco, mas disse que voltaria [...]. Na sessão seguinte, nessa primeira sessão que eu tive esse sentimento de que era uma coisa que eu precisava dar continuidade e vivi um sentimento de pertencimento ao universo, a obra de*

---

<sup>97</sup> Conselheira Edílvia.

*Deus, percebi também a ligação que eu tinha com a minha família, que a minha família tinha comigo; eu via a minha responsabilidade comigo mesmo e com outras pessoas. (MESTRE EDMAR, entrevista em 29/01/2020).*

Quando chegou à União, sentiu esta presença interior e reconheceu na União um lugar onde existe uma Luz que age, cria e movimenta as coisas espirituais, transformando-as. Sentiu-se cativado e procurou fazer cada vez mais esta interação e conexão com os ensinamentos. Quis permanecer, pois se identificou com aquela obra, reconhecendo-a como uma obra Divina.

*Então, na minha primeira sessão, pra mim, foi muito rica e, por incrível que pareça, por mais que eu tivesse já bebido bebida alcoólica anteriormente, eu não vomitei. Não vomitei e eu tinha medo e vergonha de vomitar no salão. E o Mestre, com a sua inteligência, me deu bastante tempo pra que isso acontecesse. Quando eu fui vomitar no salão, eu já tava sócio, já foi num período bem mais na frente, num momento que eu nem pensava que fosse pra vomitar, mas o Mestre quis me mostrar que qualquer pessoa podia vomitar, que não tinha problema nenhum; era natural. E aí nós demos sequência. Falei com Mestre Gerardo pra eu me associar; na terceira vez, ele disse que era muito cedo, que eu pensasse melhor, mas eu, dentro de mim, eu já sabia que eu ia me associar. Duas coisas, duas decisões que, pra mim, foram rápidas de tomar: uma foi deixar de beber bebida alcoólica e a outra me associar. É interessante que na terceira vez ele não permitiu; disse que eu desse mais um tempo. Quando foi na quinta sessão, eu falei de novo com ele; aí, na quinta vez que bebi o chá, ele aceitou. Ele também é uma pessoa muito sensível, sensitiva, assim, com relação a algumas coisas e aí ele me permitiu que eu me associasse. (MESTRE EDMAR, entrevista em 29/01/2020).*

Mestre Edmar começou a trabalhar e auxiliar no que podia, mas nunca focou chegar aos lugares; não que não admirasse, mas sim sentindo uma grande gratidão por já fazer parte da comunhão do Vegetal. Procurou seguir os ensinamentos, não dar trabalho, fazer amizades, respeitar as hierarquias e as leis que ouvia. Esta foi sua formação interior.

A representação do Mestre Edmar foi um grande marco em nossas<sup>98</sup> vidas. Antes mesmo de colocar seu nome como elegível, víamos com grande ânimo essa possibilidade e desejava que acontecesse. Edmar Dino, no entanto, já tinha uma visão diferente do cargo, uma imensa responsabilidade sobre a vida e evolução espiritual das pessoas, algo por que ele mesmo não ansiava, principalmente tendo outros nomes fortes e com ainda mais história no Núcleo, porém o futuro a Deus pertence e, diante da necessidade, Mestre Edmar deu seu nome para a representação do NSFC, sendo eleito por aclamação. Na sessão em que foi contada à irmandade a decisão do quadro de mestres, eu<sup>99</sup> não estava presente, assistia à sessão no Núcleo Tucunacá, mas o vi, durante essa sessão, na

<sup>98</sup> Edílvia, Ramide, Camile e Mateus.

<sup>99</sup> Mateus Dino.

*burracheira*, em uma miração, e pensei que fosse ele recebendo a representação. Abri meus olhos em descrença, porque poderia ser apenas algo da minha imaginação, contudo, ainda de olhos abertos, via a mesma imagem e ainda mais nítida. Naquele momento, já não tinha mais dúvida do que estava por vir.

Quando foi eleito mestre representante, sentiu uma proximidade maior com o Mestre Gabriel e sentiu que as pessoas precisavam de amor e sentir o Mestre mais próximo de suas vidas. Buscou ser atencioso e dar o melhor de si para que o Mestre se sentisse representado através dele e os irmãos acolhidos, assim como sentiu esse acolhimento nesta grande obra. Acerca de como chegou a ser o mestre representante atual e dos próprios sentimentos sobre a sua representação e a UDV, Mestre Edmar (entrevista em 29/01/2020) fez a seguinte narrativa:

*A minha chegada na representação do Núcleo Santa Fé do Cariri... eu achei que eu podia esperar mais um tempo para chegar nesse lugar de representante. Por mim, eu teria esperado mais um tempo, mas o Mestre Gabriel quis que fosse desse jeito; tá sendo. Então, pra mim, tem sido um aprendizado. Aprendizado, bastante aprendizado: de conhecer as pessoas, de me conhecer também, os meus limites, e ver como é uma pequena, minúscula parcela do amor de Deus pela humanidade. Então, dá pra gente ter um sentimento, assim, pequeno, porque a nossa compreensão ainda é pouca, mas dá pra gente ter uma ideia do quanto o trabalho do Mestre nesse trabalho pela salvação da humanidade pra trazer uma paz pra esse mundo, que precisa de paz; pra trazer essa clareza na consciência que as pessoas precisam, como o trabalho é grande. Como é grandioso o trabalho. E a gente se sente, assim, eu não digo nem uma formiguinha. É muito menor que uma formiguinha. A gente se sente, assim, pequenininho mesmo. Não é falando isso por falar não; é porque é uma coisa muito... ao mesmo tempo que os ensinamentos da União são muito altos, a gente se sente um pouquinho, digamos assim, uma minúscula gota nesse oceano, fazendo a nossa, procurando fazer o melhor que a gente pode a nossa parte. É uma experiência que exige de quem está à frente. Exige, mas temos a graça de dormir e acordar; da gente se ligar com a presença do Mestre nos auxiliando no trabalho. Pra mim, tem sido gratificante. Alguns momentos solitários. Acontece algumas coisas que a gente só tem que se confessar mesmo com Deus e com o Mestre e pedir a ele força pra seguir, mas eu sou feliz de poder contribuir com a minha parcela nesse momento, porque eu tenho vários anos na União do Vegetal, e outras pessoas ficaram, deram sua contribuição nesse lugar, e é preciso ter uma pessoa à frente. Então, nesse momento que eu tô nessa representação, eu venho pedindo ao Mestre que me dê força pra continuar até o dia 6 de janeiro de 2021, quando outra pessoa, quem ele quiser, continuará esse trabalho, e eu quero tá vivo e presente na União do Vegetal, que ele me dê isso pra continuar auxiliando nessa obra, que, pra mim, é divina, vem de Deus pra nós. E é isso.*

Sobre os momentos marcantes, até então, tanto do ponto de vista material quanto do espiritual da sua representação, relatou:

*[...] o Núcleo Santa Fé do Cariri ele já inteirou aí eu acredito que 20 anos [...]. Então, nessa representação, e não sou eu, o Mestre quis e nos deu a condição da gente trabalhar*

*um desmembramento. Então, pra mim, esse é o que de maior a gente conseguiu nessa representação. [...] Então, em termos, assim, eu tô falando material, essa construção desse Núcleo, com os irmãos que se propuseram a ir, a construir também, com a gente, eu considero isso aí uma dádiva de Deus; uma coisa mesmo abençoada; uma coisa dos céus, que era uma coisa que a gente pensava: 'Como fazer?'. E, pra mim, foi uma alegria eu tá nesse momento da representação e ser possível isso. [...] Então, tem dois aspectos: que é o aspecto material, que é a construção física em si, que à frente ficou o Mestre Bruno como presidente. O Mestre Rodrigo Murrer, que assumiu também essa missão, essa função, como se fosse presidente do Núcleo ou do desmembramento. E trabalharam junto. E aí outras pessoas que auxiliaram na construção do projeto, alguns irmãos; o Décio teve presente; as pessoas que fizeram toda a organização, que auxiliaram. Alguns irmãos eram mais à frente na construção, digamos assim, material [...], mas paralelamente, na parte espiritual, o nosso objetivo era que acontecesse de uma forma também que fosse boa pra os dois núcleos, porque a gente sabe o quanto um núcleo, com 20 anos praticamente, o Santa Fé do Cariri, e quando acontece um desmembramento as pessoas sentem dos dois lados. (MESTRE EDMAR, entrevista em 29/01/2020).*

Nesse sentido, também foi com tranquilidade que continuou nos trabalhos no NSFC, após o desmembramento, procurando acompanhar os sócios que decidiram seguir com ele a jornada, dando-lhe apoio, continuando um obreiro desta grande obra.

*Os momentos importantes que eu considero são as vindas de mestres, tanto os mestres antigos que a gente procura trazer pra cá, pra nós, como a vinda de mestres com mais experiências. Então, sempre que a gente pode, a gente tá trazendo mestres com mais conhecimentos, com mais experiências, pra poder a gente aprender. A União do Vegetal é uma grande escola. Tem um trabalho que foi iniciado pelo Mestre Manoel, que eu também ressalto, de grande importância, que é também uma orientação do mestre central, Mestre Luiz Bomfim, [...] que é a nossa, digamos assim, ligação com a décima região, aqui próximo. Então, o nosso trabalho aqui, também nessa representação, ele tem tanto ido irmãos daqui pra o Núcleo Caruaru, que é o núcleo mais próximo da gente, como tem vindo os irmãos de lá, mestres, conselheiros e discípulos aqui pro Núcleo Santa Fé do Cariri, e a gente ter esse intercâmbio de conhecimento e de pessoas [...]. E nós estamos aprendendo. Continuamos aprendendo a transmitir os ensinamentos do Mestre e também a preparar o Vegetal. E uma coisa importante: procurar aprender a tratar nossos irmãos com educação e com o respeito merecido. Isso aí é um desafio pra nós, e eu venho procurando, dentro dessa representação, dar esse tom de tranquilidade aos irmãos e pra mim também. E eu sei que o Mestre Gabriel ele tem a doutrina dele, da forma séria e necessária. Aí também com jeito, que é preciso ter, pra falar as coisas, isso é um aprendizado. Eu mesmo venho aprendendo, procurando cada vez mais melhorar nisso aí pra poder os próximos que estiverem à frente também criar um jeito, um jeito bom de trabalhar com a irmandade; um jeito bom de transmitir os ensinamentos do Mestre Gabriel; um jeito bom de conviver na União do Vegetal, trazendo, sempre que possível, e sempre mesmo, e é possível, o símbolo da União, que é: 'Luz, Paz e Amor'. (MESTRE EDMAR, entrevista em 29/01/2020).*

Seu coração desabrochou uma conexão com esta nobre missão do Mestre Gabriel em recriar a UDV e, então, não poupou esforços para poder realizar o desmembramento e ter mais um ponto de luz aqui neste chão, dando prosseguimento à missão do Mestre Gabriel em ver a União crescer.

Não queremos dizer, com isso, que foram apenas flores nesses três anos. Posso dizer que o vi como nunca havia visto antes, com o olhar fatigado; alguns dias prostrado e a própria visão de idolatria que eu<sup>100</sup> tinha do homem invencível balançou algumas vezes. Enfrentou dificuldades? Sim. Críticas? Sim. Teve tristezas? Sim. Sentiu-se só? Sim. Sem dúvida, enfrentamos desafios e encaramos alguns fracassos, mas também nunca o vimos deixar de acreditar no Mestre Gabriel e no Mestre Jesus. Algumas vezes, em muitas, teve o conforto de quem tudo pode dar e restabelecer.

É sobre como ele procurou se manter leve nesses três anos; sobre como ele procurou zelar pelas amizades e pela paz do centro, mesmo diante das adversidades. Muito me admirou a forma como ele tratou os discípulos, principalmente a atenção que ele deu àqueles que sempre precisavam. Sobre o estranhamento que me<sup>101</sup> deu ao ver ele chamando alguns jovens de “filho” ou “filha”, mas a felicidade de perceber que aquilo, de certa forma, estava sendo natural para ele. Sobre como ele fez o possível para manter o processo de desmembramento o mais natural possível.

Mestre Edmar procurou ver nas pessoas os bons sentimentos, em dar prosseguimento também neste trabalho, convocando-as para estar à frente, formando e fortalecendo mais uma direção, como também procurando unir a todos sem demonstração de afetos ou preferências mais a uns que por outros.

Algumas de suas características mais marcantes são: o seu jeito brincalhão de lidar com os amigos, com a vida e com as situações; e a sua maneira de trazer a paz e a tranquilidade. Com essas características, foi capaz de atravessar situações adversas e procurando pagar o mal com o bem. É uma pessoa que não tem inimigos, que trata bem todos que o procuram e que promove a união e a amizade entre as pessoas. Uma das coisas que sempre me chamou a atenção foi o fato de ele não fazer comparações e evitar todo tipo de rotulação. Coloca-se no lugar de ser amigo e mostra-se compreensivo com os seus semelhantes. Com ele, aprendemos a importância de sermos pessoas gentis, amigáveis e sorridentes. Com ele, aprendemos o zelo pelo estudo e pelo trabalho; a procurar olhar as coisas pelo lado positivo, procurando fortalecer em nós a força da gratidão.

Vimos-lhe transmitir a palavra desses mestres com genuína alegria e nos sentimos ainda mais motivados a continuar no caminho da União. Para mim, o sentimento mais presente durante o triênio foi o de união. Pelo seu jeito de ser, conseguiu cativar tantas pessoas e promover a união dentro da direção, que foi sentida por toda a irmandade.

---

<sup>100</sup> Mateus Dino.

<sup>101</sup> Mateus Dino.

Entregou o cargo com paz e tranquilidade, sabedor que o autor e criador de tudo quanto há é quem está e estará sempre à frente guiando este Grande Navio.

*Então, minhas palavras pro [...] Santa Fé do Cariri é que é uma irmandade amiga; é uma irmandade alegre; é uma irmandade que, quando a gente precisa, tá junto; é uma irmandade que chora e ri, e se alegra, e caminha com a gente. Então, eu sou feliz de ser do Cariri. Sou natural de Araripe, do pé da serra, em cima da serra, e, pra mim, hoje, depois que eu fui pra Fortaleza, que eu voltei pro Cariri, o meu amor por esse chão, por esse lugar, ele vem aumentando a cada dia, venho reconhecendo. E eu venho procurando fazer por onde merecer ficar um bom tempo aqui nesse chão, pra continuar nesse trabalho com os irmãos, à frente desse trabalho, da representação. E, quando o outro chegar, eu poder tá perto; com a minha experiência, eu poder auxiliar e poder caminhar junto. Pra mim, é uma bênção a gente poder beber um Vegetal que nos coloca em comunhão com o alto, com Deus, que a gente pode ver a nossa consciência e melhorar nossas ações; melhorar a gente mesmo e ter uma palavra de conforto quando alguém precisa; poder agir diferente do que a gente fez antes; poder melhorar cada dia, e isso é possível a gente fazer. Aí por isso que a gente tem esperança num mundo melhor; que a gente que tá nessa União a gente vê que é possível... possível acreditar no que o Mestre falou. É possível transformar; trazer um dia a tão sonhada paz para o mundo. (MESTRE EDMAR, entrevista em 29/01/2020).*

Em 7 de setembro de 2018, começou o processo de desmembramento do NSFC, sendo originado um novo fruto, o Núcleo Mestre Raimundo Nonato da Silva, em homenagem póstuma a um dos seus primeiros sócios, apresentado aqui nesta breve história<sup>102</sup>.

Figura 50 – Mestre Raimundo Nonato da Silva (*in memoriam*)



Fonte: Acervo do DMC-NSFC (1997).

<sup>102</sup> A partir do material coletado no DMC e das entrevistas realizadas em campo, pudemos elaborar uma versão sintetizada sobre a história do NSFC. Vale ressaltar que o texto aqui apresentado sobre a história do NSFC representa um recorte, dada a limitação deste escopo, motivo pelo qual nem todos os protagonistas desta história foram entrevistados e devidamente citados.

Figura 50 – Núcleo Mestre Raimundo Nonato da Silva



Fonte: Acervo do DMC-NMRNS (2020).

## **5 NARRATIVAS DO PROCESSO DE FORMAÇÃO NO CENTRO ESPÍRITA BENEFICENTE UNIÃO DO VEGETAL - NÚCLEO SANTA FÉ DO CARIRI**

Neste momento da presente tese, elucidamos como acontece o processo de formação no CEBUDV. Para tal, elaboramos uma entrevista<sup>103</sup> e, frente às respostas obtidas, utilizamos como método de produção, organização e análise dos dados o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), explicitado no tópico 2.3 deste trabalho.

Apresentaremos, pois, os DSCs obtidos na íntegra para que possamos valorizar as narrativas individuais do sujeito como preconiza a abordagem (Auto)Biográfica e o método do DSC. Combinamos esses dois métodos com o duplo objetivo de: “preservar as identidades” e “valorizar os discursos individuais”.

Preservamos as identidades pois foi feita uma análise do nível de percepção dos sujeitos sobre a experiência de formação no Centro Espírita Beneficente União do Vegetal - Núcleo Santa Fé do Cariri (CEBUDV-NSFC). Essa diferenciação entre os níveis de percepção poderia gerar uma incompreensão desnecessária sobre esse processo natural que foi explicitado nas análises.

Valorizamos os discursos individuais pelo fato de, ao “somarmos” os discursos semelhantes, como preconiza o método do DSC, termos obtido uma visão ampla de cada nível de percepção encontrado. O conceito de singular-plural de Ferrarotti (1988), já apresentado, é realçado por apresentar discursos singulares em consonância com outros discursos plurais, sob a mesma perspectiva, assim podemos conhecer melhor as “representações sociais”, segundo Moscovici (2011), acerca da experiência vivida no CEBUDV-NSFC.

Na sequência, teceremos nossas análises científicas, reportando-nos sempre às ideias centrais síntese presentes nos DSCs já apresentados. Optamos por essa forma de análise compartimentalizada<sup>104</sup>, em vez de intercalada<sup>105</sup>, por um duplo motivo: tanto para valorizar as narrativas e o método do DSC, e assim compreendermos melhor o imaginário do grupo sobre cada ideia central apresentada, como também para não sobrepormos o pensamento científico à experiência vivida. Antes, pelo contrário, valorizamos as narrativas, como orientam a abordagem e o método utilizado nesta pesquisa, sem deixar de lado o nosso papel de pesquisador, na busca da análise científica do fenômeno investigado.

---

<sup>103</sup> Ver roteiro de entrevista no Anexo A.

<sup>104</sup> Compartimentalizada se refere aqui ao fato de apresentarmos o DSC na íntegra e depois as análises.

<sup>105</sup> Intercalada diz respeito às análises que se são feitas interpondo-se ao DSC, fragmentando-o em tantas partes quanto forem necessárias.

Como preconiza o método do DSC, suspendemos nossos *a priori* nossas teorizações científicas para observarmos o fenômeno e conhecermos suas características, no nosso caso, denominadas ideias centrais, para que estas sirvam de fio condutor das análises. Nossas “categorias”<sup>106</sup> são, portanto, de natureza empírica, as quais foram extraídas das narrativas, e não teóricas, de modo que não existiam, portanto, *a priori*.

As ideias centrais encontradas foram “etiquetadas” com as letras: “A”, “B”, “C” e “D” que aparecem na coluna à direita do texto. Estas foram analisadas e correlacionadas, respectivamente, com as funções psíquicas: “Pensamento”, “Sentimento”, “Sensação” e “Intuição”, presentes nos tipos psicológicos da Psicologia Analítica do Jung (2012b) e também com as quatro instâncias do processo de formação, segundo Josso (2010), a saber: “Autoformação” (refletindo sobre si mesmo), “Heteroformação” (na relação com o outro), “Saberes, Técnicas, Culturas, Artes, Tecnologias” (na relação com e no fazer: as coisas) e “Ecoformação” (pelo desenvolvimento do senso crítico, exame e percepção da realidade). Para Josso (2010, p. 48): “O conceito de experiência formadora implica uma articulação conscientemente elaborada entre atividade, sensibilidade, afetividade e ideação”.

Jung (2012b), em sua tipologia, dividiu o comportamento humano em duas atitudes: extrovertida ou introvertida, subdividindo-as em quatro funções: Pensamento, Sentimento do Sentir, Sensação e Intuição.

Como funções psíquicas básicas, podemos elencar a sensação, o pensamento, o sentimento e a intuição. Sob o conceito de sensação, pretendo abranger todas as percepções através dos órgãos sensoriais; o pensamento é a função do conhecimento intelectual e da formação lógica de conclusões; por sentimento entendo uma função que avalia as coisas subjetivamente e por intuição entendo a percepção por vias inconscientes ou a percepção de conteúdos inconscientes. (JUNG, 2012b, p. 523).

No mundo ocidental, de um modo geral, a atitude introvertida (**ICs Ai**<sup>107</sup>) (“**concentração mental**”) e as funções sentimento (**ICS B**) (“**religião do sentir**”) e intuição (**ICs D**) (“**A gente tem que tá sintonizado e ter que ter... ser perceptivo**”) se encontram subdesenvolvidas, segundo Jung (2012b). Essa, inclusive, seria, por exemplo, uma das diferenças entre a religiosidade ocidental (extrovertida) e a oriental (introvertida) Jung (2012b).

<sup>106</sup> “Categorias”, entre aspas, pois o método do DSC intitula como ideia central para que não haja uma redução dos discursos às categorias, eximindo o pesquisador de apresentar todo o material coletado, permitindo-lhe analisar apenas alguns trechos selecionados. No método do DSC, as narrativas aparecem na íntegra e as ideias centrais servem apenas como um dispositivo para agrupar os discursos semelhantes. Utilizamos, assim, o termo “categoria” por estar relacionado ao termo científico já conhecido de: “Categoria empírica” e “Categoria teórica”.

<sup>107</sup> “ICS Ai” se refere ao tipo pensamento (A) introvertido (i), mais encontrado nas narrativas dos membros do CEBUDV; já o tipo pensamento (A) extrovertido (e) é o que se encontra predominantemente no mundo ocidental capitalista.

O CEBUDV trabalha especialmente com essas funções, no sentido de proporcionar um equilíbrio com as demais: **(ICs A(e)) (tendo boa memória, bom conhecimento intelectual)** e **(ICs C) (colocar em prática)**, que também não deixam de ser trabalhadas. O psiquismo busca o desenvolvimento da atitude e das funções que ainda não estão desenvolvidas, em busca de um equilíbrio da personalidade. Esse equilíbrio entre as funções promoveria uma “**síntese**”, que facilitaria o processo de individuação.

Iremos, pois, a partir de agora, apresentar os discursos obtidos nas cinco perguntas e posteriormente analisá-los segundo os referenciais supracitados.

## 5.1 Como é essa escola?

Frente à questão: “7) Costuma-se dizer que a União do Vegetal é uma escola. O(A) senhor(a) concorda? Se sim, como é essa escola?”, obtivemos os seguintes DSCs: **DSC A**: “*Sim. Uma escola de ‘se conhecer’*”; **DSC B**: “*Sim. Escola de aprender a conviver com as pessoas*”; **DSC C**: “*Sim. Uma escola de bem viver*”; **DSC D**: “*Sim. Essa escola nos conecta com a espiritualidade, com Deus, com Jesus, com a Virgem Maria*”; **DSC A+B+C+D**: “*Sim. É o ABC da vida*”.

### 5.1.1 DSC A: “Uma escola de ‘se conhecer’”

<p>Eu participava de uma outra instituição religiosa e buscava também esse aprimoramento espiritual, essa <b>busca de si mesmo, <u>de se conhecer</u></b><sup>108</sup>, de se aperfeiçoar. E, quando eu cheguei <b>na União, eu vi isso mais na prática</b>, sabe? Da gente ter um tempo pra gente <b>fazer um exame</b>. Onde, a cada sessão, durando quatro horas de sessão, a gente tinha o tempo da gente <b>olhar pra si mesmo</b> e ver como é que a gente tá. Porque uma coisa é a gente ler a respeito de um assunto, e outra coisa é a gente <b>vivenciar realmente a experiência, ter uma experimentação direta da coisa</b>. E essa experimentação me chamou a atenção e me fez continuar. Fez prosseguir nessa caminhada. O que também me chamou a atenção é a <b>simplicidade</b> com que o Mestre Gabriel transmite o ensinamento. É a <b>objetividade</b>, porque no mundo, lá fora mesmo, às vezes, as pessoas se prendem ao máximo de informação possível. E lá é uma religião, conhecida como “<b><u>religião do sentir</u></b>”. Ele pega a síntese e, com aquela <b>síntese</b>, a pessoa chega no objetivo de uma forma</p>	<p>A C A A C D C B C</p>
---	--

<sup>108</sup> As ideias centrais síntese se encontram em **negrito e sublinhado** no texto.

melhor, mais fácil, porque a gente **tem acesso a um ensino espiritual** e tenta **trazer isso pra nossa vida, no sentido de crescimento**, de ter a oportunidade do chá **mostrar pra nós aquilo que, muitas vezes, não tá correto dentro da nossa caminhada**. E a gente ter a oportunidade de **desenvolver o nosso pensamento**, que é o que a gente aprende muito. O Mestre ele **ensina a gente a pensar**, porque ele traz o ensinamento e manda a gente **examinar**: “Examine pra ver que eu tô certo!”. Então, assim, essa oportunidade é uma oportunidade de **estudo permanente da nossa vida, em que a gente é uma escola, o nosso templo pessoal, nosso interior**. Então, em síntese, **essa minha caminhada na União do Vegetal é como se eu tivesse, todo dia, quando eu acordo de manhã, é como se eu tivesse indo pra escola**. Porque, pra onde eu vou, a União do Vegetal me acompanha; pra onde eu vou, o Mestre Gabriel me acompanha. Eu fico **prestando atenção nas minhas atitudes** pra eu **ver se eu tô fazendo as coisas de acordo com o que eu tô aprendendo**. Então, isso é uma coisa que, pra mim, isso é importante. Isso **não significa dizer que eu tô fazendo tudo do jeitinho que tem que ser**, mas me agrada saber que o pouco que eu consegui... **o pouco que eu consegui já me levou bem adiante** do lugar onde eu estava antes de chegar aqui. Então, assim, eu acho que é uma escola, por conta disso aí, porque ela prepara as pessoas pra **se auto-observarem**, pra **autorresponsabilidade**. É importante a pessoa **se conhecer**. Então, veja: o que é uma escola? É um espaço agregador de histórias: matemáticas, físicas, humanas. Então, é uma escola. Eu tenho convicção disso aí, que a União do Vegetal é uma escola. Escola para o espírito. **Escola do espírito**. Enquanto tem locais que são, assim, um hospital para o espírito. A União do Vegetal é uma escola pro espírito. Pelos motivos que eu já falei, a gente já citou algumas coisas. É essa coisa mesmo de **aprender mesmo a falar, o respeito, a doutrina, a necessidade de se estudar**, de não ir pra sessão apenas porque é obrigação, mas assim de ir pra **aprender**. Às vezes, a pessoa pensa que ir pra uma sessão e só ver luz é bom, mas **viaje pra dentro de si, pra ver também o que não é luz**. Tem umas coisas que o Mestre Gabriel diz, assim, que eu num tinha visto aí em canto nenhum. Diz assim: “Deus num castiga ninguém. Deus fez o caminho e colocou do lado do caminho o castigo. E a pessoa sai do caminho e se encontra com o castigo”. Então, são coisas que a gente **precisa prestar atenção**. E, às vezes, a gente fica fazendo força na vida querendo ir para um lado e Deus já sabe que vai ter que ir pro outro. **A gente tem que tá sintonizado e ter que ter... ser perceptivo** e começar a entender que a gente veio pra cá foi pra **cumprir a missão**, que, muitas vezes, a gente ainda não sabe ainda qual é, mas o

D  
A  
A  
A  
A  
A  
C  
A  
+  
C  
A  
C  
A  
D  
A  
A  
A  
C  
+  
D  
C  
+D

mestre conhece a missão de todos. Então, a gente tem **que se ligar no Mestre e pedir para ele ir mostrando esse caminho**, porque eu acho que eu saí um pouco dessa rota ou então eu fui pela rota para aprender com as bordoadas que eu levei em algumas coisas. Então é assimilar as pancadinhas para não ir a *knock down* e continuar a peleja. É, portanto, uma **escola de aprender a sermos pessoas melhores; uma escola do caráter.** [...] aquela expressão que diz assim: “Pau que nasce torto morre torto”. Lá, não! A gente consegue melhorar a personalidade da gente; melhorar os **sentimentos** com as pessoas, ser pessoas melhores. Só que... que **essa escola, ela é ampliada** na medida que a gente tem acesso a um **veículo poderosíssimo** e aos **ensinos do Mestre Gabriel**. Eu, às vezes, fico pensando: “Se eu bebesse só o chá, não tinha nenhuma graça, porque eu ia tá comigo ali e, muitas vezes, onde era que estava o norte?”. Muitas vezes, daquele pensamento que eu pudesse ter, ou daquela linha espiritual que viesse naquele momento da burracheira, quem me dava o norte? Uma clareza mesmo? Então, o Mestre ele é isso. Ele é a luz no caminho da gente, porque ele mostra esse norte. Então, assim, essa importância fundamental, esse **casamento dos ensinoss do Mestre com o Vegetal**, assim, pra mim, é essa ordem perfeita que traz, assim, isso à União do Vegetal. Então, assim, é a escola nesse sentido, porque a gente tem esse grande **professor espiritual** pra nos conduzir, pra traduzir as nossas dúvidas, e esclarecer, e **mostrar o caminho do crescimento pra gente poder evoluir.** Agora, é uma escola **para quem quer aprender.** É uma escola tanto no aspecto material como no aspecto espiritual **para quem tá aberto pra aprender.** Para quem não tá aberto pra aprender, pode considerar que é caretece, que é num sei o quê. Olha só: teve uma vez, um amigo lá de Fortaleza, ele comentando a respeito de outra pessoa: “Rapaz, essa União do Vegetal **ajeita o caba** até **no jeito de andar.** Ó fulano de tal; olha aí; andava todo ‘guenzo’. Hoje o “caba” anda todo...”. Até nesse sentido aí; eu mesmo observei isso aí. Até **no jeito de se expressar.** Aí vai falar, tem a oportunidade de falar numa sessão, daqui a pouco a gente vê. Eu vi uma pessoa falando a respeito de um irmão... uma pessoa falando a respeito de um irmão dele, irmão mesmo de família: “Rapaz, esse homem...”. Ele dizendo: “Esse meu irmão, ele não tinha condição de falar nem, assim, umas duas palavras. Se fosse preciso ele falar pra três pessoas um negócio, ele não falava. E hoje o homem fala para 20 pessoas; ele consegue se expressar”. Mas é uma escola mesmo. É uma escola em vários aspectos. Vejamos: **concentração mental;** se você for assimilar o que tá no documento, que a gente lê toda sessão, a gente bebe o Vegetal para efeito de concentração mental. Aí você vai estudar: o que é concentração

+  
C

C

B

A

A

D

C

C

A

C

C

A

A

<p>mental? É a base de tudo que você quer realizar na vida. Concentração mental. Quer dizer, eu avaliando. Examinando o potencial de ensino que tem na União do Vegetal, tudo eu falo por mim; eu talvez não esteja aproveitando, assim, 10% de tudo que a União do Vegetal tem pra me ensinar. De tudo que eu possa aprender ainda, porque, se a gente for ver mesmo cada detalhe: <b>concentração mental, o código de ética</b>. Podemos julgar, ser julgado e não podemos julgar ninguém. Se desobedecermos..., isso a gente passa uma vida, uma encarnação pra procurar aprender, e isso tudo é <b>aprimoramento</b>, é a escola, é... <b>não é uma escola, é a escola</b>, como o Mestre Gabriel diz. É a <b>realeza divina aqui na Terra</b>. É <b>onde tá o conhecimento universal</b>, onde a gente <b>aprende conhecimento universal</b>. Também diz nos documentos, que é os ensinamentos de Salomão. Olhe só, para você ver, uma vez a reitora da Universidade me chamou na reitoria e disse: “Você faz parte de uma religião aqui que bebe um chá”. Eu disse: “Faço!”. “Pois é porque uma pessoa veio conversar comigo, dizer que você fazia parte dessa religião, e eu disse pra ela: ‘Se ele faz parte dessa religião, então lá deve ser bom e eu quero também conhecer’”. E foi beber o Vegetal, e era a reitora na época, dona Violeta Arrais, e deu um depoimento muito bonito sobre a União do Vegetal. E aí depois disse pra gente: “Agora eu sei por que é que você é desse jeito”. Então, eu pensei: a União do Vegetal é <b>uma escola de formar cidadão</b>. Foi isso que eu pensei.</p>	<p>A D D D A C</p>
---	--

### 5.1.2 DSC B: “Escola de aprender a conviver com as pessoas”

<p>Olha, assim... o Núcleo Santa Fé do Cariri foi a “casa” que me recebeu. E, assim... no momento muito bonito, muito especial, quando eu cheguei, porque era um Núcleo em formação e é pra mim uma escola. O Núcleo Santa Fé do Cariri é uma escola. A União do Vegetal é uma escola. <b>Escola de vida. Ensinar a gente a saber viver. Viver em comunidade</b>. Naquela pequena comunidade que se estende pra uma sociedade, onde a gente encontra pessoas de toda as origens sociais, de todas as condições econômicas, de conhecimento intelectual, de conhecimento de sabedoria de vida, adquirida, de sabedoria espiritual. Eu até comentei numa sessão, com uma irmã que me perguntou: “Como é que se tem esse conhecimento espiritual?”. Respondi que <b>o conhecimento vem todo da observação</b>. Você observa a natureza. Então, você tá ligado, observando, como é que as pessoas convivem: Ah! Aquela pessoa ali é assim porque tá com problema. É um <b>aprendizado de convivência</b>. Então, é uma escola no sentido. Então, a União do Vegetal,</p>	<p>B C + D B</p>
--	----------------------------------

o Núcleo Santa Fé, é um lugar que acolhe, é pra mim um lugar de acolhimento. **É um coração aberto pra receber a gente** e nos dar essa **possibilidade de crescimento**. Acho que o Núcleo Santa Fé foi construído muito dentro desses sentimentos, sabe? **De acolhimento, de amor**. **Tem as dificuldades das pessoas? Tem, mas a gente tá ali é pra enfrentar as dificuldades mesmo. Aprender a conviver com as pessoas**. Aprender a respeitar as pessoas. Nem todo mundo pensa igual como eu penso. Aí “lá vem”. Eu digo uma coisa, o outro diz: “Não, mas não é assim”. O outro diz: “Não. É assim!”. Então, vamos conversar, que é conversando que se entende. A União não foi feita trazendo essa condição de que há essa possibilidade da gente mudar? Então, assim, a gente chega com as nossas dificuldades. Lá não tem, não. Dificuldades são nossas; quem inventa as coisas somos nós. Aí vai ter as dificuldades de a gente fazer o que a gente quer. Mas, assim, tem todo um caminho a trilhar. É mais é isso. É esse lugar de acolhimento; é esse lugar de amor, que a gente acabou construindo um ninho; um ninho de amor, de construção. Eu vi uma pessoa dizer, uma pessoa já do quadro de mestres da União do Vegetal, é a **escola do bem querer**. Eu achei essa definição muito bonita, porque realmente é a escola que ensina a gente a querer bem a gente mesmo. Não são os outros; é a gente mesmo. Primeiro a gente tem que querer bem a gente mesmo, porque, quando Jesus diz: “Amai ao próximo como a si mesmo”, não dá pra gente amar os outros antes de amar a si mesmo. **Tem que amar primeiro a gente pra poder ter a comparação pra amar os outros**. E aí a gente se enxerga uns nos outros. **A gente interage. A gente se conhece. A gente maltrata e é maltratado. A gente perdoa e é perdoado**. Então, isso é o processo da escola. **A escola é feita no convívio, feita no dia a dia**. Na forja mesmo; do fogo da pancada uns nos outros. Então, precisa ter paciência e, pra aguentar, é aquele primeiro degrau do **amor** que eu falei, **do respeito**. Às vezes, a gente quer..., aí diz: “Não. Tem que respeitar!”. Aí num diz aquilo que tá com vontade de dizer, porque eu tenho que ter respeito pelo outro, porque senão depois vai ficar aquelas palavras voltando e a pessoa tendo que engolir; tendo que pedir desculpas, perdão. Diz assim no documento: “O mestre é o espelho dos seus discípulos”. Mas tem gente acha que a pessoa tem que tá se olhando no mestre pra poder... Tudo bem, tem essa proximidade, mas o mestre é o espelho do discípulo, no sentido que a gente vai começar a se espelhar uns nos outros pra poder se enxergar no outro, porque o outro é quem diz pra gente o que a gente é. Às vezes, a gente tem uma imagem da gente assim: “Ah! Eu sou quase um anjinho. Faltam só as asas!”. Aí o outro chega: “Rapaz, tu é muito..., e tal. Como tu diz um negócio daquele?”. Às vezes, até a gente se surpreende

com aquela definição, com aquele conceito que a pessoa tá dando a respeito da gente mesmo. Então, ele tá sendo um mestre porque ele tá espelhando aquilo que a gente é. Então, é uma escola realmente porque **a gente aprende uns com os outros**. Ali todos nós temos o que aprender e todos nós temos o que ensinar uns aos outros. Então, somos espelhos uns dos outros. Então, somos mestres. Todos temos o que ensinar. Então, cada um coloque sua violinha no saco. Às vezes, a pessoa tá com uma camisona azul e tal e tá ali na frente, aí um dia a burracheira pega e “cai na cadeira”, dá passamento, dá vexame, diz bobagem. Para mostrar que a gente não é tão grande, às vezes, quanto a gente pensa. Então, é isso aí. A gente vem construindo. E hoje a gente tá com um tempo, uma caminhada. Quando as pessoas me perguntam, assim, pra fazer alguma entrevista e tudo, eu fico até... porque eu não sou muito, assim, de datas. Eu sou do que é a essência, do que é que a União do Vegetal tem feito na minha vida. É como diz um amigo, que eu tenho como amigo meu, eu acho bonito, ele diz assim: **“Uma escola de construir famílias**; uma escola do bem querer”. Aí eu digo assim: **uma escola do sentir, de ser ver, de se aperfeiçoar, de construir laços de amizade fraterna com as pessoas**; um lugar onde as famílias são constituídas uma boa parte delas e são aprimoradas, e é um lugar bonito de se ver. É um jardim a União do Vegetal. Então, essa **escola ela traz todos os dias ensino à nossa vida**. E eu lhe digo: **é uma escola mesmo de formar famílias, de estruturar famílias**, pois, com relação ao social e à família, é “gigante” a União do Vegetal, porque quantas famílias dentro do Santa Fé do Cariri entraram – vou usar um termo aqui – “esfaceladas” e hoje são famílias bem construídas; a minha inclusive. Não tinha a menor consistência, e hoje minha família, graças a Deus, é uma família que vem se aprimorando. Você aprende a **valorizar a família**, que é uma coisa muito importante. Uma das coisas mais importantes que tem nesse plano que a gente vive é a família da gente: a família de modo geral. Eu sinto isso na pele; eu vi; reconheci e sinto que a União valoriza muito a família. É uma coisa que me chamou a atenção também na União quando cheguei, sabe? Minha mãe, meus irmãos, minha mulher, hoje meus filhos... assim, eu não tinha noção do valor que essas pessoas têm na minha vida. E na União ela mostra, assim, bem claro isso aí. Então, é uma coisa que me marcou desde que eu cheguei e ainda hoje eu procuro zelar por isso. Então, assim em essência, **é um lugar bom**. É um lugar bom para mim, porque cada pessoa sabe o bem que quer para si. Então, é um lugar em que eu me sinto bem; é um lugar onde eu **encontro pessoas com hombridade**, pessoas que são exemplos na sociedade também e **que gostam de auxiliar as pessoas, os outros**. Então,

B

B

B

A

B

B

C

B

B

B

D

B

às vezes, as pessoas não conhecem e podem fazer uma imagem que é algo, assim, diferenciado, mas que é porque não conhece. Então, a gente aqui sabe desse significado de **irmandade, de querer bem um ao outro não só aqui dentro, mas ao próximo**. Aí uns dizem assim: “É uma **fábrica de amigos**”. É. Mas e aí: amigos para quê? Tem amigos para tudo. Tem amigos para formar gangue. Tem amigos para formar falanges. Tem amigos para festas, para baladas, mas **amigos de Deus, amigos do Bem, amigos do amor, da verdade, da justiça, da paz, da prosperidade, da solidariedade humana, da autotransformação**, porque, sem mostrar resultados, sem mostrar frutos, nós seremos apenas mais um. Seremos apenas mais uma figueira seca, porque, na hora, cadê o resultado? Cadê o fruto? Para que tanto investimento da natureza, da eternidade, numa criatura beber o chá de tão alta luz e a pessoa vai beber o chá como se fosse mais um refrigerante espiritual: “Agora eu estou bem. Estou sombreado. Estou em paz. Estou com minhas contas em dia”. E os outros e os vizinhos: será que estão com as contas em dia? Será que está tudo bem? Está tudo em paz? E uma sociedade dessa que a gente está vivendo, injusta, onde a insegurança campeia, onde há o desemprego, a falta de alternativa e de possibilidades e o egoísmo no poder fazendo festa, esbanjando o que não é seu? E aí, como é que fica? Cadê a verdade? Cadê a paz tão ansiada que gente não planta? Se não **plantar no coração da gente**, não exportar e não levar para as ruas... Porque na União do Vegetal **eu olho muito o pequeno, aquele que está lá embaixo chegando**, que está se batendo, arrodando, sem ambiente, esse é que interessa. Que, às vezes, é uma grande força esperando para uma colocação dentro do espaço. Então, o Santa Fé do Cariri, para mim, de alguma forma, tem apresentado bons frutos nesse sentido, mesmo diante das contradições humanas, **porque existem momentos que não são fáceis. Existem os desacordos, os desassossegos, as incompreensões**, como já falamos, mas é preciso que, **começando de dentro de nós**, que isso não aconteça tanto e, daqui para frente, a gente possa rever a possibilidade de que a humanidade um dia seja outra e de preferência que esse dia seja logo, e que nós sejamos alguém que esteja dando um contributo para que esses acontecimentos venham a se realizar, diante de tanto idealismo, de tantos compêndios escritos... Há quanto tempo que se fala em **amor, verdade, justiça, e isso não chega no poder?** [...] Será que cada um que chega lá vai ter que se reciclar? Aí só vai se reconhecer quando morre, quando reencarna; e, quando reencarna, às vezes, vai repetir os mesmos erros. Então, o chá procura mostrar. Agora, tem um custo, tem um preço: se a pessoa vai para

B

B

D

B

B

B

A

D

ali e não tem essa compreensão, é mais um cego batendo na mesma porta. <b>Essa porta tem que se abrir é no coração da gente.</b>	B
--	---

### 5.1.3 DSC C: “Uma escola de ‘bem viver’”

<p>Concordo, porque, quando eu cheguei na União do Vegetal, eu costumava falar isso e a via como uma escola mesmo. Eu acho interessante que cheguei a ver umas duas vezes como se fosse <b>uma sala de aula bem rústica</b>, em que as carteiras eram como as que eu estudava, de madeira, e era ali naquelas carteiras onde se tinha que <b>compartilhar</b>, tinha que se <b>sentar direito, saber o seu comportamento</b>. Tudo ali tinha <b>disciplina. Tem um professor que é o Mestre</b>. Tem o professor; tem quem ensina. E tem, assim, também o <b>momento do lazer</b> e o <b>momento de aprender</b>. Eu sinto na União do Vegetal essa escola e, às vezes, senti até mais do que uma escola, <b>como se fosse uma universidade</b> do tanto de coisas. Mas eu via só como uma escola. Hoje eu vejo como uma escola e principalmente como uma religião. Não só para estudar, mas também pra vida; o <b>aprendizado da vida</b>, aprendizado de saber como conviver no mundo. Uma escola de ensinar, assim, essa <b>ciência do bem viver e do conviver</b>. É a minha religião; é a religião que eu escolhi pra seguir, porque ela me traz essa condição de, ao mesmo tempo que eu venho estudando, é um lugar da gente aprender a viver. Então, é <b>uma grande escola</b>. Tudo que a gente aprende na União – vem aprendendo na União do Vegetal –, a gente vem <b>colocando em prática na nossa vida</b>, e a gente vem vendo os bons resultados que são. Então, o Mestre tem um dizer que a gente gosta de falar. É assim: “<b>Não acredite no que eu digo, examine, pra vê que eu tô certo!</b>”. Então são esses ensinamentos que o Mestre traz: a União é essa escola. Essa escola da gente <b>entender o milagre que é a vida</b> pra todos nós. E a gente saber que: “<b>O bem com o bem se paga!</b>”. Então, são esses dizeres, essas <b>chaves do “bom viver”</b>, todas trazidas por esse grande Mestre, por esse sábio, por esse senhor simples, mas de grande conhecimento. O Mestre Gabriel faz da União do Vegetal essa <b>grande escola da vida</b>. É uma escola em vários aspectos, tanto de <b>espiritualidade</b> quanto de <b>organização material, profissional</b>. Você tem a oportunidade de despertar. Despertar pra se aprimorar. Vejamos, então, do ponto de vista material primeiro, depois eu falo do ponto de vista profissional. Então, essa escola <b>ensina a pessoa a se organizar financeiramente</b>; pra começar, o aspecto material: você quer ser sócio, você é sócio. Então, você tem que pagar uma mensalidade pra custear aquela cadeira que você senta pra</p>	<p>B C C A A C C + B C A D C D C C</p>
--	--

assistir à sessão, pra custear a limpeza do banheiro que você usa. Material de limpeza. Então, você vai ter que se organizar financeiramente pra poder contribuir. Não é que você só vai ser sócio da União se você tiver dinheiro pra pagar. Não é isso. Na sua casa, você se organiza financeiramente pra ter uma família, pra dar um alimento pra o seu filho, pra ter um certo conforto. Então, você é sócio do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal; é beneficente. Então, essa **beneficência** já tem o componente de escola. Está lhe beneficiando. Está lhe abrindo a cabeça pra você pensar que você tem que se organizar financeiramente. Aí já é um aspecto. E, do ponto de vista profissional, ela é **uma escola da vida prática; é uma escola profissional, profissionalizante**. No que diz respeito ao profissional, tenho um exemplo junto de mim que é a minha companheira: quando ela chegou à União do Vegetal, a única coisa que ela sabia fazer mesmo era vender calçado, porque nós trabalhávamos com calçados; ela trabalhava comigo. Foi o único trabalho dela. Aliás, ela teve um trabalho: ela trabalhava em uma escolinha, mas coisa rápida, e num era de forma tão constante. Mas, quando ela chegou, o trabalho dela era esse: era vender calçado. E, na União do Vegetal, ela aprendeu a trabalhar com decoração; ela aprendeu a trabalhar com gastronomia; ela aprendeu a trabalhar com liderar pessoas; ela aprendeu a trabalhar com uma infinidade de outros itens. É uma pessoa que, se você precisar ensinar uma nova profissão a ela, ela aprende com facilidade, porque na União a gente aprende a aprender a trabalhar com facilidade. É isso. A União é uma escola. Então, é **uma escola no sentido material, profissional, e uma escola no sentido espiritual**; no sentido mais amplo que você possa imaginar, que, quando diz o ensinamento de Jesus: “Amai ao próximo como a si mesmo”, você for fazer uma reflexão disso aí, isso tá lhe **ensinando como é que você vive bem**. Como é que você vai viver bem? É **amando o próximo**. Não tem outro jeito. Então, isso aí é mais um ensino. Então, é uma **escola de bem viver**, como eu falei. **Não é uma escola de formatar pessoas**, Porque é o seguinte: escola pra formatar pessoas..., é uma **escola de vida**. É uma escola de vida, porque, nesse formato de escola (formal), que a gente tem. Onde tem o lugar de quem ensina e tem o lugar de quem aprende. Então, **aqui nós aprendemos todos juntos**. Aqui nós **aprendemos com a vida, com a prática**, a prática de quem vai cuidar das plantas, vai **cuidar do plantio**. A prática de **brincar com as crianças**. A prática de se **organizar em comunidade** pra produzir o seu próprio alimento, porque aqui a gente paga simplesmente uma mensalidade, que faz o custeio de uma água, de uma luz, do serviço de um zelador, mas as outras coisas somos nós que trazemos: um lanche; somos nós que nos organizamos. Então, nosso objetivo aqui é a

B

C

C

+

D

C

B

C

C

B

C

C

C

C

gente suprir as nossas necessidades internas e a gente, com essa organização, aprender a ser uma pessoa organizada na vida. Então, quando a gente chega <b><u>na União, a gente aprende todo dia e toda hora</u></b> . A gente faz fila pra tomar sopa; a gente faz fila pra receber o Vegetal; a gente pede licença pra perguntar. Então, a gente tá reconhecendo uma autoridade. E a gente até pensa que sabe muita coisa, mas, quando a gente começa a estudar as coisas de Deus, a gente vê que a gente não sabe nada.	C C C C D
--	-----------------------

*5.1.4 DSC D: “Essa escola nos conecta com a espiritualidade, com Deus, com Jesus, com a Virgem Maria”*

<b><u>Essa escola</u></b> é o “passo a passo” da gente <b>aprender a viver a vida</b> nessa ligação religiosa onde <b><u>nos conecta com a espiritualidade, com Deus, com Jesus, com a Virgem Maria</u></b> e, assim, mudar essa condição mesmo da gente. <b>Com essa conexão, a gente aprende a viver</b> . Então, é <b>uma escola de ensinar nós a viver</b> ; uma escola de aprender a viver, de <b>aprender a fazer amigos</b> . Eu concordo plenamente com isso, porque o principal ensinamento do Mestre é isso: “Que a gente pode viver com pouco; a gente <b>pode ter alegria no coração e alegria por estar vivo. Dar graças a Deus pela vida que a gente tem</b> . Graças a Deus por tá aqui nesse lugar e sentir isso verdadeiramente no coração. Sentir <b>uma das grandes alegrias que a gente pode sentir na União do Vegetal, que é a presença de um Jesus Salvador. É a presença da Virgem Mãe Santíssima</b> , como falei há pouco; estão aqui pra nos amparar”. Portanto, nós não estamos soltos no mundo. Nós estamos aqui sob as bênçãos e as graças desse Pai Celestial, sob o manto da Virgem Mãe Santíssima. E o Mestre Gabriel, através da sua doutrina, dos seus ensinamentos, ele vem nos <b>ensinando a viver</b> , que é plantando, <b>fazendo o bem, que a gente recebe o bem</b> . Ensinando <b>como é que é o “espírito”</b> ; ensinando <b>qual é o sentido da vida</b> . O que é o espírito? Como é que Deus colocou aqui pra <b>que os seres evoluam, desenvolvam-se espiritualmente</b> . A gente passar por aqui e não passar... digamos assim: <b>Não passar despercebido!</b> A gente tá aqui, mas, cada vez mais, compreendendo por que é que a gente tá. É nesse sentido de <b>auxiliar e de nos auxiliarmos. Saber que tem um Pai hoje que é um Pai que veio para nos salvar, que veio pra perdoar</b> . Hoje a gente tá na era do perdão e da salvação. Então, pra nós, é como bálsamos. A gente vê todos os dias essa luz do Sol clareando as nossas vidas; a luz da Lua e as estrelas, e vê o firmamento, e saber que <b>tudo isso tem a mão de um Criador e que Ele tá ligado a nós; que também é o nosso criador</b> . Então a União do Vegetal mostra uma maneira de você <b><u>viver a vida em busca da paz</u></b> . De ser uma agente da paz.	C D D C B B D D C D D D B D D D
---	--

5.1.5 DSC A+B+C+D: “Sim. É o ABC (D)a vida!”

<p>É o bê-á-bá do... <b>é o ABC da vida</b>, a gente <b>aprende desde o falar</b>, desde saber o <b>valor de uma palavra; qual é a natureza de uma palavra; o que é que ela pode trazer pra gente, como uma convivência, de ser amigo, de saber fazer amizade, de saber se livrar dos laços da outra força</b>. Assim, digo no sentido de num se envolver com coisas ilícitas; coisas que num fazem bem pra pessoa. E principalmente o lar, família, então a escola <b>ensina o valor da família</b>. E essa escola ensina que a gente, trabalhando o <b>nosso caráter</b>, nossa conduta, a gente <b>consegue abrir mais a memória pra receber as coisas de Deus</b>. E a gente fica mais consciente, então é a <b>escola do viver</b>. A gente aprende, assim, a <b>ser uma pessoa verdadeira</b>. A gente aprender a <b>não destruir o meio ambiente</b>. Então, é uma escola. Não é uma escola; é uma <b>escola além dos muros</b>. Então, eu vejo que <b>os professores e os alunos somos todos nós</b>. Todos nós porque as crianças, por exemplo, elas ensinam muito mais pra gente. Então, assim, essa bondade que a gente vê que as crianças têm a gente <b>tem esse sentimento também</b>, de ver nelas isso e de aprender com elas, porque, veja, é das coisas mais simples que a gente passa a <b>aprender a olhar e a se encantar</b>, como uma criança. Coisas que a gente até não valorizava antes. E é por isso que eu digo que é uma escola. A gente aprende, então, <b>o encanto pela simplicidade; o encanto pela preservação da natureza; o encanto pela forma como as crianças e os jovens eles desenvolvem dentro do bem</b>, dentro do <b>respeito</b>, nós sabemos que é um espaço, um <b>lugar onde se convive</b> dentro de uma forma coletiva e <b>todas as pessoas têm a sua individualidade</b>. Mas a gente não busca dentro dessa individualidade formar as pessoas num quadrado sem <b>respeitar o que é que cada um é</b>. Como falei há pouco, então, eu vejo que isso é uma escola. A gente tá precisando mesmo no mundo assim, como é que a gente se situa dentro da família; nós somos seres, assim, que a gente vive em sociedade e, muitas vezes, há uma insegurança muito grande, e é muito bom a gente tá num ambiente onde a gente vê as pessoas com respeito com a natureza; <b>as crianças com respeito com a natureza</b>, com <b>respeito com o próximo</b>, com seus semelhantes, porque essa simplicidade com que essa religião foi criada pelo Mestre Gabriel, um seringueiro da Amazônia. Então, ele era uma pessoa que a família dele era uma família que gostava de fazer as orações, que eles produziam seu próprio alimento. Então, os filhos eram criados auxiliando os pais pra crescer junto em família. Então, era uma <b>comunidade familiar</b> onde no seio de uma família foi criada uma religião que hoje em dia tá em diversos países.</p>	<p>A + B + C + D  B + C + A + D  C + B + D + D + C + B + A + B  D + B +  B +</p>
--	--

A gente sabe que essa simplicidade ela é a essência. Ela é a essência. Então, isso é o que nós precisamos preservar. Essa essência da religião. Então, pra mim, é uma segurança eu tá aqui; eu me sinto segura, no sentido... num é que nós estamos numa redoma, mas é que nós estamos buscando nos fortalecer entre nós, irmãos, filhos, pais, mulheres e homens de bem pra poder a gente **semear o bem**, porque o bem no mundo ele é semeado. Então, não é uma coisa só de cerca pra dentro. Então, assim, a União do Vegetal a gente vê que já tá em tribos de índios; já está inclusive nesse momento construindo até uma visão educacional para formar também uma escola. E o seringal “Novo Encanto” é um exemplo, assim, de preservação da natureza. Então, todo esse bem que a gente vê acontecendo, que partiu do seio de uma família simples, a gente vê que esse **encanto que eu falei anteriormente ele realmente acontece na prática dentro da União do Vegetal**. Agora tem muita gente que faz... tem uma visão diferente, porque não conhece. Pode até achar que a gente tá querendo ser melhor do que alguém, tá entendendo? Mas é preciso conhecer. **É preciso conhecer pra vê que é algo natural. Algo natural, uma escola de bem viver**, porque a gente vem e a gente aprende a se respeitar. Então, **aqui não é um lugar onde tenha qualquer tipo de cabimento de preconceito, de machismo, de autoritarismo**, sabe? Então, não é o lugar. Pode ter alguém que pense isso, mas, com certeza, está equivocado. Com certeza, está equivocado, porque tudo o que eu estou falando aqui eu me reporto à essência da União do Vegetal. A essência da União do Vegetal não tem isso. Pode ter alguém dentro da União do Vegetal que tenha algum sentimento de autoritarismo, de machismo, de **qualquer tipo de preconceito**, porque são pessoas humanas. São pessoas humanas, mas **a essência da União do Vegetal é de respeito ao ser humano. Então, é uma escola de bem viver porque ela respeita o ser humano**. E não tem como a gente bem viver com falta de respeito ao ser humano. Não tem. Pode rodar por onde for: se a gente não respeitar a humanidade de cada pessoa, independentemente de qualquer coisa, é um ser humano. Independentemente de qualquer coisa, se não houver um **respeito à humanidade** das pessoas, então, não tem cabimento de tá dentro desse contexto que o Mestre Gabriel criou. Essa religião é sagrada; pra mim, é sagrada. Entendeu? Eu mesmo, assim, sou uma pessoa, vamos dizer assim, que eu não vejo que a gente tem que ser omissa em nenhuma forma de opressão ao ser humano. Então, a União do Vegetal é uma religião que tem na essência dela esse **respeito ao ser humano**. Esse respeito ao ser humano. Tanto é que, no estatuto da União, ele diz que não tem nenhum tipo de distinção de raça, de cor, de credo, de sexo, tá? Então, o nosso dever aqui, como discípulo

C  
+C  
+

A

A  
+  
B  
+  
C  
+  
D

D

D



**desenvolvimento espiritual; chegar com a luz no coração, a transformar o nosso coração, a ter mais brandura na alma.** Às vezes, eu me lembro muito; às vezes, quando eu tô, assim, muito chateado com alguma situação, porque a gente ainda tá aqui nesse mundo, mas a gente vai aprendendo que pode ser diferente. E aquela máxima, aquele ensino de Jesus, o sermão da montanha: “Bem-aventurados os mansos de coração”. É que a gente vê que a condução da vida da gente não tem outra trajetória pra gente viver bem; pra gente viver melhor. **A gente precisa tá examinando o coração da gente.** Então, eu vejo, assim, que tá dentro dessa condição de aprendizado constante, dentro de todo esse processo de transformação, sabe? **A gente linkar a nossa clareza de pensamento com a brandura do coração.** E, pra mim, esse é um aprendizado que a gente tem que tá examinando constantemente na vida da gente, porque ele ensina muito de nós; as **nossas reações ensinam muito da gente**, de como é que a gente é. É como se fosse um termômetro na nossa vida. E, às vezes, assim, em determinado momento a gente se aborrece com alguma coisa e fica com aquilo e, às vezes, eu até fico triste comigo mesmo. “Poxa! Então, tá faltando eu me estudar mais, me trabalhar mais”. Mas uma coisa que eu posso dizer dentro de tudo isso, dentro dessa oportunidade que eu estou tendo nessa vida, de poder ter esse exame, é porque eu tenho muito da União em mim e desses ensinamentos. E ver, assim, quando eu olho lá pra trás, como me faz feliz ver que algumas coisas mudaram dentro de mim, sabe? E, ver assim, em relação ao meu temperamento, hoje mesmo, assim, já chegando num momento de maturidade maior da minha vida, eu vejo assim que mudou muita coisa. Eu acho interessante, de um dia desses para cá, um dia desses, eu conversando com mamãe, que os outros dizem muito da gente, principalmente a mãe, que é a pessoa que até eu acho que conhece, muitas vezes, mais a mim do que eu mesma. Aí ela disse: “Engraçado! Tu mudou de um tempo desse pra cá algumas coisas. Assim, na forma de saber o que é que quer, de ter uma maturidade maior”. Eu achei interessante isso, porque era exatamente o sentimento que eu estava tendo. Era exatamente o sentimento que eu tava tendo. E eu vejo, assim, que isso, é muito proporcionado também por essa possibilidade que a gente tem de crescimento e de **exame constante**, porque é, muitas vezes, até mais de duas vezes por mês, que é proporcionado aos sócios, tem sessões extras, mas é uma oportunidade que a gente tem de quase cinco horas de exame, de beber o Vegetal, de buscar conhecimento, de conhecer mais de si próprio, que eu não conheço outro lugar que proporcione dessa forma. Eu não conheço. Sabe? **Aprender de si pra poder aprender do mundo.** Aprendendo de si que a gente aprende do mundo algo mais, mas, assim, eu acho que no Oriente tem mais

A  
+  
B  
A  
+  
B  
C

A

A

esses aprendizados, esses estudos, esses exames, <b>aquele estado de contemplação</b> , de meditação. Então, a <b>União do Vegetal é que traz pro Ocidente algo novo</b> , essa <b>concentração mental, assim, pra estudar de si; é algo novo</b> . A forma da gente mudar o <b>exterior é vinda do interior</b> ; é vinda de si. <b><u>Da gente se conhecendo é que a gente consegue se entender realmente; se amar e amar ao próximo</u></b> . Que é o mandamento maior: amar ao próximo como a si mesmo. Mas <b>tem que vir desse primeiro, desse “si”</b> , <b>pra poder chegar nessa forma exterior</b> . Nessa escola aprende isso, mas o interessante é que, <b><u>ao mesmo tempo que a pessoa vem estudando de si, ela já vem praticando essa convivência, praticando o valor da palavra</u></b> , que também vem de si, pra isso vir convivendo, <b>se envolvendo pra também se desenvolver</b> . Isso acontece ao mesmo tempo. E ao mesmo tempo em que você convive, que você se envolve, você se desenvolve, aprende mais de si. É essa prática de ir e vir, como o mar. De ir e vir é que a pessoa vem; vem se conhecendo, mas isso tudo é pra pessoa <b>aprender de si. <u>Aprende-se a amar o próximo. Aprende-se a amar-se; amar a si</u></b> . O que é amar a si? Quando a gente se conhece, a gente vai fazendo aquele trabalho de <b>se lapidar. Aprende a ser melhor. <u>Aprende a conhecer a si próprio também. Essa escola ela é no rala com os irmãos que a gente sabe o que a gente é</u></b> . E a gente se vê; lá nós somos espelhos. Então, a gente, quando vê o meu espelho refletindo alguma coisa, a gente tem que olhar logo pra nós, que é nós que tamos refletindo alguma coisa que precisa ser melhorada. Eu, ao menos, tenho feito isso; é uma experiência minha. Lapidar à medida que vai se lapidando, vai se melhorando; à medida que a gente consegue melhorar e consegue <b>ver os nossos limites</b> , as <b>nossas fraquezas</b> , também consegue <b>ver algumas virtudes</b> em nós e consegue <b>ver que a gente tem capacidade de transformar algumas coisas</b> que são necessárias transformar, aí a gente se organiza e passa a ter a capacidade de <b>olhar o próximo</b> e de <b>amar o próximo</b> , de <b>compreender e de auxiliar</b> . Então, essa é uma das maiores conquistas que se tem nessa caminhada espiritual; é essa capacidade da gente <b><u>aprender a se amar e amar o próximo</u></b> . A <b>fortalecer os laços de amizade</b> . A <b>compreender as pessoas, no tamanho de cada um</b> . A <b>dar a mão às pessoas; auxiliar no que a gente pode</b> às vezes; auxiliar não precisa ser financeiramente necessariamente, mas <b>uma palavra de conforto. Um apoio; uma acolhida; um abraço; uma atenção; ouvir; aprender a ouvir as pessoas</b> . Valorizar. <b><u>Aprender a ser uma pessoa melhor</u></b> . Uma pessoa melhor <b><u>na vida e com essa melhora de tratar bem as pessoas, ser gentil</u></b> . Ter coragem de ser gentil é que a gente consegue ser feliz. Ter amigo; estar na presença de amigos. Então, se aprende a viver. A bem viver.	A A A + B  A + B C B  A + B A + B  A + B  A + B B B B B
--	--

5.2.2 DSC A+C: “Uma lição de vida onde a gente, colocando em prática, a gente vê o resultado”

<p>Bem, é basicamente o que eu já tive falando nessa parte da espiritualidade, onde cada história, cada ensino que a gente ouve tem <b><u>uma lição de vida onde a gente, colocando em prática, a gente vê o resultado</u></b>. Então, a gente não é uma, não é uma religião, não é uma escola pra estudar uma coisa, sem saber para que tá estudando aquilo. É uma religião onde o que a gente aprende, o que a gente escuta, é <b>cem por cento prática</b>. Você vai escutar aqui e saber onde aplicar isso no dia a dia. Então, essa condição aí nos dá essa <b>possibilidade de crescimento interior e crescimento espiritual mesmo</b>. Então, a <b>gente aprende a ser “Homem”</b>. “Homem”, assim, no espiritual. Não é nessa coisa do gênero. Mas a gente <b>aprende a ser pessoas de bem</b>. A gente <b>aprende a ser pessoas dignas</b>. Dignas, assim, de carregar esse nome de “Homem”. A <b>gente aprende a ensinar</b>, porque o que a gente aprende não é só pra nós. <b><u>As coisas que a gente aprende é pra gente lapidar a gente. Agora, quando a gente consegue lapidar a gente, aí a gente já tem a responsabilidade de transferir esse conhecimento</u></b>. A gente aprende o que é <b>sabedoria</b>. A gente aprende a resolver as coisas <b>com mais sabedoria</b>. Hoje grande parte dos conflitos, das coisas que acontecem na humanidade, na sociedade, nos grupos, é falta de respeito, falta de compreensão. E isso <b>a gente aprende de modo prático aqui</b>. A gente vai aprendendo, vai vendo que, às vezes, a gente passa do limite. Quando a gente <b>passa do limite, chega o parafuso lá e aperta</b>. Aperta a gente; dói. Dói na gente. A gente faz uma coisa; a gente diz uma coisa. Na hora que a gente diz, sente que passou da conta. E, quando <b>a gente sente que passou da conta, a gente sabe que a conta vai chegar</b>, porque é assim a vida. A vida é feita dessa coisa <b>de ações e reações também</b>. Então, quando a gente se dedica mesmo, assim, a sentar naquela cadeira e baixar a cabeça: “Eu tô aqui na sala de aula; tá ali o mestre pra me ensinar”. Então, tá ali o professor dizendo, mostrando como é que é o caminho. A gente vê em toda sessão; praticamente em toda sessão a gente ouve todos aqueles documentos quantas vezes eu, em 28 anos de União do Vegetal, no mínimo duas vezes por mês, eu ouço esse negócio, mas, em 28 anos, <b>de vez em quando, eu encontro lá uma coisinha nova que eu num tinha percebido ainda daqueles documentos que o Mestre deixou pra nós</b>. Então, é uma escola que ela é como se fosse uma coisa meio que eterna. Ela não tem fim. A sensação que eu tenho é que, daqui a pouco, o Mestre vai chegar e vai complementar. Olha! Isso aqui foi até agora, viu? Daqui pra frente, agora tem mais; vai chegar mais coisa. A sensação que eu tenho é de uma eternidade; até onde ele conseguir levar a gente aonde a gente tem que chegar.</p>	<p>A + C  C  A + C  A + C  C + A  A + C  A</p>
--	--

5.2.3 DSC B+C: “Aprende a conviver que é básico e a reagir ao externo de forma tranquila”

<p><b><u>Aprende a conviver que é básico</u></b>; a gente saber conviver com as pessoas é a primeira grande lição de vida. <b>Aprende a gente a sair dos problemas</b> a que tão sujeitos; estão sujeitos a aparecer na vida da gente, e a gente saber desvencilhar; <b><u>aprende a gente a reagir ao externo de forma tranquila</u></b>, de forma serena, de forma mais inteligente, de forma mais equilibrada. Então, nessa escola <b>aprende realmente a viver. Em todos os ângulos, nos aspectos da nossa vida. Aprende a viver.</b></p>	<p>B C C + B A C</p>
---	--

5.2.4 DSC B+D: “Humildade; saber que a gente tem o tamanho da gente”

<p><b><u>Humildade. Saber que a gente tem o tamanho da gente; que a gente passa e que a União vai continuar. E um dia a gente quer voltar lá de novo.</u></b> Então, essa escola ela nos <b>permite ser seres humanos melhores</b>; não é ser melhor do que o outro que não tem conhecimento. É ser <b><u>melhor na capacidade de compreender aquilo que ainda não está na condição de compreender</u></b> algumas coisas que são dádivas de Deus. Então, a gente tem que esse lugar de CDC [Corpo do Conselho]. O significado é descer até a compreensão da pessoa. Não é a gente querer ser superior à pessoa. Então, essa é a nossa busca constante da gente poder se aperfeiçoar a cada dia. Bola para frente!</p>	<p>D + B</p>
--	----------------------

5.2.5 DSC A+B+C: “A gente aprende a se conhecer. A gente aprende a conhecer os outros. Aprende com os erros da gente e com os erros dos outros. Querendo, a gente aprende e pode colocar em prática”

<p>Se aprende aquilo que o Mestre Gabriel ensinou: <b><u>a gente aprende a se conhecer. A gente aprende a conhecer os outros.</u></b> A gente aprende a ter paciência. A gente aprende a educar os nossos filhos. A gente aprende tanta coisa que uma vida é muito pouco pra o tanto que a gente aprende quando a gente quer aprender nessa escola. Então, é um lugar de aprender. <b>Aprende com os outros. <u>Aprende com os erros da gente, com os erros dos outros.</u></b> Aprende vendo a vida dos irmãos que tão ali pertinho da gente, e a gente conversa e vê que a vida da gente é muito parecida. Então, é uma escola onde <b>aprende a se gostar. Aprende a se melhorar. Aprende a se respeitar. <u>Querendo, a gente aprende.</u></b> É uma escola, assim, que num tem doutorado melhor do que esse aprendizado</p>	<p>A + B + C  B + A + C A + B + C</p>
--	---

do que é Deus, e do que é que a gente pode plantar e colher. Então, todos nós que estamos lá estamos recebendo algum ensino, alguma orientação. Cabe a cada um aproveitar o que recebe, **o que é essa escola, o que são esses ensinamentos**. Toda vez que a gente participa de uma sessão, mas também não só da sessão específica espiritual, mas **com os relacionamentos com as pessoas, com aquilo que a gente já aprendeu que a gente pode colocar em prática** no dia a dia da vida da gente. Não é só a comunidade, a sociedade a União do Vegetal, mas a gente poder, como diz o Mestre Gabriel: “**Ser; não só parecer!**”, perante as pessoas; ser uma única pessoa; **ter autenticidade**. Então, essa escola ela **ensina pra quem sabe e pra quem quer aprender**. Pode ser que muita gente ainda não consiga absorver, porque **cada um tem seu tempo, cada um tem seu tempo de aprendizado**. Uns conseguem pegar um pouco mais rápido, e transformar, e melhorar, e colocar em prática, e ser uma pessoa melhor, mais aperfeiçoada; outros demoram um tempo, mas isso é o caminhar de cada pessoa. Eu lembro que eu vi isso logo quando eu cheguei na União do Vegetal, que é o seguinte: que a gente é um tanque de gasolina furado para todo lado. Quando a gente aprende e direciona o rumo que a gente quer seguir, a gente vai, certo? Então, qual é esse rumo? É a **missão da gente aqui na Terra. A União do Vegetal clareia essa missão e nos dá força pra chegar até ela numa linha reta**. Uma linha reta. Não tem... você **só entra na ilusão se você quiser**, mas você sabe que tá entrando na ilusão, porque ele vai clareando sua cabeça: o que é que é “ciência” e o que é “ilusão”. É tanto que a gente vai aprendendo. Por exemplo: eu achava interessante, dentro dessa oficina, **dentro dessa escola, existe uma oficina e se aprende a usar as ferramentas pra medir. As ferramentas pra pesar; as ferramentas pra esquadrinhar**, e o resultado disso é a realização, e a realização é justamente ligada a duas coisas: ligada à **capacidade de ver** e à **força da propulsão de andar**. Dentro dessa oficina, existe o **prumo pra aprumar**. E essas ferramentas aí existem **para clarear seu pensamento; existem as peneiras; a peneira e a lixa**. Aí diz assim: que a **peneira é fina, mas, em compensação, a lixa é grossa**. Isso são ferramentas da oficina. É ferramenta da oficina, então isso é propulsionado dando condição; alinha e **balanceia o cidadão pra vida, pra caminhada que ele tem, pra missão que ele tem**. Então, uma coisa bem importante nesse caminho, **pra você ir pra essa escola, pra chegar lá, você tem que ter um veículo chamado família**. Porque você vai pra essa escola, **toma a lição** e onde é que **você aplica** essa lição? **Na sua família**. Entre a escola e a família, existe o caminho, aí você começa a aprender a traçar os caminhos que você deve seguir na vida. Uma escola: a União do Vegetal é uma escola. Isso aí é uma coisa de que eu tenho convicção.

A  
+  
B  
+  
C  
A  
+  
C  
A  
+  
C

D  
+  
C  
+  
A

C

A  
+  
C

A

+

C

+

B

A

+

C

+

B



com muitos **símbolos**, com muitas figuras geométricas, assim, interpassando, assim; não sei se a sua foi assim. É como se dissesse assim: são **enigmas**, mas na frente eu vou ter que decifrar. Você bebe um Vegetal e aquele **Vegetal dá cor ao seu pensamento**. Que o pensamento é preto e branco. Ele dá cor ao pensamento. E ele, **o pensamento, ele é, como se diz, dimensional e ele tridimensional**. Então, isso é o que nós chamamos de **miração**. Então, a miração é um laço, pra laçar a consciência [risos]. Então, traz pra dentro; traz pra dentro da pessoa, e ali aquela cor, aquele encanto, vai clareando sua visão, pra você ver os ensinamentos que tem na doutrina. A formação ela se dá através da **doutrina**. Aí, através dessa **doutrina moral**, dessa **doutrina ética**, que vai trazendo pra aquela pessoa os benefícios, e aí é como se você bebesse um remédio, **um remédio para o espírito**. Uma gota de Vegetal em sua língua tem uma dose de universo. Então, eu vejo isso a forma como ela ensina. Ela ensina. Então, ela forma porque existe uma **união entre um chá que a gente bebe; o chá que a gente bebe e a doutrina que a gente recebe**. A **pressão que a burracheira faz** é uma pressão intensa, e uma pressão intensa e localizada. A burracheira ela se localiza onde precisa. Se a gente tiver uma dificuldade a nível de um comportamento que não deve acontecer, a burracheira mostra e pune. A burracheira pune. Ela nos coloca a refletir sobre aquilo que a gente esteja fazendo. E a doutrina ela é muito clara. **E como é um ambiente de muita proximidade, de muito contato entre nós, nós normalmente sabemos uns das vidas dos outros**. Especialmente a direção, o quadro de mestre, o corpo do conselho sabe bem como é que tá tal pessoa; porque nós trabalhamos dentro de uma **confiança**. Então, fica fácil de se trazer uma doutrina mais direcionada dentro da União do Vegetal, e esse é o objetivo mesmo: a gente se aperfeiçoar; **ética**. **Se aperfeiçoar e ser melhor** pessoa; **mais correta**. Bom. **Os ensinamentos são transmitidos de forma oral**, basicamente oral, e a base desse **ensino** é uma formação de **um bom caráter das pessoas**, porque é uma religião que a gente não se preocupa com teorias e teorias. **Uma pessoa pode ter boa memória, bom conhecimento intelectual, mas, se ela não tiver uma boa formação moral, uma atenção realmente com a ética**, com essa formação mesmo básica e ser uma boa pessoa, uma **pessoa de bem, aquelas informações não passam de informações mesmo; não passam de teoria; agora, se a pessoa absorve e coloca em prática, aí a pessoa tá sendo realmente inteligente**. Sendo inteligente e eu vejo que o básico é isso, sabe? Dessa formação. Uma vez eu vi o Mestre Anchieta dizendo uma coisa que eu achei muito interessante, uma pessoa do DMC falando que, se precisasse, o DMC, porque tem muita coisa, tem artigo dessa formação de

C  
A  
+  
C  
D  
C  
+  
A  
B  
B  
A  
+  
C  
D  
A  
+  
C  
D  
C  
+  
A

dirigente; isso aí, o Mestre Anchieta disse que o Mestre Gabriel formou aqueles mestres antigos foi com **doutrina e burracheira**. Então, quem nos forma é a doutrina e a burracheira. É a **palavra do mestre** com a peneira, como diz na chamada. Quem nos forma é isso aí: é a doutrina e a burracheira, **e a gente procurando ser obediente**. Pela obediência, a gente supera alguns; até nessa sessão que eu tive agora, que eu dirigi – eu falei –, **supera vícios. A maneira de superar vícios é com a obediência**. A pessoa tem um vício e aquele vício ali... e o Mestre tá lá vendo que a pessoa está precisando melhorar aquilo ali e a pessoa já não tá conseguindo de uma maneira, assim, espontânea se ligar na obediência ao Mestre que a gente consegue, sabe? Pensa em fazer aquilo, pensa no Mestre. A obediência consegue consertar isso aí. Aprenda a ser obediente para ter isso. Não sei se eu estou certo, mas eu estou procurando fazer as coisas certas. Então, assim, vem a **ordem**, quando você começa a se colocar no seu lugar, começa a saber que tem a hora da leitura dos documentos, onde todos têm que ficar calados e ninguém deve se levantar [Se você se levantar da cadeira, perde o direito de se sentar no mesmo lugar]. E a gente vê que é uma coisa interessante na União: é essa estrutura que é dada pelo Mestre Gabriel que foi trazida por Salomão. É da **construção do templo e da formação das pessoas ao mesmo tempo**. A gente se constrói e constrói porque tem esse trabalho; tem esse engajamento e esse compromisso institucional. Nos documentos, fala ali que o objetivo, não sei se é objetivo a palavra, é o **desenvolvimento do ser humano**, no sentido da **evolução do ser humano no sentido do seu desenvolvimento espiritual**. E, para melhor execução do que preceitua esse artigo, trabalhará tantos **departamentos** quantos fizerem necessários, principalmente e inicialmente os seguintes: departamento de limpeza geral e de doutrinação espiritual. **Doutrinação e limpeza geral**, para você ver como é importante. Botou logo... se você botar **doutrina**, fica bem para todos; agora de limpeza tá em todo lugar, até vem pra o representante, vai pra orgãos, pro presidente, pra assistentes, essa **limpeza toda é do campo tanto mental, físico e espiritual**, ali do **ambiente do Núcleo**, como interior mesmo. Então, a União do Vegetal ela tem isso; aí quais são os **departamentos?** Eu venho examinando que os departamentos, todos esses departamentos, como diz, é: “Inicialmente o seguinte, quantos forem necessários...”, é necessário pra quê? Já que ele tá dizendo pra **evolução espiritual**. É importante pra quê? Pra evolução espiritual. Não é só algo pro Núcleo, melhor pro Núcleo. Pra que é que serve o **DMC?** Pra que é que serve o **DMC?** Pra trazer as mensagens; pra trazer a **doutrina**; pra trazer os **conselhos**. Pra que é que serve um **Demec?** Pra ver a condição da pessoa com o Vegetal e o Vegetal na pessoa. Isso aí.

A  
+  
C  
+  
A  
+  
C  
+  
C

C

C  
+  
A

D

A  
A  
C  
D

D

A  
+  
C  
+

Aquilo ali também é pra esse desenvolvimento. Pra que é que serve uma **Orientação espiritual das crianças**? Pra **convivência**; não é pra catequizar, mas é, vendo o comportamento, principalmente das crianças, a gente aprende **o que é a pureza, o que é o perdão, o que é o amor**, então tá tudo ligado. O que é um departamento jurídico. Também tanto para defesa do Núcleo como pra mostrar o **direito das pessoas**, pra cada. E cada um, quando coloca ali, está dentro daquelas necessidades; é o que é o espírito. Se você vir bem direitinho, rapaz, encaixou bem direitinho aquilo ali em tal pessoa. Parece que é o que ela está precisando mesmo. E ali ela vai desenvolver; às vezes, fica: “É porque eu sou, nesse lugar, eu sou responsável...”. Hun rum. Mas acima sempre tem o **presidente**, sempre tem **um representante**; a pessoa não fica só naquilo ali. E ainda tem as autoridades maiores, **central**, e também **geral**. E também ambiente total; não fica só; tá tudo ligado. Então, eu vejo que esse, para poder fazer essa execução, tem os **departamentos de doutrinação** e esse caminho. Esse de limpeza geral e tantos outros que se fizerem necessários. E aí chega a hora das **chamadas**, que tem a primeira e tem a segunda, e fica até a conclusão da abertura. E aí, assim por diante, tem toda uma ordem constituída. E, dentro dessa ordem, você começa a perceber que chega a hora que você pode se levantar e dizer: “Mestre, dá licença eu **fazer uma pergunta**?”. E você faz a pergunta. Chega uma hora que você vai **responder à pergunta**. Então, tem todo um modelo de movimentos, onde você começa, dentro desses movimentos, a se conhecer, e aí começa a chegar essa ci-entificação, **cienti-fica-cão**, e o si, que é o si mesmo. Você **entrar pra dentro de si mesmo** e começar, porque, às vezes, parece simples você dizer que conhece: “Conhece-te a ti mesmo”, mas é um processo difícil, não é tão simples. Você imagina, assim, que hoje você hoje se chama Roberto, mas qual é seu nome mesmo? Qual é o seu nome? Nem eu sei. Nome de quando eu fui criado; a minha identidade de origem. Essa aí é que eu estou querendo conhecer. Então, é um processo que o Mestre Gabriel **deixou algumas chaves para que as portas possam ir sendo abertas**, mas isso **exige um esforço muito grande** e tem que ter cuidado nessa ordem de quais portas que se abrem primeiro pra você poder **não se perder nesse labirinto do príncipe Teseu**. Então, tem que ter, porque a gente tem coisas que são muito complicadas, e muitas pessoas se perdem dentro de si mesmas; às vezes, acontecem situações na vida das pessoas, dessas pessoas, que são de muita dificuldade por conta disso, e aí eu também vejo até a minha situação. Então, tem que ir com calma, cuidado, dentro dessa ordem pra poder avançar com segurança.

B

B

C

A

A

D

C

+

A

**5.3.2 DSC B+C: “A gente chega através de uma pessoa que convida a gente e nessa sequência vem participar da sessão, aí começa a aprender os ensinamentos”**

<p>Bem. Vai ser formada assim; eu entendo assim: a gente não chega aqui por conta da gente. Por exemplo: “Cheguei; quero beber Vegetal. O que é isso aí? Quero conhecer!”. Não é isso. <b><u>A gente chega através de uma pessoa que convida a gente</u></b>. Aí aquela pessoa que convidou a gente pra beber o Vegetal pela primeira vez eu considero uma pessoa que quer ver o bem daquele lá. Eu considero isso, assim. Começa daí. <b><u>Aí, então, nessa sequência que a gente vem participar da sessão, aí daí começa a aprender os ensinamentos</u></b>, que nem o senhor sabe o que são os ensinamentos. Vou nem especificar que são muitos, são vários. Eu estou no lugar de conselheira, mas eu ainda estou aprendendo. <b>Sou uma aprendiz</b>. Não me considero sabendo de tudo, porque eu não sei; estou aprendendo.</p>	<p>B + A</p>
---	----------------------

**5.3.3 DSC C: “É dar responsabilidade, ter iniciativa, organização, e zelar por esse patrimônio, que é nosso”**

<p>Sim. Uma das coisas que eu observei desde o início é que a pessoa dá uma ideia, aí a pessoa diz:</p> <p>— Oh! Podia fazer assim, assim, assado.</p> <p>— Você deu a ideia, pois faça.</p> <p>— Vamos aqui. Como é que faz?</p> <p>Quer dizer: <b><u>dar responsabilidade</u></b>. Uma das coisas que a gente aprende, pelo menos eu aprendi e vejo muitas pessoas <b><u>ter iniciativa</u></b>; não é só de dar ideia; é ver como é que aquela ideia vai ser executada e auxiliar; partir pra execução.</p> <p>— Vamos aqui; vamos!</p> <p>— Não. Isso aí podia ser assim!</p> <p>— Vamos aqui ver como é.</p> <p>Aí vai. Uma das coisas que eu observei e observo é a pessoa ter a noção; por exemplo, eu vi um dia desses um mestre falando: “Nós somos sócios; nós <b><u>somos responsáveis por esse patrimônio nosso</u></b>”. Eu observava desde pequeno. Eu estudei em colégio público, mas tinha um negócio de: “Ah! Isso aqui é do governo. Pode quebrar”. E pá! Quebrava. O cara vai na praça; quebra tudo! “Isso é do governo”. Aí, às vezes, a gente chega ali e <b><u>tem que limpar o banheiro, porque é nosso</u></b>. E eu acho até bom não pagar uma pessoa pra</p>	<p>C C C C</p>
--	----------------------------

fazer aquilo, que é pra gente chegar cedo lá, <b>fazer a limpeza, limpar o salão</b> ; é diferente	C
você chegar de noite, sentar, tudo limpinho, beber o Vegetal. Ah! Que beleza. É diferente de	
você ter limpado ali de tarde. <b>Você mesmo varreu. Limpou a cadeira.</b> Tudo direitinho.	C
Confortável. Já é uma cadeira confortável, que antes era só banco, no início. Aí eu vi um	
mestre falando um dia desses: “Nós somos sócios. Esse patrimônio aqui é nosso; <b>vamos</b>	C
<b>zelar pelo nosso patrimônio.</b> Se deixar aquela mesa ali, vai chover, vai dilapidar o nosso	C
patrimônio; <b>aquelas coisas ali, bote, guarde lá</b> ; isso aqui, <b>antes de sair, dê uma</b>	C
<b>olhadinha.</b> Vá lá. <b>Lave seu copo</b> ”. <b>Vai formando.</b> Até educação, eu chamo, assim,	C
<b>educação doméstica</b> , que a mamãe falava muito lá em casa; papai falava muito lá em	
casa, que acontece de a pessoa não ter educação doméstica; até educação doméstica, que	
a pessoa é pra vir de casa, a União do Vegetal ensina. Lave seu copo; lave sua coisa; vai	
no banheiro, dê descarga. Isso aí não era nem mais pra precisar. Meu amigo, cê vai no	
aparelho, dê descarga, que vem o outro; aí tem os avisozinhos lá. Até aí tá formando	
uma educação doméstica. A gente vê uma formação das pessoas que as pessoas, às	
vezes, vêm de um ambiente que não teve essa oportunidade. Uma família desagregada,	
uma coisa desse tipo. Chega ali e encontra: “Vixe, Maria! Ai! Quer dizer que aqui é	
assim?”. Aí já vai. <b>Fica na fila pra receber o Vegetal.</b> Tá ali mesmo o aprendizado; <b>a</b>	C
<b>organização; é a ordem.</b> Aí: “Só através da ordem...”. Só através da ordem o cara vai, e	C
aí tem que ensinar pra pessoa como é essa ordem? É toda ordem que você tem de	
<b>ordenar sua vida.</b> Aí aquilo ali vai formando a pessoa: “É, rapaz! Aquele caba ali	C
chegou...”. Eu vi pessoas no Tucunacá. Pessoa chegou sem, por circunstância da vida.	
Desempregado e tal, foi se apumando, apumando, casou, daqui a pouco montou um	
negocinho; tá ali o cabra todo apumado. Quantas pessoas a gente vê? Acho que tu já	
viu essas pessoas. Rapaz, é uma escola de <b>formação moral. Formação profissional.</b>	D
No Núcleo, não está escrito: escola de formação profissional, mas é. Isso aí é feito. Se	C
quiser pesquisar até quantas pessoas aqui nesse Núcleo, no Tucunacá, que eu fui sócio	
lá, eu conheço inúmeras pessoas, inúmeras, a partir dali despertou: “Rapaz, dá pra eu	
fazer aqui; me organizar”.	

**5.3.4 DSC D: “Através dos graus hierárquicos: alguns veem mirações; alguns veem coisa espirituais; já tem outros que são espíritos, assim, que já têm uma capacidade de perceber mais e já vai entendendo, prestando atenção. A formação ela passa, assim, por uma graduação”**

<p>Sim. A União do Vegetal ela tem uma <b>sessão de adventício</b>, que a pessoa chega, ela faz uma entrevista, e nessa entrevista é dito pra ela se ela pode ou não beber o chá, porque pessoas que tomam remédio tarja preta não podem beber o Vegetal. Então, ela vai pra uma sessão de adventício; ela tem direito – acho que, na minha época, não sei se eram dois meses – a frequentar umas quatro sessões e depois ela escolhia se queria ser sócia, aí <b>mandava fazer uniforme</b>; e, fazendo sendo sócia, ela <b>paga uma mensalidade</b> que custeava todas as despesas; os sócios compartilham as despesas do Núcleo. E ali o sócio ele começa a frequentar. É chamado de “<b>bolso branco</b>”, que é pessoas que não têm, assim, tanta responsabilidade; estão lá pra compreender os ensinamentos pra aprender como é que se caminha dentro do Núcleo, como é que se vive em comunidade na nossa irmandade. Então, a gente chega bem cru. Muitos de nós não entendemos mesmo qual é o verdadeiro propósito da União do Vegetal. <b>Bebe o chá, sente a burracheira. Alguns veem mirações; alguns veem coisas espirituais</b> e tal, e não sei o quê, mas não passa daquilo ali. Fica naquela coisa mesmo rasteira. <b>Já tem outros que são espíritos, assim, que já têm uma capacidade de perceber mais</b>, aí, quando eles chegam, <b>já vão entendendo; prestam atenção. A formação ela passa, assim, por uma graduação.</b> Ele olha ali como é que funcionam as coisas aqui. Aí vai e <b>entra no clima</b>. O povo trabalhando, <b>mutirão</b>. E a pessoa entra naquele trabalho ali. Aí, de repente, a gente vê a pessoa <b>aprendendo a falar como a gente da União do Vegetal</b>, porque, se a gente for observar, a gente fala o mesmo idioma. Aqui no país, a gente fala o mesmo idioma. Mas, mesmo no mesmo idioma, a gente tem uma linguagem diferente, porque a gente usa palavras que a gente entende, que a gente acredita, pelo que o Mestre nos <b>ensina, que tem algumas palavras que precisam ser melhor empregadas</b>. Então, aí as pessoas já começam a fazer isso aí. Então, aí ela <b>vai aprendendo</b>, vai fazendo aquilo ali; ela vai <b>assimilando, vai internalizando</b> aquilo ali. Daqui a pouco, a pessoa já se levanta no salão do Vegetal, aí ela fala. Aí ela experimenta. Às vezes, ela fala alguma coisa que tá um pouco fora. O mestre vem e diz: “Oh! Isso aqui que você falou é isso assim, assim e assim”. Vai ensinando; <b>vai lapidando; vai preparando</b>. E aí a gente <b>vai se dedicando</b> a esse, a essa</p>	<p>D D A D C A A A C</p>
--	--

<p><b>responsabilidade</b>, e <b>chegando aos lugares</b>, tanto da <b>compreensão do que são os ensin</b></p> <p><b>os ensin</b>, as leis da União; a gente já tem uma <b>noção do que são as leis, que são as leis do</b></p> <p><b>Centro</b>, que é registrado em <b>documentos lido</b>. Então, esses documentos são importantes.</p> <p>São os boletins, e a pessoa vai lendo; <b>toda sessão</b>. E a pessoa vai vendo como é a</p> <p>sociedade que o Mestre Gabriel quer como sociedade. E os <b>ensinos</b> são uma</p> <p><b>compreensão</b>, porque ela é bem diferente; uma sociedade, uma religião que bebe um chá</p> <p>e que a pessoa fica de <b>burracheira</b>, que é uma <b>alteração na consciência</b>, e aí a pessoa</p> <p>vai começando a administrar essa sensação de burracheira, já <b>tendo mais equilíbrio; vai</b></p> <p><b>se equilibrando dentro dessa experiência</b>. E aí ela <b>consegue já ouvir os ensin</b> e <b>a</b></p> <p><b>vida começa melhorar</b>. Ela <b>começa é a prosperar</b>. E aí, quando ela tá já com um <b>nível</b></p> <p><b>de compreensão de memória pra os ensin</b> e <b>dos seus atos</b>, mais um pouco consciente,</p> <p>é chamada pra o <b>corpo instrutivo</b>, que é quando ele começa a <b>se dedicar aos trabalhos</b>,</p> <p>a <b>estudar a doutrina</b>. No <b>corpo instrutivo</b>, ele assiste a uma sessão a mais do que os</p> <p>outros sócios de dois em dois meses, que é a sessão instrutiva. E, no corpo instrutivo,</p> <p>começa a <b>aumentar responsabilidade</b>, que já é a parte administrativa que a pessoa tem</p> <p>que tá mais próxima aos dirigentes, tá <b>disposta a auxiliar</b>; tem que tá disponível pra o que</p> <p>precisar. O nosso Núcleo é feito de departamentos: Departamentos de Memória,</p> <p>Departamento Beneficente, Departamento de Plantio, e as pessoas vão se inteirando de</p> <p>algumas responsabilidades e aí recebem os ensin. Os <b>ensinos reservados</b> para esse</p> <p>grau, que é onde forma. Onde forma os dirigentes; onde a pessoa aprende os <b>conteúdos</b></p> <p><b>mais elevados</b> do Mestre Gabriel, e também a gente consegue já compreender mais quem</p> <p>é o Mestre dentro da instituição. Mas aí, nesse <b>nível mais reservado de ensinamentos</b>, a</p> <p>pessoa tem acesso a um degrau que ela consegue <b>ver as coisas um pouco mais de cima</b>.</p> <p>Aí ela vai passando por um outro <b>estágio de lapidação</b>. Aí <b>vai caminhando</b>, caminhando,</p> <p>caminhando, se preparando; nesse momento, ela tá <b>ganhando musculatura emocional,</b></p> <p><b>espiritual</b>, pra poder <b>ocupar os cargos de direção</b>, que é uma <b>responsabilidade</b>. As</p> <p>pessoas têm compromisso com a instituição e têm <b>compromisso com a irmandade</b>, de</p> <p><b>cuidar</b>, de <b>dar assistência</b>, essa coisa, e, pra isso, a pessoa já precisa ir se preparando; ir</p> <p>se preparando. E ali ele também continua caminhando, aprendendo, se dedicando, e vai</p> <p>mulher pro <b>corpo do conselho</b>, homem também. E pro <b>corpo do conselho</b> já é um grau</p> <p>que a pessoa já tem uma responsabilidade com a irmandade. É um <b>grau</b> que ela tem uma</p> <p><b>responsabilidade</b> administrativa na parte material; ela se coloca já como uma pessoa</p> <p><b>disponível</b>, mas, vamos dizer assim, com mais <b>responsabilidade</b>, mesmo que as</p>	<p>C</p> <p>C</p> <p>A</p> <p>A</p> <p>A</p> <p>A</p> <p>A</p> <p>D</p> <p>D</p> <p>+</p> <p>A</p> <p>+</p> <p>C</p> <p>C</p> <p>+</p> <p>A</p> <p>C</p> <p>B</p> <p>A</p> <p>A</p> <p>A</p> <p>D</p> <p>C</p> <p>B</p> <p>D</p> <p>C</p> <p>B</p> <p>C</p> <p>C</p>
---	--

<p>palavras... ela fica só aparecendo, porque é isso mesmo. É <b>responsabilidade</b>. E o <b>saber o tratar</b>. Esse lugar de <b>corpo de conselho</b> é uma das coisas primordiais; é <b>aprender a ouvir as pessoas</b>. Aprender a ouvir. Às vezes, a gente pode até não estar naquele dia específico pra tá apto a ouvir, porque nós somos seres humanos; ninguém é perfeito, mas o objetivo é esse: a gente ouvir, porque, quando a gente não consegue ouvir, a gente encontra o que é que tá acontecendo dentro daquela pessoa, que a gente possa trazer uma palavra de conforto, de orientação, que não só função do corpo do conselho, mas de todos nós, enquanto pessoas, enquanto seres humanos, enquanto irmãos. Essa palavra irmãos é <b>dar as mãos, se unir; é se integrar</b>. Então, é saber ouvir e tratar. O tratar e já poder <b>dirigir uma sessão</b>; se bem que, se ela já tá no corpo do conselho, ela tá aprendendo a dirigir uma sessão. No corpo a corpo instrutivo, ela inicia e, no corpo do conselho, ela desenvolve. E aí <b>se destacam os irmãos com mais graus</b>; as mulheres se destacam, assim, no conselho: saber aconselhar, e isso é o que faz chegar verdadeiramente no corpo do <b>conselho; é saber aconselhar</b>. Essa é a coisa mais importante para se chegar: saber aconselhar, e os irmãos, dentro do corpo do conselho, os homens eles podem chegar ao quadro de mestres através do estudo de uma história que faz parte do ritual, e a pessoa é aprovada ou não. Aí eles já ficam estudando uma <b>parte doutrinária</b>. As mulheres estudam, mas elas ficam no grau de corpo do conselho. E os homens eles chegam no grau de doutrina. <b>Aprender a doutrina</b>. Então, eles se dedicam à doutrina. Então, eles ficam no grau do corpo do conselho aconselhando, mas já com uns que se destacam tanto na forma de auxiliar mais, de tá mais perto do representante, de se colocar já como uma autoridade que responde. Porque o corpo do conselho, o corpo instrutivo ele responde em um grau. O corpo do conselho e o quadro de mestre já respondem às coisas com outro grau. Então, o que é o <b>grau? É a capacidade de responder; responder sobre o que é que tá fazendo; responder pelos atos</b> do que faz a União. E isso é uma das coisas que é grau. Grau é a forma de estar com essa responsabilidade. Então, assim, são os <b>graus hierárquicos</b> da União. Sócio, corpo instrutivo, corpo do conselho e quadro de mestre. Para gente, é dar continuidade na responsabilidade da condução dos trabalhos, aí <b>chega no lugar de representante; chega no lugar de mestre central e geral representante</b>. Chega nos cargos, vai subindo, e, à medida que a pessoa vai subindo, ela vai trazendo consigo uma bagagem de evolução espiritual. Isso não significa dizer que a pessoa que chega num determinado lugar não esteja <b>sujeita a dar uma escorregada</b> e tal, que <b>escorregar faz parte da caminhada. Levanta</b> e aquilo ali também faz parte da <b>didática</b>,</p>	<p>C B B B D B A A D C D D C</p>
---	--

<p><b>da pedagogia do mestre</b>, assim, de mostrar como é que é. A pessoa, quando cai, quando ela se levanta, ela <b>se levanta mais forte</b>. Aí vai e caminha. Então, tem diversas coisas que, se a gente ficar <b>observando o jeito do Mestre trabalhar</b>, como é que ele trabalha, como é que ele ensina, a gente vai indo <b>se encontrar com umas pérolas</b>, sabe? Com coisa muito, muito boa. Pra mim, tem servido muito; tá me servindo muito. Então, é esse é o aprendizado que se tem, que se proporciona a aprender dentro da escola da União do Vegetal, dentro dos ensinamentos do Mestre José Gabriel da Costa, que foi um ser humano, assim, excepcional; é um ser único e misterioso pra quem não conhece ele plenamente, mas é com o constante estudo que a gente conhece algumas coisas incríveis dessa pessoa, que trouxe toda essa instituição para nós. Ele não trouxe pra ele; ele trouxe para nós. Então, cabe a nós continuar <b>sendo um construtor desse tijolo, sempre construindo, reparando, fortalecendo e seguindo nesse crescimento.</b></p>	<p>A</p> <p>C</p>
---	-------------------

**5.3.5 DSC A+B+C: “Quando a gente vê, pela convivência, que a pessoa fala e faz o que ela tá falando, ela é uma formação verdadeira”**

<p>Esse processo é um processo que a gente <b>aprende caindo e se levantando</b>. Então, a gente vai devagarzinho e principalmente um <b>dando as mãos aos outros</b>. Esse <b>processo fraternal, de união</b>, a gente sabe que a corrente, a grandeza dessa corrente tá na força do menor elo, do elo mais fraco, aí a gente tem que fortalecer esse elo mais fraco pra gente poder <b>juntos a gente se tornar realmente forte</b> e se preparar, pra um dia que voltar, voltar <b>dentro de uma ordem</b>. Pra sair do corpo, vai ter que sair dentro de uma ordem também; <b>dentro de uma orientação</b>. Então, a pessoa tem que tá sempre se lembrando. Quando for chegando a hora, ela ligar o pensamento, o pensamento do jeito que o rei inca fez, pra poder, quando voltar, voltar dentro da mesma direção, pra não perder o magnetismo; o sentido da agulha do ímã do norte tá apontando aí para estrela do norte. Mas aí, nesse procedimento, a gente começa a sentir desde o primeiro dia, por exemplo: o lanche, se a pessoa vai lanchar, tem que contribuir, tem que levar o lanche também para <b>dividir com os outros</b>, aí tem toda uma <b>organização</b>. Aí a gente vê pessoas jovens ali, com <b>responsabilidade</b>, na cozinha, nos banheiros, para limpar o templo, cuidar do plantio, ter uma <b>responsabilidade prática e ter palavra</b>. O que disser compreender que pela força da palavra que a gente... o poder que a palavra tem é a firmeza que a gente dá a ela. Se não você ligava um rádio e o mundo se transformava. Por um discurso bonito. <b>O</b></p>	<p>C</p> <p>+</p> <p>B</p> <p>+</p> <p>B</p> <p>+</p> <p>C</p> <p>+</p> <p>A</p> <p>B</p> <p>+</p> <p>C</p> <p>+</p> <p>C</p> <p>+</p> <p>A</p> <p>A</p> <p>+</p>
---	---

<p><b>que vale é nossa palavra, que são os nossos atos;</b> as nossas atitudes, lá na União a gente</p>	C
<p>aprende isso. A gente aprende que não se deve andar armado no Núcleo. Não pode. <b>Tem</b></p>	C
<p><b>que cumprir o calendário. Tem que ir às sessões regulares,</b> são duas por mês: primeiro</p>	
<p>e terceiro sábado. Aí e pagar a mensalidade em dia, <b>honrar a mensalidade.</b> Porque a</p>	C
<p>peessoa está lá só porque é a União, porque tudo é bom, tudo é bem, bonito, aí eu vou</p>	
<p>comer pizza lá no fim de semana e esqueço da minha mensalidade, que às vezes... Por que</p>	
<p>você não fez um sacrifício? Não comeu tapioca em casa e se lembrou de pagar o mês?</p>	
<p>Tem gente que faz de conta que está tratando com Deus: “Não, rapaz! Deus é bom. Ele me</p>	
<p>dá tudo; ele me dá isso também”. Mas, na verdade, não é assim. A gente tem que</p>	
<p>sacrificar um pouco para poder fazer valer. O senhor compreendeu? <b><u>O ensino ali é: “Luz,</u></b></p>	A
<p><b><u>Paz e Amor”, que é o nosso símbolo. Pronto! Aí é introjetar essa Luz, essa Paz e esse</u></b></p>	+
<p><b><u>Amor dentro do coração e fazer disso uma integração na nossa vida, uma mudança</u></b></p>	B
<p><b><u>de personalidade,</u></b> digamos assim, uma alteridade. Não é uma lavagem cerebral. É uma</p>	+
<p>atitude de você ter uma despensa cheia e querer comer na despensa do vizinho. Egoísmo!</p>	C
<p>Então, se ame: vá trabalhar e encher sua despensa. Então, essa atitude é essencial. Eu toco</p>	
<p>nesse ponto insistentes vezes, porque não adianta a gente falar a melhor língua do mundo</p>	B
<p>e, como diz São Paulo, não ter <b>amor no coração,</b> não praticar. Então, eu acho que a base</p>	C
<p>da nossa escola é essa. É uma “prática fiel, <b>cumprimento do dever e a prática fiel do</b></p>	
<p><b>bem”,</b> como o Mestre Gabriel diz: “Nos livra de todos os perigos”. Uma coisa muito</p>	A
<p>bonita que eu acho e que eu preciso e sei que sempre vou precisar é de <b>ver pessoas que</b></p>	+
<p><b>eu acho que me servem como espelhos,</b> que eu vejo que <b><u>a pessoa fala e faz o que ela tá</u></b></p>	C
<p><b><u>falando.</u></b> Então, assim, quando eu cheguei, eu me encontrei com pessoas que já estavam</p>	
<p>na União há mais tempo e já estavam podendo me ensinar. E, quando eu olhava pra</p>	
<p>aquelas pessoas falando, eu procurava ver se elas estavam praticando aquelas coisas, e</p>	
<p>elas estavam. Então, essa <b><u>formação, quando a gente vê que a pessoa pratica, ela é uma</u></b></p>	C
<p><b><u>formação verdadeira.</u></b> Então, eu via que, <b>se aquela pessoa fazia o que ela estava</b></p>	C
<p><b>falando, eu também podia fazer pra eu também poder falar.</b> Então, pra mim, isso é</p>	+
<p>uma das coisas muito importantes: essa <b>prática do pregador.</b> E, ao mesmo tempo, é por a</p>	A
<p>gente ter uma religião que, pra mim, é um diferencial, no sentido de que a gente <b>convive</b></p>	B
<p><b><u>juntos; a gente prepara os nossos ambientes; faz as nossas atividades; bebe uma sopa</u></b></p>	
<p><b><u>juntos,</u></b> e aí, só à noite, a gente vai <b>comungar o chá.</b> Então, aquilo ali é tão simples, mas é</p>	B
<p>um aprendizado muito grande. Aquele <b>convívio.</b> Então, na União tem muita coisa assim,</p>	A
<p>tem esse <b>aspecto familiar,</b> que eu acho que a gente deve cultivar e zelar por ele. E tem</p>	+



Veja bem: o chá, para se ter o chá, precisa se ter as plantas. Hoje, com a destruição da Amazônia, que vai aí numa proporção avassaladora, talvez se for fazer mesmo um estudo mais aprofundado, não sobrou 1/3, aliás 1/4 da Floresta Amazônica até agora, e o que se faz é querer destruir mais, como se fosse uma família numa casa que, para comer, tivesse que vender até a mesa da sala de jantar. Aí a gente vê, assim, uma falta de consciência nas lideranças. Então, hoje, para a gente ter o Vegetal, que antes a gente ia pesquisar na floresta, achava e trazia quase que de graça, bem dizer, só pelo custo da viagem hoje, até para se conseguir, tem que se plantar e esperar anos e anos dentro de condições de água, de adubo, de solo, de clima, então não é fácil. Por isso que o crescimento da União não pode ser explosivo, porque, quando a gente leva alguém para beber o Vegetal, a gente tem que se lembrar que aquela pessoa precisa beber o chá e, para ter o chá, precisa que tenha mariri e chacrona, aí por isso é que é um crescimento qualitativo, e muitos vêm e não ficam; muitos vêm e não trabalham; muitos vêm e não têm recurso para pagar a mensalidade, então não é uma coisa fácil. Mesmo que eu já esteja presenciando três décadas de União, eu vejo que o crescimento pela qualidade do material, pela qualidade da força, poderia ser bem maior. São sete bilhões e meio de seres humanos esperando o que um percentual, que nós somos hoje 25 mil no mundo inteiro, pela União do Vegetal, bebendo o Vegetal. Então, praticamente é um ponto inexistente dentro desse grande universo, mas aí é importante que a gente compreenda que esse trabalho também é parte dessa “ponta de lança” que é a União do Vegetal. Aí eu vejo o hoasqueiro não como mais um proficiente religioso, eu vejo como um trabalhador missionário, um **trabalhador especializado**. É tanto que é preciso, quando a pessoa chegue lá, já saiba que **tem que crescer hierarquicamente**. Aí tem o bolso branco quando ele chega; aí tem corpo instrutivo, bolso amarelo, aí vem para o corpo do conselho; aí chega no quadro de mestres; aí já tem as **obrigações** e, nesse meio-tempo, vai **assumindo compromissos administrativos**; aí chega como representante e ainda tem como geral representante. Tudo isso requer o quê? **O conhecimento e uma memória espiritual que dê força para a gente chegar**. Então, eu vejo a União do Vegetal como **uma escola de líderes**. Líderes de uma nova humanidade, que muitos não vão encarar. Como Jesus diz: “A seara é vasta, mas os trabalhadores são poucos”, porque muitos chegam lá e se envaidecem. Eu conheço conselheiros há 25 anos, aí eu fico me perguntando: “Essa pessoa não compreendeu a União do Vegetal”. Eu conheço mestres que têm determinadas atitudes que não são de mestres. Então, chegou lá, quando recebe a camisa, aí o mestre diz assim: “Pronto!

C  
+D

C

C

A

+D

+C

+C

Receba essa camisa com essa estrela para você se encontrar com o Mestre”. Então não tem mestre, lá não é uma escola de mestres, não é uma fábrica de mestres. É uma escola de líderes. **Aí essa liderança tem que estar no coração da pessoa.** A pessoa tem que encarar, ter essa **firmeza de propósito** que a **eternidade** é mais adiante e não estamos vivendo ela, mas tem que andar com ela. Não adianta a gente ficar achando que já chegou num tapete voador e que está tudo bem, que aqui é o céu, é o paraíso e fim de papo, estamos conversados. Eu cheguei primeiro, você que se vire para chegar depois e dar de conta; minha parte eu já fiz. Não há aposentadoria na União do Vegetal. Há uma **seriedade**, e isso, para mim, é essencial. Então, a União do Vegetal **ela tem os estatutos; ela tem as leis** que determinam todo o **ordenamento institucional**. A gente sabe que, dentro dessa instituição, existem alguns procedimentos, mas nada que não deixe a pessoa à vontade. Mas, como é uma **convivência coletiva** e a gente sabe que essa parte da documentação, dos **documentos da União** do Vegetal, eles foram elaborados na medida que as necessidades foram surgindo dentro dessa **convivência** coletiva, mas que, assim, **ela tem um pilar muito interessante, que é da família, do trabalho e da religião,** em si. Então, ela não se coloca fora desse sentido da estrutura de vida de uma pessoa, de como ela vive. Mas, ao mesmo tempo, assim, ela tem **normas de conduta** pra viver nela. Então, você chega; você bebe o Vegetal e ali você vai conhecendo a União; na medida que **você vai gostando, você vai vendo que aquilo tá servindo pra você, que você tá se sentindo uma pessoa melhor, tá tendo uma oportunidade de crescimento, tá tendo uma convivência melhor com as pessoas,** tá buscando coisas que você, na verdade, queria se **distanciar e de outras que não tava te fazendo feliz**. Então, eu vejo, assim: o caminho da gente é um **caminho de onde a gente tá se sentindo bem; onde a gente tá se sentindo feliz**. Então, eu vejo muito que a União é isso. As pessoas que eu vi, muitas vezes, se afastando da União... Ah! Foi por alguma razão da vida dela. Ninguém vai culpar a pessoa porque ela foi pra outro... buscar coisa pior, isso e aquilo outro, não. Acho que chega um momento na nossa vida que a gente quer buscar algo diferente; que a gente quer, mas, assim, muitas pessoas é porque não foi muito fácil pra elas, porque algumas não conseguiram se desvencilhar de outras situações, como drogas, por exemplo, como álcool. Eu vi situações dessa natureza, mas, assim, vi pessoas saírem; pessoas voltarem pra União do Vegetal, mas nisso tudo eu vi o respeito pela instituição que essas pessoas sempre tiveram. Sempre tiveram esse cuidado, mas, assim, a União é essa escola que **vai te conduzindo espiritualmente** e você chega a alguns **estágios** que as pessoas veem que

B  
+  
C  
+  
D

A

B

B  
+  
C  
+  
D

C

A  
+  
C  
+  
B

+

D

você já tá numa condução determinada pra chegar a um **grau de ensinamentos** pra receber novos ensinamentos, e **isso vai mostrando, assim, naturalmente o caminho** até você chegar num lugar onde você possa também auxiliar mais. Ter uma **responsabilidade institucional** maior. De também auxiliar as pessoas nesse caminho do Mestre, porque assim, nós que estamos na direção; a gente é auxiliar do Mestre nessa caminhada e a gente sabe que tá até lá nos documentos; a gente sabe que requer de nós um **compromisso de conduta moral e espiritual** maior em relação à instituição, porque há uma **formação constante das pessoas** que estão na União. Não é só quem tá na direção. E essa formação ela, de certa forma, dá um compromisso maior à gente, porque a gente também passa a ser **responsável** por isso; nesse auxílio **dessa formação, dessa condução e da nossa própria formação**, porque passa a exigir também mais da gente. Então, tudo aquilo ali que existe, esse **lugar de orgão** e o **lugar de assistente** é em **função da sessão**; sessão espiritual, porque é lá que a gente busca o nosso alimento pra o espírito, essa renovação e essa busca constante pelo conhecimento, o melhoramento. Aí o Mestre Gabriel criou o trabalho pra **gente aprender a se conhecer uns com os outros**, não só enquanto a gente tá naquele momento especial da **burracheira**. Aí aquilo ali a gente já conseguiu passar a ter aquela **convivência** durante o dia com algumas pessoas; já conseguiu ver algumas coisas; já forma esse **vínculo de fortalecimento de amizades**. É assim que as amizades elas se constroem. Os vínculos eles são fortalecidos porque a gente começa lá naquele trabalho do **mutirão** e a gente vai se conhecendo e se integrando, porque, se não existisse esse trabalho, se só se encontrasse na hora da sessão, será que nós teríamos esse vínculo de amizade? Será que seria tão fortalecida assim? E precisa se conhecer. A gente precisa se conhecer no cru. Sem ser só a coisa do chá. Momento especial que a gente fica bom; a gente fica leve. A gente tem a bondade; **a gente tem os dois lados**, mas um aflora mais e o outro aflora menos; a depender do dia; a depender da ocasião. O que esse **trabalho de constante transformação** é que a gente tá buscando sempre **melhorar o lado bom da gente**, o lado da bondade, o lado do bem. Então, **ela forma, assim, as pessoas também de uma forma natural**. Não é assim: eu chegar aqui e dizer: “Olhe, você vai ser formado; você vai aprender isso, isso e isso”. Como muitas vezes se faz em algumas escolas. É uma **formação de vivência**. Então, a gente tá escutando ali; tá tendo um **trabalho ali com as crianças**. Isso ali é uma formação. Ali tá tendo um **ensaio pra uma apresentação** do dia 10 de fevereiro. Antes do ensaio, teve uma **roda de conversa** e falou um pouco sobre o Mestre Gabriel, sobre a simplicidade dele. Isso tudo tá tendo uma formação. Isso tudo é

D

C

C

+

D

C

A

+

B

B

B

+

C

A

+

C

+

B

+

uma formação. É uma construção. É uma construção natural. Mas, vamos dizer, uma pessoa chega aqui já adulta, como eu, como é que vamos dizer que houve essa formação? E hoje eu sou uma conselheira. Faço parte da direção da União do Vegetal. Como é que faz isso aí? Não é também pelas chamadas que eu consegui aprender; é pela minha **prática de vida** e a vivência nesse **convívio**. E a **vivência nesse convívio**. Veja um exemplo, pra começar: o meu marido se formou nessa escola. Quando ele chegou na instrutiva, ainda hoje ele dizia que não sabia por que chegou. Ele dizia que falavam, assim, que chegava na instrutiva quem falava muito, quem fazia chamada, quem perguntava; e ele era calado. Aí ele perguntou ao Mestre Rodrigo Barbosa por que ele chegou. O Mestre Rodrigo Barbosa explicou: foi pelo grau que ele estava tendo. **Grau de compreensão, grau de compromisso, e compromisso com o trabalho.** Então, aí é uma **aprendizagem**. E, então, depois ele chegou no corpo do conselho do mesmo jeito; chegou no quadro de mestre. Caladinho, mas que ele sabia dos ensinamentos, mas só ficava caladinho. Ele aprendeu alguma coisa. Então, existem as **hierarquias**, existe o **quadro de sócio**, existe o **corpo instrutivo**, que têm alguns ensinamentos que eles são reservados, histórias e tudo, e existe o **corpo do conselho**, que é formado pelos mestres e os conselheiros, onde eles são responsáveis, eles dizem, pelo equilíbrio da União do Vegetal. Tem um documento que fala no sentido da gente resguardar essa religião e trazer um **equilíbrio através das nossas práticas**, porque o mestre e o conselheiro são **exemplos** pros demais discípulos. Então, é um dever do mestre e do conselheiro ser exemplo pra os demais discípulos. Então, a partir do momento que a pessoa é um exemplo, ela passa a ter mais, a equilibrar mais. **Um bom exemplo**. Então, ela passa a equilibrar uma pessoa que vem chegando, que tá precisando daquele bom exemplo. Então, essa formação é uma **formação de bons exemplos**. **Os lugares de hierarquia eles são por bons exemplos**. Aí a pessoa chega no quadro de mestre, que aí ele já tá no **lugar de ensinar**, tá? Mas é tudo num formato, assim, institucional. Mas sem querer dizer que alguém tem mais capacidade do que o outro. Não! É pela vivência mesmo. Pela **vivência**, pela **experiência**. E sempre um **respeito**. Tá junto. A pessoa que tá com mais disponibilidade até de servir à religião. A pessoa tem mais disponibilidade de tá ali presente e **servir nos trabalhos, construindo**. Mas o mais importante é isso: é ser exemplo. **Ser exemplo**. Trabalho de formação, formação dos lugares na União do Vegetal; é um trabalho de formação, de ser exemplo do bem. **Ser exemplo do bem**. Então, em síntese, **o Mestre Gabriel, quando ele criou a União do Vegetal, ele certamente teve uma inspiração divina. Ele criou também esse**

C  
+  
BD  
+  
C

D

C

C

C

D

A

C

C

C

D

**grau de formação.** Inclusive, tem uma administração dele que diz que: “Quando a pessoa chega na União do Vegetal e não sabe ainda nem **pedir licença**; não sabe nem **falar no salão do Vegetal**”. Então, as **sessões elas são formativas**; elas são perguntas; elas são sessões em que **o mestre fala, o discípulo pergunta o que ele quer saber, e o mestre responde**. Então, são formações, por aquelas perguntas que são feitas. O dirigente quem tá à frente pode ir **avaliando o grau daquele discípulo** e, com esse grau, ele ir, através do Vegetal, o Mestre vem dando mais grau. E nesses **ensinos**, nessa **doutrina**, que a União do Vegetal, em seus documentos, ela diz que: **“Tem por objetivo a formação espiritual, ética, moral do ser humano em todos os sentidos”**. Então, essa formação ela acontece **através das sessões; através das suas doutrinas; através dos ensinoss e também através dos exemplos**. Principalmente através do exemplo de cada um de nós, porque tem a doutrina, tem os ensinoss, mas **o Mestre cobra da gente também a prática**. Tem uma fala dele que fala: “[...] **a prática em cima do pregador**”. Ele diz que as pessoas foram se saindo das religiões porque não viam a prática no pregador. Então, ele pede, espera de todos nós, discípulos dele, que a gente **tenha uma prática condizente com o que ele ensina e com o que a gente escuta**. Então, repetindo o que disse anteriormente e resumindo, nisso vem acontecendo **naturalmente uma formação em graus**, e aí cria, desde a origem da União, um **corpo instrutivo**, que são pessoas que já compreendem melhor a União do Vegetal. Então, automaticamente elas passam a ter acesso a alguns ensinoss. Não é porque elas são sejam mais bonitas, nem por nada, é porque **a memória** delas já **suporta receber ensinoss**, num **outro nível, de ensinoss**. E, depois de ela galgar esse **grau do corpo instrutivo**. Ela chega ao corpo do conselho. Então, ela já chega no lugar de direção da União do Vegetal. Então, ela chegou na União. Ela conheceu um pouco a União. Ela já chegou no corpo instrutivo, já vem recebendo instruções de como ser. E ela chega a **fazer parte da direção**. Ela já direciona as atividades. Já **auxilia na direção de um Núcleo**. Se for homem, depois disso, chega ao **quadro de mestres** do Núcleo e também tem uma **função de administração**. Pode chegar a **presidente** e também **representante do Núcleo**. E também isso tudo, essa formação nessa escola ela foi criada pelo Mestre; ela é **natural**. Nada impede que algumas pessoas estudem... e tem um **material de sessões de palavra do Mestre gravado** de que em cada grau é colocado à disposição, que ajuda na formação. **“Mas essa formação feita nas sessões é feita através da doutrina, através dos ensinoss do Mestre**; ela é uma base boa e necessária pra que as pessoas compreendam melhor a União e possam nela se desenvolver.

C

A

+

C

D

+

C

+

A

+

C

C

C

+

A

+

D

A

#### 5.4 O que o(a) senhor(a) vem aprendendo nessa escola?

Frente a tal questionamento, obtivemos: **DSC A**: “*Eu venho aprendendo a me conhecer*”; **DSC B**: “*Paciência, tranquilidade, conformação e venho aprendendo a fazer amizade*”; **DSC C**: “*Saber reagir dentro de cada situação que se apresenta de forma prática*”; **DSC A+C**: “*Aprendendo a ter uma consciência mais clara; a gente planta hoje pra colher; a gente aprende a viver*”; **DSC B+C**: “*A lei do bom viver; a transformar isso na prática. E outra coisa: a gente precisa dos outros. Não tem como você seguir só*”; **DSC A+B+C**: “*Ter mais compreensão. Ser uma pessoa mais cumpridora da palavra, dos compromissos. Examinar antes da gente fazer algo ou da gente falar algo é muito importante; a gente aprende lá*”; **DSC A+C+D**: “*Buscar o seu centro; buscar a sua essência. Entender o DNA dessa criação de Deus pra poder chegar até Ele. É na hora que a gente se coloca na mesma direção de Deus... a gente tem a mesma força dele*”; **DSC A+B+C+D**: “*A tratar o meu irmão melhor. Ter paciência com eles. Venho aprendendo a me conhecer melhor. Temos que procurar sempre tá praticando o que é certo e tentar entender a criação de Deus*”.

##### 5.4.1 DSC A: “*Eu venho aprendendo a me conhecer*”

<p>Agora eu [risos]. Não é muito fácil a gente falar da gente, mas <b><u>eu venho aprendendo a me conhecer</u></b>, a me conhecer porque, para uma transformação, eu acho que ela só começa quando a gente já se conhece pelo menos um pouco. E esse estudo de si parece fácil, mas não é. Quando a gente pensa que já se conhece, aí a gente acha mais coisa que a gente tá precisando ver pra gente poder ser um pouco mais. Então, assim, o que eu venho aprendendo, assim, que é fundamental, para mim, é me conhecer pra que eu possa... já que eu bebo esse chá com esse sentido de me desenvolver, eu acredito que o caminho desse desenvolvimento é o autoconhecimento. Não acho fácil. Tem momentos que a gente vê coisas na gente mesmo que não é simples, não é fácil, que a gente sabe que não vai transformar, assim, da noite pro dia, mas o importante é a gente seguir buscando, vendo, se esforçando e pelejando mesmo. Eu estou nessa peleja junto com meus amigos. De me conhecer.</p>	A
---	---

**5.4.2 DSC B: “Paciência, tranquilidade, conformação e venho aprendendo a fazer amizade”**

<p>Pois é. Olha: o momento que eu venho passando... eu venho aprendendo e venho pedindo é <b><u>paciência, tranquilidade, conformação, venho aprendendo a fazer amizades</u></b>, tanto aqui como lá fora, porque, se eu vejo que eu sou bem cativada, eu preciso cativar pra poder ser cativada. Bom, se eu for especificar, tem vários itens. É isso.</p>	B
---	---

**5.4.3 DSC C: “Saber reagir dentro de cada situação que se apresenta de forma prática”**

<p><b>Uma coisa que eu aprendo nessa escola todo dia é que eu ainda não sei de quase nada.</b> É uma coisa que eu venho aprendendo todo santo dia, porque, <b>todo santo dia, eu aprendo uma coisa diferente.</b> E a coisa que mais me impressiona nesse aprendizado é esse aspecto da gente <b><u>saber reagir dentro de cada situação que se apresenta.</u></b> Essa, pra mim, é fundamental, porque, assim, a pressão que a burracheira faz ela nos prepara pra gente poder enfrentar as pressões aqui fora. Então, esse ensino que a União do Vegetal traz, <b><u>de forma prática, de forma intuitiva, de forma racional e, às vezes, até inconsciente,</u></b> é muito forte. Esse ensino. E ele vem da burracheira. O ensino que vem da doutrina é muito bom; é especial; ele pega na gente; a gente reflete, mas, assim, a força da burracheira é insubstituível. Quando ela chega na nossa consciência, fazendo aquela pressão em nós, aí <b>a gente começa a criar resistência, pra poder enfrentar as coisas nessa vida,</b> que, muitas vezes, há necessidade de se enfrentar situações. E, assim, é importante a gente pensar também que <b>ensina a gente a não entrar em situações;</b> ensina a gente a evitar entrar em situações difíceis. A gente <b>ter um andamento na nossa vida mais... é, vamos dizer, mais limpo e livre de obstáculos.</b> É isso.</p>	C  C D A  C  C C
---	---

**5.4.4 DSC A+C: “Aprendendo a ter uma consciência mais clara, a gente planta hoje pra colher. A gente aprende a viver”**

<p>Eu acho que a coisa mais forte, pra mim, é que tudo tem um propósito de ser, que nada acontece por acaso. É a coisa que mais me chama a atenção. Tudo tem um motivo e, se a gente passar a prestar atenção, a gente compreende esse motivo. Se a gente procurar nos documentos, ele diz assim: “Que a gente bebe o chá para o efeito de concentração mental”. O que é concentrar? Concentrar não é deixar solto. Concentrar não é voar. <b><u>Concentrar é ter</u></b></p>	A +
---	--------

<p><b>um propósito, um caminho a percorrer</b>, e que a pessoa tem que prestar muita atenção, tem que <b>ter um “eu observador” muito presente</b>. Com um “eu observador” muito presente, a pessoa é capaz de ver muita coisa. O chá ele lhe dá essa possibilidade de quem bebe o chá, como diz, assim: “Adivinhava o passado, o presente e o futuro”. É justamente através dessa concentração mental, através do “eu observador”. Isso, pra mim, é muito, muito forte, sabe?</p>	C A
--	--------

**5.4.5 “DSC B+C: A lei do bom viver, a transformar isso na prática. E outra coisa: a gente precisa dos outros. Não tem como você seguir só”**

<p>Eita! Como diz o Mestre Braga: “<b>Aprendendo a morrer!</b>” [risos]. <b>Aprendendo a conviver com as pessoas</b>. Ser mais gentil. Uma pessoa disse a mim: “Os homens eles são muito brutos”. Eu disse: “Mas tu não está falando do teu marido, não?”. Eu brincando com a pessoa. É ser mais gentil, ser mais educado, tratar melhor as pessoas. Porque o <b>sentido da vida é a gente tratar as pessoas bem, respeitar</b>, e as pessoas nos respeitar e a gente caminhar cada um com seu trabalho, <b>procurando ser mais honesto, trabalhando com dignidade, com respeito, com ética</b>. Eu acho que eu venho aprendendo isso aí na União, sabe? <b>A ética, a moral, querendo ser pessoas melhores na vida. É a lei do bom viver</b>. É o bem. Fazer o possível pra “se ligar” e <b>ser um agente da paz</b>; não tem outra; uma vez eu vi uma pessoa falando aqui... um mestre que andou aqui no Núcleo: “Rapaz! <b>Um inteligente</b> faz o bem logo, porque se for ‘bater cabeça’ até entender que tem que <b>fazer o bem</b>. Quem é inteligente faz logo o bem porque não tem outro caminho; o caminho é esse, homem”. “Imbuança”, como diz o Mestre Herculano, só traz... o que é que traz? O “caba” recebe tudinho! O que faz, recebe. <b>Aquela lei</b> que existe <b>da causa e efeito</b>. Ali é o básico. Aí clareia pra gente isso aí. A gente aprendeu: “<b>O plantio é opcional, mas a colheita é obrigatória!</b>”. Se a gente for ver a dimensão disso aí, estudar a dimensão disso aí, eu estou estudando ainda. Aí <b>transformar isso na prática... aí vai</b>. Também é outra coisa que eu aprendi, tô aprendendo: <b>a transformação ela tem que ser devagarinho</b>, não adianta, porque eu costumo dar o seguinte exemplo: “A pessoa... não tem aqueles caminhões que andavam com aquelas lonas antigamente? Aí tinha a carga torta, o “bicho” com a carga torta. Se ele for... aí pra ajeitar aquela... pra aprumar aquela carga, ele precisa... sozinho ele não apruma, não. Ele tem que chamar uma pessoa pra ficar ali olhando: “Oh! Não! Puxa mais essa</p>	B + B + C C + B A + B D C
--	---

corda aqui'. Precisa de algumas pessoas pra auxiliar. Aí, se for na pressa: "Ah! Bosta! Eu tenho que sair agora. Vai, vai'. Tá sujeito a passar para o outro lado". **A gente precisa dos outros.**

**Não tem como você seguir só.** Aí precisa do irmão. Então, vamos compreender, vamos aceitar, vamos respeitar tudo isso aí. É um aprendizado diário. Grande aprendizado. E a gente praticar. **Praticar no local de trabalho, praticar na família.** Que, se ficar só na superficialidade. "Aí reunião... não sei o quê. E na hora de praticar". Outra coisa que eu, que a gente vem aprendendo. **É a prática que transforma, não é só o conhecimento, não.** O que transforma é a prática do que você aprendeu. A prática que transforma. Oh! Você lembrar daquele caderno de caligrafia que tinha antigamente, não sei se tu ainda chegou a estudar. Você só escreve se você começar a escrever. "Não sei escrever, não!"; "Comece a escrever ao menos. Você tá vendo ali?"; "Tô"; "Escreva ali o que é que você tá vendo"; "Tô vendo o passarinho cantando". Então, a prática que transforma. Traz para dentro. Não é só saber: "Ah! Beleza isso aqui: 'Podemos ser julgados, mas não podemos julgar'. Ah! Beleza!". Aí, quando bota ali o pé na porta [risos]. Isso aí que é o grande lance: a prática. Rapaz, isso aí é um aprendizado também essencial que eu venho aprendendo e procurando praticar [risos]. **Que não é fácil! Agora é com calma; é devagarinho,** como o Mestre Gabriel mesmo diz: "Pra memória aguentar, pra pessoa ir com tranquilidade, devagarinho". Outra coisa: a única coisa que eu sei é o que eu venho aprendendo. **A única pessoa que você tem direito de exigir transformação é de você mesmo.** Você não tem direito de exigir transformação do outro, não. Você tem direito de exigir transformação de você mesmo, e olhe lá. Ainda é devagarinho pra poder você mesmo não entrar em parafuso. Imagine querer exigir do outro. Aí julga; aí lá vem de lá pra cá; julga daqui pra lá e lá vem de lá pra cá. É a lei do retorno. Então, **eu venho aprendendo a ter obediência e paciência.**

Obediência e paciência. Obediência a tudo o que eu construir e paciência a tudo o que eu venha a receber na vida. É isso que eu venho aprendendo. A vida ela é escrita por capítulos, assim como a história da *Hoasca*. Capítulos, daí essa compreensão, por isso que o Mestre traz esses capítulos, os capítulos de fracasso. Interessante que ele vem: um, dois, três, só no quarto capítulo é que tem êxito. Ele podia ter desistido no segundo; procuraria outra coisa pra fazer, mas ele mostra. Interessante que as pessoas... Você já leu um texto de Lincoln, presidente americano, sobre o fracasso que ele tentou várias vezes até que ele conseguiu, chegar à presidência? E aí traz uma coisa chamada **compromisso e constância.** "Com a **constância nos deveres...**". Ele traz isso aí; a palavra: "constância" é a prática dele, do Mestre. "[...] estaremos sempre livres do perigo". Por que que nós estaremos sempre livres

B

C

B

C

+

A

D

B

C

<p>do perigo? Porque quem é constante não “olha de banda”. Tem uma constância nos seus deveres. Então o que são “os deveres”? É justamente <b>enxergar lá na frente a missão da gente</b>. E o dever? O dever é obedecer! É o dever; olha só: é uma escola. A gente faz o dever de casa. Existe dois deveres: o dever de casa e o dever de classe. <b><u>A escola e a família</u></b>. É muito interessante como ele pega esses trocadilhos e traz para dentro da União do Vegetal. Onde é que tá o oratório? O oratório está na sala do coração de Jesus. Está em casa. Orar, falar. Rapaz, é uma escola. Escola. É uma escola.</p>	D B
--	--------

**5.4.6 DSC A+B+C: “Ter mais compreensão. Ser uma pessoa mais cumpridora da palavra, dos compromissos. Examinar antes da gente fazer algo ou da gente falar algo é muito importante, a gente aprende lá”**

<p><b>A ser uma pessoa melhor. <u>A ter mais compreensão</u>. Conversar com a minha família, com as pessoas que eu convivo no meu dia a dia; com as pessoas do próprio Núcleo da União do Vegetal. É isso que eu venho aprendendo. A ser uma pessoa melhor. <b>Uma pessoa um pouco mais correta</b>. Não vou dizer que eu sou correta, porque a gente é um ser humano; a gente tá sujeito a falhas. <b>Ser uma pessoa mais justa</b>, um pouco mais. <b><u>Ser uma pessoa mais cumpridora da palavra, dos compromissos</u></b>. Isso eu tenho, assim, porque, sempre que eu vou fazer algo, eu lembro de alguma coisa que eu aprendi lá. Será que isso tá certo? Isso que eu vou fazer. O que eu vou falar... será que tá certo? Então, essa capacidade da gente <b><u>examinar antes da gente fazer algo ou da gente falar algo é muito importante; a gente aprende lá</u></b>. Por isso que é uma escola de ensinar as pessoas a serem pessoas melhores. Então, <b><u>o que aprende mesmo é o que se pode praticar. Só mostra mesmo, assim, que se aprendeu o que se praticou</u></b>. E eu acho, assim, que principalmente o que eu mais precisava e o que eu venho precisando <b><u>é o bom trato com as pessoas</u></b>. É a maneira de ser. Às vezes, a gente acha que a gente é tratado de um jeito que não merecia, mas, se a gente for ver bem direitinho, você tá colhendo só o que plantou mesmo. Só olhar bem direitinho. É isso, sabe? É <b>a gente ter humildade para aprender</b> isso aí, para saber disso. E, assim, isso aí faz parte do que eu venho vendo; não sei se eu estou aprendendo, principalmente, assim, com os filhos, sabe? Meus filhos... a <b><u>convivência no lar</u></b>. Eu tenho um jeito... Eu gravei um vídeo e coloquei</b></p>	A + B + C B + C + A A + C + B B D B
--	--

lá o trabalho que foi feito esse final de semana; gravei e fiquei olhando o meu jeito; eu tenho um jeito de falar que é muito disciplinador, sabe? É muito doutrinador. E esse jeito sempre foi meu jeito. Eu que estou com esse tempo todinho, assim, na União, mas é porque, assim, imagine antes como não era? Só que eu não via. Agora eu vejo mais. Então, eu venho aprendendo a ser uma pessoa melhor.

**5.4.7 DSC A+C+D: “*Buscar o seu centro, buscar a sua essência. Entender o DNA dessa criação de Deus pra poder chegar até Ele. Na hora que a gente se coloca na mesma direção de Deus, a gente tem a mesma força Dele*”**

Para mim, a concentração ela tem uma raiz ligada no centro. É você **buscar o seu centro, buscar a sua essência**, sua origem, como eu estava falando de quem eu sou lá atrás. É saber quem eu sou lá atrás; aí, de certa maneira, é como se fosse percorrer o caminho de volta, que é o da re-cordação. Então, a gente precisa fazer isso, mas a gente não sabe nem as desse corpo atual. Então, é um processo muito extenso, que exige também **paciência e determinação**, e nessa hora que eu falei de quando você sai de um corpo pra depois ter que entrar no outro é uma hora muito importante de você fazer como o Mestre Gabriel falava: é importante a pessoa evitar desencarnar em acidente; coisas desse gênero, justamente para poder ser um processo construído. Quando ele tem uma orientação... O Mestre Adamir ele uma vez... eu vinha descendo do Núcleo, fui chegando ali perto da escola agrícola, aí ele contou como é que ele... como é que foi o momento que ele se lembra quando ele vinha encarnando. Ele disse que tinha, assim, como se fosse um túnel de luzes, assim, passando bem rápido ao redor dele. Ele falou numa conversa normal. Não foi numa sessão de mestres. Então ele falou num túnel, assim, bem rápido, passando bem rápido. Eu fiquei depois procurando ver o que era aquilo, esse deslocamento que ele fez no universo, que é um caminho imenso. E ele veio, e as luzes que formavam como se fosse uma chaminé é a trajetória circundada de astros ou de estrelas, e ele vinha passando, assim, quer dizer, eu busquei pra saber o que era que ele estava querendo dizer com aquilo. Talvez ele nem tivesse essa interpretação que eu tive, mas depois eu entendi. Então, é importante a gente entender todos esses processos, **entender o DNA dessa criação de Deus** para poder chegar até Ele, porque, se a gente não entender todo esse dinamismo, toda essa mecânica que movimenta as ideias desse Criador, a gente não chega até Ele. Entender; se colocar; como é que é para dizer: “O homem poder ser Deus”. Como é que o Mestre Gabriel disse isso? O homem pode chegar até ser Deus. Se ele quiser, ele pode ser Deus. **Na hora que a gente se coloca na mesma direção de Deus,**

A  
+  
D  
+  
C  
A  
+  
D  
+  
A



nesse caminho, a gente vem encontrando esse sentimento de servir ao próximo e aos demais presentes. Então, assim, eu venho aprendendo a tratar os meus irmãos; a tratar o meu irmão melhor. Ter paciência com eles. Venho aprendendo a me conhecer melhor, a conhecer a minha história como ser humano, a compreender que muitas coisas da vida a gente faz por não saber, eu e os outros, porque o Mestre diz que: “Quem sabe não faz errado!”. Que a pessoa, quando erra, erra porque não sabe. Então, é preciso que a gente compreenda isso **e que a gente ensine o que a gente sabe: como fazer certo! E nós, que sabemos fazer o certo, procurar fazer o certo.** Não tem sentido a gente saber que uma coisa é certa e não praticar o certo. Então, nós, que estamos à frente desse trabalho, temos que procurar sempre tá praticando o que é certo. E, se errarmos, entendermos também que faz parte da caminhada. Mas o que a gente vem procurando é fazer o certo. Eu venho aprendendo, **aprendendo o valor das pessoas, aprendendo o valor da União, aprendendo o valor da família, aprendendo o porquê de estarmos aqui.** O porquê de estarmos aqui. E aprendendo o que é, o que é ser “espírito”. **O que é o desenvolvimento espiritual.** Isso a gente precisa cada vez mais estudar para podermos entender a criação de Deus. Dentre as tantas coisas que Deus criou, nós somos uma dessas coisas criadas por Deus. Então, nós somos obra do Criador. E a gente procurar. A União do Vegetal ela nos dá a condição de chegarmos a conhecer o Criador e a Sua obra como um todo. Isso depende de muito tempo, mas não tenho pressa. **Também não adianta a gente ter pressa.** O que a União traz pra mim de grandioso é um **conforto** de saber que tem uma obra com essa dimensão que me atendeu e me **atende espiritualmente.** Porque eu buscava um lugar que me saciasse em termos de conhecimento espiritual. Minha formação de início foi católica; meus pais são católicos e, depois do catolicismo, eu não me encontrei em outras religiões; eu não me via em outras religiões. Passei um tempo estudando “estudos gnósticos”, mas também eu não encontrei ali o que eu estava buscando. E eu venho na União do Vegetal, graças a Deus, encontrando esses conhecimentos espirituais que eu venho trabalhando e fazendo por onde cada vez mais merecer as graças de Deus e me encontrar nesse lugar. E que a gente tem o Mestre Gabriel como nosso guia espiritual, que vem à frente dessa grande obra. Essa grande religião. Por isso, é importante também dá a oportunidade a outras pessoas a terem esse direito que a gente teve de beber o chá, beber o Vegetal, ter essas experiências interiores e, junto da gente, fazer um mundo melhor, trazer mais paz pra o mundo. Então, eu vejo mesmo é que eu estou aprendendo **que eu tenho muito que aprender. Eu estou aprendendo é que eu nada sei.** Quanto mais eu aprendo,

+  
B  
+  
A  
+C  
+  
A  
C+  
B  
+D  
D

D

A  
+  
B

+

C  
+  
D

A

<p>eu vejo o que eu tenho que aprender. <b><u>E eu é quem sei o tanto de coisa que eu já venci, principalmente dentro de mim.</u></b> Então, eu venho <b><u>aprendendo a ser uma pessoa mais resiliente,</u></b> sabe? <b><u>Ter mais resignação em relação a algumas coisas, paciência;</u></b> eu acho que eu tenho ainda pouco; é preciso ter mais. <b>Ter mais paciência.</b> Paciência <b>principalmente com as opressões do mundo.</b> É preciso a gente ter mesmo; primeiro eu acho que <b><u>essa coisa da espiritualidade a gente tem que saber que a gente não é muita coisa perante essa grandeza do universo.</u></b> Todos nós somos aprendizes. Então, o que eu tô <b>aprendendo é isso: é que eu sou um aprendiz.</b> Eu sou um aprendiz e tenho muito que melhorar ainda. Tenho muito o que melhorar. Então, assim, <b><u>graças a Deus, nós temos bons exemplos a seguir,</u></b> por isso que esse trabalho de formação é um trabalho importante, porque, olhe, o Mestre Gabriel é um formador. Para doutrina dele, ele é um formador. Então, para mim, é um bom exemplo de um homem simples, que não tinha essas “intelectualidades”, mas que muitos doutores tiraram o chapéu pra ele, e eu tiro o chapéu pra ele, porque ele conduziu, assim, a família dele e conseguiu construir toda essa instituição de uma forma bem simples mesmo, sem precisar desrespeitar ninguém, oprimir ninguém. Então, é um formador; <b>para mim, é um professor o Mestre Gabriel, e eu sou um aprendiz. Eu sou um aprendiz. Algumas coisas ele é quem sabe se eu já aprendi, mas eu sou um aprendiz.</b> E estamos todos aprendendo aqui. <b>aprendendo a me conformar com aquilo que eu não posso mudar, mas procurando mudar aquilo que esteja no meu poder;</b> fazer, entende? Desde as coisas mais simples. Desde o jeito de me vestir, do jeito de falar, do jeito de silenciar, dos livros que eu leio, dos filmes que eu assisto, por onde eu ando, com quem eu me acompanho, <b><u>eu procuro racionalizar,</u></b> sob o ponto de vista espiritual, a vida que eu tenho vivido, porque aí, diante disso que eu falo, que a gente tem que <b><u>ter um comportamento prático.</u></b> Eu não quero frutos imediatos. Eu sei que esses frutos podem chegar hoje, mas eu estou plantando para a eternidade, porque eu já não duvido mais da existência de Deus, da <b><u>presença de Jesus no coração da gente.</u></b> Eu não duvido mais da imortalidade da alma e da reencarnação. Então, com todo esse aparato tecnológico, eu ainda continuar me batendo, repetindo os mesmos erros do passado, não sabendo perdoar, aguentar. Tem que amaciar no peito; <b><u>a vida que a gente vive tem que ser amaciada no peito.</u></b> Aí diz assim: “Não sofre mais? Sofre”. Aí Jesus diz: “Meu fardo é leve; meu jugo é suave”. Então, é diante disso, pela força da doutrina do Mestre e pela história dele, pelo exemplo que ele nós dá, que isso se facilita para a gente viver. Não é simples, mas não é impossível. Então, uma das coisas muito importantes que eu vejo, assim, que o</p>	<p>A + C + B + D D D + A + B + C A + C + D + B B</p>
---	--

Mestre ele traz pra vida da gente **é uma condição maior de equilíbrio**, sabe? Da gente perceber e **buscar nos momentos difíceis da vida ter mais resistência, ter mais força, ter mais paz, serenidade dentro da gente, ter uma confiança maior em Deus, no Sagrado, no tempo** ou, muitas vezes, naquilo que a gente não pode mudar, mas ter a capacidade de **compreender mais as coisas da vida**. Eu passei alguns momentos na União do Vegetal por perdas, assim, muito difíceis. Na minha família. Eu me lembro que eu estava no hospital quando papai faleceu, aí Rosiane chegou pra mim e teve uma hora que ela veio conversar comigo; aí disse: “Oh! Você sabe a responsabilidade que você tem com sua família agora, porque você é a pessoa que hoje tem acesso a um conhecimento espiritual e tudo”. E eu senti aquilo, de certa forma, com um peso mesmo, assim, de **buscar em mim um equilíbrio e de auxiliar minha família**. E eu vejo que isso, assim, foi um aprendizado muito grande, porque eu pedi muita força ao Mestre, e ele foi me auxiliando em muitas coisas. Então, assim, são muitos os aprendizados. São muitos os aprendizados que a gente vê que vêm se somando. Tudo isso que a gente passa a ser na vida da gente, no que a gente é, no que a gente pode, tem **essa capacidade de mudar e de se trabalhar em situações que a gente pode ser melhor, que a gente pode crescer mais**. É mais nesse sentido mesmo, e eu vejo que, graças a Deus, assim, seria bem diferente se a gente não tivesse essa orientação na vida da gente. A gente olha pra trás, e eu fico vendo, quando eu cheguei na União do Vegetal, como é que eu era. Com meu tipo mesmo: assim, cabeludo, barbudo, maluco e tal. Eu digo: “Rapaz!”. Aí eu me vejo hoje como é que as pessoas me veem. Rapaz, é muito gratificante as pessoas dizerem... Eu fico, às vezes, pensando, assim: “Rapaz, **como é que esse Mestre é milagroso mesmo**”, sabe? Porque quem era que ia **dar um crédito de confiança** pra mim na década de oitenta do jeito que eu era doido. Quem era que ia dá? Quem era que ia dá? E hoje, de vez em quando, a gente ouve uma pessoa, aí a pessoa vai e diz: “Mestre, o senhor lembra disso assim, assim e assim que o senhor me fez? O senhor me aconselhou e eu estava passando por uma situação assim, assim, assim”. “Olhe, rapaz, aquilo ali eu num lembro. Eu não lembro daquilo. Aquele momento eu simplesmente estava ali pra **amparar, acolher e atender** na medida da minha condição, da minha possibilidade”. Mas, assim, depois de muito tempo, a gente ouvir isso aí... sabe o que representa pra mim? **É o Mestre Gabriel que está fazendo o trabalho dele comigo**. Então é isso: eu estou aprendendo a **ser mais amigo. Ser mais paciente. Ser mais compreensivo. Desenvolver mais humildade**. Mais humildade, porque isso aí é uma das coisas que afetam muito, atrasam muito a evolução espiritual. A pessoa ter humildade mesmo pra reconhecer

C  
+  
B  
+  
A  
+  
D  
  
B  
+  
  
A  
+  
C  
+  
D  
  
D  
+  
  
B  
+  
D  
+  
B  
+

<p>as coisas, o tamanho dele mesmo. Então, é uma coisa que eu venho me cobrando muito, <b><u>buscando muito dentro de mim, assim, é eu ser eu mesmo, do jeito que eu sou</u></b>, do tamanho que eu sou, e ter humildade pra, a partir disso aí, dizer: “Olha: eu sou desse tamanho, mas <b><u>eu quero crescer</u></b>. Então, o que é que eu preciso fazer pra crescer? Eu preciso fazer isso, isso e isso”. Então, <b><u>eu tenho essa busca</u></b> e nem sempre é tão fácil, assim, a gente vencer algumas limitações da gente, mas, assim, é bom quando a gente vê que a gente conseguiu a coisa.</p>	<p>A + C</p>
---	----------------------

### 5.5 Como foi (e está sendo) o seu processo de transformação nessa escola?

Como respostas ao questionamento acima, obtivemos: **DSC A+B+C**: *“Procurando ver como é que tão meus pensamentos, sentimentos, e o que eu posso fazer”*; **DSC D+C**: *“Se a gente conseguir, no dia que a gente precisar se despedir desse local, se a gente se despedir bem, é porque a gente já caminhou bastante”*; **DSC A+D+C**: *“Foi eu me reconhecer que eu não tinha mais jeito e que eu só tinha uma chance. Era me entregar mesmo ao Mestre, confiar e fazer o que tinha de fazer, e venho fazendo até hoje”*; **DSC A+B+C+D**: *“Então, eu procuro dentro de mim isso que eu chamo de vibrar para o bem. É amar, ter a verdade do amor como prática de vida. É uma grande estrada, aí o Mestre vai conduzindo o barco, e a gente vai auxiliando no que é possível”*.

#### 5.5.1 DSC A+B+C: *“Procurando ver como é que tão meus pensamentos, sentimentos, e o que eu posso fazer*

<p>Como foi e está sendo o meu processo de transformação? Uma pergunta que parece tão simples. É interessante isso, porque, assim, em si tratando mesmo da burracheira, quando eu comecei a ter burracheira e ver as coisas, a gente passa muito tempo mirando. São fases. Mirando, vendo coisas bonitas; os encantos e tudo. Mais na frente, a gente já começa, pelo menos foi assim comigo; eu, às vezes, via muito o outro, especialmente minha companheira. E aí depois <b><u>eu vi que eu tinha que virar aquele holofote para mim nesse processo</u></b>. Então, tudo isso são fases, aí comecei a entender que <b><u>eu tinha mais coisa para melhorar do que eu imaginava. E aí começa esse trabalho de lapidação</u></b>. E no início eu senti mais rápido. Algumas coisas a gente chega na União do Vegetal com alguns vícios, como fumar, beber e outras coisas, e aí a gente <b><u>para de fumar e de beber e acha que se transformou</u></b>, mas esses são os vícios mais fáceis. <b><u>Aí, quando chega nos sentimentos, essas coisas de</u></b></p>	<p>A + C + B</p>
---	----------------------------------

mágoas, ciúme, inveja, a gente vem trabalhando isso aí. Esses, aos poucos, a gente vem modificando as nossas reações, a maneira de agir perante o mundo, perante as pessoas; devagarzinho a gente vem se melhorando. Essa transformação, na verdade, quem vê a transformação da gente são outras pessoas. Minha esposa diz que hoje eu sou uma pessoa melhor do que a pessoa com quem ela se casou. Isso é legal pra mim, sabe? Ela tá vendo uma coisa melhor, e eu acho que ainda sou aquela mesma pessoa de alguma maneira. Na personalidade, mas ela vê que..., ela me disse isso um dia desses, sabe? E quem vê essa transformação são as pessoas; é uma transformação lenta, mas existe. Existe. Quem bebe aquele chá é “brabo” para se desenvolver intelectualmente, espiritualmente e moralmente. E depois a gente vai caminhando e vai vendo, assim, que o trabalho é constante, contínuo, e é muito fino. É uma peleja, assim, muito fina que a gente precisa tá atento e tem coisas que a gente não tem, assim, condição nem de saber que tem aquele defeito. Só com o tempo é que o nosso preparo emocional nos dá o direito de reconhecer aqueles defeitos que a gente, quando chega na União do Vegetal, pensa que a gente não tem. Eu acho que é por aí, sabe? Às vezes, assim, algumas pessoas chegam na União cheias de defeitos e mudam. E outras chegam na União do Vegetal achando que são perfeitas e também mudam. Então, é muito, muito relativo, assim, pra cada pessoa; a caminhada ela é muito única. Então, a gente vem melhorando os pensamentos e o coração. Aprendendo a não ter mágoa. É especial isso. Não ter raiva. Raiva é uma coisa que não é muito bom. Então, eu vejo uma transformação em mim. Aprender a viver com as pessoas, principalmente nesse momento que eu estou passando. Eu tenho que aprender a viver com as pessoas. Então, eu estou numa aprendizagem e estou tendo um bom retorno. Não estou totalmente ainda, mas estou tendo um bom retorno no sentido dessa aprendizagem. Mas aí, dentro dessa caminhada, eu fui chegando também nos lugares e aí aumenta a responsabilidade, mas a caminhada ela é essa mesma: é a gente ter coragem de se ver, de se olhar, ter tranquilidade e procurar sinceramente se transformar. Uma coisa que eu venho examinando constantemente: o que é que eu já transformei; o que é que eu já tenho de melhor; e o que é que eu ainda tenho pra trabalhar. E tenho um tanto de coisa para trabalhar. Cada coisa que a gente for fazer hoje a gente fazer melhor que ontem e amanhã melhor que hoje. Consciente que essa transformação ela é lenta mesmo, mas ela acontece porque, quando eu vejo como eu cheguei, hoje eu já sinto que eu melhorei um pouco. Aí, daqui a dois anos, eu estou melhor; daqui a quatro, eu tô melhor ainda; só vai depender do meu esforço. Mas a

+  
C  
+  
B  
+  
A  
+  
C  
A  
+  
D  
+  
C  
A  
+  
B  
+  
C  
+  
C  
+  
A  
+  
A  
+  
B  
+  
B  
+  
C  
A  
+  
B  
+  
C  
A  
+  
C  
+  
C  
+

caminhada é essa. A gente chega e vai se encontrando com a gente mesmo, e suando a camisa. O importante é, assim, a gente saber que não é assim: “Ah! Cheguei naquele ponto; já tá bom!”. Não! Pra mim é uma coisa constante. Então, veja, por exemplo, essa coisa da paciência. Aí eu digo assim: “Perdi a paciência!”. Não se perde o que não se tem. Tá sujeito a gente ter a tolerância e, às vezes, perder a tolerância. Que a paciência é outro grau. E eu venho aprendendo que existe uma diferença muito grande entre tolerância e paciência. Então, é o que eu já melhorei? Uma parte as pessoas dizem pra mim e eu examino pra saber se realmente eu melhorei no que dizem a meu respeito. É quando falam, assim, que eu sou uma pessoa que, quando eu procuro um trabalho, eu me proponho a fazer o meu melhor. Isso é uma coisa que é minha mesmo, de mim, mas aperfeiçoei lá, com as ferramentas que o Mestre me deu, que lá ele nos dá as ferramentas pra gente se aperfeiçoar e outras pra gente trabalhar do zero; aquilo que a gente não tem. É construir. É, meu amigo, não é moleza, não. Que esse lado sombra é que precisa ser desenvolvido para ser tudo luz. Para se precisar ser efetivo mesmo. E aí eu venho procurando aprender, porque esse meu lado sombra ele reconhece que ele não é, mas ele quer chegar e ser, sabe? Se eu chego num lugar, eu sinto que tem pessoas que são tão bem recebidas e assim: Oxente! Quando eu chego, eu sinto que não tem isso. Assim é o meu pensamento. É o meu sentimento. Eu acho, assim: rapaz, as pessoas chegam, eu levanto e falo; às vezes, eu chego num canto, a pessoa nem se levanta. Isso, pra mim, é muito forte. Isso, pra mim, já foi mais, antes de saber disso. Eu disse: “Rapaz!”. É só você não receber; a gente não sabe qual o problema que as pessoas têm. Se a pessoa tratou você direito ou assim. Então, hoje em dia estou procurando não doer, não sentir, não receber, sabe? E entender também que a pessoa colhe o que a pessoa planta. E assim, olhar menos o jeito das pessoas serem, porque aquilo que mais tem na pessoa que incomoda na gente é porque também a gente é daquele jeito. Então: eu mesmo, como é que eu sou? E também não ser a peneira fina dos outros, pra também não passar pela mesma, porque uma coisa, assim, que eu sei que, às vezes, eu olho as pessoas, mas também eu num deixo de me ver, não. Aí eu estou procurando, assim, nesses momentos, assim, também ter mais gentileza. Ver como é que eu chego. Ter mais gentileza com as outras pessoas, pra também aprenderem a ser mais gentil comigo. Por aí que eu estou procurando ver isso. A ser uma pessoa mais amiga. A ser uma pessoa mais próxima das pessoas, pra poder ter capacidade de auxiliar dentro das minhas condições. E, dentro das minhas condições, eu poder auxiliar as pessoas. O que é dentro das minhas condições?

A  
+  
C  
+  
BA  
+  
C  
+  
C  
CA  
+  
C  
+

B

B  
+

C

+  
A+  
B  
+  
A  
+  
BB  
+

C

Porque é aquela coisa: eu tô construindo algumas coisas pra mim, então eu não posso só esquecer que eu que sou um ser humano, que eu tenho minhas buscas também, que **eu preciso construir, que a salvação é algo individual**, mas que a gente pode auxiliar as pessoas também a fazer suas buscas também. A chegar nos objetivos que as pessoas, às vezes, não visualizam; não sabem. Por exemplo: Pronto! Cada sessão que acontece e cada momento de convivência em grupo, como também cada **momento de convivência de trabalho e com a família, são momentos de aprendizagem**, de crescimento, de transformação. A gente **aproveitar cada momento da vida; não desperdiçar tempo**. Isso é o que a gente vem aprendendo na União do Vegetal. A gente já aproveitar melhor esse nosso tempo de vida pra gente ter como o **objetivo principal a nossa salvação**. A gente procurar levar uma vida sempre buscando esse objetivo. Então, o processo de transformação é a gente ver como é que tá e **procurando ver como é que tão meus pensamentos, sentimentos, e o que eu posso fazer**, sabe? **Melhorar meus pensamentos e sentimentos**. Quantas pessoas, às vezes, perdem a esperança de algumas coisas? E é uma coisa que eu sempre tive em mim e só melhorei: uma coisa chamada otimismo; não tem quem me derrube com relação ao **otimismo**. Pode ser o momento mais difícil, às vezes, eu vejo as pessoas cabisbaixas, desanimadas; eu digo: **“Olhe: não perca de vista a esperança**, porque é algo que a gente não pode perder”. O otimismo de acreditar que tudo que você tá passando hoje... amanhã é um novo dia. O Sol vai raiar e tudo pode ser diferente. Eu te falei aqui de um momento bem triste que eu passei. Então, essa escola ela é isso para mim: foi um processo. **Hoje eu não estou mais vivendo aquela tristeza, está entendendo?** Então, esse processo de transformação, só estou dando um exemplo disso aí, que é uma coisa que passou. O processo de transformação interno é **a gente reconhecer que realmente nós somos seres humanos sujeitos a falhas**. Temos as nossas virtudes, precisamos vê-las também, tá? E esse processo de transformação é um processo que eu tenho que **saber lidar com a dor e ver a alegria**. Ver a alegria. **Ver que o mundo não é feito só de dor nem só de alegria**. Tem hora que é uma coisa ou é outra, e a gente está dentro desse processo, e é **preciso a gente viver com resignação** cada um dele. Então, eu tenho isso aí; algumas pessoas já me disseram. **E alegria. Eu me alegro com as conquistas das pessoas; com as minhas quando eu conquisto**, aí eu lembro de uma pessoa amiga, aí eu falo algo: “Olhe! Conquistei isso, isso... Ai que legal. Também quero que você conquiste também. Quero que você busque conquistar o que é que você quer pra sua vida!”. E me alegro com as coisas do cotidiano das pessoas; a gente ri. Então, eu sou uma pessoa alegre. É uma coisa

+  
A  
+  
B  
+  
C  
+  
A  
D  
A  
+  
B  
+  
C  
D  
B  
A  
+  
B  
+  
C  
+  
B

característica de mim, da minha família, na realidade; minha mãe era desse jeito; meus irmãos são. Eu tenho um sobrinho que ele é muito gaiato, então acho que é de família. Tem uma frase que o meu pai falava: “Na vida, é preciso a gente saber sofrer e aprender a viver”. Então, assim internamente, pra dizer assim dos meus processos internos de transformação e do quanto que **eu aprendi a viver com o sofrimento que eu consegui transformar.** Entendeu? Essa coisa **da resiliência, de transformar.** Então, com esse auxílio que eu tive aqui, também nessa escola, esses **momentos que a gente tem de reflexão,** que quem sabe é cada um de nós. Você pode ir pra uma banca de doutorado e falar pra todos eles – eu já fui também; num fui pra de doutorado ainda não, mas já fui pra uma banca e falei sobre o Vegetal. Eles podem ter uma ideia. Podem ter uma ideia. Essa daí você pode deixar [risos]. Você pode ter uma ideia; todos eles vão ter uma ideia, mas eles jamais vão saber viver o que eu vivi e o que você vive ou o que os sócios da União vivem. Então, esse processo de transformação interna meu, de uma dor profunda que eu vivi. Eu vivi uma dor profunda que foi a perda do meu pai. Quando eu perdi meu pai, que eu tinha uma ligação muito forte com ele, eu fiquei sem chão, e ali foi um sofrimento muito grande. Eu até acho que todo sofrimento que vier pela frente é menor, que eu espero que não venha. Mas os que vieram desde que ele morreu foram pequenos. Que eu tinha uma ligação muito forte com ele, e aquela presença dele era bem marcante em mim, mas eu passei. Eu, desde criança, imaginava um dia que meu pai morresse e eu sofria. Eu me lembro... eu tenho umas recordações de criança que eu me lembro. Eu tinha certeza absoluta que eu não ia me conformar quando meu pai morresse e, quando meu pai morreu, **eu me conformei.** Não é uma transformação interna? Como é que isso aconteceu? Como é que isso aconteceu? Tá. Então, assim, como é que isso aconteceu? Eu volto para aquela pergunta; o encanto. **O encanto que o Vegetal ele fez dentro de mim** e a compreensão também não é uma coisa, assim, de encanto, só abstrata; é o encanto do efeito e da busca espiritual, mas é também a doutrina dentro de mim dizendo que **a morte não acaba aqui.** Essa é uma certeza que eu tenho, entendeu? Então, assim, com isso, eu bebendo o Vegetal e eu ouvindo aquela doutrina, aquilo foi acalmando mais meu coração. Eu tô falando, assim, bem interno meu mesmo; coisa assim bem interna. Então, isso eu considero que, pra minha vida, é um auxílio; eu consigo e meus botões, como diz, tá?

B  
+  
C  
+  
AB  
+  
C  
+

A

D

5.5.2 DSC D+C: *“Se a gente conseguir, no dia que a gente precisar se despedir desse local, se a gente se despedir bem, é porque a gente já caminhou bastante”*

<p>É o seguinte: eu posso te dizer, que uma coisa que <b>eu quero aprender bem é me preparar pra quando um dia eu precisar sair daqui, desse plano; eu procurar sair bem; sair tranquilo; sair sabendo pra onde eu estou indo; sair sabendo que venho; ter certeza que venho.</b> Isso, pra mim, na União do Vegetal, é o maior ensino; pra mim, é o maior ensino. <b><u>Se a gente conseguir, no dia que a gente precisar se despedir desse local, se a gente se despedir bem, é porque a gente já caminhou bastante.</u></b> É sinal que a gente aprendeu um tanto. Tem um mestre antigo, não sei qual é deles, que diz que a gente tá na União do Vegetal pra <b>“aprender a morrer”</b>. Então, eu não digo com essas palavras, não, mas eu acho que é um patrimônio se a gente, na hora que a gente... consegue tá preparado, e isso é possível. Por que é possível? Porque tem exemplo de mestre; já o Mestre Adamir esteve... na hora de entrar pra ser atendido por um médico, tinha uma senhora mais jovem com uma dificuldade menor do que a dele, mas ele deu o lugar a ela pra ela passar. Mestre Gabriel, sabendo o que é que estava acontecendo, o Mestre Florêncio rindo e brincando. Então, é uma escola que, quando ela consegue ensinar esse legado, é porque já ensinou muito mais coisa. Então, assim, eu venho é me situando na União do Vegetal, <b>procurando saber o que é que a União do Vegetal quer de mim, o que é que o Mestre quer de mim e o que é que eu posso fazer por mim e por ela.</b></p>	<p>C + D  D + C             D + C</p>
---	---

5.5.3 DSC A+D+C: *“Foi eu me reconhecer que eu não tinha mais jeito e que eu só tinha uma chance. Era me entregar mesmo ao Mestre, confiar e fazer o que tinha de fazer, e venho fazendo até hoje”*

<p>O meu processo de transformação <b><u>foi eu me reconhecer que eu não tinha mais jeito e que eu só tinha uma chance. Era me entregar mesmo ao Mestre, confiar e fazer o que tinha de fazer, e venho fazendo até hoje.</u></b> Até o tempo que eu ainda tiver nesse chão aqui, eu quero fazer isso aí. E aí, <b>me dedicando aos trabalhos, me dedicando a aprender, a aprender os ensinios,</b> às vezes, em alguns momentos, fiz até algumas coisas que eu não estava podendo na minha condição, mas até isso aí também me ensinou, pra gente ter <b>humildade, pra gente reconhecer o momento de cada coisa, a condição da gente.</b> Então, pra mim, foi valioso. Para mim, foi muito <b>valioso</b> eu passar por algumas coisas que eu passei nessa <b>caminhada.</b></p>	<p>A + D + C + A  D + A + C</p>
---	---

**5.5.4 DSC A+B+C+D: “Então eu procuro dentro de mim isso que eu chamo de vibrar para o bem. É amar; ter a verdade do amor como prática de vida. É uma grande estrada. Aí o Mestre vai conduzindo o barco e a gente vai auxiliando no que é possível”**

Quando eu cheguei na União, eu imaginava que, no dia seguinte, eu já estava quase santo. <b>A gente pensa que o processo de transformação é uma coisa rápida e, com o tempo, a gente percebe que não é assim.</b> Dentro da nossa formação de espírito, criação de gente, a gente tem uma história muito longa. Então, a gente vem de eras; remotas eras, desde há muito tempo, e a gente tem uma história longa, que <b>não dá pra gente, ao cabo de uma vida, já transformar tudo, mas eu sinto pequeníssimas, minúsculas mudanças,</b> que a União do Vegetal vem me proporcionando. <b>São pequenas, minúsculas mudanças, mas de um significado muito grande pra minha vida, e que eu percebo com uma lupa [risos],</b> e o Mestre dizia assim: <b>“Quem percebe quem nós somos é quem tá do nosso lado, a companheira da gente”.</b> Às vezes, a gente pensa que não aprendeu nada, que não sabe de nada, mas a gente sabe, no nosso interior, que coisas que a gente fazia antes que hoje a gente não tem como nem por que fazer; não fazem mais sentido fazer. Então, <b>é uma transformação pequena, lenta, mas acontece. <u>A primeira transformação é no querer essa transformação; é reconhecer o nosso tamanho no mundo; reconhecer que nós somos seres pequenos e quem é grande é Deus.</u></b> Então, reconhecer de coração que tá tudo na mão do nosso grande Pai Verdadeiro, nosso Pai Superior. Então, esse trabalho de reconhecimento de que ainda somos bem pequenininhos nos auxilia a trabalhar com tranquilidade nesse caminho, nessa vida. <b>Às vezes, a gente... sujeito um momento ou outro a gente esquecer.</b> Então, <b>se a gente esquece, a gente volta de novo pra tal canto e dá sequência. Caminha.</b> Uma coisa boa também que eu aprendi é que – venho aprendendo – todo dia é dia da gente recomeçar; todo dia é dia da gente ter um recomeço. O Mestre Gabriel ensina que: “O errado é o ‘morto’ e o perdão é a salvação!”. Então, isso serve tanto pra nós como pra outras pessoas; é a gente entender que, por sermos humanos, estamos sujeitos a cometer erros, mas <b>esses erros que estamos sujeitos a cometer eles fazem parte do caminho da aprendizagem.</b> Então, a gente não precisa ficar parado naquilo. <b><u>A gente observa a lição, procura aprender com ela. Dói!</u></b> Muitas vezes, porque <b>nós temos sentimentos, temos o coração e sentimos,</b> sentir é normal. A União do Vegetal foi dito que é a <b>“religião do sentir”.</b> Então, podemos sentir; o que nós <b>não podemos,</b> não devemos pelos ensinamentos de <b>Jesus, é criar,</b> digamos assim, <b>sentimentos que não sejam</b>	A + D + C + B  D + C + A  C + A + B  + D + B +
---	--

<p><b>bons no nosso coração. <u>A gente pode sentir e procurar desenvolver em nós o perdão.</u></b></p>	C
<p>Tanto em nós como em outras pessoas que, por acaso, façam algo que a gente não gosta ou que venha, digamos assim, nos ferir. E a gente tem o grande exemplo do Jesus, o próprio Mestre, que estendeu a mão para as pessoas. <b>E tudo é esse caminho de aprendizagem.</b></p>	
<p>Então, o que eu venho aprendendo é isso. <b>É que tem o nosso Pai Verdadeiro, que tá no céu, e que Ele tem um destino próspero para todos nós. Os ensinamentos de Jesus, os ensinamentos de São Francisco, desses grandes mensageiros de Deus que tem aí.</b> O ensino do Mestre Gabriel, que ele veio trazendo numa linguagem mais acessível, no “caboclês”, que é para a pessoa entender direitinho. Ele veio trazendo, ensinando, como ele mesmo diz: “O mistério das palavras, que pode atropelar uma pessoa”. Traz numa linguagem bem compreensível do caboclo para o doutor; ainda traz um chá que é para clarear. E, dentro dessa palavra, o Mestre Gabriel diz assim: “Tudo vem pela palavra”. Então, assim eu percebi que, <b><u>se tudo vem pela palavra, não é quase tudo; é tudo.</u></b></p>	D
<p>Então, tudo o que for ser transformado, que merecer ser examinado, que merecer ser transformado, precisa que as palavras intercedam qualquer ação, qualquer pensamento. <b><u>Embora a gente possa pensar pra depois falar, mas aí a palavra pode modificar o pensamento se a gente souber expressar de um jeito</u></b></p>	A
<p><b><u>correto.</u></b> Então, esse cuidado com a palavra ele é essencial na caminhada. E uma das coisas que eu hoje eu venho procurando fazer, assim, trabalhar em mim, é procurar <b><u>trabalhar essa coisa do orgulho e desenvolver mais humildade,</u></b> porque no processo de construção da minha personalidade foi que eu fiquei, assim, um pouco, com muita empáfia de achar que eu tinha capacidade pra isso, pra aquilo e tal, e eu realizava e fazia. E aí tem horas que a gente precisa ser mais ponderado nas coisas, sabe? Num querer, às vezes, resolver tudo na hora que a gente quer. <b><u>Esperar o momento das coisas, o mistério se apresentar pra poder resolver dentro da força da natureza. Aí e deixar se entregar a essa energia</u></b></p>	A + C
<p><b><u>divina,</u></b> em vez de querer criar força e esquecer a força criadora. Aí isso aí é uma coisa muito fina e que precisa para as pessoas que têm mais capacidade empreendedora, têm mais dinamismo; elas precisam aprender a esperar esses momentos. Às vezes, a gente quer <b><u>planejar</u></b> tudo na vida da gente; a gente, às vezes, planeja uma coisa pra daqui a 20 anos e a gente não é dono nem do dia seguinte nem do segundo seguinte. Então, <b><u>aprender a encontrar o equilíbrio entre uma coisa e outra.</u></b> Então, assim, <b><u>buscar ser humilde</u></b> hoje é um desafio que <b><u>eu mudei bem pouquinho, mas bem pouquinho dentro disso aí.</u></b> Mas foi bem pouquinho mesmo, porque, se eu encontrar, assim, uma pessoa que me cutuque, eu já fico querendo inchar do lado de cá, e aí isso não é legal, sabe? E <b><u>eu não preciso tá</u></b></p>	D + C
<p></p>	D
<p></p>	A + C
<p></p>	D + C
<p></p>	A + C
<p></p>	D + C
<p></p>	B

<p><b>demonstrando nada pra ninguém</b>, porque, no dia da pessoa chegar no dia de ir “simbora”, tudo isso aí perde o valor. Então, não é pra isso que a gente tá aqui. É pra fazer esse trabalho e <b>essa poagenzinha fina que “encascora” na pele; pra sair, não é com todo sabonete que sai, não. Tem hora que é preciso sair com lixa.</b> Aí a gente tem que saber sentir dor em alguns momentos, mas <b>confiando que tem um Mestre que tem um Deus</b> que está ali do lado da gente, para, na hora que a força não for tanta, a gente pedir socorro, que a gente pedindo vê a história, a chamada da Minguarana. <b>A gente pode pedir as coisas; com licença de Deus, a gente pode chegar aonde a gente quer chegar</b>, pra não extrapolar, pra não achar que é uma coisa, pra não achar que é isso outro. Grande mesmo só o Mestre Gabriel. Como diz uma chamada do Mestre Roberto Souto: <b>a chave é a humildade.</b> A chave é a humildade. <b>Cada um sabe o seu lugar como é que é; como é que deve se conduzir.</b> Isso também é um aprendizado contínuo. A pessoa pensa que já tá sabendo, aí, quando vê, tem mais e tem mais. Rapaz, isso aí e a responsabilidade vão aumentando. <b><u>Agora que o negócio... O conhecimento pelo conhecimento... é praticar e ter noção do que é mesmo pra poder auxiliar a obra do grande Mestre.</u></b> É como eu vejo e venho pelejando para cumprir com o meu dever, porque, rapaz, de repente a pessoa entender mesmo, assim, a dimensão, a grandeza do que é mesmo a União do Vegetal; a gente estudar isso aí. <b><u>Estudar sempre</u></b> que tiver uma oportunidade; tiver numa sessão, aí entender mesmo o que eu falei. <b><u>Mas a relevância mesmo é a prática, a transformação pessoal.</u></b> Como tem lá no código de ética: “Podemos ser julgados por todos, mas não podemos julgar ninguém; podemos ser censurados...”. Isso aí é que é o grande lance: “Se nos ofendermos...”, então, não tem como eu me ofender. <b><u>Não posso ser receptor. Receber e “pischi”; entrar naquela mesma energia.</u></b> Então, aprender isso aí. <b>Procurar praticar isso aí. Sem pressa, devagarinho</b>, também que, às vezes, a pessoa diz: “Não. Não tem como. Não sou sangue de barata. Como é que eu vou levar num sei o quê, e tal, e tal”. Quer dizer, <b>é examinar isso aí.</b> O que é que isso aí está dizendo? O que quer dizer mesmo? <b>Em que situação se aplica?</b> Então, estudar, como falou, <b>não tem fim; é estudar.</b> Mas se aplica nisso; se aplica naquilo. Como é isso aqui, não, mas isso aqui é assim, então tá aí pra gente estudar; é a escola mesmo pra gente aprender. Como é mesmo? O que é que quer dizer realmente isso? Funciona mesmo isso? Aí é que a pessoa vai entendendo que <b>só tem como transformar a si mesmo; o “caba” chega anda leve;</b> tira o peso de ficar ali: “É que aquele fulano é num sei o quê? Num sei o quê?”. Chega o “caba”, <b>quanto menos julga, menos peso</b>, mais peso tira das costas, que não tá mais julgando, não tá... quando o caba julga: o pesão! [risos]. Aí</p>	<p>+ A + D + D D + C + A + C + D A + C + + B + C + A + C C + A</p>
---	--

fica com inimizade, com rancor, com aquilo, com aquilo outro, chega vai andando corcunda. Aí o cara vai... é o lance da inteligência. **Inteligente é esse aqui, que segue seu caminho tranquilo, procurando se transformar, e aquilo irradia.** Aquilo irradia. **A paz irradia.** Você vê, quando chega uma pessoa aqui, um Mestre Paixão daquele. Chega irradia; chega a pessoa vê o semblante. Chega é diferente quando vê o “caba” que chega no meio. É procurar isso. Essa transformação pessoal. Como diz o Mestre Gabriel: “Os mistérios não têm fim”. E como ele disse: “No fim dos mistérios, os mistérios não têm fim”. E, considerando que **cada um é um mistério pra si mesmo, é um processo contínuo**, você pensa que tá como quem vai no mar. Vai nadando, nadando, “quando pensa que não”, lá vai a linha do horizonte, aí você chega na linha, onde você tá vendo, mas tem mais pra frente. É um processo contínuo. **Sempre tem o que melhorar; sempre tem o que transformar até chegar. E sempre, “só através da ordem e da doutrinação reta”. E sempre precisa da orientação. Está ligada na orientação. O processo de transformação é chegar e manter**, “eternamente”; esse eternamente tem algumas interpretações. Mas todas elas são uma continuidade **até chegar na “cientificação”,** até lá, é peleja, peleja, peleja. **Um dia, penso que eu já estou bem melhor; outro dia, descubro que tem muita coisa pra melhorar, e assim eu vou me descobrindo a cada pouquinho, devagar.** **Eu acho que o Mestre é muito compreensivo com a minha pessoa**, eu me sinto, assim, eu recebo as coisas de ensino, o Mestre chega pra mim em forma de conselho. Eu procuro fazer de um jeito que eu receba conselho e saiba transformar como conselho. Então, é assim que eu estou sendo sempre aconselhado e **ampliando o meu grau de compreensão, ampliando.** **Mas quem é Deus? Quem é o Mestre Gabriel? Quem é Jesus? E o que faz na minha vida a transformação? Quem é a Virgem Maria?** Que é uma que eu antes eu era próximo, hoje eu sou devoto mesmo. Devoto de Nossa Mãe. Mãe Maria. E, assim, eu estou é aprendendo a ser mais religioso. Cada vez mais. E **aprendendo um pouco o que é o amor**, porque a gente pensa que sabe o que é o amor. **Eu descobri que a gente está aqui pra aprender a amar, não é pra ser amado. Para ser amado também, mas é fundamental aprender a amar.** E isso é o que eu venho aprendendo: **aprendendo a amar. Devagarinho e chegando a saber o que é o símbolo: “Luz, Paz e Amor”.** Em mim, na minha compreensão, no meu espírito, **pra poder um dia ir me salvando. E vou fazendo, pelejando pra ir me salvando das coisas que precisam salvar. O grande aprendizado é aprender a conviver**, respeitar. A pessoa chega **nos graus** da União, nos graus de hierarquia, **umenta a responsabilidade**; tava no quadro de sócios, aí chega no quadro no

A  
+  
B  
  
+  
  
D  
+  
A  
  
C  
+  
A  
+  
D  
  
A  
+  
B  
+  
C  
+  
D  
  
D  
+  
  
B  
+  
C  
+  
B  
D  
+  
C  
+  
A  
+  
B  
D  
+  
C

corpo instrutivo, já é uma responsabilidade a mais da maneira de se conduzir, porque tem a União do Vegetal, onde você é sócio na União do Vegetal. Aí você vai..., eu me lembro assim, fazendo um parâmetro. Existe o Estatuto dos Servidores Cíveis da União. Quando a gente vai estudar pra concurso, tem lá. Estatuto dos Servidores Cíveis... tem lá: deveres do servidor público: cordialidade. Está tudo lá. Você encontra com um servidor que chega e lhe trata mal no balcão de atendimento; ele tá descumprindo; talvez ele nem saiba, mas ele tá descumprindo o dever que está lá na legislação. Tratar com educação, cordialidade, responsabilidade, probidade... está tudo lá. Então, nós somos sócios da União do Vegetal. Do quadro de sócio... já é um quadro de sócio da União do Vegetal. Nós também temos o nosso estatuto. Aí tem o boletim da consciência e administração que é a parte espiritual. Então, tem a maneira de se conduzir; aí vai para o corpo instrutivo a responsabilidade já aumenta. **O nível de consciência** que se espera. **A clareza de consciência...** aí corpo do conselho agora. Então, isso também... é essa caminhada aí. Isso dá uma noção de como é esse **nível de responsabilidade** que você está assumindo perante esse grande Mestre na condução dos trabalhos da União do Vegetal. **Cada um no seu grau de responsabilidade.** **O processo de transformação ele também, às vezes, não é constante.** Ele é uma coisa que é o seguinte, por exemplo: eu **tinha uma certeza** de uma coisa na minha vida: que era ter minha família, meus filhos, minha casa, então eu já estava me preparando. Tipo assim: para eu ir primeiro. Formei minha companheira numa profissão; montei uma empresa para ela. Construí uma casa para ela. Então, aí ela fez a passagem. **Tudo isso virou uma ressignificação.** Uma casa sem uma companheira não é uma casa; é quatro paredes levantadas. Uma família sem uma companheira só são filhos. Um trabalho sem isso completo ele não se completa; ele trabalha, produz, mas ele fica aberto, em aberto. E aí é o seguinte: a **constante mudança, são esses adventos que a vida traz para gente.** E aí, quando eu digo: a gente **ser obediente a tudo que a gente fez**, ser obediente, é porque tudo isso que eu construí me serve como plataforma pra me manter constante. Se eu for jogar isso fora, então eu estou sendo desobediente a tudo o que eu construí até hoje. E paciência... paciência é justamente eu ter paciência pra **ver como é que essa vida – eu com a constância dos meus deveres – o que é que essa vida tem pra mim**, pra frente; daqui pra frente. Então, escola de vida. Escola de vida. Agora, nesse momento, eu me encontro pela primeira vez com a palavra dificuldade, e todo esse aprendizado que eu tive na vida foi pra **tridimensional, penetrar em torno dessa palavra dificuldade e transformar ela em prazer**, como eu sempre procurei fazer na minha vida. Qual é o prazer no momento? Eu o encontrando, eu

A  
+  
C  
+  
D  
  
A  
+  
C  
+  
D  
+  
C  
+  
D  
  
A  
+  
C  
+  
B

me reconecto. Então, esse é o ensino que eu acho que veio pra mim. Sabe aquela história do *tsunami*? Diz: quando tem o *tsunami*; diz que o mar se acalma; para mesmo; para de não ter nem onda; fica como um lago; aí depois ele se retira; aí vem o *tsunami*. Eu senti isso; quando foi para acontecer isso na minha vida, teve um momento que eu disse: “Ué! E a vida é só isso?”. Deu uma calmaria, assim, nessa vida, que você não vê... assim, você não sabe... aí veio todo... aí você se sente dentro do mar, assim: bló-bló-bló-bló-bló, rolando. Uma onda pega você daqui; outra pega de lá. Eu lhe digo uma coisa: teve momento em minha vida que a realidade era tão forte que eu pedi a Deus pra ter um momento de ilusão pra refrescar o carburador, tá entendendo? [risos]. Um momento de ilusão. Eu pedi um momento de ilusões na minha vida pra mim aguentar, que eu não suportava a realidade. **Aí as pessoas veem a gente, aí isso é um exemplo pros outros**; exemplo é, assim, entendeu? Não que eu seja... não teja me colocando no lugar do exemplo, mas o que acontece é o seguinte: é que as pessoas... por que as pessoas **veem Jesus como um exemplo?** Por que Jesus tinha que apanhar, sofrer aquilo ali tudim? Porque nós aqui a gente vive tanto na escuridão que a gente ainda acredita nisso quando a gente vê uma pessoa passando necessidade e fica. O que é uma burracheira? Temporal! Você vê o Mestre na burracheira e tudo, e ele ali. **Aguentar a burracheira**. Então, a gente... a burracheira é isso: esses temporais que a gente passa. Como passa na vida também e aí serve de exemplo pros outros. Eu me lembro no preparo a burracheira “zinindo” e a gente tendo que ir buscar uma carrada de lenha lá onde tava a lenha. Atravessar o terreiro todinho com aquela lenha já querendo “morrer”, tá entendendo? Mas a gente atravessa, porque a gente coloca assim: tem uma panela ali fervendo, e tem um mestre ali do preparo, e eu sou o foguista e tenho que chegar lá com isso aqui, porque se não... E assim é a vida da gente; você tem seus filhos; você sabe que você tem que levantar todo dia de manhã pra trabalhar, porque você quer que aquele filho seu se forme; você tem que levar ele para escola. É isso! E isso é que é o **exemplo pros outros**. Então, às vezes, **a gente, a gente faz uma autoavaliação da vida da gente**. Essa história toda de **você ter a responsabilidade com a instituição, a responsabilidade é com a gente mesmo**. Assim, porque, muitas vezes, a gente... **eu acho que a gente não pode se acomodar**. Não pode se acomodar. E **não pode achar que tá melhor do que ninguém**. A gente sempre tem muita coisa pra... eu já falei até um pouco de algumas mudanças de como me sinto hoje, do processo de maturidade, mas essa mudança... eu mesmo sou uma pessoa, assim, **que, às vezes, eu me aperreio com algumas coisas que eu quero mudar**. Algumas coisas que me fizeram, que me trouxeram, na verdade, pra esse

C

+

D

A

+

C

+

A

C

+

A

+

B

A

+

C

caminho. É tão interessante isso. **É que ainda hoje eu pejejo. Às vezes, a gente desanima um pouco, rapaz!** Tem jeito não! **Mas, assim, já me fez mudar em muitas coisas, sabe? Já me fez entender muitas coisas.** Eu acho que a gente tem que ter coragem, porque o caminho de transformação e, principalmente **no que diz respeito à espiritualidade, é porque a transformação do ser humano é uma coisa muito difícil. É uma das coisas mais difíceis que existem** e as pessoas não percebem. E a gente tá no momento, assim, da nossa sociedade, que, assim, o que tá fazendo com as cabeças das pessoas é muito triste. É muito triste. Assim, o nível de manipulação e de esvaziamento mental. Assim, eu não sei se eu posso usar nem esse termo, mas é que as pessoas manipulam muito isso; é muito profundo. E onde é que a gente vai tá dentro disso. E a gente vê que nesse aspecto a **nossa responsabilidade dentro da sociedade ela aumenta.** Ela aumenta no sentido de quê? Porque a gente pensa numa vertente um pouco diferente. Alguns mais, outros nem tanto. **Outros que já têm uma consciência maior do que representa um ser humano espiritualmente... a representatividade de Deus no universo e o nosso papel aqui.** Porque, assim, a humanidade ela está dentro de um papel maior de destruição de si mesma, do próprio planeta, e ela não tá percebendo isso. Mas, assim, esse trabalho... dentro de tudo isso, a gente vê que não é fácil. Mas eu acho que quem pode, quem tá nessa condição de buscar isso o quanto puder, porque a gente sabe que tem as vulnerabilidades do ser humano. Todo mundo tem. Ninguém é melhor do que ninguém. **E a gente tem que procurar tá se firmando cada vez mais na vida da gente, sabe? Em termos de equilíbrio, de serenidade, de força espiritual,** isso é muito importante, porque, assim, independente de qualquer conhecimento, do nosso trabalho, da nossa vida, a gente tem que está numa condição boa da gente; **tá sempre se examinando: o dia que acorda bem; o dia que não acorda bem; como é que vai tá, e procurar atravessar** cada momento da vida da gente. **Porque todo dia é um dia da gente viver; é um dia da gente aprender; é um dia da gente se transformar.** E eu acho que, assim, quando a gente tem essa possibilidade de fazer esse exercício com a constância maior, de **prestar atenção na gente,** eu acho que **a gente tem a possibilidade de poder transformar,** sabe? Para mim, essa **esperança** ela tem um brilho diferente, porque tem gente que a gente olha e a gente não se anima muito, não, da pessoa mudar. Às vezes, não se anima, não. Mas a gente não pode perder a esperança, sabe? E eu estou muito ali, porque eu vou te dizer: gosto muito da União. Porque a gente **não pode perder a esperança de transformação do outro e de nós mesmos.** Porque, quando a gente perde isso, num tem sentido eu está..., eu acho que essa visão eu já tenho desde muito

C  
+  
A  
+  
C  
+  
D  
  
C  
+  
D  
  
A  
+  
C  
+  
B  
+  
D  
  
A  
+  
C  
  
A  
+  
C  
+  
D  
  
D  
+  
B  
+  
A  
A

tempo, porque, assim, o meu sentimento é esse... é de porque a União ela é uma <b>esperança de um mundo melhor</b> . Então, ela está nessa essência de transformação do ser humano. Que está até lá nos documentos também isso de transformação. Com esse direcionamento do <b>amor ao próximo como a si mesmo</b> . E eu acho isso muito bonito esses <b>princípios</b> , assim, que estão dentro dessa lógica de <b>construção de uma instituição, de uma religião, e, ao mesmo tempo, de construção de um ser humano</b> , porque, quando a gente fala assim: a elaboração dos documentos foi na medida em que algumas situações foram se apresentando, porque ela tá dentro dessa construção das pessoas, é uma instituição que realmente é <b>uma instituição de amor ao ser humano, porque ela não tá ali pra obrigar; ela não tá ali pra punir; ela não tá ali pra discriminar as pessoas; e a gente vê na prática isso pelas pessoas que ela recebe</b> , pela abertura que é dada. Se existe alguma crítica, alguma situação que as pessoas colocam em relação a alguma conduta de alguém que, muitas vezes, num foi aprovada por alguma pessoa que pode ser a conduta de alguém lá de cima, lá do início da estrutura, que a pessoa não concorda, mas a gente não pode perder de vista, assim, o direcionamento do que é realmente a instituição. Eu digo isso porque eu já tenho metade da vida na União do Vegetal, e eu lhe digo uma coisa: se eu não tivesse me encontrado com o Vegetal, não dá para dizer porque eu não tenho parâmetros, mas <b>difícilmente eu teria realizado o pouco que eu realizei... e não perder a esperança</b> . Hoje meu jeito de ser – eu não diria irresponsável – é <b>meio irreverente, assim, em relação às reverências</b> que andam por aí; <b>nada me faz falta do supérfluo</b> , nada me faz falta, porque na União a gente... eu me reporto sempre ao Mestre Gabriel, seringueiro. Uma vez chegaram para ele e disseram, um mestre até: “Mestre, por que é que o senhor não é um homem rico? O senhor tem tanto conhecimento, sabe de tantas coisas, por que o senhor não já se investiu aí num...?”. Aí ele disse: “Eu sou um homem rico. Eu tenho paz no coração”. <b>Então, hoje meu grande sonho é essa paz</b> . Eu sei que dói. Para amar, dói. Eu não tenho dúvidas disso. Aí o que é que dói, para mim, nesse caso? <b>Aumentando a sensibilidade</b> , o chá aumenta a sensibilidade. Aí você, para amar... <b>Amar é um grau de vibração mais alto do que a matéria</b> , porque a matéria tem um peso atômico. Aí, para amar, aqui, o coração tem hora que ele só falta saltar do peito para a gente <b><u>ter a verdade do amor como prática de vida</u></b> . Não é que eu viva me sensibilizando, porque eu tô vendo uma criança morrendo lá na África, no Japão, onde for, na Suécia, aí vêm as fotos, vêm os filmes. Não é isso, não. Eu acho que isso daí é o mínimo que se pode ter. É uma misericórdia com quem está padecendo. Mas eu digo é no dia a dia, no meu cotidiano, eu ver uma pessoa, ver um filho carecendo de uma luz e eu não poder	D + B + A + C + A B + C  D +  B + C + B +  A + B
--	---

dar? Porque não depende só de mim, aí dói em mim, porque **eu tenho amor por eles; tenho amor pelos meus irmãos**, pelo próximo. Bem que eu gostaria de fazer mais por eles, mas **o máximo que eu posso fazer por eles é o que eu estou fazendo por mim**; evoluir para eu não ser mais um peso morto, para não ser mais um explorador nessa sociedade ainda injusta, ainda hipócrita, imperfeita. Então é aquela coisa. É um a menos. Gandhi ele diz assim: “Um vibrando para o bem vale por milhões vibrando para o mal”. **Então, eu procuro dentro de mim isso que eu chamo de vibrar para o bem. É amar.** Não é de brincadeira. Não. Fulano ama! É um cara benquisto. É suave. É agradável. Trata bem todo mundo. Não é isso, não! É uma luz interna. **Nós somos uma usina de força.** Aí isso é a dor que Jesus fala. Jesus, no Monte das Oliveiras, chorou lágrimas de sangue, porque ele via a ingratidão humana e o quanto ele não podia fazer pelos humanos, tendo em vista a dor que todos vão ter que passar para um dia se sensibilizar e evoluir. Então, o Vegetal ele atenua isso. Quando a gente tem uma burracheira, só sabe quem tem, que aí **a gente vê perspectivas humanas espirituais que as palavras não comportam, e aí a grandeza da esperança, a grandeza da fé, da consistência evolutiva.** Então, é nesse sentido que eu aprendi alguma coisa e venho aprendendo alguma coisa, e a minha vida se modifica aos poucos. Isso também porque o Vegetal não é milagreiro. Bebeu está curado. Não! **A gente é quem tem que se curar.** A gente é quem tem que conduzir esse barco para um porto seguro. **É uma grande estrada. Aí o Mestre vai conduzindo o barco, e a gente vai auxiliando no que é possível,** isso conta *royalties* para nós, para quem participar. Aí a gente vê na família da gente; a gente vê hoje o que é que um jovem pode fazer numa noite. Aí, se ele ficar em casa, vai ver um filme da Netflix. Ah! Se ele sair com os amigos, eles vão a uma *pizzaria*, aí passeiam numa praça. Aí a hora passa. Aí vai no *show*, aí passa o *show*, aí vai numa balada, aí o que é que rola na balada? O que é que tem? Prazer humano. O que é? Sujeito a ser droga. Sujeito a ser violência. Sujeito a ser uma sexualidade mal conduzida. Uma promiscuidade que hoje a gente vê no seio da juventude, completamente desconhecendo o que é a função sexual do prazer. E amor... onde é que foi parar? A gente não vive a sociedade do amor, e é pra essa que um dia a gente tem que chegar. Aí não sei... às vezes, eu fico, assim, esperando mais o que possa acontecer. Agora eu posso fazer acontecer. Hoje eu vejo que é possível. A União do Vegetal, eu sou testemunha disso, desde o primeiro dia aqui, graças a Deus, os frutos que ela tem gerado. Eu vejo mais saúde naqueles jovens. No sábado, que é o dia da sessão de escala, eu vejo os jovens com outras ideias, com outras intenções. Não tem aquela ansiedade de se desequilibrar diante de bebidas e drogas. Tudo

B  
+  
C  
+  
A  
  
A  
+  
B  
+  
C  
  
+  
  
D  
  
D  
+  
C

isso pesa. Tudo isso conta. Aí eu sei que, mesmo que ansioso, alguma coisa está acontecendo e numa velocidade proporcional ao que tem que ser, ao merecimento da nossa espécie. Então, isso, para mim, já é como se fosse, assim, uma resposta às grandes perguntas que a gente faz. “Pedro, tu és pedra e sobre ela construirei minha igreja”, diz Jesus. A gente vem lá do cristal de rocha, a primeira organização de vida na matéria, aí depois passa pelo vegetal, pelo animal, pelo hominal, aí vamos à busca do super-hominal, como dizem os estudiosos. Então, eu já vejo portas se abrirem; janelas de luz se abrirem. **A gente começa a sonhar com mundos melhores, épocas mais felizes.** Isso já traz, como eu disse no início, uma **conformação**, que é o que mais eu preciso, pra poder, mesmo diante de tudo que eu esteja vendo que não esteja no lugar, **eu não perca a esperança, a fé e essa vontade de que um dia eu seja melhor e o mundo seja melhor** também, me acompanhando, e a humanidade, **todos tendo essa mesma oportunidade que eu estou tendo.** A União do Vegetal tem uma história que é contada, que o rei Salomão participa dela, que é a História da *Hoasca*. Então, Salomão ele tá na raiz também dessa religião. Grande sábio. Pediu sabedoria a Deus. Então, o que a gente pode querer, cada dia, pra nós é sabedoria pra seguir o caminho e **aprender o verdadeiro sentido da vida, que é um dia voltar pra o nosso Pai Salvador.** Não sabemos ainda quando, mas que a gente tá no caminho pode ter certeza que estamos.

D

C

+

D

+

A

+

B

D

## 6 “O ‘ABC’ DA VIDA”: UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE FORMAÇÃO NO CEBUDV-NSFC SOB A ÓPTICA DA PSICOLOGIA JUNGUIANA

Frente aos Discursos do Sujeito Coletivo (DSCs) apresentados, percebemos uma “infinidade” de aspectos que poderiam ser analisados sob diversas perspectivas. Poderíamos analisar sob a óptica da Filosofia, da Sociologia, da Antropologia, da Psicologia, etc., a depender de quem se propusesse a analisar tais narrativas.

Ante nossa trajetória acadêmica, extraímos das narrativas as ideias centrais (ICs) – “categorias”<sup>109</sup> – que nos “saltaram aos olhos”. Sendo assim, três aspectos, de imediato, apresentaram-se, a saber: “conhecer-se” (autoconhecimento); “aprender a conviver” (relação com o outro); e “escola de vida” (praticar o que aprendeu), aspectos estes que, no processo de construção dos DSCs, etiquetamos (catalogamos) como “A”, “B” e “C”, respectivamente. Aproximam-se, portanto, de processos psicológicos básicos conhecidos na Psicologia como: “Razão”, “Emoção” e “Ação”. Posteriormente, com o avanço das análises sobre as narrativas, identificamos mais uma IC: “o reconhecimento do Poder Superior (Deus) e a conseqüente mudança de vida”. Vale ressaltarmos que essa derradeira IC foi a mais impactante após o término das entrevistas. Tal experiência foi registrada no diário de bordo. Passado um tempo, após a transcrição das entrevistas e o início das análises, esta “ideia” foi esquecida e passou, assim, despercebida no início das análises, sendo, portanto, etiquetada posteriormente com a letra “D”.

A Psicologia Analítica possui uma tipologia de personalidade que apresenta quatro funções psicológicas, a saber: “Pensamento”, “Sentimento”, “Sensação” e “Intuição”. Tais funções encontram correspondência, respectivamente, com as ICs síntese: (ICs A), (ICs B); (ICs C) e (ICs D), extraídas das narrativas, e que serão trabalhadas conceitualmente na seção 6.2. Assim, surgiu uma inspiração para o título da presente tese, fruto da expressão de um dos sujeitos entrevistados que assim apresentou o Centro Espírita Benéfico União do Vegetal (CEBUDV): “É o ABC da Vida!”. Por isso, no título desta seção o “ABC D” ficaram destacados em itálico.

Nosso intuito, portanto, foi analisar as quatro ICs síntese<sup>110</sup>: “A”, “B”, “C” e “D”, individualmente, bem como suas aparições quando articuladas com outras ICs que deram

<sup>109</sup> Utilizamos este termo para facilitar o entendimento, pois categoria é o termo mais usual, por isso colocamos categoria entre as aspas, pois o objetivo da metodologia do DSC é justamente valorizar o discurso, como vimos na seção anterior, e não o reduzir a uma categoria (LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A., 2005).

<sup>110</sup> Durante a organização das narrativas, as ideias mais recorrentes e que englobam as demais são nomeadas de “ideias centrais síntese”, segundo a metodologia do DSC.

origem às etiquetas: “A+B”; “A+C”; “A+D”; “B+C”; “B+D”; “C+D”; “A+B+C”; “A+B+D”, “B+C+D”; “C+D+A”; e “A+B+C+D”.

Analisamos as narrativas prioritariamente a partir de todas as ICs<sup>111</sup> síntese que se apresentaram e eventualmente a partir de algumas ICs presentes nos DSCs<sup>112</sup>, com base num breve referencial teórico situado principalmente no conceito do “processo de individuação” à luz dos “tipos psicológicos” da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung e suas contribuições para a formação humana.

### **6.1 A formação no CEBUDV-NSFC à luz do “processo de individuação” na perspectiva dos “tipos psicológicos” da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung**

A partir das narrativas, percebemos que o CEBUDV se apresenta como um espaço que possibilita e *oportuniza* o desenvolvimento das funções psíquicas propostas por Jung. Entretanto, o desenvolvimento destas é um processo que Jung (2012a, 2012b) denominou de “individuação”, o que faz com que cada pessoa perceba, de início, a formação no CEBUDV – Núcleo Santa Fé do Cariri (NSFC) –, a partir das suas perspectivas e das suas necessidades. Ampliar gradualmente a percepção sobre aquilo que podemos ser e ainda não somos é sobre o que trata a presente tese.

Antes de iniciarmos nossas análises, faz-se necessária uma breve contextualização histórica para compreendermos a importância de uma formação que se proponha de fato a trabalhar as diversas dimensões humanas, encontradas nas ICs, tais como a “Razão” (ICs A), a “Emoção” (ICs B), a “Ação” (ICs C) e a “Intuição” (ICs D), na contemporaneidade.

O pleno desenvolvimento natural dessas dimensões não é algo tão simples na contemporaneidade; pelo contrário, algumas dessas capacidades se encontram subdesenvolvidas, limitando nossa percepção sobre a realidade e sobre as nossas experiências, condicionando nossas formas de pensar, sentir, agir e intuir.

Faremos, portanto, uma breve retrospectiva histórica para compreendermos as dimensões supracitadas e, assim, contribuir para a compreensão do processo de formação de mestres e conselheiros do CEBUDV-NSFC sob a óptica da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung.

---

<sup>111</sup> As ICs presentes nos DSCs foram destacadas em negrito, as quais serão (re)apresentadas com o mesmo destaque, em negrito, durante esta análise.

<sup>112</sup> Ver a apresentação do método do DSC no item 2.3.

De início, algumas ICs síntese recorrentes, presentes nas respostas às diferentes perguntas<sup>113</sup>, foram etiquetadas com a mesma letra **A(i)**<sup>114</sup>, as quais apontam para o CEBUDV-NSFC como uma escola de **“se conhecer”**; **“da gente se conhecendo é que a gente consegue se entender”** **“melhor”**; em que se aprende uma **“lição de vida”**, que é se **“reconhecer”** e se **“entender através dos ensinamentos”**, ampliando nosso **“conhecimento”**, desenvolvendo, assim, a **“memória”** e o **“conhecimento intelectual”** através dos **“ensinamentos”** recebidos, **“vendo que aquilo tá servindo pra você, que você tá se sentindo uma pessoa melhor”**, **“tendo uma consciência mais clara”**, **“examinando antes da gente fazer ou falar algo”**, **“procurando ver como é que tá meus pensamentos”**, **“buscando, assim, o seu centro, a sua essência”**, para poder um dia transmitir, **“falar”** sobre o que **“aprendeu com os ensinamentos”**, **“procurando, dentro de mim, isso que eu chamo de vibrar para o bem”**.

Isso remonta a um tema antigo na história da humanidade: o autoconhecimento. Para compreendermos esse conceito, Maturana e Verden-Zöllner (2011) e Naranjo (2005) fazem uma retrospectiva histórica e antropológica, comparando a caminhada evolutiva da humanidade ao desenvolvimento infantil para tentarmos entender a atual condição humana em nossa cultura ocidental.

Na era primitiva, que se inicia com o período dos primatas bípedes, já se percebe a presença das emoções no seu comunicar, no interagir, o que fez surgir a linguagem humana. Os homens primatas viviam sob a égide dos instintos. Caçar, lutar, explorar, coletar alimentos, ser nômade, tudo isso era fundamental para a sua sobrevivência. Os instintos básicos estavam em relevo, tal qual uma criança em seus meses iniciais de vida, daí a denominação do autor para esse período: **“filiarcado”** (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2011; NARANJO, 2005).

Tal dimensão humana nos reporta à nossa capacidade, ainda presente na atualidade, de agir. Dimensão esta que esteve presente nas ICs síntese intituladas com a letra **C** (ICs C),

<sup>113</sup> As perguntas utilizadas neste momento, extraídas do nosso roteiro de entrevista que consta nos Apêndices, foram as seguintes: 7) Costuma-se dizer que a União do Vegetal é uma escola. O(A) senhor(a) concorda? Se sim, como é essa escola?; 8) O que é que se aprende nessa escola?; 9) Como é a formação nessa escola?; 10) O que o(a) senhor(a) vem aprendendo nessa escola?; e 11) Como foi (e está sendo) o seu processo de transformação nessa escola?

<sup>114</sup> A etiqueta **“A”** representa a **“função pensamento”** e a subetiqueta **“(i)”** representa a atitude introvertida. Temos, portanto, na etiqueta **“A(i)”**, o tipo: **“pensamento introvertido”**. Vale ressaltar que Jung (2012b) inicialmente dividiu as personalidades em apenas duas atitudes: extrovertida e introvertida; depois ele percebeu a limitação e apresentou as funções: **“Pensamento”**, **“Sentimento”**, **“Sensação”** e **“Intuição”**. Ele constatou, portanto, que estava confundindo: **Pensamento com Introversão** e **Sentimento com Extroversão**. Na presente tese e em nossas análises, é importante fazermos a distinção entre o **“Pensamento Extrovertido”**, típico do mundo ocidental, associado à **“Razão Instrumental”**, e o **“Pensamento Introvertido”**, que aqui está associado ao autoconhecimento proporcionado no CEBUDV. Ambos foram etiquetados com a letra **“A”**. Para facilitar a distinção, nomearemos como **A(e)** para o tipo **“Pensamento Extrovertido”** e **A(i)** para o tipo **“Pensamento Introvertido”**.

como, por exemplo, quando os sujeitos da pesquisa apresentaram o CEBUDV-NSFC como **“Uma escola de vida”**, pois **“a gente aprende a viver”**, **“a gente planta hoje para colher”** amanhã, pois **“querendo a gente aprende e pode colocar em prática”** e **“a gente, colocando em prática, vê o resultado”**. Isso é a **“lei do bom viver; se transformar isso na prática de vida da pessoa, aí vai!”**. Uma escola que oferece **“uma boa formação moral, pois dá uma atenção realmente com a ética”**. Porque vemos lá que **“a pessoa faz o que ela tá falando, então é uma formação verdadeira”**. Ensina, portanto, a **“ser uma pessoa mais cumpridora da palavra, dos compromissos”**, que dá autonomia e proatividade aos discípulos, pois **“nos torna responsáveis por esse patrimônio nosso”** (no caso, a instituição CEBUDV-NSFC). Oferece, portanto, uma **“oportunidade de crescimento”**. Possibilita à pessoa a **“reagir ao externo de forma tranquila”** a **“saber reagir dentro de cada situação que se apresenta de uma forma prática”**. Portanto, **“é preciso caminhar bastante”** para **“Entender o DNA dessa criação de Deus pra poder chegar até Ele”**. **“É uma grande estrada e a gente vai auxiliando no que é possível”**. **“Temos que procurar sempre tá praticando o que é certo”**, **“procurando ver o que eu posso fazer”** e **“fazer o que tinha de fazer e venho fazendo até hoje”**, em suma, é **“ter a verdade do amor como prática de vida”**.

Num segundo momento, com o surgimento da agricultura, o homem deixa de ser nômade e passa a fixar morada, dando surgimento aos aglomerados humanos de onde se originaram as primeiras famílias, clãs e tribos. O cultivo da terra para a geração de alimentos os fez perceber sua semelhança com a mulher, uma vez que ambas, sendo semeadas, geram frutos. Nesse período, os sentimentos de ligação do homem com a terra se assemelham à relação simbiótica<sup>115</sup> da mãe com a criança, que lhe inspira cuidados. O feminino, no seu aspecto maternal dos cuidados, dos sentimentos e dos afetos, faz com que esse período seja denominado como **“matriarcado”** (NARANJO, 2005). Cultivar e cuidar se faziam presentes. Surgem inúmeras sociedades matriarcais, nas quais a mulher ocupa um lugar de destaque, aconselhando inclusive os governantes, e deusas femininas ganham evidência.

Tal habilidade humana, dos sentimentos, ainda fundamental nos dias de hoje, assemelha-se ao que ouvimos nas narrativas presentes nas ICs síntese B (ICs B) quando apresentaram a **“União”** como uma **“escola de aprender a conviver com as pessoas”**, pois **“a gente já chega através de uma pessoa que convida a gente e nessa sequência vem participar da sessão”** e aí **“a gente aprende a conhecer os outros. Aprende com os erros da gente e com os erros dos outros”**, **“procurando ver como é que tá meus sentimentos”**.

---

<sup>115</sup> Simbiose, na Biologia, diz respeito a uma interação entre duas espécies que vivem juntas. No sentido utilizado na Psicanálise, refere-se a uma associação íntima entre duas pessoas.

**“Aprende a conviver, que é básico”, e, “quando a gente vê, pela convivência”, vai “tendo uma convivência melhor com as pessoas”. A gente vai aprendendo “a ter mais compreensão”, “paciência, tranquilidade, conformação e vem aprendendo a fazer amizade”. “A tratar o meu irmão melhor. Ter paciência com ele”. “E outra coisa: a gente precisa dos outros. Não tem como você seguir só”, aí “é que a gente consegue se entender realmente; se amar e amar ao próximo”. “É amar”.**

No terceiro momento, o atual, com o surgimento da mitologia, religião, filosofia e ciência, inaugura-se a era da “Razão”. O pensar e a cognição tornam-se o ápice do processo civilizatório. Foi o que encontramos em algumas ICs A(e)<sup>116</sup>, como em: tendo **“boa memória, bom conhecimento intelectual”, “aí começa a aprender os ensinamentos”**. Só que essa dimensão do “pensar” – A(e) – nesta sociedade se encontra associada, por sua vez, à figura do masculino, paterno, que historicamente é tido como “o” sujeito pensante sendo protagonista desses saberes anteriormente mencionados. Surge, assim, o “patriarcado” (NARANJO, 2005).

Para Maturana e Verden-Zöllner (2011), os aspectos emocionais, sentimentais e relacionais se encontram esquecidos na modernidade, uma vez que a cultura patriarcal europeia se centra na competição e na busca por resultados, gerando sofrimento psíquico e perda de sensibilidade.

Para Freud (1974), na Psicanálise, a figura paterna opera um corte na relação simbiótica da “criança” com a “mãe” e lhe conduz para o mundo social. Esse novo patamar encontra o seu apogeu com o surgimento das ciências. Tal corte se assemelha à separação da Razão (ICs A(e)) das outras funções – Emoção (ICs B), Ação (ICs C) e Intuição (ICs D) – no mundo ocidental.

A modernidade tomou como pilares de sustentação a filosofia da subjetividade iniciada por Descartes e amadurecida em Kant e a ciência experimental. Pretendeu-se construir uma civilização da razão para combater o mito e emancipar o homem. Na avaliação de Domingues, o homem sentiu-se forte e poderoso como um ‘novo Prometeu’. (OLINDA, 2004, p. 133).

Com a máxima de Descartes: *“Cogito, ergo sum”* (Penso, logo existo), a razão (ICs A) é elevada à condição fundamental do existir. A esse respeito, Matos e Nonato Júnior (2010, p. 21) afirmam que:

A tradição cartesiana ainda nos influencia quanto a separar e a hierarquizar dimensões humanas (mente-emoção, corpo-espírito), favorecendo umas (mente, corpo) e ‘desqualificando’ outras (emoção, espírito) (YUS, 2002), quando na verdade ‘mente, corpo, emoção, espírito’ estão juntos valorizando nossa integralidade, ou seja, o Ser por completo.

<sup>116</sup> A(e) corresponde ao tipo Pensamento Extrovertido.

Os instintos (**ICs C**) e sentimentos (**ICs B**), tão presentes no filiarcado e matriarcado, não embasaram essa Razão, como camadas superpostas. Esta acreditou poder prescindir daqueles para um maior grau de neutralidade e confiabilidade na produção do conhecimento científico. O sentimento de pertença à natureza (**ICs D**) é superado pelo desejo de controlá-la e predizê-la. Desse modo, o homem perde a conexão com ela, pois se sente superior. Não obstante, de acordo com Marx (2004, p. 84):

O homem vive da natureza significa: a natureza é o seu corpo, com o qual ele tem de ficar num processo contínuo para não morrer. Que a vida física e mental do homem está interconectada com a natureza não tem outro sentido senão que a natureza está interconectada consigo mesma, pois o homem é uma parte da natureza.

Assim, essa dissociação é agudizada a partir do início do século XIX, com a revolução industrial e o crescimento do capitalismo, pois nesse sistema não vemos mais o outro como um sujeito, mas sim como um objeto. Este se torna alienado no seu fazer, por não ser mais um sujeito pensante (**ICs A**), responsável pelo processo de produção, como outrora.

Em que consiste, então, a exteriorização (Entäußerung) do trabalho? Primeiro, que o trabalho é externo (äusserlich) ao trabalhador, isto é, não pertence ao seu ser, que ele não se afirma, portanto, em seu trabalho, mas nega-se nele, que não se sente bem, mas infeliz, que não se desenvolve nenhuma energia física e espiritual livre, mas mortifica sua physis e arruína o seu espírito. O trabalhador só se sente, por conseguinte e em primeiro lugar, junto a si [quando] fora do trabalho e fora de si [quando] no trabalho. (MARX, 2004, p. 82-83).

Os artesãos, por exemplo, organizavam os instrumentos para a produção do começo ao fim, tendo, portanto, uma visão global do processo. No capitalismo, há uma inversão, pois ele deixa de ser protagonista daquilo que faz: de sujeito da ação (**ICs C**) passa a ser objeto, haja vista o fato de ficar alienado do seu trabalho como um todo, uma vez que ele passa a ser apenas uma parte do processo produtivo. Então, vende sua força de trabalho por um valor irrisório, sendo explorado por aqueles que detêm o todo do processo, em vez de ele mesmo negociar o produto da sua força de trabalho.

Na determinação de que o trabalhador se relaciona como produto de seu trabalho como [com] um objeto estranho estão todas estas consequências. Com efeito, segundo este pressuposto, está claro: quanto mais o trabalhador se desgasta trabalhando (ausarbetet), tanto mais poderoso se torna o mundo objetivo, alheio (fremd) que ele cria diante de si, tanto mais pobre se torna ele mesmo, seu mundo interior, [e] tanto menos [o trabalhador] pertence a si próprio. (MARX, 2004, p. 81).

A escola, seguindo essa lógica, também se tornou um aparelho ideológico do Estado para alcançar seus objetivos (ALTHUSSER, 1987). A educação é reduzida a uma preparação para o mercado de trabalho, de modo que não há nenhuma exigência para que o

profissional desenvolva sua sensibilidade e o respeito ao outro. Nossos sentimentos (**ICs B**) não encontram espaço para o seu desenvolvimento. Parece que nossa sensibilidade e nossas emoções precisaram ser extirpadas para que esse projeto vingasse. “Talvez tenha se consolidado uma meta oculta no processo educativo liberal, em que a formação deve formar para as demandas do mercado, e não para a expressão real da potencialidade de cada indivíduo” (MATOS; NONATO JÚNIOR, 2010, p. 34).

Assim, a escola repete e fomenta esse modelo, exacerbando as restrições, o desamor e o medo. O brincar, fonte de ternura, de se emocionar e de amar, torna-se esquecido. A aprendizagem não acontece apenas no plano cognitivo, das informações, mas fundamentalmente na nossa convivência com as pessoas e na interação com o mundo. A explicação da realidade é atravessada pela emoção daquele que a apresenta. É o que define a ação pedagógica, pois transforma um mero informar num “emocionar”, numa ação formadora (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2011).

Entretanto, o lema das nossas escolas, na modernidade, é: “Estude (**ICs A(e)**) para conseguir um lugar no mercado de trabalho. Só depende de você!”. Como sabemos, esse ideal neoliberal representa uma falácia, dado que nem todos têm as mesmas condições de luta. Nem todos partem, nessa corrida, da mesma posição, portanto a liberdade é parcial, mas, mesmo assim, inconsciente disso e, por isso, comprometido ideologicamente com essa ideia, o homem adoece e sofre.

No fim século XIX, a sociedade europeia, no auge de seu processo civilizatório pós-Revolução Industrial, vangloriava-se dos avanços conquistados, acreditando estar livre das determinações da natureza humana, acreditando, pois, ter transcendido os instintos (**ICs C**) e sentimentalismos (**ICs B**), pois o homem então estaria civilizado, ao fazer ciência e tecnologias. Para Olinda (2004, p. 122):

O discurso da modernidade, herdeiro dos ideais igualitários da burguesia revolucionária, impulsionou e legitimou o projeto de desenvolvimento econômico e tecnológico, que não situou as necessidades e desejos humanos no centro. O projeto de dominação da natureza iniciado por Galileu, Bacon, Descartes transformou-se num plano de dominação do homem pelo homem.

No entanto, é nesse mesmo período que chegam ao consultório do doutor Freud, na pacata Viena, mulheres com diversas afecções somáticas de origem desconhecida. Não encontrando explicações na ciência médica tradicional, Freud (1974) resolve escutar essas mulheres e percebe que a causa das suas dores não dizia respeito a algum transtorno biológico, mas a algo constitutivo do psiquismo daqueles que se esqueceram de dar atenção às suas emoções (**ICs B**) e aos seus instintos (**ICs C**) em nome do “progresso” da civilização.

Assim, preso numa encruzilhada entre a ideologia neoliberal de um “Eu” pleno de possibilidades e uma falta de tempo para o “estudo de si” (**ICs A(i)**), o homem adocece. Tal estado de adoecimento estrutural dos indivíduos, nesse tipo de sociedade, ele denominou de “neurose”. Nessa perspectiva, o autoconhecimento (**ICs A(i)**), na modernidade, revela-se como uma busca por sentidos para a existência.

Contemporaneamente, diante da realidade de um poderio técnico-científico capaz de intervir em todas as dimensões da vida humana, elevando os padrões de produção e de consumo a níveis frenéticos, a problemática do homem é ainda mais aguda. A sociedade ocidental cindiu o homem em razão e sentimento com a supervalorização do primeiro. O processo de industrialização não garantiu para a maioria o bem-estar material, moral e psicológico esperado. As sociedades modernas socializaram a ansiedade, *stress* e insegurança [...]. (OLINDA, 2004, p. 121).

Vivemos numa sociedade que é patologicamente doente por ainda ser predominantemente individualista, egoísta, narcisista e hedonista. Desse modo, ser “normal”, numa sociedade patologicamente doente, não é um bom sinal. Ser neurótico se tornou ser “normal”. O sofrimento humano pode apresentar traços psicossomáticos, os quais se manifestam como um sintoma em seu corpo (**ICs C**).

O anormal passou a ser normal naquilo que Freud (1974) denominou de neurose, representada por ele por um “\$” (sujeito barrado). *Grosso modo*, essa barra representa aquilo que nos separa das nossas emoções (**ICs B**) e instintos (**ICs C**) e, portanto, passou a ser constitutiva em nossa sociedade. Essa é a nossa condição moderna. Aquilo que Freud (1974) inicialmente acreditava corresponder a um transtorno, manifestado em algumas mulheres que chegavam ao seu consultório, ele percebeu posteriormente se tratar de uma “patologia” da modernidade. Para sermos “normais” e vivermos em civilização, pagamos um preço, neurotizamos, reprimimos nossos desejos (sexualidade), nossas vontades (agressividades) (**ICs C**) e nossos sentimentos (**ICs B**), para sermos aceitos inicialmente por nossos pais e posteriormente pela sociedade. O homem moderno se encontra alienado e inconsciente de si. Nesse sentido, Olinda (2004, p. 122) afirma que:

A modernidade se transformou num palco de um grande paradoxo: por um lado, proclamou a individualidade e a subjetividade como valores máximos de uma sociedade educativa que deve desenvolver a totalidade das capacidades humanas; e, de outra parte, fragmentou o conhecimento sobre o próprio homem e desenvolveu formas de sociabilidade que afastam os homens uns dos outros e até do conhecimento de si mesmo.

Para Weber (2004), a ascensão do capitalismo nos Estados Unidos, aliada à lógica protestante que estava presente na identidade do seu povo, contribuiu para o processo chamado de “desencantamento do mundo”, na medida em que o racionalismo “**ICs A(e)**” se

faz presente na lógica protestante, bem como no sistema instrumental capitalista, agudizando a secularização, pois o paradigma religioso vai deixando de ter papel central numa sociedade racional, capitalista e cientificista.

A secularização é mais que um processo socioestrutural. Ela afeta a totalidade da vida cultural e da ideação e pode ser observada no declínio dos conteúdos religiosos, nas artes, na filosofia, na literatura e, sobretudo, na ascensão da ciência como uma perspectiva autônoma inteiramente secular do mundo. (BERGER, 1985, p. 119).

Ainda segundo Olinda (2004, p. 133), “[...] a ciência foi erguida como potência espiritual e forma preponderante de conhecimento”, afastando a intuição (ICs D) e a fé. Intuição e fé são o que caracteriza as ICs síntese D (ICs D) presentes nas seguintes narrativas: **“Essa escola nos conecta com a espiritualidade, com Deus, com Jesus e com a Virgem Maria”, “nos ensina a ter humildade, saber que a gente tem o tamanho da gente” e, assim, poder aceitar uma formação “através dos graus hierárquicos: alguns veem mirações; alguns veem coisas espirituais; alguns têm a capacidade de perceber mais e já vai entendendo, prestando atenção. A formação ela passa, assim, por uma graduação”.** **“Isso vai mostrando naturalmente o caminho. Quando o Mestre Gabriel criou [o CEBUDV], ele teve uma inspiração divina e, por isso, ele criou também esses graus de formação”.** **“Temos que tentar entender a criação de Deus”.** **“É na hora que a gente se coloca na mesma direção de Deus é que a gente pode ter a mesma força Dele. É uma grande estrada, aí o Mestre vai conduzindo o barco e a gente vai auxiliando no que é possível”.** **“É se entregar mesmo ao Mestre, confiar”;** **“se a gente conseguir, no dia que a gente precisar se despedir desse local, se a gente se despedir bem, é porque a gente já caminhou bastante”.**

O ideal de formação humana completa, herdado do mundo helênico, enfraqueceu à medida que o homem foi massificado, numa sociedade que deixou de se perguntar sobre o fundamento e os fins últimos das coisas. O processo formativo que pretendeu levar o homem a uma expressão espiritual elevada e madura degenerou em padronização, enquadramento e treinamento de aptidões e habilidades específicas. Na prática, a noção de formação como desenvolvimento segundo um modelo fixo se sobrepôs à idéia [*sic*] de constante evolução e aperfeiçoamento. (OLINDA, 2004, p. 123).

Dessa forma, no período que se convencionou chamar de pós-modernidade, quando os mesmos conflitos se encontram mais agudizados, dado o ritmo cada vez mais acelerado:

O hiperconsumidor não está mais ávido de bem-estar material, ele aparece como um solicitante exponencial de conforto psíquico, de harmonia interior e de desabrochamento subjetivo, demonstrados pelo florescimento das técnicas derivadas do desenvolvimento pessoal bem como pelo sucesso das sabedorias orientais, das novas espiritualidades, dos guias de felicidade e da sabedoria. O materialismo da

primeira sociedade de consumo passou de moda: assistimos à expansão do mercado da alma e de sua transformação, do equilíbrio e da auto-estima [*sic*], enquanto proliferam as farmácias da felicidade. Numa época em que o sofrimento é desprovido de todo o sentido, em que os grandes referenciais tradicionais e históricos estão esgotados, a questão da felicidade interior ‘volta à tona’. (LIPOVETSKY, 2007, p.15).

Isso se evidencia na procura e na emergência de novos movimentos sociais religiosos (NMR).

A emergência dos Novos Movimentos Sociais Religiosos tem suscitado intenso debate acerca da compreensão sobre os processos em curso na sociedade. Muitos trabalhos apontam para as denominações ‘retorno do sagrado’, ‘reencantamento’ ou ‘dessecularização’ como tentativa de contraponto ao processo de secularização. Guerriero é da posição que a secularização é a responsável direta pela eclosão dos *NMR*. Porém, o cientista reconhece que a ‘secularização e encantamento do mundo não são processos excludentes, mas características do atual estágio do desenvolvimento da sociedade brasileira’ (p. 48). O que ele quer dizer? Muitos possuem uma compreensão estreita do fenômeno da secularização. Para eles, a secularização é um fenômeno histórico que vem ocorrendo nos últimos séculos, que está libertando o homem da religião, a qual é vista sempre de forma repulsiva. Essa concepção, porém, é errônea, pois, apesar de ter ocorrido uma substituição da cosmovisão cientificista, não houve um abandono completo da religião. (FONTANA, 2007, p. 65, grifo nosso).

De acordo com Rodrigues (2008, p. 29), os NMR, como um conceito sociológico recente, surgido na década de 1950, auxilia-nos a compreender, do ponto de vista científico, o surgimento de diversas religiões na contemporaneidade, bem como o papel que desempenham em nossa sociedade:

A partir da Segunda Guerra Mundial, e particularmente desde os finais dos anos 60 do século XX, houve uma grande mudança significativa no panorama religioso mundial, com a proliferação de novos movimentos religiosos e de outros movimentos de caráter mais, digamos assim, filosófico (Wilson, 1981, 1990; Barker, 1982, 1999; Wilson & Cressell, 1999; Lewis, 2003; Arweck, 2005; Clarke, 2006a, 2006b). Este importante fenômeno tem atraído a atenção de muitos cientistas sociais.

Vale ressaltar que o estudo do fenômeno religioso em si não é algo recente, sendo, inclusive, um dos principais objetos da ciência antropológica. Eliade (2001) apresenta as semelhanças entre as diversas religiões, mostrando que há um substrato em comum, que merece ser investigado, bem mais que as diferenças entre elas. Esse substrato que se apresenta repetidas vezes na humanidade, nos mais diferentes períodos históricos, contextos culturais e religiosos, seria a própria espiritualidade (**ICs D**). Afirma Boff (2006, p. 19): “As religiões constituem uma das construções de maior excelência do ser humano. Elas todas trabalham com o divino, com o sagrado, com o espiritual. Mas elas não são o espiritual. Espiritualidade é outra coisa”. E continua:

*Espiritualidade tem a ver com experiência, não com doutrina, não com dogmas, não com ritos, não com celebrações, que são apenas caminhos institucionais capazes de nos ajudar a alcançá-la, mas que são posteriores a ela. Nasceram da espiritualidade, podem até contê-la, mas não são a espiritualidade. São água canalizada, não a fonte da água cristalina. (BOFF, 2006, p. 43, grifos do autor).*

O psiquiatra e psicólogo suíço Carl Gustav Jung (1875-1961) procura explicar em sua “Psicologia Analítica” ou “Psicologia Complexa” a premissa da espiritualidade como um arquétipo<sup>117</sup> na medida em que ele percebeu este aspecto estudando as mais distintas culturas nos mais diversos períodos históricos. Jung foi um estudioso da Biologia, Zoologia, Paleontologia, Arqueologia, Medicina e Psicologia. Como cientista, não acreditava que a realidade pudesse ser acessada diretamente pelo homem. Através da observação, descrevia aquilo que estivesse presente como uma “realidade psíquica” no homem. Não podia, por exemplo, afirmar que Deus existe, mas a representação de Deus, nas mais diversas culturas, era o aspecto mais recorrente nos seus estudos sobre o psiquismo humano. Essa procura por Deus ele denominou, pelo que seria em última instância, uma busca por “si mesmo”. Em suas palavras:

‘Si-mesmo’ é algo que podemos verificar psicologicamente. Nós experimentamos ‘símbolos do si-mesmo’ que não se deixam distinguir dos ‘símbolos de Deus’. Não posso provar que o si-mesmo e Deus sejam idênticos, mesmo que na prática pareçam idênticos. Naturalmente, individuação é em última análise um processo religioso que exige uma atitude religiosa correspondente – a vontade do eu de submeter-se à vontade de Deus. Para não provocar mal-entendidos, digo si-mesmo em vez de Deus. Empiricamente também é mais exato. A psicologia analítica ajuda-nos a conhecer as potencialidades religiosas. (JUNG, 2002, p. 432).

Ele conceituou essa busca como “processo de individuação”, que é, portanto, uma categoria central em sua obra. Dentre os diversos conceitos, como os tipos de personalidade, *persona*, *sombra*, *anima*, *animus*, inconsciente pessoal, inconsciente coletivo, arquétipos, dentre outros, a busca pela experiência de autoconhecimento é fundamental para esse teórico. Essa experiência aconteceria dentro de um processo de aprendizagem sobre si mesmo, sem o qual não há consciência do processo de individuação. Segundo Jung (1978, p. 49):

Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por ‘individualidade’ entenderemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si-mesmo. Podemos, pois, traduzir ‘individuação’ como ‘tornar-se si mesmo’ (Versetzung) ou ‘o realizar-se do si mesmo’. (Selbstwerwirklichung).

---

<sup>117</sup> Arquétipo é uma espécie de imagem primordial, ou conjuntos de imagens primordiais, gravada profundamente no inconsciente coletivo da humanidade, que existiu desde os tempos mais remotos, refletindo-se em diversos aspectos da vida humana, como sonhos e até mesmo narrativas.

Na busca pelo si mesmo, ou seja, no processo de individuação, há o confronto com diversas camadas do psiquismo, desde os aspectos sombrios até os aspectos criativos ainda não trabalhados. Esse reconhecimento é um processo doloroso e requer humildade (**ICs D**) para se colocar em seu caminho (**ICs C**). A primeira camada compreenderia a *persona*, ou máscara, e a desidentificação com ela e seus componentes infantis que a sustentam e nos abrem a possibilidade de desenvolvimentos de novas habilidades, tornando-nos mais criativos. Nesse processo, abre-se espaço para uma convivência mais harmônica com o outro (**ICs B**), pois, na medida em que ampliamos o autoconhecimento (**ICs A(i)**), temos a condição de aceitarmos melhor a nós mesmos e conseqüentemente ao outro, minimizando as possíveis projeções que dificultam nossas relações em sociedade.

A individuação, em geral, é o processo de formação e particularização do ser individual e, em especial, é o desenvolvimento do indivíduo psicológico como ser distinto do conjunto, da psicologia coletiva. É, portanto, um processo de diferenciação que objetiva o desenvolvimento da personalidade individual. [...]. Uma vez que o indivíduo não é um ser único, mas pressupõe também um relacionamento coletivo para sua existência, também o processo de individuação não leva ao isolamento, mas a um relacionamento coletivo mais intenso e mais abrangente. (JUNG, 1991, p. 467-468).

Haveria, de acordo com o autor, uma tendência no ser humano de buscar esse desenvolvimento, entretanto tal meta pode ser obstaculizada, a depender das experiências de vida. Essa paralisação estaria na raiz das diversas manifestações de transtornos psíquicos e sofrimentos na contemporaneidade, como a “neurose” identificada por Freud. Este atribuiu sua causa à repressão da sexualidade, aspecto central do inconsciente freudiano. Jung amplia a percepção e atribui a formação da neurose à não integração do ego com o *self* (si mesmo), levando à perda de sentido pela vida, o que aconteceria principalmente na meia-idade.

Trazemos em nós o nosso passado, isto é, o homem primitivo e inferior com seus apetites e emoções, e só com um enorme esforço podemos libertar-nos desse peso. Nos casos de neurose, deparamos sempre com uma sombra consideravelmente densa. E para curar-se tal caso, devemos encontrar um caminho através do qual a personalidade consciente e a sombra possam conviver. (JUNG, 1987, p. 81).

Este caminho seria o que Jung conceitua como o encontro com a “sombra”, que compreende os aspectos inconscientes de nossa personalidade dos quais nós não temos ainda consciência. Caso não haja esse encontro, o ego, componente central da consciência, tornar-se-ia, assim, “inflado”, por se manter numa perspectiva unilateral, polarizada, ao não cumprir seu objetivo de se encontrar com o “si-mesmo”, aspecto central do inconsciente coletivo. O ego seria, na sua essência, segundo Jung, mais um componente da consciência, mas que, por se encontrar supervalorizado em nossa sociedade racional (**ICs A(e)**), capitalista e

mecanicista, passa a ocupar um lugar central na consciência, não dando espaço para o diálogo com dimensões que fujam à “lógica cartesiana” e que nos convidem a uma percepção mais simbólica da realidade a partir do confronto com o inconsciente. Identificados com nossa “*persona*”<sup>118</sup> social, não nos permitimos o encontro com a dimensão mais complexa do si mesmo, como apresentado nas narrativas:

*Às vezes, a pessoa pensa que ir pra uma sessão é só ver Luz; é bom. Mas viaje pra dentro de si, pra ver também o que não é Luz. [...] É, meu amigo, não é moleza, não. Que esse lado sombra é que precisa ser desenvolvido pra ser tudo Luz; pra se precisar ser efetivo mesmo. E aí eu venho procurando aprender, porque esse meu lado sombra ele reconhece que ele não é, mas ele quer chegar e ser. (REGINA LOPES; CONSELHEIRA ANA CLÉA).*

O confronto entre os objetivos *egoicos* de uma sociedade materialista e consumista e os objetivos de individuação faz com que não ocorra uma aceitação das orientações do inconsciente. Este se comunica conosco através de uma variedade de símbolos ao longo da história da humanidade, que possibilitam a união dos opostos.

A compreensão do símbolo é uma das demandas do processo de individuação. Ela faz a ponte entre as polaridades psíquicas, promovendo a sua união, e traz à consciência parte do conteúdo desconhecido pelo ego. Dessa maneira, o ego, centro do campo da consciência, pode manter-se em contato com a dimensão do *si-mesmo*. (JUNG, 2003, p. 61, grifo do autor).

Esses símbolos estão presentes desde a mitologia até as mais diversas religiões. Através do “estudar a si” (**ICs A(i)**), dentro de um processo de autoconhecimento, a pessoa poderia se tornar aquilo que se é.

Não importa se através de um sistema de símbolos coletivos ou individuais, a consciência humana precisa estabelecer esse contato com a realidade inconsciente da psique, a fim de se colocar num caminho de individuação, de realização de uma personalidade completa, plena, o que não deve ser confundido, como foi visto, com perfeição. O homem precisa, então, vivenciar os seus símbolos, o seu ‘processo mitológico interior’, a sua ‘verdade mitológica’, que é bem diversa de uma verdade racional ou científica, embora não necessariamente incompatível com ela. [...] A função da formação de símbolos constitui o patrimônio espiritual herdado na psique de cada indivíduo e, ao contrário do que possa aparentar, não caracteriza um mecanismo estático ou de repetição, mas um processo dinâmico, capaz de realizar as mais diversas transformações de conteúdos psíquicos, configurar soluções criativas para as oposições que represam o desenvolvimento e de proporcionar um verdadeiro sentido emocional para as diversas situações da existência humana. (GIOVANONI, 2009, p. 112).

A espiritualidade tem, portanto, um caráter arquetípico, segundo Jung (1991, p. 71-73), já que:

<sup>118</sup> *Persona* tem sua raiz etimológica no latim “*persona*”, que significa “máscara”; na Psicologia Analítica, trata-se de um conceito que significa a instância psíquica responsável por nossas interações sociais, mas que, ao mesmo tempo, que promove nossa adaptação ao meio, paradoxalmente, esconde nossos sentimentos não trabalhados.

Os instintos são formas típicas de comportamento, e todas as vezes que nos deparamos com formas típicas de reação que se repetem de maneira uniforme e regular, trata-se de um instinto, quer esteja associado a um motivo consciente ou não. [...] Os arquétipos são formas típicas de apreensão, e todas as vezes que nos deparamos com formas típicas de apreensão que se repetem de maneira uniforme e regular, temos diante de nós um arquétipo, quer reconhecamos ou não seu caráter mitológico.

A espiritualidade é compreendida tanto como uma das nove inteligências múltiplas (GARDNER, 1995) quanto como elemento central do psiquismo, por isso não pode ser negada como um fenômeno psíquico (JUNG, 1980b). Não se trata aqui de acreditar ou não em uma realidade transcendente que foge aos objetivos da ciência, mas de reconhecer que essa forma de apreensão (**ICs D**) da realidade existe. Trata-se, portanto, de um fato histórico, de modo que a espiritualidade existe como um “fato social”, de acordo com Durkheim (2003), e como realidade psíquica, segundo Jung (1980b).

Esses temas universais que se repetem, mas que apresentam particularidades próprias do contexto cultural e histórico, não seriam, pois, mera consequência do contexto social, mas uma necessidade perene da própria espécie humana. Matos e Nonato Júnior (2010, p. 32) cita Paixão e Monteiro (2006, p. 1) para apresentar os valores humanos como “[...] fundamentos éticos e espirituais que constituem a consciência humana, definindo princípios e propósitos onde [...] existe um conjunto de valores universais que persistem apesar das mudanças e particularidades de cada cultura”.

O comportamento do homem religioso não pode ser reduzido ao fato social nem aos determinantes culturais, ao mesmo tempo que não pode ser analisado fora do contexto social que estamos vivenciando. Esse é um exemplo do caráter paradoxal do conceito de arquétipo *junguiano*.

Presenciamos, portanto, na modernidade, um processo de secularização e, ao mesmo tempo, de *dessecularização*. Segundo Rodrigues (2008, p. 17):

Após a grande discussão do processo de dessecularização/desencantamento do mundo, desencadeada pelos clássicos da sociologia e da antropologia, verifica-se agora, no contexto da pós-modernidade, uma revisão crítica desta problemática, apoiada no processo de reencantamento do mundo, na revalorização da religião e na privatização da vida religiosa, fatores que provocaram, principalmente a partir da década de 60, uma mudança significativa no panorama religioso e a proliferação de novos movimentos religiosos.

Sendo assim, o sentimento religioso não foi superado, pois sempre esteve presente no “inconsciente coletivo”<sup>119</sup> da humanidade e pronto para retornar quando sua repressão se

---

<sup>119</sup> O inconsciente coletivo é um conceito desenvolvido por Jung, que amplia o conceito original de Freud sobre o inconsciente, no qual a questão central, para este, é a “sexualidade”; já para Jung, é o “processo de individuação”.

torna insustentável e coloca o indivíduo em estado de angústia e perda de sentido (JUNG, 1980b).

Assim, o retorno da procura pelo sagrado contraria as previsões mais materialistas, que veem a secularização como fruto da modernidade, que só se agravaria com o tempo. O que parece uma contradição revela a própria forma compensatória de funcionamento do psiquismo. Quanto mais exageramos em uma polaridade, mais a polaridade oposta se aproxima (JUNG, 1981).

A sociedade se encontra, de um modo geral, portanto, inconsciente da sua espiritualidade (**ICs D**), de modo que não sabe lidar com essa dimensão. Para Jung (1981), o inconsciente funciona de forma compensatória: existe uma “enantiodromia”, tal qual descrita pelo filósofo grego Heráclito, como uma lei universal da natureza de “correr em direção contrária”, ou seja, há sempre um retorno daquilo que foi reprimido.

Nessa perspectiva, para equalizar essa tensão psíquica no sujeito e iniciar o processo de individuação, na sociedade ocidental capitalista em que nos encontramos, torna-se difícil, pois Jung (2002) pode perceber que há uma dificuldade generalizada de simbolização no Ocidente moderno, o que o fez afirmar sobre a importância da busca pela espiritualidade (**ICs D**), universo rico em símbolos, independentemente da religião, como uma forma de aliviar o sofrimento psíquico causado por sua falta. A individuação não é uma busca pela perfeição, mas pela consciência da totalidade do ser, incluindo suas contradições, a fim de alcançar um equilíbrio.

Quero ler um texto de Carl Gustav Jung, que, com Sigmund Freud, foi um dos grandes conhecedores da psique humana. Jung deu muita importância à religião no processo de individuação porque sabia que a religião trabalha grandes sonhos, projeta grandes esperanças e, por isso, está na raiz da mística e da espiritualidade. Diz Jung: ‘Entre todos os meus clientes na segunda metade da vida, isto é, com mais de 35 anos, não houve um só cujo problema mais profundo não fosse constituído pela questão da sua atitude religiosa. Todos, em última instância, estavam doentes por terem perdido aquilo que uma religião viva sempre deu, em todos os tempos, aos seus seguidores. E nenhum curou-se, realmente, sem recobrar a atitude religiosa que lhe fosse própria. Isso está claro. Não depende absolutamente de uma adesão a um credo particular, nem de tornar-se membro de uma igreja, mas da necessidade de integrar a sua dimensão espiritual’. (BOFF, 2006, p. 52).

A Psicoterapia, assim como a abordagem da Pesquisa (Auto)Biográfica desenvolvida por Josso (2010), que inclusive se embasa na Psicologia Analítica de Jung, compreende que a tomada de consciência do “percurso formativo do sujeito” e do “processo de individuação” é fundamental para a formação humana, na medida em que – ao conscientizar-se da relação entre o intelectual e o espiritual – se fortalece.

Nesta tese, buscamos responder como uma experiência religiosa pôde contribuir para a formação humana, em termos de desenvolvimento da identidade e da personalidade. Os participantes também puderam narrar como aconteceu o processo formativo dentro do CEBUDV antes e depois de eles se tornarem mestres e conselheiro(a)s, dando um novo sentido às suas aprendizagens experienciais, conscientizando-se do que foi formador para cada um(a) no seu processo; o que cada um pôde fazer com o que a experiência lhe trouxe; o que o “Vegetal” proporcionou rever em suas vidas; as “sombras”, dificuldades e desafios enfrentados; o que cada um pôde melhorar; a importância dessa experiência para ele(a)s se tornarem quem são hoje. Eles narraram, em suma, sobre como foi ter a experiência, o que fizeram com a experiência e o que pensaram sobre ela. Estes três níveis de elaboração lhes permitiram perceber o poder do “ato de narrar”, que lhes possibilitou tomar consciência do seu processo de individuação, ou do sentido das suas vidas.

Narrar é um processo de formação que acontece não só consigo mesmo (**ICs A**), mas também na interação com o outro (**ICs B**), com outras subjetividades, na medida em que narro e troco experiências, fortalecendo a identidade. De acordo com Josso (2010, p. 43), “[...] o tema da busca de identidade, que perpassa as narrativas de formação, leva-nos a pensar que um dos desafios da formação é pôr em prática [**ICs C**] a criatividade [**ICs D**] em todas essas dimensões ao longo de um processo de individuação”<sup>120</sup>.

Além dos aspectos institucionais do CEBUDV-NSFC, investigamos as dimensões pessoais e relacionais, pois esta pesquisa “[...] concentra-se em um tipo específico de experiência humana – a religiosa, a envolver elementos tais como: símbolos, rituais, doutrinas e vida comunitária” (OLINDA, 2018, p. 72). As experiências religiosas, como o objeto desta tese, são significativas por si sós, mas, quando possibilitamos aos sujeitos, através de métodos de pesquisa, narrá-las, elas tornam-se também formativas. Para Olinda (2009, p. 209):

Todos nós, em menor ou maior grau, temos ou tivemos experiências religiosas. Elas deixaram traços, marcas e cicatrizes que poderão se transformar em experiências formadoras se fizermos um certo trabalho reflexivo sobre elas. É preciso interrogar: o que aprendi com o que vivi? Como e o que integrei no meu itinerário de vida? Essas tomadas de consciência criam potencialidades novas que podem nos (trans)formar.

Olinda (2010, p. 118) destaca a importância dessa abordagem no campo educacional ao permitir o resgate da memória fazendo:

---

<sup>120</sup> “O ‘Processo de individuação’ é uma referência à Psicologia de Carl Gustav Jung e significa o processo de tornar-se único, singular, que cada pessoa é, o que não significa ser ‘egoísta’ ou ‘individualista’, no sentido usual dessas palavras, mas sim procurar realizar a peculiaridade de seu ser” (JOSSO, 2010, p. 43).

[...] encontrar as marcas formadoras, conformadoras e deformadoras das vivências em todos os seus aspectos, ou seja, escolar, familiar, religioso, entre outros, e nas relações, nas autoimagens positivas ou negativas construídas ao longo do tempo, nos valores, emoções, posicionamentos e convicções, que demonstram ser os responsáveis pelos sentimentos de nós, dos outros e do mundo.

Segundo Josso (2010), para saber caminhar com os outros, faz-se necessário saber caminhar consigo mesmo. O processo de formação seria, então, uma espécie de arte de viver em ligação e partilha. O sujeito, ao longo da vida, forma-se a partir de quatro instâncias: Autoformação (refletindo sobre si mesmo) (**ICs A**); Heteroformação (na relação com o outro) (**ICs B**); Saberes, Técnicas, Culturas, Artes, Tecnologias (na relação com as coisas) (**ICs C**); e Ecoformação (pelo desenvolvimento do senso crítico) (**ICs D**). Com sua experiência, ao escutar as narrativas, ela agrupa em **quatro** os diversos tipos de discursos de história de vida e formação: “a busca de felicidade” (**ICs C**); “a busca de si e de nós” (**ICs A + ICs B**); “a busca de conhecimento” (**ICs A**); e “a busca de sentido” (**ICs D**).

Os estudantes, ao narrarem, rememoram vivências e pessoas que possibilitaram a abertura de novas portas e mudanças de direção em suas trajetórias: “Segundo Delory-Momberger, ao contarmos uma história, estamos recriando-a, a memória é matéria viva, em constante transformação. Ao falarmos sobre nossas experiências, elas estão se tornando formadoras porque estão ensinando que sobrevivemos a elas” (OLINDA, 2010, p. 19).

Essa perspectiva transcende uma formação racionalista, tecnicista, centrada nos instrumentos, e se volta para o sujeito aprendente, buscando compreender, numa atitude fenomenológica, como ele se forma. A formação é, assim, também colocada no centro das narrativas de vida. Assim como afirma Olinda (2007, p. 128), “Com Josso (2004), busco a aproximação entre histórias pessoais e processos formadores. Vejo nos registros (auto)biográficos um grande potencial para a invenção de si mesmo como pessoa e como profissional”.

A linguagem, a narrativa e a palavra ocupam um lugar central na teoria de Bruner (2014). É elo de mediação do homem com a cultura, que permite a construção de si mesmo ao mesmo tempo que transforma a realidade. Nesse sentido, a palavra condensa a ação (**ICs C**), os sentimentos (**ICs B**) e a razão (**ICs A**) (o praticado, o sentido e o pensado). Há aproximadamente uma década, os psicólogos ficaram conscientes da possibilidade de a narrativa não ser apenas uma forma de representação, mas também de construção da realidade.

Não é puro idealismo, acrescente-se não esperar que o mundo mude radicalmente para que se vá mudando a linguagem. Mudar a linguagem faz parte do processo de mudar o mundo. A relação linguagem-pensamento-mundo é uma relação dialética, processual, contraditória. (FREIRE, 2011, p. 94).

Desse modo, “[...] a linguagem não tem a função apenas de transmitir; ela cria realidades e consciências; fornece novos meios à cognição para investigar e explicar o mundo” (CORREIA, 2003, p. 511).

Jorge Larrosa (2002) propõe explorar a educação a partir do par experiência/sentido, iniciando sua análise pela crença que tem na força e no poder das palavras para a produção de sentido do que somos e do que nos acontece, como criação de realidades e como mecanismo de subjetivação. (OLINDA, 2010, p. 117).

Esse trabalho sobre “si mesmo” permite que a “vida vivida” se torne uma “vida refletida” (OLINDA, 2010). O narrar possibilita um nível de consciência diferenciado sobre o que foi vivido. Essas vivências agora passam a integrar, após esse processo, a própria formação. Tornam-se, pois, experiências (JOSSO, 2010). A Abordagem (Auto)Biográfica permite ao investigado perpassar um fio condutor em sua história, adquirindo mais consciência, fortalecendo o processo de formação.

Essas ‘experiências’ são significativas em relação ao questionamento que orienta a construção da narrativa, a saber: o que é minha formação? Como me formei? Nesse sentido, não se esgota o conjunto das ‘experiências’ que evocamos a propósito da nossa vida. Mas para que uma experiência seja considerada formadora, é necessário falarmos sob o ângulo da aprendizagem; em outras palavras, essa experiência simboliza atitudes [ICs C], comportamentos [ICs C], pensamentos [ICs A], o saber-fazer [ICs A+B], sentimentos [ICs B] que caracterizam uma subjetividade e identidades. (JOSSO, 2010, p. 47).

É justamente esse lugar de sujeito pensante sobre os acontecimentos que transforma uma simples vivência em uma experiência de vida, sendo possível, em algumas situações, alterar o sentido da existência. Para Josso (2010, p. 48), “[...] vivemos uma infinidade de transações, de vivências; essas vivências atingem o *status* de experiências a partir do momento que fazemos um certo trabalho reflexivo sobre o que se passou e sobre o que foi observado e sentido”. A esse respeito, Olinda (2009, p. 77) comenta:

As experiências registradas simbolizam as mudanças pelas quais já passamos, desenhando o contorno do que vimos sendo. Para Josso (2004, p. 48), ao narrar nossas experiências, trazemos nossas qualidades pessoais e socioculturais e mostramos o valor que atribuímos ao vivido; também dizemos das diferentes intensidades dessas vivências. Nas suas palavras: ‘algumas vivências têm uma intensidade particular que se impõe à nossa consciência e delas extraímos as informações úteis às nossas transações conosco próprios e/ou com o nosso ambiente humano e natural’.

A pessoa é convidada a se envolver, refletir e construir em cada etapa, transformando o processo em uma experiência. Esse processo de reflexão da experiência se daria de três formas: “ter a experiência”; “fazer a experiência”; e “pensar sobre a experiência”.

Essa perspectiva de trabalho configura-se como investigação porque se vincula a produção de conhecimento às relações do sujeito com a experiência: ter experiência, fazer experiência e pensar a experiência. Ela é formação, porque parte do princípio de que o sujeito toma consciência de si e de suas aprendizagens experienciais quando vive, simultaneamente, os papéis de ator e investigador da sua própria história. (JOSSO, 2010, p. 12).

Vale ressaltar que esse conhecimento de si não se torna meramente informativo, mas formativo, na medida em que tomo consciência do lugar de sujeito da ação ao longo da vida. A autora afirma que “[...] a consciência nasce quando interpretamos um objeto com o nosso sentido autobiográfico, a nossa identidade e a nossa capacidade de anteciparmos o que há-de-vir [ICs D]” (JOSSO, 2010, p. 20).

Os sujeitos aprendem a refletir sobre sua experiência reconhecendo suas dificuldades e o que podem fazer agora diante dos recursos de que dispõem. Essa consciência permite relacionar o passado com o presente, gerando consciência e assumindo seu poder de formação. É na relação com sua própria história que o sujeito se constrói. Ao separar-se de si, observando sua narrativa, reflete sobre a tensão entre a “manutenção de si” (zona de conforto) e a possibilidade de transformar-se, de ir ao encontro de si mesmo.

A (Auto)Biografia é, portanto, uma forma de permitir ao indivíduo refletir; investigar como ele relata sua história e como a interpreta com os valores propostos pela sociedade. A *biografização* ressurge na contemporaneidade e torna-se fundamental para que a sua pesquisa em educação possa continuar consolidando-se como espaço de aprendizagem de si e do outro, do indivíduo e da sociedade.

É neste paradoxo de distanciamento em relação a si que se abre espaço para que sua história seja refeita. Através de um projeto de educação emancipador, o sujeito se dá conta dos fios que compõem sua história. Na sua relação com o educador, o educando transcende a experiência íntima de autobiografar-se, ao narrar para alguém, confiando. Fiando juntos a possibilidade de reinventarem-se e fazerem-se autores do tecido social no qual estão imersos, mas que agora auxiliam a tecer.

Após esse apanhado geral sobre a importância do autoconhecimento na modernidade a partir de Freud, Jung (2012a) e Josso (2010), explicaremos melhor o processo de desenvolvimento da personalidade e da individuação, dentro do processo de formação humana no CEBUDV-NSFC na óptica de Jung (2012a, 2012b). Veremos inicialmente uma breve exposição da sua tipologia psicológica e posteriormente o seu desenvolvimento dentro do processo de individuação no CEBUDV-NSFC.

### 6.1.1 Os tipos psicológicos: as funções psíquicas e as ICs síntese A, B, C e D

Chamava a atenção de Jung (2012b) a forma como Freud e Adler tinham visões distintas sobre o fenômeno da neurose. Jung, examinando, constatou que ambos estavam certos e, ao mesmo tempo, errados, pois tinham uma visão limitada do fenômeno a partir das suas disposições tipológicas pessoais, experiências de vida e formas antagônicas, mas complementares, de ver o mundo. Freud priorizava o objeto, as relações estabelecidas com o outro, desde a infância, que deixariam marcas permanentes no psiquismo do sujeito. Adler põe em relevo o sujeito, pois acreditava na primazia da busca de segurança e poder pessoal do sujeito sobre os objetos (JUNG, 2012b).

Ele pôde constatar o mesmo em sua prática clínica, quando percebeu a diferença extrema de comportamento em casos psicopatológicos, pois enquanto o “histérico” tende a dar uma atenção demasiada aos objetos, o “esquizofrênico” praticamente os ignora, o que evidenciava, com uma “lente de aumento” para Jung, as direções opostas da atenção. Ele passou, assim, a analisar posicionamentos históricos antagônicos entre diversos pensadores do meio filosófico, religioso e científico e pôde constatar que as divergências diziam respeito também às perspectivas tipológicas das suas personalidades com as quais avaliavam o problema. Posteriormente ele ampliou essa perspectiva, a ponto de caracterizar o ponto de vista religioso do Ocidente como orientado para fora e o do Oriente para dentro (JUNG, 2011, 2012b).

A ruptura definitiva entre Freud e Jung, aquele que era o seu principal discípulo, o “príncipe herdeiro” e o seu possível sucessor na Psicanálise, deu-se com a publicação da obra *Símbolos da transformação* em 1912. Desde então, ele passou a trabalhar intensamente na produção de uma de suas obras mais significativas: *Tipos psicológicos*, fruto de 20 anos de observação na sua prática profissional, em que nos oferece uma forma arquetípica<sup>121</sup> de compreender os processos psicológicos básicos, através da qual a consciência<sup>122</sup> se expande ao estabelecer contato com o mundo, por exemplo, a maneira como percebemo-nos, memorizamos, recordamos, pensamos, sentimos, relacionamo-nos, agimos e intuímos.

---

<sup>121</sup> Arquetípica, pois o estudo das tipologias sempre esteve presente nas mais diversas culturas e períodos históricos. As diferenças e semelhanças de comportamento do ser humano sempre chamaram a atenção dos estudiosos dos diversos saberes míticos, filosóficos, religiosos, místicos e científicos. Os tipos, atitudes e funções psicológicas são, portanto, arquetípos.

<sup>122</sup> Para a Psicologia Analítica, a consciência do ego é a primeira forma de termos acesso aos conteúdos do inconsciente. Por este ser desconhecido e não termos acesso direto a ele, senão através da forma indireta, que é como este chega à consciência, fornecendo elementos para nossas ações. O ego funciona, assim, como um espelho que reflete o *self*, estudando a si, podendo-se chegar ao si mesmo e, assim, tornar-se mais consciente. Os arquetípos, portanto, presentes no inconsciente coletivo, são anteriores à consciência (JUNG, 2000a).

A tipologia *junguiana* apresenta como o sujeito busca se ajustar, agir ou reagir, na relação do sujeito com o mundo, desenvolvendo a sua inteligência através de funções psíquicas diferenciadas e constantes que possam facilitar essa adaptação. É uma ferramenta que auxilia na compreensão de si e do outro, possibilitando um desenvolvimento que se reflete em uma melhor relação consigo mesmo e com o outro. Sendo este o propósito mesmo do processo de individuação, pois, para Bernardi (2006), este conceito poderia ser mais bem compreendido com o termo “indivi-doação”: trabalhar o próprio indivíduo, bem como sua relação com o outro. Na tradução da obra *Tipos psicológicos* para o inglês, Jung sugeriu como subtítulo: *Psicologia da individuação*, pois, para este, o processo de individuação acontece também através da integração das funções psicológicas (JUNG, 2012b).

O tipo psicológico, para Jung, distingue-se de outras tipologias que descrevem um padrão fixo de temperamentos<sup>123</sup>, haja vista que, para ele, a tipologia é o movimento de como cada pessoa se orienta preferencialmente no mundo; o foco e a direção do relacionamento do sujeito com o mundo e consigo mesmo, que se apresenta com regularidade na natureza e no caminho do ser humano, independentemente do período histórico (JUNG, 2012b).

Sua tipologia não pretende, assim, apenas classificar as pessoas nem determinar o caráter, pois não versa sobre os valores adquiridos, mas sobre o modo de funcionamento do psiquismo. Nenhuma tipologia é capaz de explicar a totalidade do psiquismo humano. Ela auxilia na compreensão de nós mesmos e das pessoas com as quais nos relacionamos. Serve, pois, como uma espécie de bússola de orientação (JUNG, 2012b). Vale ressaltar que o autor compreende que sua tipologia compreende um esforço em tentar compreender a complexidade humana; não é, portanto, definitiva, deve ser revisitada e, se necessário, ampliada frente às novas descobertas (JUNG, 2012b).

Jung (2012b) se apercebeu inicialmente de um primeiro processo que diz respeito ao nosso “foco”; a maneira como prestamos “atenção”. Ele o dividiu em duas atitudes: extroversão e introversão. Vale ressaltar que ambas as atitudes estão presentes no dia a dia da pessoa, porém com intensidade e frequência distintas, predominando uma delas. Há, portanto, um processo natural de diferenciação, no qual uma atitude se distingue da outra, saindo de sua raiz inconsciente até se tornar uma atitude típica, central, daquela consciência *egoica*. Se apenas uma delas funcionasse e a outra não, isso caracterizaria um estado patológico; denotariam que estas permaneceram indiferenciadas num estado arcaico, primitivo e infantil,

---

<sup>123</sup> Sharp (2002) relembra que uma das tipologias mais antigas foi a desenvolvida por astrólogos orientais que classificavam o caráter em quatro elementos: água, terra, fogo e ar. Baseadas, portanto, no arquétipo da quaternidade.

sem autonomia. As atitudes mostram como o sujeito estabelece sua relação com o objeto; como eles se orientam diante deste (JUNG, 2012b).

O extrovertido se orienta predominantemente pelo objeto, pela realidade objetiva. Na “atitude extrovertida”, o foco da energia psíquica se direciona de dentro para fora, objetivamente para o mundo exterior. A pessoa se sente motivada para o que está no externo, como acontecimentos, objetos e pessoas. Prefere, assim, mais ouvir pessoas do que ler sozinho, por exemplo. Expressa-se melhor falando para outro do que escrevendo. Procura estar sempre em movimento em direção ao mundo para arriscar e vivenciar as mudanças da vida. Prefere agir a reagir. Tende a ser impulsivo e agressivo. Busca o que é socialmente valorizado. Suas decisões e ações são mais condicionadas pelo meio externo. O extrovertido deposita, assim, sua energia (libido) nos objetos (JUNG, 2012b; ZACHARIAS, 2000).

Numa atitude unilateral extrema, o extrovertido pode acabar se esquecendo de si mesmo, ficando distante do seu mundo interior (**ICs A(i)**)<sup>124</sup>, dos seus sentimentos (**ICs B**) e da sua subjetividade. O mecanismo de defesa do extrovertido tende a valorizar os objetos como uma forma de não entrar em contato consigo mesmo, seus sofrimentos. Exacerbando esse mecanismo, tem uma dificuldade de perceber inclusive doenças no próprio corpo (JUNG, 2012b).

Na “atitude introvertida”, o foco da energia psíquica é de fora para dentro de si mesmo (**ICs A(i)**); subjetivamente para o mundo interior. É introspectivo. Prefere mais estar sozinho, com livros, do que com pessoas, com exceção de pessoas próximas. Pensa bastante antes de agir. É cauteloso, a ponto de, às vezes, perder oportunidades. Busca o que é pessoalmente valorizado. Suas decisões se baseiam prioritariamente por fatores subjetivos, permeados por ideias e imagens do inconsciente. O introvertido retira, portanto, sua energia (libido) dos objetos (JUNG, 2012b; ZACHARIAS, 2000).

Numa atitude unilateral extrema, o introvertido pode perder a conexão com o mundo externo e com a realidade e se conectar apenas com o inconsciente. Seu mecanismo de defesa é destituir o valor dos objetos, não lhe conferindo importância e, assim, numa atitude exacerbada, pode não se importar com o seu papel na sociedade e não colocar seu conhecimento a serviço do mundo, perdendo a conexão com o mundo exterior.

---

<sup>124</sup> Vale lembrar que a denominação “Ai” se refere ao tipo pensamento (A) introvertido (i), mais encontrado nas narrativas dos membros do CEBUDV; já o tipo pensamento extrovertido (Ae) é o que se encontra predominantemente no mundo ocidental capitalista.

Ambas as direções da energia psíquica, libido<sup>125</sup> – que vai ou vem em relação a um objeto –, realizam um importante papel na adaptação ao mundo. A escolha de uma delas, desde a infância, é fundamental para a constituição de uma personalidade saudável. Essa diferenciação do tipo de personalidade é, portanto, necessária. Vale ressaltar que essa não é uma decisão consciente, mas fruto de um mecanismo inconsciente, um mecanismo de defesa, que propicia a adaptação. Independentemente de qual seja a atitude escolhida, a outra constelar-se-á no inconsciente, possibilitando uma complementação salutar, na medida em que se possa, a depender da situação, examiná-la sob um ou outro ponto de vista (JUNG, 2012b).

Entretanto, na prática, em grande parte das pessoas em nossa sociedade capitalista, encontram-se dissociadas, e, por ser inconsciente, pessoas de ambas as atitudes tendem, quando mal trabalhadas, a se afastarem de pessoas que tenham a atitude oposta, pois inconscientemente o outro apresenta uma atitude que a pessoa também tem, porém nela se encontra paralisada; o outro revela, assim, um potencial que a pessoa poderia ter desenvolvido, mas não desenvolveu; o outro relembra como ela poderia ser, mas ainda não é, daí o incômodo e o distanciamento.

Portanto, com a mesma intensidade com que optamos por uma das atitudes e deixamos a outra de lado, esta retorna e dá uma “rasteira” em nossos relacionamentos (**ICs B**), tal qual um “balanço” de brinquedo, pois, com a mesma intensidade que a criança o empurra para um lado, ele retorna para o outro, pegando-a de surpresa.

Expandindo suas observações e percebendo a limitação superficial e genérica de dividir a complexidade do humano em apenas dois padrões, o que fazia, portanto, com que duas pessoas com a mesma atitude fossem bem diferentes em termos de comportamento, ele constatou que estas duas atitudes podem, através da consciência, ser norteadas e orientadas por quatro formas distintas que ele denominou de funções<sup>126</sup>: sensação e intuição; sentimento e pensamento, em que as duas primeiras são funções perceptivas, que tratam da “forma como recebemos algo”, e as outras duas são funções racionais, mostrando “a forma como examinamos o que recebemos” (JUNG, 2012b). Antes dessa distinção, ele chegou ao ponto de associar introversão ao pensamento (**ICs A**) e extroversão ao sentimento (**ICs B**). Com essa ampliação, podemos ter tipos de pensamento introvertido (**ICs A(i)**), bem presentes nas narrativas do CEBUDV-NSFC, como também tipos de pensamento extrovertido (**ICs A(e)**), típicos do mundo ocidental capitalista, e assim sucessivamente.

---

<sup>125</sup> Libido é o termo designado por Freud para nomear a energia psíquica ligada à sexualidade. Jung amplia esse conceito de libido para todo o processo de individuação, mais ligado à espiritualidade.

<sup>126</sup> As funções são uma espécie de bússola que orienta a pessoa e lhe oferece uma direção.

Podemos, assim, a partir de agora, aproximar, para efeito de análise, as funções psíquicas com as ICs síntese encontradas. As funções perceptivas ou “a maneira como nós recebemos algo”, quer seja do meio externo ou interno, estão relacionadas ao jeito que nós prestamos atenção, nossa percepção, que, para este autor, podem ser mais ligadas à sensação ou à intuição. Independentem, portanto, do pensar racional sobre algo. Essas duas funções formam uma oposição complementar (JUNG, 2012b).

A função sensação (**ICs C**) confia nos cinco órgãos dos sentidos e apresenta os aspectos dos objetos, percebendo, de forma sensorial, o que o objeto é; se ele realmente existe, a atenção está direcionada para o que é palpável, concreto, e para o presente, para o aqui e agora do dado imediato, real e objetivo. A constatação de que um objeto está muito quente independe, por exemplo, de um pensamento sobre tal fenômeno (JUNG, 2012b). É prática e realista. Prefere trabalhar com dados reais. Sua capacidade de imaginação é pouco desenvolvida. Observa as partes, e não o todo. Trabalha, assim, com profissões que exigem precisão e atenção com detalhes. Prefere executar a planejar. Gosta de ver sua rotina e vida profissional funcionando. Para resolver uma situação, precisa de informações concretas (JUNG, 2012b; ZACHARIAS, 2000).

E a intuição (**ICs D**), por sua vez, utiliza-se da percepção consciente orientada por sinais inconscientes para se orientar e tomar decisões futuras. Esses elementos são inconscientes, não palpáveis e perceptíveis para todos. Ela pode antever o que há de se passar, de onde vem, por que vem e para onde vai tal objeto. Ela sabe sobre a natureza oculta dos acontecimentos. Capta as intuições do que está acontecendo no presente, mas este não é o seu objetivo, pois busca inter-relacionar fatos, significados e simbolismos para imaginar novas possibilidades, soluções e estratégias futuras. Observa o todo, e não as partes, de um acontecimento. Com poucos dados, é capaz de solucionar um caso de maneira inovadora. Surge, portanto, em sua consciência, oriundo do inconsciente, independentemente de uma lógica racional. Prefere planejar a executar (JUNG, 2012b; ZACHARIAS, 2000).

A sensação recebe dos sentidos (**ICs C**) e a intuição (**ICs D**) percebe pelo inconsciente o objeto. São formas distintas de captação da realidade. Devido a estas características, essas funções são tidas como “irracionais” para Jung ou “perceptivas” para Isabel Briggs Myers e Peter B. Myers (1997), idealizadores do Myres-Briggs Type Indicator (MBTI), um teste de personalidade baseado na tipologia *junguiana*.

Já nas funções racionais (JUNG, 2012b) ou de julgamento (MYERS, I.; MYERS, P., 1997), temos o método racional, que utilizamos para realizar um exame e tomar decisões; para processar uma vivência e transformá-la em experiência. Utilizamos prioritariamente o

pensamento ou o sentimento. Elas organizam as percepções descritas acima, distinguindo os objetos. São frutos, portanto, de uma reflexão consciente sobre os objetos, examinando se algo é negativo ou positivo, por exemplo, e, desse modo, realizando uma escolha. Ambas realizam, assim, um trabalho de complementação racional sobre as percepções. São duas maneiras distintas de avaliar e processar a realidade. Essas também formam uma oposição complementar (JUNG, 2012b).

O pensamento (**ICs A**) examina, esclarece, distingue, denomina e reconhece os acontecimentos trazidos pela sensação ou pela intuição, de uma forma mais lógica, analítica, objetiva, impessoal e “fria”, deixando de lado os sentimentos. O pensamento organiza e categoriza as informações recebidas em forma de conceitos. Examina e reflete sobre os prós e contras se baseando na razão, num critério objetivo e coerente de verdade, em valores universais, em vez de julgamentos pessoais. Tem uma clara noção da relação de causalidade lógica entre suas atitudes e os acontecimentos da vida (JUNG, 2012b; ZACHARIAS, 1995).

O sentimento (**ICs B**) também examina, pois, para Jung (2012b), é uma função racional, não devendo ser confundido com emoção ou afeto descontrolado, que organiza os acontecimentos trazidos pela sensação ou intuição de forma subjetiva e pessoal e toma suas decisões de acordo com os valores pessoais, com o que sente, se são agradáveis ou não, e não com valores impessoais, como no pensamento. Portanto, para uma pessoa que tem como função superior o pensamento, aparentemente a decisão do tipo sentimento, por exemplo, parece não ter lógica. Ela, através da reflexão, procura ver o “peso”, a qualidade e o valor de cada pessoa, o sentimento do outro, suas particularidades. Consegue, assim, estabelecer bons relacionamentos com facilidade. Tende a expulsar pensamentos desagradáveis, com os quais não consegue lidar (JUNG, 2012b; ZACHARIAS, 1995). Ambas são formas “racionais” para Jung (2012b), pois realizam um exame e uma avaliação sobre um objeto.

Uma de suas funções, ao se destacar das demais, denomina o tipo ao qual a pessoa pertence. Nessa combinação de duas atitudes com quatro funções, temos oito<sup>127</sup> possibilidades de personalidades de acordo com a Psicologia Analítica. Vale ressaltar que a função que se tornou preponderante, determinando o tipo da pessoa, não atua de forma independente; não anula, portanto, a importância e a influência recebida, com menor intensidade, das outras funções menos desenvolvidas (JUNG, 2012b).

---

<sup>127</sup> A saber: pensamento extrovertido (**ICs A(e)**), pensamento introvertido (**ICs A(i)**), sentimento extrovertido, sentimento introvertido, sensação extrovertida, sensação introvertida, intuição extrovertida e intuição introvertida.

Assim, a sensação (**ICs C**) nos auxilia a perceber, através dos órgãos do sentido, se algo, de fato, existe; o pensamento (**ICs A**) nos possibilita um exame e nos diz o que é; o sentimento (**ICs B**) põe numa balança e nos diz se é agradável ou não; e a intuição (**ICs D**) nos diz de onde vem, por que vem, como é que vem e para onde vai (FRANZ, 2008).

Franz e Hillman (2016) ainda aprofundam a explicação das funções de uma forma didática, ilustrando como seria a forma de compreensão com que cada tipo, por exemplo, apreende a narrativa de um conto de fadas. O tipo pensamento (**ICs A**) busca uma conexão entre as informações, de como elas estão ligadas, tal qual colar, que apresenta uma conta atrás da outra, busca estudar a ligação, o fio condutor que perpassa pelo colar para entender sua sequência e complementariedade. O tipo sentimento (**ICs B**) busca avaliar, pôr numa balança, para ponderar e sopesar os valores e ensinamentos contidos na história e, assim, construir uma escala hierárquica de valores. O tipo sensação (**ICs C**) busca compreender o que é cada coisa no conto; como os símbolos podem ser interpretados e qual sua aplicação prática em seu cotidiano. O tipo intuição (**ICs D**) busca uma união dos ensinamentos contidos na história para extrair um sentido próprio. Cada tipo compreende a realidade a partir da sua perspectiva psíquica.

Essas duas atitudes e as quatro funções estão, como “sementes”, compondo o terreno do psiquismo humano, entretanto, de acordo com as experiências de vida, algumas destas são mais cultivadas em detrimento das outras, devido a uma necessidade adaptativa daquela experiência familiar, social e cultural na qual a pessoa está inserida, sobrepondo uma maneira específica de agir. Todas as pessoas possuem as duas atitudes e as quatro funções. É o que possibilita nossa adaptação aos meios externo (objetivo) e interno (subjetivo). O que determina um tipo ser predominante é o seu uso ser mais constante do que os demais.

Sendo assim, uma das duas atitudes se torna predominante e uma das funções superior em relação às demais. Dessa forma, as outras funções, de acordo com o seu grau de desenvolvimento na personalidade, ocupam uma função secundária, terciária ou inferior. Aquela que mais se destacou apresentou uma maior confiabilidade e eficiência para aquela pessoa naquele contexto em que ela estava inserida. A função auxiliar vem para complementar a principal, nunca sendo, portanto, uma função oposta à principal. Ela não busca competir com a função principal, mas sim servir, atuando de forma parcialmente consciente (JUNG, 2012b).

A função mais valorizada está consciente ao máximo e totalmente submetida ao controle da consciência e da intenção consciente, enquanto as funções menos diferenciadas também são menos conscientes e, em parte, até inconscientes e muito menos submetidas ao arbítrio consciente. A função mais valorizada é sempre expressão da personalidade consciente, de sua intenção, vontade e realizações, ao

passo que as funções menos diferenciadas fazem parte das coisas que nos acontecem. (JUNG, 2012b, p. 354).

Assim, se uma pessoa tem como atitude predominante a extroversão, significa que ela está no plano da consciência e conseqüentemente a introversão estará no inconsciente, e vice-versa. O mesmo acontece com as oposições complementares entre as funções (“pensamento-sentimento”; “sensação-intuição”) (JUNG, 2012b).

Essas diferentes disposições resultam, em última instância, na maneira como pensamos, sentimos, agimos e intuimos diante de um objeto. Nossas narrativas organizadas através do DSC apontaram para essas dimensões supracitadas e foi nessa perspectiva das funções que elas foram analisadas<sup>128</sup>. As ICs síntese encontradas nos remeteram à busca das funções tipológicas de Jung, em que a função “pensamento” recebeu a etiqueta “A”; a função “sentimento”, a etiqueta “B”; a função “sensação”, a etiqueta “C”; e a função “intuição”, a etiqueta “D”.

A função principal, que apresenta um maior destaque por hábito ou preferência da pessoa, presente em grande parte do comportamento, ao longo do tempo, denomina-se de *função superior*. Ela é mais desenvolvida e diferenciada, portanto aplicada de forma mais consciente (JUNG, 2012b). Nas narrativas constatamos a presença de discurso em que preponderam uma única IC síntese, etiquetada com uma letra apenas, como: “**ICs A**” ou “**ICs B**” ou “**ICs C**” ou “**ICs D**”.

A que se apresenta em segundo lugar em grau de desenvolvimento é a *função auxiliar*, que atua de maneira complementar à função principal, agregando-lhe características próprias, que dão um tom diferenciado à sua personalidade de acordo com cada tipo de função. Em boa parte consciente, estando, pois, semiconsciente, possui também uma ligação com o inconsciente (JUNG, 2012b). Foi o que percebemos hipoteticamente no desenvolvimento das narrativas que apresentaram ICs síntese articuladas com outras ICs síntese, dando origem às etiquetas: “**ICs A+B**”; “**ICs A+C**”; “**ICs A+D**”; “**ICs B+C**”; “**ICs B+D**”; e “**ICs C+D**”.

A terceira função psíquica se chama terciária e tem, segundo Jung (2012b), um desenvolvimento incipiente, atuando, pois, predominantemente de forma mais inconsciente. Vimos, entretanto, nas narrativas dos membros do CEBUDV-NSFC uma presença considerável de narrativas que apresentaram uma articulação entre três funções psíquicas, tais

---

<sup>128</sup> Não iremos detalhar as características específicas dos oito tipos de personalidade, pois nossas análises não se detiveram sobre aspectos pessoais dos sujeitos investigados, mas sim, de uma maneira mais ampla, coletiva, sobre os DSCs formados a partir do somatório de narrativas semelhantes, com a mesma IC, ou seja, com o mesmo sentido. Concentramos, portanto, nossa análise nas ICs síntese que correspondem às funções psíquicas: pensamento (A), sentimento (B), sensação (C) e intuição (D).

como os discursos: “**ICs A+B+C**”; “**ICs A+B+D**”, “**ICs B+C+D**”; “**ICs C+D+A**”. Foi o que pudemos perceber na seguinte narrativa:

*Eu sou uma pessoa que, quando eu procuro um trabalho, eu me proponho a fazer o meu melhor. Isso é uma coisa que é minha mesmo, de mim, mas aperfeiçoei lá, com as ferramentas que o Mestre me deu, que lá ele nos dá as ferramentas pra gente se aperfeiçoar e outras pra gente trabalhar do zero aquilo que a gente não tem.*  
(CONSELHEIRA ANA CLÉA).

Para Jung (2012b), a função menos destacada pode ser parcialmente consciente ou totalmente inconsciente, sendo chamada de função inferior. A função inferior é aquela que menos – ou não – se desenvolveu; atua, portanto, de maneira sub-reptícia, pegando a pessoa de surpresa em situações em que essa habilidade é exigida. É sujeita a aparecer de uma forma repentina, tal qual um animal enjaulado num zoológico que foi privado do seu pleno desenvolvimento natural. Atua como um “calcanhar de aquiles”, um ponto fraco, por isso pertencente à “sombra” e ao inconsciente da personalidade. É composta por elementos reprimidos e conteúdos afetivos que permanecem, assim, naquilo que Jung (2012b) denominou de sombra. Torna-se uma função inferior.

Ao estudar casos individuais, observa-se que a função inferior tende a comportar-se como o herói tolo, o bobo divino ou o herói idiota. Ele representa a parte desprezada da personalidade, a parte ridícula e inadaptada, mas simboliza também a parte que constrói a conexão com o inconsciente, retendo, portanto, a chave secreta da totalidade inconsciente da pessoa. (FRANZ, 2016, p. 20).

Apesar de raro, segundo Jung (2012b), encontramos nas narrativas do CEBUDV-NSFC discursos que conseguem articular essas quatro funções, presentes nas “**ICs A+B+C+D**”. A função superior pode, portanto, ter uma natureza perceptiva ou racional. Logo automaticamente a função inferior será da mesma natureza, já que ambas as funções – da mesma natureza – formam uma oposição entre si. A função auxiliar e terciária seguem a mesma lógica, pois formam também um par opositório (JUNG, 2012b).

O processo de integração dessas funções e atitudes se encontra inserido naquilo que Jung denominou de processo de individuação, já apresentado anteriormente de forma breve. Como vimos, o processo de individuação é uma categoria central na obra de Jung (2012b), porque, para o autor, esse é o aspecto central na vida da pessoa, a saber: o desenvolvimento de “si mesma”.

Como “sementes” no solo da consciência, temos potencialidades, que ele denominou de “arquetípicas”, prontas para serem desenvolvidas, se lhes forem dadas oportunidades, condições “geográficas” e “climáticas” adequadas para serem cultivadas, ou, por outro lado, “espaço” e “tempo” necessários para tal investimento em nós mesmos, que

possibilitam uma ampliação da nossa natureza interna, tal qual um jardim que floresce e cresce na multiplicidade das espécies presentes em nossa consciência, dando-lhes uma configuração única, original, integrando sombra e luz.

Assim como a natureza busca naturalmente seu desenvolvimento, pleno em abundância, nosso psiquismo também o faz. Esse impulso natural está presente até o fim da vida, entretanto tal crescimento pode ser obnubilado pela devastação das nossas “florestas”, gerando escassez e aridez. Contudo, elas estão em nós, consoante argumenta Jung com o seu conceito de arquétipo. A consciência desse processo – e dessa contradição – nos possibilita, ou não, dependendo do “querer” de cada um, realizar um movimento de cultivar, aguar, zelar essas sementes que não floresceram para que possamos cumprir nosso objetivo de individuação.

O “querer” – ou a libido<sup>129</sup> –, a força de vontade, torna-se um aspecto central dentro do processo de individuação, que, como já vimos, acontece naturalmente, esteja a pessoa consciente ou não. A diferença é que a tomada de consciência nos possibilita sermos responsáveis por nossas escolhas, assumindo as consequências, conscientizando-nos daquilo que as tradições espirituais chamam de livre-arbítrio, e, assim, escolhermos, com consciência, se queremos seguir ou não, de modo a não deixarmos nossas vidas à mercê do destino, sem que tenhamos domínio sobre ele.

Tornar consciente o “querer” acontece gradualmente ao longo da vida, o que nos possibilita tornarmo-nos mais responsáveis, uma vez que a consciência traz responsabilidades. À medida que desenvolvemos mais as funções da nossa personalidade, temos uma maior habilidade de dar novas respostas. Deixamos de lado uma rigidez que nos leva a uma repetição na forma de darmos as respostas, mesmo diante de diferentes situações. As respostas passam a ser mais flexíveis e equilibradas de acordo com a necessidade do momento.

Iniciar esse processo, todavia, requer disposição, pois, na escavação em busca dos “tesouros” escondidos no nosso psiquismo, encontramos também camadas densas, não trabalhadas, esquecidas ou sufocadas no curso do nosso desenvolvimento, o que pode gerar medo, angústia e até mesmo afecções psicossomáticas, até o momento em que reconhecemos, através da humildade, que a aceitação de quem nós somos, com nossas limitações e contradições, sem superestimar nem subestimar o nosso tamanho, possibilita-nos iniciar uma caminhada de transformação, pois já sabemos qual é o “ponto de partida”, uma vez que agora sabemos onde é que “estamos”.

---

<sup>129</sup> A libido é a energia psíquica para Jung. Ela se manifesta tanto como uma intenção quanto como uma ação. É para onde o sujeito direciona sua força de vontade; é o que dá sentido à vida na busca de equilíbrio. É como se fora o “sangue” da psique.

Negar essa dualidade que constitui o psiquismo da qual fala Jung (1991) seria aumentar o fosso entre a dimensão consciente e inconsciente, acentuando nossas contradições, e possibilitando o retorno sem domínio daquilo que foi reprimido. Quanto mais a pessoa se identifica com a função superior, mais energia psíquica é depositada nesta e conseqüentemente retirada das outras, a ponto de inclusive fazer com que aquelas, pelo desuso, retornem, sem controle, ou permaneçam na dimensão inconsciente paralisadas, gerando desequilíbrio (JUNG, 2012b).

Jung (2012b) compreendia o nosso psiquismo como um sistema autorregulatório, portanto há nele uma tendência natural de buscar a “homeostase”, tal qual o corpo biológico. O retorno da função inferior de uma forma descontrolada, através de sonhos, desejos, fantasias ou até mesmo transtornos psicossomáticos ou comportamentos abruptos, é um sintoma que, por mais que possa gerar dor e desconforto, ao mesmo tempo, se traduz numa tentativa de o psiquismo alertar sobre algum desequilíbrio oriundo, por exemplo, de uma atitude unilateral, cristalizada, congelada, da pessoa diante da vida. Vimos, pois, discursos que apontam para essa busca de equilíbrio quando integram mais de uma função psíquica em sua narrativa. Contatamos, portanto, níveis diferentes de consciência e compreensão dentro do processo formativo do CEBUDV-NSFC, na medida em que, para uma mesma pergunta, obtivemos como resposta desde uma única IC síntese (que corresponde a uma função) até quatro IC síntese articuladas (correspondendo às quatro funções psíquicas).

Para essa classificação das narrativas de acordo com um tipo de função: pensamento (**ICs A**), sentimento (**ICs B**), sensação (**ICs C**) e intuição (**ICs D**), utilizamos como critério a frequência, e não a intensidade com que os assuntos giravam em torno de um desses aspectos. É comum uma pessoa achar que sua função inferior é a superior, justamente pelo encanto que aquela pode despertar. É o que as pessoas gostariam de ser. Segundo Franz (2016, p. 99): “Portanto, não é bom pensar sobre o que importa mais quando se está tentando descobrir o próprio tipo; é melhor perguntar ‘o que eu costumo fazer mais?’”.

Não objetivamos, pois, pautar-nos em uma análise individual da personalidade dos sujeitos da pesquisa por dois motivos, primeiro porque a identificação do tipo de personalidade se torna mais adequado dentro do *setting* terapêutico ou através de testes psicológicos, já mencionados, uma vez que os comportamentos podem ter origem consciente ou inconsciente, ou seja, podem provir da função: superior, secundária, terciária ou inferior, sendo, portanto, difícil precisar um diagnóstico. E também porque optamos por uma metodologia de pesquisa – o DSC – que coletiviza discursos individuais, com o objetivo de percebermos a amplitude e a riqueza de uma linha de narrativa. Nosso intuito, portanto, não

foi diagnosticar as narrativas dos entrevistados, mas conhecermos os tipos de discursos coletivos que se aproximam das quatro funções tipológicas descritas por Jung, para que pudéssemos perceber a variedade das formas, opostas, mas complementares, de prestar atenção e examinar a realidade, bem como de conhecermos um pouco daquilo que o próprio Mestre Gabriel chamou de: “as compreensões” da realidade.

Sendo assim, a visão preconceituosa que se pode ter de outras abordagens psicológicas frente às tipologias se dá por uma compreensão errônea e limitada de que a tipologia se referiria a algo estático, determinado, que não possibilita a mudança. A tipologia tem o papel de orientar as pessoas em sua caminhada, e não as classificar em um tipo específico, rotulando e limitando suas possibilidades. Jung (2012b) sabia que o psiquismo humano, em virtude de sua complexidade, não pode ser reduzido a nenhuma tipologia, mas esta tentativa de compreensão pode facilitar o seu desenvolvimento.

Esse processo de individuação através das funções psíquicas, dos tipos psicológicos, não diz respeito a uma mera teorização, mas parte da observação mesma da realidade, do dia a dia do homem comum extraído da sua escuta clínica e do seu conhecimento de ciências como a mitologia, filosofia, biologia, antropologia e religiões comparadas, que o fez perceber padrões básicos de “passos” a serem trabalhados durante essa “caminhada”, a saber: o encontro com a *persona*; o reconhecimento da sombra; a integração *anima/animus*; e a união do ego com o *self*.

Vamos apresentar as noções básicas dos principais conceitos que estão presentes em cada um desses passos para que possamos compreender melhor esse processo formativo que ele denominou de individuação.

### ***6.1.2 O processo de individuação e o desenvolvimento das funções psicológicas***

Jung postulou a existência de três camadas no psiquismo: a consciência, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. A consciência é a camada mais clara, que nos permite ver, examinar, decidir, querer e agir. O inconsciente pessoal, descoberto por Freud, seria uma espécie de depósito onde ficariam guardadas as experiências que nós já vivenciamos, mas que não estão mais presentes na consciência, como memórias e lembranças infantis perdidas (acontecimentos que foram reprimidos, por sua intensa carga afetiva, e incapacidade de elaboração na época) e imagens do dia a dia que foram vistas, mas não foram processadas. Sendo assim, o inconsciente tem uma capacidade ampla de percepção, registrando todas as experiências pelas quais passamos, por mais que não tenhamos

consciência destas, mas que são possíveis de serem relembradas e virem à consciência. É o que Jung (1995), por sua vez, denominou de sombra.

O inconsciente coletivo, este descoberto por Jung, é uma estrutura sem conteúdo, inacessível à consciência, justamente porque não tem conteúdo; é uma estrutura estruturante. Ele não vem do ambiente, não é apreendido do ambiente; o que vem do ambiente é o conteúdo. Jung (2000b) chega a afirmar que o inconsciente coletivo não existe, como um fenômeno empírico, palpável. Aquilo a que temos acesso fenomenicamente corresponde são seus conteúdos, que encontramos nos relatos de diversas culturas e de pacientes e que, pela comparação, percebemos que possuem certa similaridade. Assim, Jung (2000b) elabora uma hipótese sobre a existência dessa estrutura comum e exemplifica comparando-a ao sistema botânico das plantas, que também não encontramos em lugar nenhum, mas que podemos organizar diferentes plantas de acordo com distintas categorias a partir dessa suposição de uma estrutura. Essa estrutura seria, portanto, o equivalente psíquico da genética, da biologia, da estrutura corporal, cerebral. Assim, do mesmo modo que o ser humano tem uma estrutura corporal comum, devido à genética, é possível que essa estrutura corporal se reflita também psiquicamente e que essa estrutura também organize os conteúdos de uma maneira típica, e isso incluiria as próprias funções. Não se vê, pois, as funções nos conteúdos trazidos diretamente pelos pacientes. Ele criou as funções (tipos) ao ver que existem certas formas de percepção e organização das representações psíquicas que são comuns. As funções são, por conseguinte, “arquetípicas”, pois são inatas (*Arqué*); são estruturas; não estão no conteúdo, mas são modos de organizar os conteúdos psíquicos, sendo comuns em diversas culturas. O inconsciente coletivo é, nessa perspectiva, inato ao ser humano (JUNG, 2000a).

Essa hereditariedade explica o fenômeno, no fundo surpreendente, de alguns temas e motivos de lendas se repetirem no mundo inteiro e em forma idênticas, além de explicar por que os nossos doentes mentais podem reproduzir exatamente as mesmas imagens e associações presentes em textos antigos de outras culturas, que não a sua, por exemplo. (JUNG, 1980b, p. 59).

Esses conteúdos arquetípicos, dos temas mais dolorosos e encantadores que atravessam a humanidade, estão lá registrados. Uma das formas para acessar o inconsciente coletivo consiste no ato de o estado de vigília da consciência “adormecer”<sup>130</sup> e ceder lugar à dimensão onírica, em que esse universo pode ser vislumbrado (JUNG, 1980b, 1995).

Consciente e inconsciente formam uma oposição complementar que possibilita o movimento e a própria dinâmica da vida. Entretanto, uma das funções psicológicas tende a se

---

<sup>130</sup> Ou através de um estado ampliado de consciência, como, por exemplo, quando se faz uso do ritual da *Hoasca*.

desenvolver mais por conta das contingências externas e também porque aquela função escolhida se torna mais habitual e cômoda para resolver as situações, porque nós já conhecemos seu funcionamento e deixamos, assim, para as pessoas com as quais nos relacionamos a resolução de certas situações que não conseguimos dirimir, ou seja, que desempenhem as outras funções que nós deveríamos desenvolver em nós mesmos. Escolhemos, desse modo, um papel no contexto familiar, social e profissional que reforça nossa função principal e congela o desenvolvimento das outras (FRANZ, 2016).

Buscar esse descongelamento e o desenvolvimento das outras funções é como ir na direção contrária de si, tal qual o movimento que Jung denominou de enantiodromia<sup>131</sup>, que é um movimento natural do psiquismo buscando seu próprio equilíbrio. Um caminho desconhecido que pode gerar temor, mas que se revela enriquecedor quando os tesouros escondidos no inconsciente reluzem na consciência e possibilitam novas formas de pensar, sentir, agir e intuir.

Por outro lado, percebemos autores pós-junguianos, como Franz (2016), que possuem uma interpretação e visão mais estática e pessimista, tal qual a de Freud, sobre a possibilidade de integração das funções psicológicas, assim como também temos autores que acreditamos se aproximar mais da própria compreensão de Jung que apresentam uma visão mais dinâmica e passível de transformação e integração das funções a qual aconteceria no próprio processo de individuação.

Para Franz (2016), narrativas que articulam três funções, como as “**ICs A+B+C**”; “**ICs A+B+D**”, “**ICs B+C+D**”; “**ICs C+D+A**”, seriam mais raras e as que articulam quatro funções, como “**ICs A+B+C+D**”, seriam mais raras ainda. Para construir, portanto, uma ligação consciente e constante entre a consciência e o inconsciente, o que possibilitaria um equilíbrio dinâmico, Jung (1980b) conceituou como a “função transcendente”. Para além das funções tipológicas descritas acima, que se dividem entre a consciência e o inconsciente, essa função possibilitaria, a partir da tensão e conflito entre as funções, a união das funções de uma forma misteriosa. Ele se deu conta da existência dessa função não de uma forma racional e lógica, pois se contraporía a tudo o que foi explicitado acima, mas de uma forma intuitiva, através da percepção da força dos símbolos na sua prática clínica e na história da humanidade (JUNG, 1995).

A consciência está em cima, digamos assim, e a sombra está em baixo. E como o que está em cima sempre tende para baixo, como o quente para o frio, assim todo o consciente procura, talvez sem perceber, o seu oposto inconsciente, sem o qual está

<sup>131</sup> Enantiodromia, segundo o filósofo Heráclito, significa “Correr na direção contrária”.

condenado à estagnação, à obstrução ou à petrificação. É no oposto que se ascende a chama da vida. (JUNG, 1980b, p. 49).

A reação da pessoa frente à força do símbolo, unindo inconsciente e consciência, promoveria a união entre as diversas funções, possibilitando a função transcendente. Cada vez que um arquétipo aparece em um sonho, na fantasia ou na vida, ele traz consigo uma “influência” específica ou uma força que lhe confere um efeito *numinoso* e fascinante ou que impele o sujeito à ação (JUNG, 1995).

Não podemos esquecer que na presente tese os sujeitos apresentaram suas narrativas a partir da sua experiência, iniciada e facilitada pelo efeito numinoso<sup>132</sup> propiciado pelo chá *Hoasca*. Indagamos sobre como é essa “escola” do CEBUDV, o que é que se aprende nela, como é a formação, o que é que eles vêm aprendendo e como vem sendo o processo de transformação. Nosso intuito, portanto, não foi ter acesso às narrativas sobre as experiências numinosas propriamente ditas, mas sim sobre as consequências dessa experiência; o que os sujeitos foram impelidos a fazer no seu dia a dia.

Segundo Jung (2000b), uma experiência numinosa produz um encantamento que pode despertar para essa conexão com o inconsciente coletivo<sup>133</sup> e com os arquétipos, lembrando que não é o arquétipo em si que é visualizado numa experiência de êxtase, e sim as imagens arquetípicas, que se complementam àquilo de que aquela pessoa necessita. Assim, para cada pessoa, essa experiência intensa, misteriosa, não racional e não sensorial faz todo o sentido. Vale ressaltar que, na obra literária primordial do CEBUDV, intitulada *Hoasca - Fundamentos e objetivos*, publicada em 1989, o autor mais citado é o próprio Jung, quando este é utilizado para explicar o que seria o efeito numinoso provocado pelo chá.

Consoante Jung (2000a), o arquétipo é caracterizado por um efeito numinoso, um sentimento de fascinação ou encanto frente à experiência, que, apesar de conter símbolos universais, de ser misteriosa e intensa, possui uma mensagem direcionada, particular, para quem a vivencia. Como expresso na seguinte narrativa:

*Você pode ir pra uma banca de doutorado e falar pra todos eles – eu já fui também [...] e falei sobre o Vegetal. Eles podem ter uma ideia. Podem ter uma ideia. Essa daí você pode deixar [risos]. Você pode ter uma ideia, todos eles vão ter uma ideia, mas eles jamais vão saber o que eu vivi e o que você vive ou o que os sócios da União vivem. (CONSELHEIRA CHARMENE).*

<sup>132</sup> É uma emoção espiritual misteriosa e despertadora que produz uma modificação especial na consciência.

<sup>133</sup> Uma camada em comum gravada no psiquismo de toda a humanidade, com temas universais, arquétipos, que constelam o indivíduo nas mais diversas culturas e períodos históricos, presente nas artes, mitologias, religiões, filosofias, alquimia, nos sonhos de pessoas “normais” e delírios de psicóticos.

Por se tratar de uma experiência difícil de descrever em palavras, a Psicologia Analítica tem em mãos um objeto de estudo complexo, por isso é criticada por sua falta de sistematização metodológica e científica.

Muitos têm criticado os pontos de vista junguianos porque não apresentam um material psíquico sistematizado. No entanto, se [*sic*] esquecem de que o material propriamente dito é a experiência viva, carregada de emoção, irracional e mutável por natureza, não se prestando a sistematizações, a não ser de modo muito superficial. A psicologia moderna experimental alcançou os mesmos limites que defrontam a microfísica. Isto é, quando se lida com níveis médios, estatísticos, é possível fazer-se uma descrição racional e sistemática dos fatos; mas quando tentamos descrever um acontecimento psíquico particular, resumimo-nos a apresentar um quadro honesto dessa ocorrência, de tantos ângulos quanto for possível. Do mesmo modo, os cientistas têm de admitir que não sabem exatamente o que é luz. Podem dizer apenas que em certas condições experimentais parece consistir de partículas, enquanto em outras parece consistir de ondas. Mas ignora-se o que é a luz ‘em si’. A psicologia do inconsciente e qualquer descrição do processo de individuação encontram dificuldades de definições idênticas. (FRANZ, 2020, p. 216).

Vamos, portanto, apresentar uma sistematização superficial do que seriam os passos – básicos e recorrentes – do processo de individuação sob a perspectiva de alguns ângulos, a saber: o encontro com a *persona*; o reconhecimento da sombra; a integração *anima/animus*; e a união do ego com o *self*.

Para compreendermos o passo inicial do encontro da pessoa com sua *persona*, é importante compreendermos o conceito do “ego” e sua relação com o “*self*”. O ego, para Jung, seria o centro da consciência. Sendo assim, todos os conteúdos (por exemplo: uma atitude extrovertida ou introvertida, sensações, sentimentos, pensamentos e intuições) dos quais temos consciência são administrados pelo ego através da nossa capacidade de ter atenção e percepção da realidade física e psíquica (JUNG, 1996).

Desse modo, para se adaptar e sobreviver no meio em que a criança está inserida, o ego se utiliza dos melhores recursos internos disponíveis para que possa responder de maneira satisfatória às exigências externas. O resultado positivo faz com que essas ações e respostas se tornem repetidas e, assim, venham moldando a personalidade da criança, originando aquilo que Jung denominou de “*persona*”. Essa palavra tem uma raiz etimológica no grego, que significa “máscara”, que era utilizada pelos atores no teatro. É como um mecanismo de defesa utilizado pelo psiquismo para garantir um equilíbrio psíquico. Forma, pois, um estilo de nos relacionarmos com o outro e com o mundo e de desempenharmos nossos papéis sociais (JUNG, 1996).

O ego vai sendo revestido, portanto, por essa personalidade, a ponto de se identificar com ela, caracterizando-nos naquilo que nós temos de melhor, nossas qualidades, mas paradoxalmente nos limitando em termos de potencialidades a serem desenvolvidas, pois

estas permanecem desconhecidas, tendo em vista que o ego pode exagerar na primazia que a *persona* ocupa sobre ele, como uma espécie de “máscara colada no ego” (JUNG, 1996).

A *persona* é, portanto, a melhor maneira que encontramos para nos adaptarmos àquele contexto familiar da nossa infância. Serve para mascarar uma emoção com a qual não sabemos lidar, que corresponde à nossa quarta função, a função inferior, e faz com que desenvolvamos a função oposta como a função principal, superior, assim nossa *persona* esconde para os outros e para nós mesmos, já que é um mecanismo inconsciente, nossa inabilidade em lidar com aquela emoção ligada a uma função psíquica específica (JUNG, 1996). Por exemplo, uma pessoa extrovertida pode descobrir que sua *persona* aparenta se encantar pelo mundo externo e pelas pessoas, entretanto inconscientemente ela acha tudo sem graça e sem vida, por isso ela direciona sua atenção para fora, na busca de alegrar e animar o meio externo. O tipo introvertido aparenta achar o meio externo sem graça, por isso se volta para o seu interior, que seria mais interessante. Entretanto, pode descobrir que isso é uma *persona*; a bem da verdade, o meio externo é tão intenso e assustador que ele se volta para o seu interior, redirecionado sua atenção internamente, como uma forma de se sentir seguro (JUNG, 1996).

O **primeiro passo** consistiria no desvelamento dessa *persona*. Nossa *persona* nos auxilia na relação que estabelecemos com o mundo. A saúde psíquica consistiria justamente na capacidade de o “ator” reconhecer que utiliza uma “máscara” e poder transitar por outras *personas* mais adequadas à situação em que ele se encontra vivendo no momento, permitindo-lhe dar uma resposta mais adequada a cada situação, não agindo, assim, de forma mecânica, repetitiva, condicionada. Por exemplo: uma pessoa que tem uma *persona* mais ligada à função pensamento, em grande parte das suas atitudes resolve as situações que se lhe apresentam utilizando essa função. Entretanto, em outros momentos, a vida pode lhe exigir uma resposta, na qual a melhor alternativa seria um comportamento, baseado na sua função sentimento. Contudo, como o ego se encontra “colado” na *persona*, não consegue transitar e enxergar outras possibilidades, causando, por vezes, sofrimento e/ou adoecimento (JUNG, 1996). Foi o que percebemos hipoteticamente<sup>134</sup> nas narrativas em que preponderaram apenas uma IC síntese<sup>135</sup>: “A”, “B”, “C” ou “D”.

O **segundo passo** seria o reconhecimento da sombra. A *persona* acaba por funcionar, como vimos, como um anteparo, que impossibilita o ego lançar luz sobre a

<sup>134</sup> Falamos hipoteticamente porque não podemos afirmar. A narrativa de uma função preponderante apenas pode também, por exemplo, expressar o encanto da descoberta e início de desenvolvimento de uma nova função.

<sup>135</sup> Durante a organização das narrativas, as ideias mais recorrentes e que englobam as demais são nomeadas de “ideias centrais síntese”, segundo a metodologia do DSC.

totalidade do psiquismo. Obnubilados pela *persona*, os aspectos positivos (não desenvolvidos porque não foram os mais necessários de acordo com as exigências do meio) e negativos (que vão de encontro aos valores morais estabelecidos por aquela *persona*) ficam na sombra, o que engloba, portanto, os aspectos não desenvolvidos da função inferior (JUNG, 1990).

Dessa forma, por desconhecimento, terminamos, frente a essa ausência de luz em nós, não enxergando esses nossos aspectos e, desse modo, provavelmente os projetando no outro, para que possamos visualizá-los de algum modo e, de uma maneira indireta e inconsciente, trabalhá-los de uma forma não muito clara, como se fosse sombreada, o que pode gerar desentendimentos e sofrimentos em nossas relações.

Dependendo do desenvolvimento da pessoa, a função auxiliar, quando não muito desenvolvida, pode estar também, em parte, inconsciente, junto com a função terciária e a inferior, com pouca libido circulando nessas funções, pois a energia psíquica, destinada ao desenvolvimento das nossas funções psíquicas, fica unidirecionada prioritariamente pelo ego para uma única função (FRANZ, 2016; JUNG, 1990).

Já as narrativas que se apresentaram com este diálogo de duas funções, como as: “ICs A+B”; “ICs A+C”; “ICs A+D”; “ICs B+C”; “ICs B+D”; “ICs C+D”, apontam para esse possível processo de integração da função principal com os aspectos inconscientes da função secundária ou terciária; da *persona* com a sombra.

O reconhecimento da sombra funciona como uma chave primordial de acesso ao inconsciente coletivo, por sua proximidade com essa dimensão também inconsciente, possibilitando um novo movimento em direção ao desenvolvimento das outras funções, o que pode resultar em esperança, alegria e transformação, pois há a possibilidade de uma integração, conciliando os opostos, podendo servir como uma ponte entre a consciência, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. Os talentos das funções menos desenvolvidas, que estão na sombra, devem vir à luz (FRANZ, 2016; JUNG, 1990). Vejamos esta narrativa:

*Então, eu já vejo portas se abrirem, janelas de luz se abrirem. A gente começa a sonhar com mundos melhores, épocas mais felizes. Isso já traz, como eu disse no início, uma conformação, que é o que mais eu preciso, pra poder, mesmo diante de tudo que eu esteja vendo que não esteja no lugar, eu não perca a esperança, a fé e essa vontade de que um dia eu seja melhor e o mundo seja melhor também, me acompanhando, e a humanidade, todos tendo essa mesma oportunidade que eu estou tendo. (MESTRE EMERSON).*

O **terceiro passo** seria a integração da *anima* com o *animus*. A *anima* é a dimensão feminina presente no psiquismo do homem; e o *animus*, a dimensão masculina presente no psiquismo da mulher. Esses arquétipos funcionam como chaves que possibilitam

o acesso a esses aspectos que se encontram constelados nos respectivos inconscientes (FRANZ, 2016; JUNG, 2012b).

A *anima* de um homem, por exemplo, está ligada ao modo como este, enquanto criança, estabeleceu sua relação com a pessoa que desempenhava a “função materna”<sup>136</sup>, sendo, a partir daí, introjetada sua “imagem materna”, bem como suas respectivas representações sociais do feminino, que se reapresentarão, de forma inconsciente, projetada nos futuros relacionamentos amorosos desse homem na vida adulta. Faz-se necessário tomar consciência para que esse homem possa distinguir entre uma coisa e outra e não fazer confusões, colocando, assim, cada experiência relacional no seu devido lugar. Do mesmo modo, o *animus* de uma mulher tem ligação com a pessoa que desempenhou a “função paterna”, advindo dessa relação os mesmos e respectivos desdobramentos (FRANZ, 2016; JUNG, 2012b).

O(A) *animus/anima* de uma pessoa se encontra, pois, em oposição complementar à sua *persona*; portanto, se esta pessoa tiver, por exemplo, como função superior a sensação, a(o) sua(seu) *anima/animus* constelará a função intuição. Se a função secundária for o “pensamento”, a função terciária será o “sentimento” (FRANZ, 2016; JUNG, 2012b).

Nesse sentido, as narrativas que apresentaram uma tríade de funções, como as “**ICs A+B+C**”; “**ICs A+B+D**”, “**ICs B+C+D**”; “**ICs C+D+A**” apontam para o desenvolvimento da(o) *anima/animus*, uma vez que este diz respeito, com exposto acima, ao desenvolvimento de, no mínimo, uma terceira função, pois a função superior e a função secundária não formam uma oposição, como já foi explicado na subseção anterior. Logo, uma narrativa com três funções aponta provavelmente para a função terciária, que é oposta à função secundária, ou quiçá para a função inferior, que é oposta à principal.

Dada a racionalidade moderna que encontramos no patriarcado ocidental (NARANJO, 2005), como já discutimos em seções anteriores, a percepção do homem com a *anima* pouco desenvolvida encontra dificuldades em resolver questões que lhe exigem, por exemplo, o balanceamento e a flexibilidade de uma decisão a partir da função sentimento e/ou do uso da intuição. Situações em que lhe são exigidos, por exemplo, o uso da sensibilidade, da intuição, da escuta e do amor lhe são mais angustiantes (FRANZ, 2016; JUNG, 2012b).

Já a mulher possui, histórica e culturalmente, as funções intuição e sentimento mais desenvolvidas, sendo, por isso, mais passional. E, com o *animus* mal trabalhado,

---

<sup>136</sup> Valer ressaltar que, para a Psicanálise e a Psicologia Analítica, além do pai e da mãe biológicos, outras pessoas podem desempenhar esse papel satisfatoriamente, por isso esses saberes denominam estes lugares de função materna e função paterna.

apresenta dificuldades em realizar reflexões antes de tomar decisões lógicas e objetivas baseadas prioritariamente na razão (FRANZ, 2016; JUNG, 2012b). Entretanto, o homem e a mulher, com a *anima* e o *animus*, respectivamente, bem desenvolvidos, agregam essas capacidades à sua personalidade (FRANZ, 2016; JUNG, 2012b).

Iniciado este movimento, através desses passos descritos, para efeito didático<sup>137</sup>, do desenvolvimento da personalidade, naturalmente vem se adquirindo consciência do processo de individuação e do objetivo central do **quarto** e principal **passo**, que é a união do *ego* com o *self*, em que há um deslocamento gradual do centro da percepção do ego (limitado pela “*persona*”, “sombra” e não desenvolvimento da[o] “*anima/animus*”) até o *self*. Esse deslocamento, através do “eixo ego-*self*”, ampliando a percepção e o desenvolvimento de novas funções e possibilitando um grau superior de consciência, é o próprio processo de individuação, que faz do *self* (ou si mesmo), ao mesmo tempo, paradoxalmente, a totalidade da psique, bem como, idealmente, o seu novo centro, o “eu”, pois este é um ponto mais alto do que o ego, tornando mais clara a “consciência” e a psique como um todo, clareando os conflitos, conciliando os opostos e promovendo a paz (JUNG, 1990, 2012b). As narrativas com as “**ICs A+B+C+D**” transparecem esse aspecto diferenciado de percepção da realidade e da experiência de formação no CEBUDV-NSFC.

O ego, em essência, está contido no *self*, mas, devido às contingências, do meio biopsicossocial histórico e cultural, no nosso caso ocidental e moderno, ele acabou por ocupar um lugar de supremacia sobre os demais componentes da psique, vistos acima, entretanto, como o antigo centro da consciência, ele ocupa, portanto, um lugar importante no processo de tomada de decisão para esse deslocamento pelo eixo ego-*self*, integrando a dimensão consciente com a inconsciente, pois é nele onde se encontra o nosso querer, a nossa força de vontade para agir (JUNG, 1990, 2012b).

O *self* (si mesmo) não se revela apenas através de personificações humanas. Sendo uma grandeza que excede de muito a esfera do consciente, sua escala de expressões estende-se de uma parte ao infra-humano e de outra parte super-humano. Assim, seus símbolos podem apresentar-se sob aspectos minerais, vegetais, animais; como super-homens e deuses. Também sob formas abstratas. A denominação de *self* não cabe unicamente a esse centro profundo, mas também à totalidade da psique. O reconhecimento da própria sombra, a dissolução de complexos, liquidação de projeções, assimilação de aspectos parciais do psiquismo, a descida ao fundo dos abismos, em suma, o confronto entre consciente e inconsciente, produz um alargamento do mundo interior do qual resulta que o centro da nova personalidade, construída durante todo esse longo labor, não mais coincida com o ego. O centro da

<sup>137</sup> Vale ressaltar que essa sequência tem objetivo didático, haja vista a complexidade do inconsciente e a multiplicidade de arquétipos existentes. Foram extraídos aqueles considerados principais na obra do autor e que atendem ao objetivo da presente tese. Na prática, esta sequência pode ser alterada, bem como alguns passos acontecerem concomitantemente.

personalidade estabelece-se agora no *self*, e a força energética que este irradia englobará todo o sistema psíquico. A consequência será a totalização do ser, sua esferificação (*abrundung*). O indivíduo não estará mais fragmentado interiormente. Não se reduzirá a um pequeno ego crispado dentro de estreitos limites. Seu mundo agora abraça valores mais vastos, absorvidos do imenso patrimônio que a espécie penosamente acumulou nas suas estruturas fundamentais. Prazeres e sofrimentos serão vivenciados num nível mais alto de consciência. O homem torna-se ele mesmo um ser completo, composto de consciente e inconsciente, incluindo aspectos claros e escuros, masculinos e femininos, ordenado segundo o plano de base que lhe for peculiar. (SILVEIRA, 1983, p. 99-100).

Na perspectiva da tipologia *junguiana*, isso aconteceria equilibrando as “atitudes” e as “funções” psíquicas, por mais que o ego possa se encontrar, por exemplo, com boa parte da sua energia psíquica direcionada para apenas uma ou duas<sup>138</sup> das quatro funções existentes. É possível reunir essa energia e redistribuir de uma forma mais equilibrada, obedecendo a uma sequência que vá da função mais desenvolvida para a menos desenvolvida. Não se consegue trabalhar diretamente com a função menos desenvolvida, pois esta se encontra em oposição à primeira. O caminho é fortalecer as duas funções intermediárias, que darão suporte em como lidar com a função inferior, que não chegará ao nível das demais, mas se terá mais recursos para lidar com ela, podendo, assim, desenvolvê-la também, pois agora ela é conhecida. Há, assim, um reconhecimento consciente da totalidade do psiquismo, como vimos nesse “passo a passo” do processo de individuação (JUNG, 1990, 2000b, 2012b).

Foi o que constatamos nas **ICs A+B+C+D**. Na Psicologia Analítica, essa busca pelo equilíbrio e pela totalidade psíquica, propiciada pelo processo de individuação, não deve se traduzir por perfeição, pois o desenvolvimento harmônico e pleno da totalidade das funções não teria como acontecer, uma vez que a função mais desenvolvida já se encontra em ampla vantagem sobre as outras. Esta já se tornou preponderante desde a infância, o que faz com que: as outras funções não possam alcançar o mesmo grau do seu desenvolvimento atual, entretanto, quando estas a alcançarem, a função superior estará – sempre – mais na frente em termos de desenvolvimento. A função superior não tem como ficar estagnada enquanto as outras se desenvolvem, pois ela, junto com o ego, com o qual está identificada, é quem guia o próprio desenvolvimento das demais. O equilíbrio vem, portanto, da confrontação e conscientização do jogo de forças existente em nosso psiquismo, da existência da sombra e da luz, não como excludente, mas como um *continuum* (JUNG, 1990, 2012b).

A consciência do jogo de forças presentes na polaridade, na dualidade, é um aspecto que está presente em toda a obra *junguiana* e, portanto, no processo de individuação. Pode-se dizer que a Psicologia Analítica é uma Psicologia das polaridades. Vejamos as polaridades que

---

<sup>138</sup> Que seriam, respectivamente, a função superior e a função auxiliar, as funções mais desenvolvidas.

já apresentamos até aqui: “atitude introvertida-atitude extrovertida”; “pensamento-sentimento”; “sensação-intuição”; “*persona-sombra*”; “*anima-animus*”; e “ego-self”. Esses opostos, como vimos, não são antagônicos e excludentes, antes, pelo contrário, são energias complementares que buscam sua autorregulação através de uma integração complementar que propicia o crescimento psicológico através da união dos opostos (JUNG, 1990, 2000b, 2012b).

*Eu lhe digo uma coisa: se eu não tivesse me encontrado com o Vegetal, eu dificilmente... não dá para dizer, porque eu não tenho parâmetros, mas dificilmente eu teria realizado o pouco que eu realizei... e não perder a esperança. Hoje meu jeito de ser – eu não diria irresponsável – é meio irreverente, assim, em relação às reverências que andam por aí; nada me faz falta do supérfluo, nada me faz falta, porque na União a gente... eu me reporto sempre ao Mestre Gabriel, seringueiro. Uma vez chegaram para ele e disseram, um mestre até: ‘Mestre, por que é que o senhor não é um homem rico? O senhor tem tanto conhecimento, sabe de tantas coisas, por que o senhor não já se investiu aí num...?’. Aí ele disse: ‘Eu sou um homem rico. Eu tenho paz no coração’. Então, hoje meu grande sonho é essa paz. Eu sei que dói. Para amar, dói. Eu não tenho dúvidas disso. Aí o que é que dói, para mim, nesse caso? Aumentando a sensibilidade, o chá aumenta a sensibilidade. Aí você, para amar... Amar é um grau de vibração mais alto do que a matéria, porque a matéria tem um peso atômico. Aí, para amar, aqui, o coração tem hora que ele só falta saltar do peito para a gente ter a verdade do amor como prática de vida. Não é que eu viva me sensibilizando, porque eu tô vendo uma criança morrendo lá na África, no Japão, onde for, na Suécia, aí vêm as fotos, vêm os filmes. Não é isso, não. Eu acho que isso daí é o mínimo que se pode ter. É uma misericórdia com quem está padecendo. Mas eu digo é no dia a dia, no meu cotidiano, eu ver uma pessoa, ver um filho carecendo de uma luz e eu não poder dar? Porque não depende só de mim, aí dói em mim, porque eu tenho amor por eles; tenho amor pelos meus irmãos, pelo próximo. Bem que eu gostaria de fazer mais por eles, mas o máximo que eu posso fazer por eles é o que eu estou fazendo por mim; evoluir para eu não ser mais um peso morto, para não ser mais um explorador nessa sociedade ainda injusta, ainda hipócrita, imperfeita. Então é aquela coisa. É um a menos. Gandhi ele diz assim: ‘Um vibrando para o bem vale por milhões vibrando para o mal’. Então, eu procuro dentro de mim isso que eu chamo de vibrar para o bem. É amar. Não é de brincadeira. Não. Fulano ama! É um cara benquisto. É suave. É agradável. Trata bem todo mundo. Não é isso, não! É uma luz interna. Nós somos uma usina de força. Aí isso é a dor que Jesus fala. Jesus, no Monte das Oliveiras, chorou lágrimas de sangue, porque ele via a ingratidão humana e o quanto ele não podia fazer pelos humanos, tendo em vista a dor que todos vão ter que passar para um dia se sensibilizar e evoluir. Então, o Vegetal ele atenua isso. Quando a gente tem uma burracheira, só sabe quem tem, que aí a gente vê perspectivas humanas espirituais que as palavras não comportam, e aí a grandeza da esperança, a grandeza da fé, da consistência evolutiva. Então, é nesse sentido que eu aprendi alguma coisa e venho aprendendo alguma coisa, e a minha vida se modifica aos poucos. Isso também porque o Vegetal não é milagreiro. Bebeu está curado. Não! A gente é quem tem que se curar. A gente é quem tem que conduzir esse barco para um porto seguro. É uma grande estrada. Aí o Mestre vai conduzindo o barco, e a gente vai auxiliando no que é possível [...]. (MESTRE EMERSON).*

É diferente uma pessoa que age, por exemplo, prioritariamente por um dos polos (“ICs A”, “ICs B”, “ICs C” ou “ICs D”) e outra pessoa que tem consciência das polaridades e busca integrá-las (“ICs A + ICs B”; “ICs A + ICs B + ICs C” ou “ICs A + ICs B + ICs C + ICs D”). Uma retroalimenta a outra quando os recursos próprios de cada polaridade se tornam

limitados. O reconhecimento e a busca de desenvolvimento do polo complementar se traduzem como uma fonte de renovação para a vida (JUNG, 1990, 2000b, 2012b).

Jung (1997) lança um olhar simbólico sobre a trajetória do Sol, comparando-a ao ciclo de vida humano. O Sol nasce na “barra” do horizonte e com ele os primeiros raios de luz, tal qual os nossos primeiros passos, a descoberta do mundo e o nascimento da nossa consciência *egoica*, que se diferencia do inconsciente e começa a distinguir os elementos que compõem a realidade. Ao meio-dia, o Sol fica a pino e chega à plenitude da sua incidência; é o que Jung chama de *metanoia*, ou meia-idade, e revela-se como uma espécie de “portal”, um momento de possível abertura da consciência para o inconsciente e o desenvolvimento de novas potencialidades. Daí, então, o Sol começa a realizar um movimento descendente até o “pôr do Sol”. O corpo físico começa a se desgastar, entretanto o Sol continua a iluminar do outro lado da Terra, durante a noite, assim nossa consciência deve continuar sua busca de iluminar o lado escuro e inconsciente a favor da sua expansão e contínuo desenvolvimento.

Para Jung (1997), a sabedoria contida nas religiões não pode ser alcançada apenas pelo intelecto. O coração deve estar presente se quisermos interpretá-los de forma mais ampla. Ao trabalhar com o simbolismo presente na alquimia e na religião, pôde perceber, próximo ao fim da sua vida, através da análise dos seus sonhos, a importância do reconhecimento da dimensão do *self*. Para Jung, só quando estabelecermos uma relação com essa dimensão, que é maior do que o ego, podemos nos desviar das vaidades do mundo e ter alguma utilidade quando começarmos a prestar atenção ao que é essencial, eterno e infinito.

## **6.2 O processo de formação no CEBUDV-NSFC e sua contribuição para a formação humana**

### **6.2.1 A Psicologia Analítica de C. G. Jung**

A Psicologia Analítica de C. G. Jung foi construída, como já vimos, a partir do conhecimento em diversas áreas do saber e sua aplicabilidade, portanto, transcende com facilidade o campo da Psicologia e pode ser traduzida por outros cientistas interessados para diversas áreas, inclusive o campo da Educação. Onde quer que haja relações humanas, a tipologia *junguiana* pode auxiliar na compreensão mútua e no crescimento pessoal (JUNG, 2012a).

A escola tradicional, por exemplo, ainda se encontra presa à mera transmissão (atitude extrovertida) e memorização de conteúdos (função pensamento) (**ICS A(e)**) e dos conceitos (sensação) (**ICs C**) sem nenhuma conexão com a realidade psíquica, familiar e

social do discente, o que dificulta a capacidade de se dar atenção às aulas e à conseqüente assimilação e aprendizagem. Vale ressaltar que estudantes que tenham essas atitudes e funções tipológicas específicas supracitadas mais desenvolvidas tendem obviamente a encontrar mais facilidade em lograr êxito nesse tipo de sociedade (JUNG, 2012a, 2012b).

Ao se desfazer das vivências que os estudantes já trazem em sua bagagem, perde-se a oportunidade de fazer com que os conhecimentos adquiridos na escola façam sentido e se tornem experiência de vida. A escola se desviou dos seus objetivos primordiais e se tornou mecanicista e tecnicista, em detrimento de uma escola humanística. O processo criativo fica bloqueado quando a escola se resume a uma “educação bancária”, de acordo com Freire (2011), na qual o estudante não tem espaço para o diálogo e para a fala.

Vale ressaltar que, no breve espaço de tempo da Educação Infantil, devido à predominância de mulheres e dos aspectos próprios do matriarcado (NARANJO, 2005), já apresentados, há uma inversão na preponderância dessas funções, em que as funções sentimento (**ICs B**) e intuição (**ICs D**) se fazem mais presentes, neste momento, em contraposição, díspar, a todo o restante da vida escolar e universitária.

Nesse sentido, segundo Byngton (2003), alguns estudiosos da Psicologia Analítica aplicada à Educação entenderam que era preciso criar um modelo de educação próprio para cada tipo psicológico ou um modelo diversificado que possibilitasse o desenvolvimento pleno das diversas funções em cada pessoa. Na Educação Infantil, faria sentido concentrar em apenas uma das funções, de acordo com cada tipo de criança, apesar da dificuldade metodológica para operacionalizar tal proposta, haja vista que o desenvolvimento unilateral é “imposto” nesse tipo de sociedade hiperespecialista em que vivemos.

Podemos deduzir, assim, que uma escola não deve se ater, portanto, ao desenvolvimento de apenas uma das funções. O conhecimento das diferentes personalidades, por professores e estudantes, faz com que uma escola ou universidade que se preocupe com o desenvolvimento integral do ser, tal qual o CEBUDV, deva proporcionar espaços e experiências que possibilitem ao estudante o desenvolvimento da totalidade das suas funções psíquicas dentro de um processo de individuação. Na Educação, torna-se indispensável a pluralidade metodológica que facilite um amplo desenvolvimento, tendo em vista as conseqüências, já apresentadas, de um desenvolvimento unilateral.

Vale ressaltar que, para Jung (2012b), desde a infância já é possível descobrir o tipo psicológico de uma criança. A ideia, portanto, não é que a escola deva modificar o tipo psicológico da criança, que, por sua vez, já foi a melhor solução encontrada por aquela criança para sobreviver, adaptar-se ao meio familiar. A ideia é proporcionar outras

experiências para que a estrutura unilateral do psiquismo não seja hiperdimensionada, intensificando a neurose. A ideia é que sejam apresentadas outras formas de pensar, sentir, agir e intuir equilibrando as funções.

A formação de dirigentes que acontece no CEBUDV-NSFC e nas escolas deve estar atenta ao desenvolvimento integral dos seus formandos. Não só supervalorizar e, desse modo, congelar o estudante na função, unilateral, em que ele já demonstra ter desenvoltura. Entender que o desenvolvimento, para que ele seja pleno, harmonioso e saudável, precisa propiciar e disponibilizar espaços para que a pessoa possa desenvolver novas habilidades. Fortalecer os aspectos que foram esquecidos durante o processo adaptativo traz uma maior desenvoltura e segurança, ampliando o repertório de respostas diante da vida, do contrário esses aspectos negligenciados retornam, em algum momento da vida, desde sua aparição simbólica em sonhos até mesmo podendo ocasionar uma manifestação psicossomática através de alguma doença. O psiquismo busca o equilíbrio; busca o pleno desenvolvimento das funções, nem que para isso o inconsciente retorne abruptamente de uma maneira sintomática. O sintoma é, assim, paradoxal, pois, ao mesmo tempo que causa um incômodo, serve de alerta para a necessidade de uma transformação.

A formação de pedagogos com a qual o autor da presente tese trabalha não pode se reduzir, portanto, a uma formação reprodutivista. Há que se levar em consideração o potencial e a força de vontade dos estudantes para o desenvolvimento da sua própria personalidade. Deve-se desenvolver sua autonomia e facilitar o seu processo de individuação, empoderando-o.

Entendemos que uma pedagogia de formação de valores se sobrepõe a uma aprendizagem mecânica, relativa a comportamentos e atitudes corretas para consigo e para com os outros, com que estabelecemos relações. Ela se baseia numa perspectiva reflexiva [ICs A], em que o educando busca discutir e analisar os valores [ICs B] vigentes do seu tempo. Não se trata, portanto, de ensinar o bem ou mal, mas de propiciar discussões sobre mecanismos utilizados [ICs C] cotidianamente, de acordo com as valorações implícitas da cultura vigente (como a competitividade e o consumismo), que, por vezes, visam distanciar o ensino escolar da aprendizagem crítica e espiritual [ICs D], essenciais ao que definimos como formação humana. (MATOS; NONATO JÚNIOR, 2010, p. 32).

No CEBUDV, os distintos departamentos, com as diferentes funções e habilidades exigidas, apresentam-se como tal espaço. O convite à iniciativa e à autonomia (ICs C) dos seus sócios para ocuparem tais lugares, através do sentimento (ICs B) de pertença ao lugar, de serem copartícipes, viabiliza tal experiência criativa através do exercício do diálogo (ICs A), desde as sessões (ICs D), em que a participação dos sócios através de perguntas é fundamental para o seu andamento, e mutirões (ICs C) até as ações, em que cada um pode

desenvolver essas atividades em conjunto com a irmandade (**ICs B**). Essas possibilidades se tornam um fator de atração para aqueles que buscam seu próprio desenvolvimento. O discípulo em formação, frente a essas oportunidades, vai colocando em prática (**ICs C**) os ensinamentos (**ICs A**), relacionando-se, convivendo (**ICs B**) e reconhecendo, através da intuição (**ICs D**), a existência de “Deus” e, assim, amadurecendo até o ponto de fazer parte da direção do Núcleo, como apresentado na seguinte narrativa:

*[...] a União é essa escola que vai te conduzindo espiritualmente e você chega a alguns estágios que as pessoas veem que você já tá numa condução determinada pra chegar a um grau de ensinamentos pra receber novos ensinamentos, e isso vai mostrando, assim, naturalmente o caminho até você chegar num lugar onde você possa também auxiliar mais. Ter uma responsabilidade institucional maior. De também auxiliar as pessoas nesse caminho do Mestre, porque assim, nós que tamo na direção... a gente é auxiliar do Mestre nessa caminhada e a gente sabe que tá até lá nos documentos; a gente sabe que requer de nós um compromisso de conduta moral e espiritual maior em relação à instituição, porque há uma formação constante das pessoas que estão na União. Não é só quem tá na direção. E essa formação ela, de certa forma, dá um compromisso maior à gente, porque a gente também passa a ser responsável por isso; nesse auxílio dessa formação, dessa condução e da nossa própria formação, porque passa a exigir também mais da gente. Então, tudo aquilo ali que existe, esse lugar de orgão e o lugar de assistente é em função da sessão; sessão espiritual, porque é lá que a gente busca o nosso alimento pra o espírito, essa renovação e essa busca constante pelo conhecimento, o melhoramento. (DSC).*

Deduzimos também que, não agindo assim, uma escola – ou espaço formativo – que não perceba tais mecanismos é sujeita a se deparar com o retorno, inconsciente, da função inferior mal trabalhada, tendo em vista que o uso excessivo de uma função, que está “colada” ao ego, pode ter como consequência as “projeções” e os desentendimentos de relacionamentos oriundos dessa descompensação. O inconsciente atua, portanto, de forma compensatória. Tais conflitos e desentendimentos podem ser vistos com sintomas que estão paradoxalmente, ao mesmo tempo, alertando que algo não está bem e buscando o equilíbrio (JUNG, 1996).

É no aperfeiçoamento de si (**ICs A**), conhecendo-se e melhorando a relação consigo mesmo, que se pode melhorar a relação com o outro (**ICs B**). O indivíduo consciente pode aprender que as diferenças individuais podem ser fontes de crescimento (**ICs C**), se assim forem compreendidas (**ICs D**), que aquilo que nos incomoda no outro pode ter mais a ver com nossas fragilidades (função inferior, que se encontra subdesenvolvida), as quais, ao vermos que estão desenvolvidas no outro, podem nos causar um mal-estar. Assim, tal conhecimento pode fazer com que nos aproximemos dessas pessoas, ao invés de nos afastarmos, o que seria uma reação de defesa inconsciente, para, assim, aprendermos e desenvolvermos em nós outras potencialidades, a partir da convivência com a diferença.

O crescimento psicológico dos estudantes pode ser balizado pelo processo de individuação. No contexto da modernidade, uma única função naturalmente ganha primazia e o seu desenvolvimento unilateral pode servir para atender às exigências de um mercado superespecializado. Contudo, não podemos perder de vista as consequências psicopatológicas oriundas da “sombra”. Não podemos deixar de nos preocupar com uma formação que desenvolva também as funções inferiores, para que, assim, seja uma formação eminentemente humana (FRANZ, 2016; JUNG, 2012a).

De uma perspectiva pluridimensional, a formação passa a ser unidimensional, gerando ‘déficits de humanidade no homem e na sociedade’. O ser social vai se apartando artificialmente do ser individual pela necessidade do treino de habilidades cada vez mais redutoras do conjunto das capacidades humanas. (OLINDA, 2004, p. 123-124).

A formação de um estudante deve prepará-lo não apenas para o mercado de trabalho, mas também para a vida e para as relações interpessoais que encontrará na vida profissional e pessoal. As relações pessoais (**ICs B**) que se estabelecem no CEBUDV, a partir dos mutirões (**ICs C**), nas sessões (**ICs A e ICs D**), e que se estendem para uma convivência social são um aspecto marcante dessa religião, que proporciona, por um bom espaço de tempo, um campo de relacionamentos e convivência humana. As diferenças pessoais – as funções não trabalhadas – encontram, desse modo, espaço e tempo para emergirem e serem trabalhadas bem mais que se o tempo destinado ao CEBUDV se limitasse às sessões. Nesta convivência se dá o reconhecimento das nossas limitações e da necessidade que temos do outro para a realização das nossas tarefas. O outro, muitas vezes, exacerba um bom desenvolvimento da nossa função inferior, que em nós se encontra limitada, o que pode gerar inicialmente, inconscientemente, uma dificuldade de relacionamento. O autoconhecimento proporcionado pelo CEBUDV nos possibilita reconhecer nosso tamanho, bem como nossas limitações e qualidades, o que facilita o reconhecimento da necessidade do relacionamento com o outro como um fator de soma e aprendizado para o nosso próprio desenvolvimento.

*Aí o Mestre Gabriel criou o trabalho pra gente aprender a se conhecer uns com os outros, não só enquanto a gente tá naquele momento especial da burracheira. Aí aquilo ali a gente já conseguiu passar a ter aquela convivência durante o dia com algumas pessoas; já conseguiu ver algumas coisas; já forma esse vínculo de fortalecimento de amizades. É assim que as amizades elas se constroem. Os vínculos eles são fortalecidos porque a gente começa lá naquele trabalho do mutirão e a gente vai se conhecendo e se integrando, porque, se não existisse esse trabalho, se só se encontrasse na hora da sessão, será que nós teríamos esse vínculo de amizade? Será que seria tão fortalecida assim? E precisa se conhecer. A gente precisa se conhecer no cru. Sem ser só a coisa do chá. Momento especial que a gente fica bom; a gente fica leve. A gente tem a bondade; a gente tem os dois lados, mas um aflora mais e o outro aflora menos; a depender do dia; a depender da*

*ocasião. O que esse trabalho de constante transformação é que a gente tá buscando sempre melhorar o lado bom da gente, o lado da bondade, o lado do bem. Então, ela forma, assim, as pessoas também de uma forma natural. (DSC).*

Uma escola que conheça a tipologia *junguiana*, que promova o autoconhecimento, deve propiciar espaços de convivência que transcendam a sala de aula, espaços em que os estudantes possam estar juntos trabalhando na construção de um objetivo comum. As diferenças interpessoais se tornam fator de soma na resolução de problemas, valorizando o potencial já desenvolvido de cada um, mas sem esquecer as oportunidades e as possibilidades de desenvolvimento das “funções inferiores” de cada um. Os discentes passam a se ver, em alguns casos, como opostos, em termos de função superior desenvolvida, mas complementares, em termos de potencial de resolução de tarefas, aprendizado este que pode repercutir positivamente na fase adulta, quer seja nas relações pessoais e/ou profissionais (BYGNTON, 2003; FRANZ, 2016; JUNG, 2012a).

Em suma, a experiência vivenciada no CEBUDV facilita o processo de individuação ao objetivar o desenvolvimento das virtudes morais (ICs B + ICs C), intelectuais (ICs A) e espirituais (ICs D), na medida em que possibilita o desenvolvimento das atitudes e funções existentes em nosso psiquismo, de acordo com a Psicologia *junguiana*. Através de uma atitude de “introversão” (ICs A(i)), bebe-se o chá para efeito de concentração mental, para que os conhecimentos adquiridos através de um autoexame possam ser “extrovertidos” (ICs A(e)), postos em prática (ICs C) em nossas atitudes diárias. Essas atitudes refletem os valores morais (ICs D), o que a pessoa é: o modo como entra em contato com o mundo através das suas sensações. Os ensinamentos trazidos através do seu corpo doutrinário e da transmissão oral possibilitam uma reflexão e desenvolvimento do pensamento e do intelecto (ICs A). Jung considera também a capacidade de sentir como uma função racional, intelectual, que possibilita avaliar uma situação e tomar a melhor decisão. É o que o chá nos proporciona: sentir (ICs B) para poder decidir. O CEBUDV é tido, por alguns, como a “religião do sentir”, como apresentado na seguinte narrativa:

*E lá é uma religião, conhecida como ‘religião do sentir’. Ele pega a síntese e, com aquela síntese, a pessoa chega no objetivo de uma forma melhor, mais fácil, porque a gente tem acesso a um ensino espiritual e tenta trazer isso pra nossa vida, no sentido de crescimento, de ter a oportunidade do chá mostrar pra nós aquilo que, muitas vezes, não tá correto dentro da nossa caminhada. E a gente ter a oportunidade de desenvolver o nosso pensamento, que é o que a gente aprende muito. (DSC).*

E o desenvolvimento das virtudes espirituais acontece também quando, através dos encantos propiciados pela *burracheira*, podemos integrar nossa intuição (ICs D) ao nosso dia a dia (ICs C).

Assim, o comportamento dos dirigentes torna-se espelho para aqueles que estão chegando. Jung assevera que o exemplo é a forma mais eficaz de ensinar algo. No âmbito do CEBUDV, tem um ditado popular que é bem propagado que diz: “A palavra convence, mas o exemplo arrasta”.

O educador deve sempre ter em mente que pouco adianta falar e dar ordens; o importante é o exemplo. Se o educador admite no tocante a si mesmo, de modo inconsciente, toda espécie de inconveniências, mentiras e maus modos, pode estar certo de que tudo isso terá um efeito incomparavelmente maior do que todas as boas intenções que demonstra com tanta cerimônia. A opinião médica considera como o melhor o seguinte método pedagógico: o próprio educador deve ter sido educado antes e ter experimentado em si mesmo se são eficientes ou não as verdades psicológicas que aprendeu em sua escola. Na medida em que o educador persistir nesse esforço com certa dose de inteligência e de paciência, é provável que não seja um mau educador. (JUNG, 2012b, p. 148).

Há que se ter uma consciência de si, da sua personalidade, para que se possa desempenhar bem o papel do educador. O educador não deve, portanto, exagerar em sua forma típica de ensinar. Ele deve perceber que sua didática, metodologia e avaliação são próprias da sua função mais desenvolvida. Nessa perspectiva, ele não deve inibir a aprendizagem dos estudantes que tenham a sua função superior oposta à sua. Ele deve diversificar ao máximo, utilizando elementos da sua função secundária, terciária e até mesmo da inferior (BYGNTON, 2003; FRANZ, 2016; JUNG, 2012b).

Do que estamos tratando é do reconhecimento da participação ativa do inconsciente na determinação das relações. Tratando-se de professor-aluno teremos que o fator preponderante para o sucesso na relação ensino-aprendizagem será a personalidade do professor. A exemplo da educação do terapeuta, Jung acentua a importância do autoconhecimento do professor. Não se refere, portanto, à aquisição de conhecimentos teóricos e técnicos, mas de um conhecimento que emerge da busca em conhecer-se. No campo em que estamos transitando, será decisivo o conteúdo anímico. Uma alma alimentada, aberta, florescida, ligada aos apelos da criança interna tanto mais ajudará o professor na sua jornada e, por conseguinte, as crianças. (OSTETTO, 2007, p. 206).

O educador consciente da sua personalidade não tende a sufocar a personalidade do aluno, dando-lhe espaço para o desenvolvimento da sua personalidade, uma vez que a sua também se encontra em transformação. Quando o professor acha que o que sabe já é suficiente, este dificulta inconscientemente a aprendizagem do aluno, pois se coloca num lugar de “quem já sabe” e o aluno num lugar de “quem não sabe”, de aluno<sup>139</sup>. Ele não busca mais o conhecimento, a “luz”; encontra-se paralisado e, então, paralisa a vontade do “a-luno” de buscar a “luz”. Perceber que o educador se coloca no lugar de aprender é o que mobiliza a

---

<sup>139</sup> “A-luno” etimologicamente significa aquele que está “sem luz”.

vontade do “estudante” em também querer se colocar em constante aprendizagem (BYINGTON, 2003; FRANZ, 2016; JUNG, 2012a).

Como tal, é um caminho fecundo para a formação de professores. No aspecto que estou discutindo aqui, é um espaço singular para tomar contato e perceber claramente os polos mestre-aprendiz presentes em cada um. É o outro lado do ser professor que necessita e pede: entregar-se e dispor-se à aprendizagem de algo desconhecido, misterioso que não se controla. Múltiplos sentidos da aprendizagem. Reconhecimento de luz e sombra. Busca. (OSTETTO, 2007, p. 208).

Há um ensinamento do Mestre Gabriel que diz: “O melhor lugar na União do Vegetal é o de aprendiz!”. Reiterado também na seguinte narrativa: “*Todos nós somos aprendizes. Então, o que eu tô aprendendo é isso: é que eu sou um aprendiz. Eu sou um aprendiz e tenho muito que melhorar ainda. Tenho muito o que melhorar*” (MESTRE HÉLIO). É oportuno trazermos ainda o posicionamento de Ostetto (2007, p. 208): “[...] o que pretenderia o professor, de sua jornada, senão transformar-se? A experiência acadêmica deveria provocar essa viagem de transformação, pois, para tornar-se professor, há que abandonar algumas crenças, há que modificar caminhos, fazer travessias”.

O diálogo se torna peça fundamental, pois os arquétipos de “professor” e “estudante” podem e devem ser constelados em ambos os atores do processo de aprendizagem. Um professor que se congele nesse e papel e se esqueça do polo complementar, inconsciente, de estudante, perde o entusiasmo e a vontade de aprender mais. O discente que assim também o faça se coloca num lugar de passividade e não desenvolve seu lugar de fala e de protagonismo. A sensibilidade (ICs B) e a intuição (ICs D) devem estar presentes numa formação saudável e integral.

Ou seja, um professor seria tanto melhor professor quanto mais tivesse a consciência do polo criança/aluno em si; quanto mais admitisse, por exemplo, a ignorância, o fascínio e o desejo de conhecer, no seu percurso. Seria essa admissão que facilitaria constelar no outro polo da relação, no aluno, o lado professor, daquele que possui um saber e deseja saber. (OSTETTO, 2007, p. 197).

Ao mesmo tempo, essa relação não deve se traduzir em permissividade, uma vez que tanto o aluno quanto o discípulo não devem desrespeitar seu professor e mestre, respectivamente. O lugar de autoridade de ambas as funções deve ser exercido, mas não com autoritarismo, e sim com respeito e reconhecimento àqueles que já estão um pouco mais à frente em termos de conhecimento e sabedoria de vida. O autoritarismo é um reflexo daquele que se afastou em demasia da sua criança interior.

Esse tipo de professor que cindiu e afastou o polo infantil do arquétipo passará então a queixar-se de que os alunos de antes tinham muito mais vontade de aprender. Seu

contato com as crianças se dá apenas por intermédio do poder e da disciplina. Ao mesmo tempo, ele se torna uma pessoa triste e amarga. O entusiasmo novo e infantil morreu nele. As crianças são seus inimigos, representando o polo cindido do arquétipo no plano interior, cuja reunificação ele tenta promover por intermédio do poder. (GUGGENBUL-CRAIG, 2004, p. 97-98 *apud* OSTETTO, 2007, p. 207).

Tal compreensão corrobora também o teor da seguinte narrativa:

*Então, todo esse bem que a gente vê acontecendo, que partiu do seio de uma família simples, a gente vê que esse encanto que eu falei anteriormente ele realmente acontece na prática dentro da União do Vegetal. Agora tem muita gente que faz... tem uma visão diferente, porque não conhece. Pode até achar que a gente tá querendo ser melhor do que alguém, tá entendendo? Mas é preciso conhecer. É preciso conhecer pra vê que é algo natural. Algo natural, uma escola de bem viver, porque a gente vem e a gente aprende a se respeitar. Então, aqui não é um lugar onde tenha qualquer tipo de cabimento de preconceito, de machismo, de autoritarismo, sabe? Então, não é o lugar. Pode ter alguém que pense isso, mas, com certeza, está equivocado. Com certeza, está equivocado, porque tudo o que eu estou falando aqui eu me reporto à essência da União do Vegetal. A essência da União do Vegetal não tem isso. Pode ter alguém dentro da União do Vegetal que tenha algum sentimento de autoritarismo, de machismo, de qualquer tipo de preconceito, porque são pessoas humanas. São pessoas humanas, mas a essência da União do Vegetal é de respeito ao ser humano. Então, é uma escola de bem viver porque ela respeita o ser humano. E não tem como a gente bem viver com falta de respeito ao ser humano. Não tem. Pode rodar por onde for: se a gente não respeitar a humanidade de cada pessoa, independentemente de qualquer coisa, é um ser humano. Independentemente de qualquer coisa, se não houver um respeito à humanidade das pessoas, então, não tem cabimento de tá dentro desse contexto que o Mestre Gabriel criou. Essa religião é sagrada; pra mim, é sagrada. Entendeu? Eu mesmo, assim, sou uma pessoa, vamos dizer assim, que eu não vejo que a gente tem que ser omissa em nenhuma forma de opressão ao ser humano. Então, a União do Vegetal é uma religião que tem na essência dela esse respeito ao ser humano. Esse respeito ao ser humano. Tanto é que, no estatuto da União, ele diz que não tem nenhum tipo de distinção de raça, de cor, de credo, de sexo, tá? Então, o nosso dever aqui, como discípulo da União, é respeitar isso aqui dentro e fora do centro. Dentro e fora do centro porque essa é a essência da nossa religião. Essa é a essência da nossa religião. Então, assim, eu não sei, assim, ser uma pessoa que aqui a gente acredita nesse 'bem comum' e fora, na sociedade, no trabalho, seja no âmbito político-governamental, que a gente sabe que há uma polaridade em tudo isso. E também toda manifestação que seja, inclusive de educação, dos termos que hoje tá na sociedade. (CONSELHEIRA CHARMENE).*

Questões como a “transferência”, quando, por exemplo, o professor tende a se identificar mais com certos tipos de estudantes e inconscientemente ignorar outros, poderiam ser minimizadas, pois o docente perceberia que sua indisposição para com certos discentes diz menos do outro do que sua própria e unilateral concepção personalista de didática, do modelo internalizado de estudante ideal e da sua falta de conhecimento sobre a diversidade de personalidades e a conseqüente multiplicidade de formas de aprendizagem.

Muitas vezes é esse *outro interno*, sofrido ou satisfeito, que é repellido ou celebrado através daquelas crianças-alunas com quem o professor convive. Tomar contato com conteúdos inconscientes é essencial no processo de tornar-se professor (Furlanetto, 2003), principalmente porque o seu ofício dar-se-á em relações. Exercício de alteridade é o que nos aponta o processo: as crianças-alunos são os *outros* que o

professor precisa reconhecer como tal, para poder estabelecer relações saudáveis. (OSTETTO, 2007, p. 202, grifos do original).

O conhecimento de si, através do estudo das personalidades, auxilia na compreensão do outro. Ao nos trabalharmos, reconhecermos nossas limitações e potencialidades e começarmos a nos aceitar, fica mais fácil compreendermos as contradições do outro e aceitá-lo. Percebe-se que a nossa forma de ver o mundo é “um ponto de vista”, baseado na nossa própria história de vida. Constata-se, assim, que existem outras perspectivas.

Afinal, não podemos esquecer o que vimos descortinando até aqui: há uma criança interna no professor que precisa ser cuidada; a educação nunca está finalizada, pois há sempre mais a expandir em termos de consciência e conhecimento de si mesmo e, neste sentido, é essencial valorizar o processo de autoconhecimento; é fundamental, como bem nos disse Jung, que o professor dê atenção ao estado psíquico, vale dizer, a sua alma. (OSTETTO, 2007, p. 204).

Constatamos, desse modo, que o CEBUDV-NSFC apresenta um alto potencial no processo de formação humana, na medida em que trabalha o desenvolvimento da personalidade, facilitando o processo de individuação. Tal estrutura pode servir de inspiração para outras instituições educativas que queiram desenvolver o humano, como vimos nesta tese, propiciando uma experiência que possibilite semelhante desenvolvimento das funções psíquicas (pensamento, sentimento, sensação e intuição) para os seus formandos ou, por exemplo, propiciando o próprio conhecimento tipológico na formação de docentes e discentes.

Assim, a forma inteligente com que essa “escola” cresce e se desenvolve com constância pelo Brasil e pelo mundo parece estar associada à sabedoria e sensibilidade de seu fundador, que traz a possibilidade de desenvolvimento de alguns aspectos, que, como vimos ao longo desta análise, ficaram subdesenvolvidos neste modelo de sociedade. A busca natural de equilíbrio e compensação da psique encontra solo fértil no CEBUDV, cuja matéria-prima possibilita o florescimento de um psiquismo saudável.

Ao percebermos a presença do desenvolvimento das quatro funções psíquicas *junguianas*: “pensamento”, “sentimento”, “sensação” e “intuição” nas narrativas dos sujeitos, voltamos nosso olhar para a cosmogonia do CEBUDV presente nos documentos, chamadas, ensinamentos e doutrinas e, assim, verificamos uma presença “quaternária” na forma de o Mestre Gabriel estruturar, conceituar, sensibilizar e transmitir os seus ensinamentos. Percebemos, assim, por exemplo: sua organização hierárquica com quatro graus de associados, os quatro documentos que são lidos em cada sessão, as quatro chamadas de abertura feitas pelo mestre

dirigente<sup>140</sup>, bem como a própria estrutura de quadra ou de quarteto presente em cada chave<sup>141</sup> ou no próprio número de chaves presentes em algumas chamadas, assim como o próprio conteúdo destas que abordam as quatro funções psíquicas, etc. Sendo assim, podemos deduzir que já havia o compromisso com o desenvolvimento das quatro funções psíquicas pelo autor dessa religião. Estas já estavam milimetricamente presentes em seus documentos, chamadas, ensinamentos e doutrinas.

Após essa constatação empírica, a partir das narrativas, como já dissemos, retornamos para a doutrina do CEBUDV e posteriormente para a própria teoria *junguiana*, onde vimos a importância que Jung atribuiu ao número quatro. O quatro está presente em toda a natureza: quatro cores básicas, quatro pontos cardeais, quatro estações do ano, quatro fases da Lua, etc. A quaternidade representa a totalidade da estrutura arquetípica do psiquismo humano. Segundo Jung (2013), para realizarmos um exame com o mínimo de perfeição, é necessário utilizarmos as quatro funções.

Foi para Jung uma grande revelação o fato de, mais tarde, ter encontrado confirmação da sua ideia, concebida mais intuitivamente, na existência, nos mitos e nos simbolismos religiosos, de toda parte, modelo da estrutura quádrupla da psique. Estudando o comportamento dos seus pacientes, ele descobriu que parecia ter encontrado uma estrutura básica da psique. (FRANZ, 2016, p. 99).

Ele constatou que, no material imagético e simbólico oriundo do inconsciente, é recorrente essa manifestação quaternária, na qual três delas podem se tornar conscientes e uma delas permanece sempre inconsciente, como acontece também, por exemplo, no caso das funções tipológicas. A partir daí, todo o sistema mítico, filosófico e religioso que apresentasse apenas três aspectos era considerado por Jung como deficitário, pois mantinha inconsciente o quarto elemento ou, na melhor das hipóteses, estava ainda em processo de agregá-lo.

No CEBUDV-NSFC, encontram-se pessoas motivadas em se conhecer (**ICs A(i)**), melhorar seus relacionamentos pessoais (**ICs B**) e colocar em prática (**ICs C**) os ensinamentos aprendidos (**ICs A(e)**), transformando-os em experiência de vida, fundamentados numa busca de conexão com o sagrado, com a espiritualidade, desenvolvendo, assim, sua intuição (**ICs D**). Há, assim, a possibilidade de trabalhar tanto as funções menos desenvolvidas quanto as que já são mais desenvolvidas. Tal abertura se traduz num estímulo à aprendizagem e ao crescimento, o que é bastante perceptível e tem um destaque nos sujeitos investigados.

<sup>140</sup> A chamada da União é feita pelo mestre representante ou por quem for designado.

<sup>141</sup> As chaves presentes nas chamadas correspondem a uma estrofe de um poema ou letra de música.

## 7 CONCLUSÃO

A partir de um mapeamento dos aspectos ritualísticos, doutrinários, estruturais, comunitários e históricos no Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (CEBUDV), concluímos, em resposta à seguinte pergunta-problema desta tese: “Como acontece o processo de formação humana no NSFC e em que medida esse processo se aproxima da noção de individuação elaborada por Jung?”, que se trata de uma escola que promove o autoconhecimento, ou uma “atitude introvertida” (**ICs A(i)**), nos termos da Psicologia Analítica, em compensação a uma “atitude extrovertida” (**ICs A(e)**), preponderante na sociedade ocidental. Contudo, não se minimiza a importância da “atitude extrovertida”, pois seus sócios se encontram plenamente inseridos na sociedade quando apontam, por exemplo, que o CEBUDV é **uma escola de formar cidadão**.

Esse processo de formação promove também o contato com a “função sentimento”, na medida em que as narrativas das “**ICs B**” o apresentam como “**uma escola de aprender a conviver com as pessoas**”, compensando a “função pensamento”, predominante na “Era da Razão”, sem, no entanto, desconsiderá-la, pois seu objetivo também é o desenvolvimento das virtudes intelectuais, quando, por exemplo, apresenta-se como escola que “**ensina a gente a pensar**” (**ICs A(e)**).

A “função intuição” se apresenta nas “**ICs D**” na medida em que estas revelam um reconhecimento do plano espiritual, desenvolvendo a intuição, quando afirmam que se “**conecta com a espiritualidade**” e que “**a gente tem que estar sintonizado e ter que ser perceptivo**”, sem desprezar a consequente ação prática na vida (**ICs C**), apresentando-a como uma “**escola da vida prática**”, como uma opção pelo “**bem viver**”.

Apresentaram-se, com destaque, nos discursos justamente os aspectos inconscientes no mundo ocidental, racional e capitalista, como “introversão”, “sentimento” e “intuição”. Isso revela que esses aspectos prioritariamente chamaram a atenção dos participantes e possivelmente serviram como um laço para que permanecessem na União. Isso nos faz lembrar como o próprio Mestre Gabriel se reporta às mirações<sup>142</sup>, que se apresentam inicialmente, durante as primeiras *burracheiras*, como um “laço para encantar” seus discípulos. Essas mirações são oriundas de um ato de introspecção (“**se conhecer**”) permeadas por sentimentos profundos (“**religião do sentir**”) e do reconhecimento intuitivo do sagrado, do “Bem” (“**escola do Bem viver**”). Não obstante, como vimos, as demais funções

---

<sup>142</sup> As mirações, numa linguagem *junguiana*, podem ser compreendidas como um “mergulho” nas imagens do inconsciente coletivo.

também se apresentam numa certa intensidade, promovendo o equilíbrio, e não uma mera inversão de polos.

Interessante notar que, para algumas pessoas, a “atitude da extroversão” e as funções “pensamento” e “sensação”, predominantes na sociedade atual, ganharam também relevo e serviram como elo para permanência de alguns discípulos, pois o formato dessa experiência individual – em que você mesmo pode ter um contato direto com o sagrado, “**ter uma experimentação direta da coisa**”, através do “**estudo de si**” (função pensamento) e através do seu próprio merecimento, “**para quem quer aprender**”, e poder ascender hierarquicamente (meritocracia) (extroversão), ou através das suas atitudes (função sensação), nessa “**escola da vida prática**” – exerce uma semelhança também com o *modus operandi* do homem moderno. Contudo, o discípulo também tem a oportunidade de encontrar, com o tempo, um ponto de equilíbrio entre o reconhecimento das atitudes e funções já desenvolvidas com as que ainda não foram trabalhadas em si.

Sendo assim, em suma, a depender da personalidade de cada pessoa, os aspectos semelhantes ou complementares, conscientes ou inconscientes, “*persona*” ou “sombra”, “*anima*” ou “*animus*”, “ego” ou “*self*”, podem servir de elo de adesão, sem deixar, contudo, de ter a oportunidade de desenvolver os respectivos contrapontos, a depender da disposição e do “querer” de cada um. A riqueza e a complexidade da experiência com o chá, a doutrina, os ensinamentos e o ritual possibilitam uma gama de oportunidades para o desenvolvimento dos mais diversos tipos de personalidade, pois aparenta não deixar de levar em consideração nenhum aspecto da personalidade humana, segundo Jung (2012b).

Por isso mesmo, nesta religião encontram-se também pessoas com personalidades e concepções de mundo diversas, muitas vezes antagônicas, mas que, ainda assim, encontram no CEBUDV um ponto em comum, algo que as leva a se questionarem e a quererem se transformar e se desenvolver. Cada uma encontra espaço, conforme suas necessidades, para o seu próprio processo de individuação.

Compreende-se, assim, um pouco mais, um ensino do Mestre Gabriel, que diz: “A União é para todos, mas nem todos são para a União”. O que isso quer nos dizer? Dado o exposto, significa que a União consegue enlaçar as mais diversas personalidades, pois tem recursos para isto, entretanto “não é para todos”, pois nem todos estão dispostos, ainda, a assumir o seu “processo de individuação”. Para os que estão dispostos, é justamente o fato de esse processo ser tão central e fundamental para todas as pessoas, como afirma Jung (2002), que permite a essa pluralidade de personalidades, ainda assim, tentar se conhecer, conviver e se respeitar aprendendo a arte do “**bem viver**”.

Essa pluralidade de funções contém os ingredientes do “processo de individuação”. Não seria possível alcançar essa integração da personalidade de cada um sem o convívio com a diferença. Assim, Mestre Gabriel não teria como cumprir sua “Missão” se não conseguisse atrair pessoas das mais diversas personalidades e concepções de mundo para que, no exercício do convívio e do respeito à diferença, pudessem interagir umas com as outras e, desse modo, evoluir e se desenvolver através da união num processo “alquímico” de individuação, como o relatado em: **“A gente interage. A gente se conhece. A gente maltrata e é maltratado. A gente perdoa e é perdoado. Então, isso é o processo da escola. A escola feita no convívio, feita no dia a dia. Na forja mesmo, do fogo da pancada uns nos outros”**. Para os adeptos do CEBUDV, a “União” os leva para a “Salvação” de si e dos outros, pois, na cosmogonia destes, **“ninguém se salva sozinho”**.

Assim, a sociedade moderna necessita de referências em que a convivência entre as diferenças se torne possível e nossas escolas precisam entender e incorporar a importância do reconhecimento e do diálogo. Dessa feita, uma escola que se proponha a formar o ser humano não pode negligenciar as potencialidades latentes, a serem desenvolvidas (função sentimento e intuição), nem superdimensionar os aspectos psicológicos do seu próprio tempo (função pensamento e sensação), e sim promover o desenvolvimento integral das funções psíquicas do estudante, ou seja, seu processo de individuação.

Um dos benefícios de termos como foco da educação o processo de individuação é a promoção de uma síntese entre as funções, possibilitando uma perspectiva ampla, que convida à transcendência em busca de valores universais e perenes, **como a “ética”, a “amizade”, a “família”, o “amor”, a “paz”, o “respeito ao ser humano”, o “bem viver”, indispensáveis à formação humana.**

Vimos, portanto, na teoria, que o passo a passo do processo de individuação parece ser fácil, entretanto, na prática, traduz-se num trabalho árduo e raro, que poucas pessoas conseguem alcançar ao longo de uma existência, mas o Mestre Gabriel ensina a **“transformar as dificuldades em facilidades”**. É como um “mapa do tesouro” recebido nas mãos: muitos reconhecem seu valor, alguns acreditam e se dispõem a procurar, mas poucos, ainda, conseguem firmar o “querer” até encontrar.

Buscamos, assim, responder aos nossos objetivos, apresentados na Introdução desta tese. Frente à revisão de literatura realizada, consideramos que conseguimos fazer o conhecimento científico sobre as religiões *ayahuasqueiras* avançar, pois conseguimos realizar uma descrição detalhada do cotidiano de um núcleo do CEBUDV e do processo de formação no NSFC, trabalho inexistente até onde pudemos pesquisar. Entendemos, todavia, que a

riqueza do objeto de estudo não se encerra aqui. Ensejamos a realização de novas pesquisas para que o CEBUDV continue sendo estudado também por pesquisadores das áreas da Educação e da Psicologia, e assim a sociedade possa se beneficiar com esta nova e original modalidade de formação humana.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M. H. M. B. *et al.* (org.). **Pesquisa (auto)biográfica, fontes e questões**. Curitiba: CRV, 2014.
- ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1987.
- ANDRADE, A. P. A União do Vegetal no Astral Superior. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 30, p. 61-65, 1988.
- ANDRADE, A. P. Contribuições e limites da União do Vegetal para a nova consciência religiosa. *In*: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (org.). **O uso ritual da ayahuasca**. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 589-613.
- ANDRADE, A. P. Curas e milagres: o reconhecimento de José Gabriel da Costa como mestre superior. **Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos**. 2008. Disponível em: <https://neip.info>. Acesso em: 18 jul. 2018.
- ANDRADE, A. P. **O fenômeno do chá e a religiosidade cabocla**: um estudo centrado na União do Vegetal. 1995. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo, 1995.
- BARBOSA, P. C. R. **Psiquiatria cultural do uso ritualizado de um alucinógeno no contexto urbano**: uma investigação dos estados alterados de consciência induzidos pela ingestão da ayahuasca no Santo Daime e na União do Vegetal em moradores de São Paulo. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- BARBOSA, P. C. R. **Uma avaliação neuropsicológica longitudinal de sujeitos que usam o alucinógeno amazônico-ameríndio ayahuasca em um contexto religioso-ritual urbano**. 2006. Tese (Doutorado em Saúde Mental) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Mental, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- BARBOSA, P. C. R.; DALGALARRONDO, P. O uso ritual de um alucinógeno no contexto urbano: estados alterados de consciência e efeitos em curto prazo induzidos pela primeira experiência com a ayahuasca. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 52, n. 3, p. 181-190, 2003.
- BARBOSA, X. C.; SOUZA, M. E. S.; BARALDI NETO, J. B. Oralidade e gênero na União do Vegetal, em Porto Velho/RO. **Mandrágora**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 179-205, 2015.
- BARROS, G. C. **Tradição e modernidade no campo ayahuasqueiro**: uma análise a partir dos processos de regulamentação e patrimonialização da ayahuasca no Brasil no período de 1985/2016. 2016. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2016.
- BENJAMIN, W. Pequena história da fotografia. *In*: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 71-142.

- BERGER, P. L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BERNARDI, C. A. Da individuação à individoação, eticamente. *In*: MONTEIRO, D. M. R. (org.). **Espiritualidade e finitude**: aspectos psicológicos. São Paulo: Paulus, 2006.
- BERNARDINO-COSTA, J. (org.). **Hoasca**: ciência, sociedade e meio ambiente. Campinas: Mercado de Letras, 2011.
- BOFF, L. **Espiritualidade**: um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei nº 9394/96. 8. ed. Brasília, DF: Senado Federal, 2013.
- BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 26 jun. 2014.
- BRISSAC, S. G. T. **A Estrela do Norte iluminando até o Sul**: uma etnografia da União do Vegetal em um contexto urbano. 1999. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- BRISSAC, S. G. T. José Gabriel da Costa: trajetória de um brasileiro, mestre e autor da União do Vegetal. *In*: SIMPÓSIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES, 1., 1999, Assis. **Anais [...]**. Assis: Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões, 1999.
- BRUNER, J. A construção narrativa da realidade. Tradução: Waldemar Ferreira Netto. **Critical Inquiry**, Chicago, v. 18, n. 1, p. 1-21, 1991.
- BRUNER, J. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- BRUNER, J. **Actos de significado**. Lisboa: 70, 2008.
- BRUNER, J. **Fabricando histórias**: direito, literatura, vida. São Paulo: Letra e Voz, 2014.
- BYINGTON, C. A. B. **A construção amorosa do saber**: o fundamento e a finalidade da Pedagogia Simbólica junguiana. São Paulo: Religare, 2003.
- CALLAWAY, J. C. Projeto Hoasca: um depoimento pessoal 15 anos depois. *In*: BERNARDINO-COSTA, J. (org.). **Hoasca**: ciência, sociedade e meio ambiente. Campinas: Mercado das Letras, 2011. p. 75-82.
- CALLAWAY, J. C. *et al.* Platelet serotonin uptake sites increased in drinkers of Ayahuasca. **Psychopharmacology**, v. 116, p. 385-387, 1994.
- CALLAWAY, J. C. *et al.* Quantitation of N, N-dimethyltryptamine and harmala alkaloids in human plasma after oral dosing with Ayahuasca. **Journal of Analytical Toxicology**, Oxford, v. 20, p. 492-497, 1996.

CAMARGO, I. A. Uso religioso do chá ayahuasca. *In*: ENCONTRO DE ESTUDOS SOBRE RITUAIS RELIGIOSOS E SOCIAIS E O USO DE PLANTAS PSICOATIVAS. **Seminário Internacional** [...]. Salvador, CETAD/UFBa, 1995.

CARVALHO, T. B. **Em busca do encontro**: a demanda numinosa no contexto religioso da União do Vegetal. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

CEBUDV. **Guia de orientação espiritual de crianças e adolescentes**. Brasília, DF: Departamento de Memória e Documentação da Sede Geral, 2008.

CEBUDV. **Jornal Alto Falante**. Brasília, DF: Sede Geral, 1989a.

CEBUDV. **Jornal Alto Falante**. Brasília, DF: Sede Geral, 1992.

CEBUDV. **Jornal Alto Falante**: Série Histórica (1988-1997). Brasília, DF: Sede Geral, 2011.

CEBUDV. **Site do CEBUDV**. Brasília, DF: Sede Geral. Disponível em: <http://www.udv.org.br>. Acesso em: 18 abr. 2017.

CEBUDV. **União do Vegetal Hoasca**: fundamentos e objetivos. Brasília, DF: Departamento de Memória e Documentação da Sede Geral, 1989b.

CEBUDV. **União do Vegetal**: o direito ao uso religioso do Chá Hoasca. Departamento de Memória e Comunicação da Sede Geral-Brasília, 2018.

CORREIA, M. F. B. A constituição social da mente: (re)descobrimo Jerome Bruner e construção de significados. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 8, n. 3, p. 505-513, 2003.

CRAVEIRO DE SÁ, L. **Um simples viver**: M. Manu. Goiânia: América, 2015.

CUNHA, F. R. B.; BARROSO, R. E. C.; OLINDA, E. M. B. Piaget, Vygotsky e Bruner: contribuições para a educação. *In*: RIBEIRO, L. T. F. *et al.* (org.). **Educação brasileira em pesquisa**. Curitiba: CRV, 2018. p. 53-62.

DELORY-MOMBERGER, C. **A condição biográfica**: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada. Natal: UFRN, 2012.

DELORY-MOMBERGER, C. **As histórias de vida**: da invenção de si ao projeto de formação. Tradução: Albino Pozzer. Natal: UFRN, 2014.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo projeto. Natal: UFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DELORY-MOMBERGER, C. Fotobiografia e formação de si. *In*: SOUZA, E. C.; ABRHÃO, M. H. M. B. (org.). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: PUCRS, 2006.

DOERING-SILVEIRA, E. *et al.* Ayahuasca in adolescence: a neuropsychological assessment. **Journal of Psychoactive Drugs**, Bethesda, v. 37, n. 2, p. 123-128, 2005.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FABIANO, R. **Mestre Gabriel**: o mensageiro de Deus. Brasília, DF: Departamento de Memória e Documentação da Sede Geral, 2012.

FERNANDES, C. G. **Transformações pessoais na União do Vegetal**. 2011. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2011.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. *In*: NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988. p. 17-34.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio - Século XXI**: o Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FONTANA, J. Novos movimentos religiosos: o quadro brasileiro. **Ciberteologia**: Revista de Teologia & Cultura, São Paulo, v. 2, n. 12, 2007.

FRANZ, M-L. V. O processo de individuação. *In*: JUNG, C. G. (org.). **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 158-229.

FRANZ, M-L. V.; HILLMAN, J. **A tipologia de Jung**: ensaios sobre a psicologia analítica. São Paulo: Cultrix, 2016.

GOHN, M. G. **Teoria dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 343-344. v. 21.

GARDNER, H. **Inteligências múltiplas**: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GENTIL, L. R. B.; GENTIL, H. S. O uso de psicoativos em um contexto religioso: a União do Vegetal. *In*: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (org.). **O uso ritual da ayahuasca**. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 559-569.

GIOVANONI, H. **A importância do símbolo para a compreensão da religião e da arte segundo Carl Gustav Jung**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2009.

GOULART, L. S. Contrastes e continuidades em uma tradição religiosa amazônica: os casos do Santo Daime, da Barquinha e da UDV. *In*: LABATE, B. C.; GOULART, S. L. (org.). **Uso ritual das plantas de poder**. Campinas: Mercado de Letras, 2005. p. 355-396.

GREGANICH, J. **Entre a rosa e o beija-flor**: um estudo antropológico de trajetórias na União do Vegetal (UDV) e no Santo Daime. 2010. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

GROB, C. S. *et al.* Farmacologia humana da hoasca, planta alucinógena usada em contexto ritual no Brasil: I. Efeitos psicológicos. **Informação Psiquiátrica**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 39-45, 1996.

GROB, C. S. *et al.* Farmacologia humana da hoasca: efeitos psicológicos. *In*: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (org.). **O uso ritual da ayahuasca**. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2004, p. 653-669.

HENMAN, A. R. Uso del ayahuasca en un contexto autoritario. El caso de la Uniao do Vegetal em Brasil. **América Indígena**, Ciudad de México, v. 46, n. 1, p. 219-234, 1986.

JOSSO, M. C. Da formação do sujeito ao sujeito da formação. *In*: NÓVOA, A.; FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1998. p. 59-79.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: Educa, 2004.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. Natal: UFRN, 2010.

JUNG, C. G. **A vida simbólica**. Petrópolis: Vozes, 2000a. v. XVIII/2.

JUNG, C. G. **Cartas**. Petrópolis: Vozes, 2002. v. II.

JUNG, C. G. **Cartas**. Petrópolis: Vozes, 2003. v. III.

JUNG, C. G. **Estudos de Psicologia Analítica**. Petrópolis: Vozes, 1981. v. VII.

JUNG, C. G. **Fundamentos da Psicologia Analítica**. Petrópolis: Vozes, 1996. v. XVIII/1.

JUNG, C. G. **O desenvolvimento da personalidade**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012a.

JUNG, C. G. **O eu e o inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1978.

JUNG, C. G. **O eu e o inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1997. v. VII/2.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2000b. v. IX/1.

JUNG, C. G. **Psicologia do inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1980b. v. VII/1.

JUNG, C. G. **Psicologia e religião oriental**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. v. XI/5.

JUNG, C. G. **Psicologia e religião**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

JUNG, C. G. **Tipos psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 2012b.

LABATE, B. C. **A reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos**. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

LABATE, B. C. **O uso ritual das plantas de poder**. Campinas: Mercado das Letras, 2005.

LARROSA-BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 19, p. 20-28, 2002.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **O discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). 2. ed. Caxias do Sul: USC, 2005.

LIMA, P. P. **Canções de fogo**: apreensão de saberes através da performance da escuta no contexto da União do Vegetal. 2016. Tese (Doutorado em Música – Etnomusicologia) – Programa de Pós-Graduação em Música – Etnomusicologia, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2016.

LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MATOS, K. S. L.; NONATO JÚNIOR, R. (org.). **Cultura de paz, ética e espiritualidade**. Fortaleza: UFC, 2010.

MATURANA, H.; VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e brincar**: fundamentos esquecidos do humano. 3. ed. São Paulo: Palas Athena, 2011.

MEIHY, J. C. S. B. **História oral**: como fazer, como pensar. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MELO, R. V. **“Beber na fonte”**: adesão e transformação na União do Vegetal. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2010a.

MELO, R. V. Encantamento e disciplina na União do Vegetal. **Anuário Antropológico**, Brasília, DF, v. 1, p. 217-237, 2013.

MELO, R. V. Religião e sociedade: a união do vegetal e o transe mediúnico no Brasil. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 31, p. 130-153, 2011.

MELO, R. V. **Sobre ayahuasca e transformação na União do Vegetal**. Texto baseado na apresentação da tese de doutorado “Beber na Fonte; adesão e transformação na União do Vegetal”. Brasília, DF: Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, 2010.

MIKOSZ, J. E. **Arte visionária**: representações visuais inspiradas nos estados não ordinários de consciência (ENOC). Curitiba: Prismas, 2014.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em Psicologia Social**. 6. ed. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2011.

MYERS, I. B.; MYERS, P. B. **Ser humano é ser diferente: valorizando as pessoas por seus dons especiais**. São Paulo: Gente, 1997.

NARANJO, C. **Mudar a educação para mudar o mundo: o desafio mais significativo do milênio**. São Paulo: Esfera, 2005.

NETTO, P. W. **O exemplo na vida de quem prega: uma análise do CEBUDV a partir dos seus sócios**. 2017. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2017.

NETTO, S. M. **Análise do teor de alcalóides e demais constituintes do chá ayahuasca e verificação do efeito antidepressivo**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 20--.

NOGUEIRA, P. A hora do chá. **Universo Místico**, 2017. Disponível em: <http://www.universomistico.org/s/a-hora-do-cha.html>. Acesso em: 1º nov. 2017.

OLINDA, E. M. B. (org.). **Artes do fazer: trajetórias de vida e formação**. Fortaleza: UFC, 2010.

OLINDA, E. M. B. Experiência religiosa juvenil e diversidade: compreender para promover o pluralismo religioso. *In*: DIAS, A. A.; MACHADO, C. S. S.; NUNES, M. L. S. (org.). **Educação, direitos humanos e inclusão social: currículo, formação docente e diversidades socioculturais**. João Pessoa: UFPB, 2009.

OLINDA, E. M. B. (org.). **Formação humana, liberdade e historicidade**. Fortaleza: UFC, 2004.

OLINDA, E. M. B. **Práticas e aprendizagens docentes**. Fortaleza: UFC, 2007.

OLINDA, E. M. B. **Grupo Fantasia: esperança, responsabilidade e alegria**. Fortaleza: Expressão, 2009.

OLINDA, E. M. B. (org.). **Vidas em romaria**. Fortaleza: UECE, 2016.

OLINDA, E. M. B. **Uma santa na penumbra: razões entrecruzadas para o isolamento da beata Maria de Araújo na História e nas práticas pedagógicas do ensino fundamental**. 2018. Tese (Promoção para professora titular) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

OSTETTO, L. E. Na jornada de formação: tocar o arquétipo do mestre-aprendiz. **Pro-Posições**, Campinas, v. 18, n. 3, p. 195-210, 2007.

PASSEGGI, M. C. Prefácio. *In*: DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação: figuras do indivíduo projeto**. Natal: UFRN; São Paulo: Paulus, 2008. Prefácio.

PIAGET, J. **Epistemologia genética**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

PINEAU, G. As histórias de vida como artes formadoras da existência. *In*: SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. M. B. (org.). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: PUCRS; Salvador: UNEB, 2006. p. 329-343.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História**, São Paulo, v. 15, p. 13-49, 1997.

RICCIARDI, G. S. O uso da ayahuasca e a experiência de “transformação” de ex-usuários de drogas no contexto religiosos da União do Vegetal. *In*: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26., 2008, Porto Seguro. **Anais [...]**. Porto Seguro: Abant, 2008a.

RICCIARDI, G. S. **O uso da ayahuasca e a experiência de transformação, alívio e cura na União do Vegetal (UDV)**. Salvador: UFBA, 2008b.

RICOEUR, P. A tríplice mimese. *In*: RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papyrus, 1994. Tomo I. p. 85-131.

RIOS, M. D. *et al.* Ayahuasca in adolescence: quantitative results. **Journal of Psychoactive Drugs**, Bethesda, v. 37, n. 2, p. 135-139, 2005.

RODRIGUES, D. Novos movimentos religiosos: realidade e perspectiva sociológica. **Revista Antropológicas**, Recife, v. 19, n. 1, p. 17-42, 2008.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010b.

SILVA, A. M. S. A experiência da acolhida aos romeiros em Juazeiro do Norte: resistência e empoderamento. *In*: OLINDA, E. M. B.; SILVA, A. M. S. (org.). **Vidas em romaria**. Fortaleza: UECE, 2016. p. 217-234.

SHARP, D. **Tipos de personalidade**: o modelo tipológico de Jung. São Paulo: Cultrix, 2017.

SILVEIRA, D. X. *et al.* Ayahuasca in adolescence: a preliminar psychiatric assessment. **Journal of Psychoactive Drugs**, Bethesda, v. 37, n. 2, p. 129-133, 2005.

SILVEIRA, N. **Jung**: vida e obra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WEBER, M. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

YUS, R. **Educação integral**: uma educação holística para o século XXI. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ZACHARIAS, J. J. M. **Entendendo os tipos humanos**. São Paulo: Paulus, 1995.

ZACHARIAS, J. J. M. **Quati**: Questionário de Avaliação Tipológica. Manual. São Paulo: Vetor, 2000.

## APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA DE HISTÓRIA ORAL

### Roteiro de entrevista – (Fotonarrativa\*)

- 1) Conte-nos sua história no Núcleo Santa Fé do Cariri.
- 2) Quais acontecimentos ficaram gravados em sua memória sobre a fundação e consolidação do NSFC?
  - 2.1) *Quais os momentos marcantes da sua representação (do ponto de vista material e espiritual)?*
- 3) Quais as dificuldades enfrentadas na fundação e consolidação do NSFC?
- 4) Quais são seus sentimentos pelo NSFC?
- 5) Como foi (e está sendo) a sua caminhada aqui no NSFC?
- 6) Costuma-se dizer que a União do Vegetal é uma escola. O(A) senhor(a) concorda?  
Se sim, como é essa escola?
- 7) O que é que se aprende nessa escola?
- 8) Como é a formação nessa escola?
- 9) O que o(a) senhor(a) vem aprendendo nessa escola?
- 10) Como foi (e está sendo) o seu processo de transformação nessa escola?

*\*Solicitar fotos para favorecer o processo.*

## APÊNDICE B – FOTONARRATIVA





**APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) I**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Prezado(a) colaborador(a), você foi convidado(a) a participar de uma entrevista de História Oral que é parte da seguinte pesquisa de doutorado: *O “ABC” da vida: narrativas do processo de formação e individuação no Centro Espírita Beneficente União do Vegetal - Núcleo Santa Fé do Cariri*, sob a responsabilidade de Francisco Roberto Brito Cunha.

Lembramos que a sua participação é voluntária, tendo, assim, a liberdade de não querer participar ou poder desistir a qualquer momento, mesmo após ter iniciado a entrevista, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo. A pesquisa não apresenta riscos, não é remunerada e não implica gastos para os participantes.

Solicitamos autorização para gravar a sua entrevista por áudio e ressaltamos que os dados, como imagens e informações coletadas, serão utilizados na composição e publicação da tese e em eventos científicos, sempre com atenção aos princípios éticos.

Havendo alguma dúvida a respeito da pesquisa e/ou métodos utilizados, pode procurar a qualquer momento o pesquisador acima referenciado nos seguintes endereços/ telefones: [frobertobrito2017@gmail.com](mailto:frobertobrito2017@gmail.com) / (88) 99695-8917.

Com a sua subscrição, você declara que concorda em participar da pesquisa e autoriza a publicação das informações que nos foram concedidas. Também declara que recebeu uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e que lhe foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as suas dúvidas.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020.

---

Assinatura e RG do participante da pesquisa

---

Assinatura do pesquisador

## APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) II



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Prezado(a) colaborador(a), você foi convidado(a) a participar de uma pesquisa-ação-formação existencial, na qual os sócios do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal – Núcleo Santa Fé do Cariri (NSFC) produziram textos (auto)biográficos contando a história do NSFC, apropriando-se, assim, da sua própria história. Este método é parte da seguinte pesquisa de doutorado: *O “ABC” da vida: narrativas do processo de formação e individuação no Centro Espírita Beneficente União do Vegetal - Núcleo Santa Fé do Cariri*, sob a responsabilidade de Francisco Roberto Brito Cunha.

Lembramos que a sua participação é voluntária, tendo, assim, a liberdade de não querer participar ou poder desistir a qualquer momento, mesmo após ter iniciado a pesquisa, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo. A pesquisa não apresenta riscos, não é remunerada e não implica gastos para os participantes.

Solicitamos autorização para publicar sua produção escrita e ressaltamos que os dados, como imagens e informações coletadas, serão utilizados na composição e publicação da tese e em eventos científicos, sempre com atenção aos princípios éticos.

Havendo alguma dúvida a respeito da pesquisa e/ou métodos utilizados, pode procurar a qualquer momento o pesquisador acima referenciado, nos seguintes endereços/ telefones: [frobertobrito2017@gmail.com](mailto:frobertobrito2017@gmail.com) / (88) 99695-8917.

Com a sua subscrição, você declara que concorda em participar da pesquisa e autoriza a publicação das informações que nos foram concedidas. Também declara que recebeu uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e que lhe foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as suas dúvidas.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

\_\_\_\_\_  
Assinatura e RG do participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador

## APÊNDICE E – LISTA DOS AUTORES DA HISTÓRIA DO NÚCLEO SANTA FÉ DO CARIRI

### 4.1.1 A terra

*Autores:*

*Augusto César Cunha Pessoa*



*Eneida Maria de Moura Alves*



*Carmem Débora Lopes Barbosa*



*Francisco Roberto Brito Cunha*



#### **4.1.2 A semente**

***Autores:***

*Keila Cristina Soares Cabral*



*José Emerson Monteiro Lacerda*



*Eneida Maria de Moura Alves  
Carmem Débora Lopes Barbosa  
Francisco Roberto Brito Cunha*

#### **4.1.3 A raiz**

***Autores:***

*Antônio Kenedy Saldanha Ribeiro*

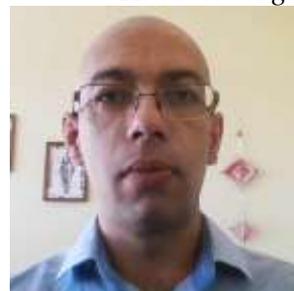


*José Emerson Monteiro Lacerda  
Eneida Maria de Moura Alves  
Carmem Débora Lopes Barbosa  
Francisco Roberto Brito Cunha*

#### **4.1.4 O caule**

***Autores:***

*Hudson Jorge*



*José Emerson Monteiro Lacerda  
Eneida Maria de Moura Alves  
Carmem Débora Lopes Barbosa  
Antônio Kenedy Saldanha Ribeiro  
Francisco Roberto Brito Cunha*

#### **4.1.5 A copa**

***Autores:***

*José Emerson Monteiro Lacerda  
Eneida Maria de Moura Alves  
Carmem Débora Lopes Barbosa  
Kenedy Saldanha  
Francisco Roberto Brito Cunha*

#### **4.1.6 A seca**

***Autores:***

*Francisco de Assis Silvino da Silva*



*Francisco Roberto Brito Cunha*

#### **4.1.7 A água**

***Autores:***

*Milena Oliveira Andrade Moreira*



*Francisco de Assis Silvino da Silva  
Francisco Roberto Brito Cunha*

#### **4.1.8 Florescendo**

***Autores:***

*Eneida Maria de Moura Alves  
José Emerson Monteiro Lacerda  
Carmem Débora Lopes Barbosa  
Kenedy Saldanha  
Francisco Roberto Brito Cunha*

#### **4.1.9 As flores (As conselheiras)**

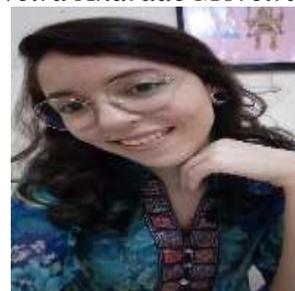
***Autores:***

*Francisco Roberto Brito Cunha*

#### **4.1.10 O fruto**

***Autores:***

*Samara Oliveira Andrade Moreira*

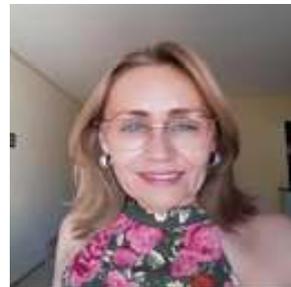


*José Emerson Monteiro Lacerda  
Eneida Maria de Moura Alves  
Carmem Débora Lopes Barbosa  
Francisco Roberto Brito Cunha*

#### ***4.1.11 Mestre Gerardo Júnior***

***Autores:***

*Ana Cléa Silva Oliveira*



*Eneida Maria de Moura Alves  
Carmem Débora Lopes Barbosa  
Francisco Roberto Brito Cunha*

#### ***4.1.12 Mestre José Hélio Ferreira dos Santos***

***Autores:***



*Jorge Hélio Correia dos Santos  
Eneida Maria de Moura Alves  
Carmem Débora Lopes Barbosa  
Francisco Roberto Brito Cunha*

#### ***4.1.13 Mestre José Emerson Monteiro Lacerda***

***Autores:***

*Maria Virgínia Gomes Lacerda*



*Francisco Roberto Brito Cunha*

***4.1.14 Mestre Manoel Teixeira Barros Filho***

***Autores:***

***Reginaldo Zurlo Borba***



***Francisco Roberto Brito Cunha***

***4.1.15 Mestre Edmar Dino da Silva***

***Autores:***

***Edílvia Lopes de Miranda Dino***



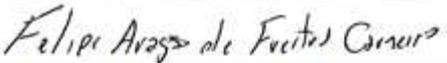
***Ramide Miranda Dino***  
***Camile de Miranda Dino***  
***Mateus de Miranda Dino***  
***Francisco Roberto Brito Cunha***

## ANEXO A – DECLARAÇÕES DE REVISÃO DO VERNÁCULO E DE NORMALIZAÇÃO

### DECLARAÇÃO DE REVISÃO DO VERNÁCULO

Declara-se, para constituir prova junto aos órgãos interessados, que, por intermédio do profissional infra-assinado<sup>143</sup>, foi procedida a correção gramatical e estilística da tese intitulada **“O ‘ABC’ Da vida”: narrativas do processo de formação e individuação no Centro Espírita Beneficente União do Vegetal – Núcleo Santa Fé do Cariri**, de autoria de Francisco Roberto Brito Cunha, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos do novo Acordo Ortográfico Lusófono, vigente desde 1º de janeiro de 2009.

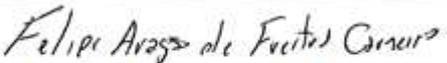
Maracanaú-CE, 12 de novembro de 2021.

  
\_\_\_\_\_  
Felipe Aragão de Freitas Carneiro

### DECLARAÇÃO DE NORMALIZAÇÃO

Declara-se, para constituir prova junto aos órgãos interessados, que, por intermédio do profissional infra-assinado, foi procedida a normalização da tese intitulada **“O ‘ABC’ Da vida”: narrativas do processo de formação e individuação no Centro Espírita Beneficente União do Vegetal – Núcleo Santa Fé do Cariri**, de autoria de Francisco Roberto Brito Cunha, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos das normas vigentes decretadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Maracanaú-CE, 12 de novembro de 2021.

  
\_\_\_\_\_  
Felipe Aragão de Freitas Carneiro

<sup>143</sup> Número do registro: 89.931. E-mail: felipearagaofc@hotmail.com

**ANEXO B – PARECER DA COMISSÃO CIENTÍFICA DO UDV- CIÊNCIA  
PARECER**

Interessado: Francisco Roberto Brito Cunha

**Título: Estudar a “si” no Centro Espírita Beneficente União do Vegetal: narrativas do processo de formação de Mestres e Conselheiras no Núcleo Santa Fé do Cariri**

**Parecer:**

Frente ao exposto no parecer em anexo, consideramos o projeto de doutorado consistente do ponto de vista teórico-metodológico, bem como importante do ponto de vista institucional do Centro. Desta forma, esta Comissão aprova e autoriza desenvolvimento da pesquisa em tela no âmbito do Núcleo Santa Fé do Cariri.

Solicitamos ao pesquisador que esteja em contato com esta Comissão e que publicações vindouras relacionadas à pesquisa sejam dialogadas conosco. Assinalamos também que o parecerista do projeto se dispôs a se manter em contato com o pesquisador, a fim de manter a colaboração.

Desejamos votos de sucesso nessa fase do doutorado.

LPA

Brasília, DF, 24 de agosto de 2019.



Joaze Bernardino Costa  
Coordenador da Comissão Científica